MAN

I

«Isto, se eu o não contásse era coisa que morria ignorada...»
Camilo Castº-Branco: O que fazem mulheres, 3ª ed. pag. 69.

O ano de 1910 correu-me, como se póde ver pelo volume respectivo, um pouco desordenadamente.

Quando em 1911, a seguir á minha aventura do comissariado de policia, eu quiz recomeçar com methodo estas memorias, alguma coisa ainda deixei em notas, mas não acabei. A vida complicou-se.

O volume correspondente a Janeiro a Outubro de 1910 é, como escrevi no seu final, uma «trapalhada.» Reuni varios assuntos e liguei-os conforme nessa altura me vendi. E assim ficou. Ora agora quero ver se tiro a tarefa com mais methodo e me

UNIVERSIDADE LIVRARIA DA

thor conjunto de informações; e na verdade o periodo que vai começar é um dos que mais interesse tem na minha vida — obscura, é certo, mas com variantes e aspectos algum tanto curiosos.

Vamos lá a ver se sou capaz...

E vou valer-me de notas escritas nessa altura propositadamente para deixar documentação para a Historia. E agora, com quase 50 anos por cima, eu vou escrever com sossêgo e sem qualquer má vontade que, neste terrivel aproximar dos oitenta me ficaria mal.

Quero crer, como escreveu Dickens, que digo «a verdade exacta. Para que me serviria agora a dessimulação?» (1) E depois de tanta volta que o Mundo tem dado, umas vêzes nos seus eixos, outras fóra deles, o passado aparece-me friamente, quase incapaz de me comover.

E' que já cheguei á conclusão de que a minha vida foi «une longue erreur.» (2) Va-

---

(1) In David Copperfield, vol. II, cap. XIV, tradução francesa chez Flamarion.

(2) André Maurois: Climats, 2me Partie, in chap. XXI.

mos, pois, pacharreutamente, porque a capacidade de trabalho é já pouca, coligir estas memorias que tento desenterrar «do Vale "do Passado» como António Nobre o queria, alias, a curta vida não deu razão a ter Passado."(1)

Ora quando pensei em escrever, mesmo remoto tempo, eu tinha em vista um fim puramente comico, isto é, eu queria simplesmente coligir dados que para o futuro podessem fazer rir. Assim mesmo.

Hoje, porem, desaparecido ha muito esse periodo de ilusão, vou tentar escrevê-las com outra intenção e bem séria, isto é, com o fim de arranjar uma defesa methodica.

Uma defesa!

Quando, em 9 de Outubro de 1910 eu me encarreguei do cargo de Comissário de Policia qual diria que teria de pensar em me defender. Mal diria, quando, com comoção, eu preguei tolerancia e liberdade á policia em formatura, que eu tivesse de pôr de parte, até certo ponto, a minha alegre ironia para

---

(1) In Só, poesia António, a pag. 13 da 6ª ed.ª

coligir elementos de uma defesa futura! E assim passei então com tristeza. Lembro-me bem.

Sabia que não era chamado aos tribunais nem a Imprensa — essa grande alavanca educativa e propagadora de... Vaudeville e Vaudeville calúnia — nem chamaria ao campo dos comunicados ou dos reflexos quixotescos. Mas quero juntar tudo aqui, unicamente, quando mais não seja para satisfação da minha intima consciencia e, com o sentimento de historiador mais ou menos curioso, para ordenar elementos de formação para uma sentença de historia pátria.

Unicamente... Eu disse, acima, unicamente?

Ah! Bem unicamente, é certo. Pois se eu vi cair ilusões, castelos que alegremente e descuidadamente eu imaginava bons, espaços belos que eu fantasiava como excelentes realidades!

Por isso o que se segue e que, em grande parte é transcrito do que deixei em notas, vai repassado de risivel amargura; ainda a ironia aparecerá florindo em riso como o escalracho por sobre o campo já lavra

do; mas no conjunto pairará a tristeza, essa tristeza que me fez afastar de tudo por periodo mais ou menos longo e agora, no limiar da velhice me faz olhar com amor sómente os livros onde se estuda e a minha Néta Ana Maria — radiante esperança que oxalá não seja empanada por má sorte.

Ha muito vivo apenas entregue aos meus papeis; os livros dão-me prazer e uns restos de alegria; o trabalho, embora moderado, dá-me bem estar e sossêgo; e lá fóra dizem que o Mundo é belo e que a Vida é boa...

Assim será, não discuto. Quero porem crer que a Vida será boa para os outros que se sentem felizes com ela; e o Mundo será belo visto de longe, atravez dos vidros da minha vidraça e quando o sol alegre doira os telhados da visinhança e faz cantar os melros no fraco folhedo do quintalorio.

Acima de tudo a sinceridade e a franqueza no que vou escrever.

Começarei pelo Comissariado de Policia e por provar a minha incompetencia para o cargo; mas tambem se provará a incompetencia do juizo colectivo que a ele me levou por aclamação.

×

× ×

Quando, na madrugada de 6 de Outubro de 1910, o povo redemoinhava por aí, alegre e triunfante, acclamando a Republica e acclamando os seus homens, lembrou-se de vir, em turba, cantando e gritando, até á minha ~~casa~~ rua solitaria e, parando em frente da minha casa, exigiu que eu apparecesse. Cheguei-me ao alpendre da entrada e vi a turba enchendo de lado a lado a calçada; uma filarmonica rouquejava como podia a Portuguesa e quando eu andava aos abraços e rebolões por entre todos, alguem gritou:

— Viva o nosso commissario!

Não olhei para quem lançou o grito traiçoeiro porque me pareceu ter a visão da turva de dois mêses e tanto; mas ouvi a multidão repetir com força:

— Viva! viva!...

Eu ri em triste sorriso; e quando todos deslizáram rua abaixo, cantando e gritando, alegres e triunfantes, eu olhei para a bandeira nova que fluctuava na torre em-

versitária e fourei no grito que ouvira... E ao entrar em casa e ao fechar a porta, dis se de mim para mim

— Nem que me forem ...

O que eu fui dizer!... Mal sabia eu o que me estava reservado e que nunca de veríamos afirmar que não beberêmos desta agua... Mas eu estava tão confiado!

Aquela bandeira nova, flutuando em toda a parte, dava-me tanta consolação!... Mas... ai de mim!

Quando saía, á tarde, para ver e sen tir o entusiasmo na cidade, para enfim go zar um pouco do grande prazer do triunfo, mas espantador como todos os demonios, — eu comecei a dar certa parte com algu mas pessoas que se aproximávam e, reveren tes e amaveis, me davam os parabens pela justiça que me fizeram...

A' primeira vez, como não percebia, fa lei vagamente que a justiça seria para todos, que a revolução não visava apenas os repu blicanos antigos, todos os portuguezes deve riam abraçar-se porque, enfim, a Patria es tava livre, etc. etc. — frases cheias do lirio mo proprio da ocasião.

Mas não era isto... Não era este o meu. Vivo porque vinham para mim reverentes e amáveis. Os parabens eram pela minha promoção para... comissário de policia!

— Mas eu de nada sei! Ninguem me falou em tal coisa...

— Mas todos o dizem... e é justo. Você melhor do que ninguem... ele. ele.

Daí a pouco a mesma cêna; mais adeante a mesma conversa; e eu voltei pa ra casa zangado, aborrecido, naquele primei ro dia de Republica, porque me queriam, á força, fazer comissario de policia.

Comissario de policia!... Eu, que já passei por anarquista, eu que morro pelo nassêgo e pelo descanço, feito comissario de policia! Não seria comissario desse por ou de désse! Eu, a atirar os estudantes, a dar ordem de prisão a estudantes, a fazer do Ter rão de comica memoria!

Não, não podia ser!

No dia seguinte, a mesma coisa: todos me davam os parabens e juntavam pala vras curiosas de incitamento:

— Muito bem, muito bem... O sr. tem geitio, tem geito... Sabe fazer bom lugar...

Mata-me na ordem os discolos... Fizeram-lhe só justiça!...

Justiça... Ora veja-se o que é o mundo: a justiça que me queriam fazer para compensar trabalhos e dissabores era... nomear-me comissario de policia de Coimbra! E depois... a respeito de feitio... era exactamente o que menos tinha. Mas ninguem assim viu e immediatamente, correo-se um rastilho houvesse corrido entre todos e a que se lançasse fogo, eu comecei a ser, para toda a gente a creatura indispensavel, a unica capaz de comandar a policia!

O que é o mundo...

Nesse triste dia 6 — triste para mim que me sentia condemnado já — quando jantava, pediu para me falar uma mulher creada da visinhança, casada com um policia; vinha pedir a minha protecção para o marido, o guarda nº. 34... E á noite, quando subia a Avenida, de regresso a casa, um policia abordou-me, ofegante, com um telegrama:

— Eu não sou comissario, homem!

— Disseram-me ali em baixo...

— Pois enganaram-no. Bôa-noite!

E continuei para casa arreliado.

— E está?... Estou a ver que terei de ser comissario quer queira quer não.

No dia seguinte, outra mulher dum policia que dera de mamar a mª Filha quando esta nasceu, pediu-me audiencia e implorou a protecção para o marido que era o nº 22 da Judiciaria... E nas ruas a mesma coisa que me inquietava por ver a forma ameaçadora que tomou: era uma aluvião, quase imposição, sem se ver, sem ninguem perguntar a si mesmo uns momentos se eu servia para o cargo.

No outro dia, 9 de Outubro, domingo de sol alegre e quente, o correio entregou-me uma carta que eu abri curiosamente: era do recebedor do concelho de Miranda do Corvo, o Calisto Mendes, a felicitar-me... E dizia, o maroto, «que ninguem com mais "competencia e dedicação desempenhará o "cargo, etc. etc.»

Mal serenado da leitura da carta, embóra bréve, batem á porta e entra-me o meu visinho Amado Filipe que se sentou e, parecendo que tinha lido a carta do Calisto, vinha dizer-me que toda a cidade estava jubilosa com a minha nomeação porque, acres-

centava, ninguem melhor do que e com mais competência, etc. etc. A mesma léria.

Aturei-o conforme pude e, cerca do meio-dia, fui dar um passeio com a familia calculando que a companhia me livrá-va de mais parabens e cumprimentos.

Mas eis que em certo ponto um carro q. passava parou perto de nós e a cabeça do dr. Fernandes Costa, governadôr civil, surgiu e interrogou:

— Você póde vir falar-me?

— Posso, quando quizer. Quer já?

— Se lhe não custasse melhor seria...

— Então, vou já.

Lá dentro ia o Antonio dos Santos Silva, secretário particular do governadôr civil e, não sei por que bulas, o Lourenço Chaves Almeida, espingardeiro do regimento nº 23.

Acompanhei a familia a casa e lá fui para o Governo Civil, desconfiado.

Para que seria?...

Ai de mim!... Não podia haver duvidas. Era a Fatalidade que me empurrava.

Subi as escadas do Governo Civil; o policia de ordenança fez-me continencia rasgada e abriu-me logo a porta do gabinete.

Não havia duvida... A Fatalidade ameaçava-me. E aqui começa a minha desventura.

Quando entrei no gabinete do Fernandes Costa, vi lá, bem recostados nas poltronas, o Antonio Leitão já administrador do concelho e o falador Octaviano de Sá. Quando o Fernandes Costa acabou de escrever uma carta, chamou-me para uma das varandas e ali começou o aliciamento:

— O que lhe convem mais: voltar para o 23 ou ser comissario de policia?

Ei-la travada! Cá estava, meu mais meu menos, o convite.

— Eu lhe digo, sr. Dr.: voltar para o 23 não me agrada muito porque vou encontrar de braços abertos os que ainda ha pouco me voltaram as costas. Mas ser comissario... confesso...

— Então?

— Eu tenho cá feitio para comissario!... Eu, comissario!... Veja bem, sr. Dr. e tem de concordar...

E aqui começou a discussão amigavel, naquela varanda alta que deitava para o lar

go da Feira onde o Jorinho, em baixo, ao passar, nos olhava com curiosidade.

Eu procurei todos os argumentos que podia para evitar o desastre; apenas o lugar me poderia dar uma razão muito humana: algum amor-próprio que me negrejava ser essa nomeação uma bofetada naqueles que me queriam de lado, antes da República por um facto. Era a única razão, valha a verdade, e confesso-a honradamente.

Mas o Fernandes Costa dizia que o movimento era pouco azado para duvidas sobre a competência ou sobre o feitio; mal estava ele se, ao receber a ordem do dr. António José de Almeida para tomar conta do Governo Civil, começasse a pôr em duvida a sua competência. Disse que o meu nome seria excepcionalmente aceite por todos e até seria traço de união naquela altura crítica, etc. Ainda disse que eu era prudente e conscencioso, qualidades necessarias para desempenhar o cargo; acrescentou que eu tinha prestigio para me impôr á corporação, etc. etc

Finalmente, quando eu me agarrava ás ultimas tabuas de salvação, disse ele que achava pouco patriótico e pouco profícuo dum

republicano o não fazer um sacrifício — se sacrifício era — quando a República nascente necessitava de todos. Além disso havia o problema melindroso dos casamentos de mulheres e entendia que o não deveria entregar a qualquer Paulo mais que haveria já quem aspirasse ao cargo sem condições pessoais para isso. E acrescentou que não caminha para o caso dos casamentos em que era necessário diplomacia, boa educação e tolerância qualquer cidadão afeito com afastado de revolucionário.

— Você compreende que não vou entregar o caso a qualquer jacobino que irrite em vez de conciliar.

E mais palavras bonitas e aliciadoras.

— Bem, sr. Dr. (disse eu), gostas as coisas assim, só falta q. diga que aceito...

Nesta altura acudiu o António Leitão limpando os escrupulos; e o Octaviano, sempre trapalhão e jactancioso, disse-me ao ouvido ter sido ele quem primeiro se lembrou de mim para o lugar — o que era falso.

Nisto apareceu o Flaro Henriques que também ajudou; e ás duas por três, o al-

vará estava lavrado, assinado e a posse dada com toda a legalidade. O 1º oficial do Gov.º Civil Coutinho, creatura cor recta e fina, ao entregar-me o alvará disse-me como consolação:

— Está V.Sª empossado no cargo mais difícil do País...

Não sei se nessa altura o Sol pediu a alguma nuvem para o eclipsar, emergo rhado como devia estar; não reparei mas na verd.ª as coisas passaram-se assim. E eu, feito comissario de policia, com o alvará dolurado no bolso, chamei um policia e dei ordem para que, daí a pouco, fosse nesse formatura geral do corpo para me fazer a minha apresentação.

Mandou-me chamar o antecessôr, um major reformado José Miguel de Carvalho, creio que bom homem mas todo dedicado á familia real e conhecedôr do modo como se faziam traficancias com os dinheiros publicos. Enquanto se esperava pela formatura, o major fôz-me ao facto dos assuntos pendentes no comissariado e, fraternalmente, dizia-me brincando com o meu monoculo entre os dedos:

— Isto é um lugar ruaçadór, mas bom. Dá bastante, porque enfim...

E olhando para um e outro lado para se certificar de que estávamos nós e fiscando-me o olho, concluiu:

— ... têm uns emolumentos, umas coisas. É um bom lugar será... O camarada será...

Eu olhei para o homem com curiosidade; e se não fosse a ordenança vir dizer que a formatura estava pronta, talvez viesse a saber em que consistiam essas tais coisas...

Mas saí ao claustro. A corporação estava formada, por esquadras, com a judiciária á esquerda e os chefes á frente. O major apresentou o successor em termos amaveis, despediu-se dos homens e voltando-se para mim perguntou se eu queria dizer alguma coisa. Adeantei-me, então, e creio que falei com ênfase; e dirigindo-me aos homens fiz um discurso... Creio eu que foi um discurso...

Comecei por elogia-los, por lhes dirijir palavras bonitas; falei-lhes no novo regime, na diferença que havia entre ele e a Monarquia; disse palavras asperas, melhor lugares

comuns para os homens que ultimamente haviam governado; e por fim autorisaspuei-os, numa autorisação do que seria o serviço policial com o regime democratico, simples missão de cordura e de paz, com prestigio e força moral, com delicadeza e respeito.

Os homens sorriam, reverentes, e, positivamente espantados; e por fim, para os mandar embora, pedi-lhes que se dirigissem sempre a mim se de mim precisassem.

Destroçáram a pagar e eu, chamando os chefes, dei-lhes instrucções, fiz-lhes os meus cumprimentos annuaes, quasi familiares, e disse que esperáva deles a maxima cooperação. Chamei o pessoal da secretaria a quem disse, igualmente, coisas annuaes e terminei o dia por ir acompanhar até á porta da rua o major Carvalho que se retirava de vêz — quem sabe se dizendo para com os seus botões que o successôr era parvo...

E se de tudo isto conservo uma impressão semi-cómica, deste final conservo impressão de certa tristeza. Era qualquer coisa se melhante ao vencedôr que presta honras ao vencido — e isto, confesso, abalou-me. O major tinha, nos olhos, duas lagrimas a

a bailar, a mêdo. Senti-me comovido e, se bem me lembro, dei-lhe um abraço.

Mas enfim, ao reentrar no gabinete, senti-me comissario... Tinha que ser.

Mandei embora o pessoal todo, passei uma vista de olhos pela instalação e notei q. no tinteiro grande da minha secretaria, havia ao centro entre o vidro da tinta preta e o da vermelha, um busto muito interessante de Voltaire, de bronze, com o mesmo sorriso sarcastico e, diga-se a verdade, nesse momento bem justo.

Depois de considerar por um bocado para mim solene as circumstancias que me leváram ali, áquele gabinete, lembro-me de que me impressionei ligeiramente e olhei desconsolado para o Voltaire...

Notei então que eram horas de jantar e dispuz-me a sair. No corredôr escuro, a ordenança, o velho 26, esperava com reverencia. E eu saí, imponente e... com fome.

Os jornais, é claro, falâram. Seria possivel o silencio perante tal acontecimento? Os correspondentes deitaram, mais ou menos, noticias elogiosas e os da terra exul-

táram. Um deles a Defesa, do Antônio Leitão, no nº de 11 de Outubro, ao dar a notícia, chama-me «um dos mais brilhantes espíritos "da nossa terra.» E não contente com isso acres centa: «Possuidor de raras qualidades é este "nosso conterrâneo um dos mais queridos e "justamente apreciados pela altêza do seu ca- "ractér, pela nobreza dos seus sentimentos e "pela sua tão extremada (sic) modestia.» Etc.

Neste dia a revisão do jornal parecia que ter cançoar... Extremada modestia! De certo queriam dizer extremada. Enfim, o contento era geral e todos pareciam combinados para lançar um grãosinho de incenso no turíbulo dos publicos encomios. Ao menos, andávam todos satisfeitos, o regosijo era patente. Mas...

Quanto me havia de custar esse contentamento e esse regosijo! Vão tendo, não tendo, oh futuros leitores! e verão o que foi esse periodo curioso da minha vida, feito commissario por eleição popular, cafejado pela estima caricioza de todos... Vão tendo, não tendo!...

E para nada faltar e tudo correr com a indispensavel legalidade, nacabia, em 12 do

mãs, ordem do Quartel-General para me apresentar no Governo Civil, autorizado pelo ministro da Guerra...

Era a ultima paixão.

Vai começar! vai começar!

No dia seguinte ao da fosse, em 10 de Outubro, fui cedo para o Comissariado e entrei logo a exercer as minhas funções, cautelosamente, desconfiando de tudo, procurando não me deixar comer pois o pessoal com que ia lidar era exactamente o mesmo

Pouco depois de eu entrar, apresentou-se-me o guarda nº. 54, o encarregado da policia sanitaria que é o mesmo que dizer — o encarregado das meretrizes e que, por essa razão goza da alcunha de «o Manuel das "pêgas..." Pois o amigo Manuel disse-me que nas casas das toleradas, desde a proclamação da Republica, era uma pouca vergonha, não havia respeito aos guardas, as raparigas faziam o que queriam — o que tudo junto queria dizer que eram necessarias providencias e alguma repressão.

— Então as raparigas mem os guardas respeitam?

5.ª DIVISÃO MILITAR

4.ª REPARTIÇÃO

N.º 571

Coimbra, 12 de outubro de 1910

Ao Sr. Tenente d'infantaria Belisario Pimenta

Coimbra

Do Chefe do Estado Maior da 5.ª Divisão Militar.

Sua Ex.ª o general commandante da divisão, encarrega-me de dizer a V. S.ª se sirva apresentar no Governo Civil d'este districto, afim de desempenhar as funcções de commissario de policia, conforme é determinado pelo Ministerio da Guerra em seu telegramma d'hontem.

Junto encontrará V. S.ª a respectiva guia.

Pel'O chefe do estado maior
o official de serviço

Antonio Julio Bello d'Almeida
Sut

— Isso sim, sr. Comissario! Fazem o que querem! Nem Vcc. imagina...

— Imagino, imagino...

E aconselhei prudencia, benevolencia com as raparigas que eram umas desgraçadas, ás vêzes irresponsaveis. E acrescentei sentenciosamente que nós, os homens, é que as lançâmos ao monturo, etc. etc. E o amigo Manuel ouviu um conceituoso discurso sobre moral social e sobre a forma de tratar as pobres raparigas.

— Olhe, 54, terminei eu, o melhor é mandar cá vir as patrôas, e eu cá lhes falarei a sério.

— Como Vcc. entender... Com licença de Vcc. ...

Foi este um dos meus primeiros actos e, como se vê, de largo alcance.

Mas cerca das 11 horas começou a ordenança a dizer-me:

— Está ali um individuo que deseja cumprimentar Vcc. ...

E eu a responder, invariavelmente, com franzir de sobrolho:

— Mande entrar.

Começava a fila interminavel dos cum-

primentos; era a fila imensa dos amigos, uma forma concreta do regozijo profundo que a cidade sentiu com a minha nomeação!... E eu tive de suportar tudo, toda a longa tortura protocolar que me obrigava a levantar constantemente, a receber abraços, a ouvir louvôres, a tolerar lisonjas.

Manda a verdade que se diga que tive cumprimentos sinceros e não foram estes em menor numero. Antigos amigos, gente com quem me dava ha muito, não quizéram faltar; e assim la apareceram, dos que me lembro, dando um abraço rapido de parabens: os dois irmãos Antonio e Augusto Martins; o tenente-coronel Rego Chagas; o velho Francisco Borja dos Santos; o Antonio Augusto Gonçalves; o comerciante Valentim José Rodrigues; o erudito e bom Augusto Mendes Simões de Castro; o velho republicano Frederico Graça; o dr. Augusto da Costa Pereira; o engenh.º Teofilo da Costa Gois, director das obras publicas; o telegrafista Domingos Silva; e entre gente mais nova: o bom amigo José Colaço Alves Sobral; os medicos Carlos Balbino Dias e o irmão Manuel Dias; o dedicado Hermenerico Borja dos Santos; o José

Bastos, fotografo; o José Antonio Lucas — e outros de quem me não recordo já porque só estes apontei por curiosidade.

Velhos republicanos de Coimbra, a velha guarda do Partido, tambem vi deslisar, em rapido cumprimento de felicitações: o Manuel Antonio da Costa, o dr. Eduardo da Silva Vieira, o Jaime Lopes Lobo, o Cassiano Martins Ribeiro, o Manuel José Teles, o Gonçalo Nazaré, farmaceutico, o Francisco da Fonseca, de S.ta Clara, conhecido pelo "Francisco da Amalia" — e outros de quem me não lembro já.

O «comité revolucionario» ou antes a «Alta Venda Portugalia» autonoma, lá foi tambem na pessoa do Julio de Figueiredo Fonseca, do Emilio Martins, estudante, do Simões Fávas e Costa Ramos, prontos para o que fosse necessario — e tão prontos que os dois ultimos depois me pregáram o coice fraternal como se verá adeante.

Modestos revolucionarios a «canalha» das sociedades secretas tambem apareceu p.a levar o abraço da autoridade que, pela primeira vez, os recebia como amigos: lembro-me do bom Borges de Melo, impressor na Univer

sidade; o Antônio José da Costa, pintor de construção civil, anarquista velho, dos tempos da lei de 13 de Fevereiro; o cabo Soveral, de Infantaria 23, carbonario; o Carlos Costa, carbonario tambem, tipografo e guarda externo da Loja Revolta; o José Antônio dos Santos, tipografo e velho maçon; e entre muitos outros cujo nome ignorava e simplesmente conhecia de vista, o celebre Antônio Carneiro, operario marceneiro, anarquista, orador popular, agitador e... excelente rapaz.

A minha Loja Portugal tambem concorreu, como era natural: o bom Gandarez, radiante, o José Correia Amado já pensando, possivelmente, num pedido para daí a dias; o Candido Nazaré, sempre sorumbatico; o José Mendes Alcantara, ~~[illegible]~~ oleiro; o Justiniano da Fonseca; o João Simões da Fonseca Barata; o Francisco Martins, da loja dos vidros; o Manuel Ferreira relojoeiro; o Joaquim Pessoa; o Cesar de Carvalho; o Gaspar dos Santos e é possivel que mais alguns.

Evidentemente, as outras lojas da terra tambem compareceram: e alem dalguns Irmãos que já foram citados lembro-me dos: Manuel Ralha, negociante e mariola esper-

to, secretário da Loja Pro-Veritate; o Fonseca, secretário da Administração do Concelho, que infelizmente pertence á Loja Estrela de Alva; o Nicolau da Fonseca, republicano sério e excelente rapaz; o Antonio Henriques, irmão do Floro, revolucionario amadôr, etc. etc.

Todos estes que mais ou menos iam lá conscenciosam.te, não se demorávam muito; entrávam, diziam duas coisas, felicitavam-me, felicitavam a cidade pela minha nomeação, dávam um abraço e iam embora. Coisa simples de 5 minutos e a cerimonia acabava. Um ou outro demorava um pouco mais; mas o certo é que todos compreendiam a situação e largávam-me.

Havia gente, porem, que fazia gosto em ficar sentada, em conversar; em se coçar nas cadeiras do gabinete, em me tomar tempo; e se por acaso as janelas que deitavam para a rua Larga estavam abertas, então a conversa demorava porque, enfim, lá de fóra via-se o "tu cá, tu lá" com uma autoridade republicana.

O que eu suportei!

Creaturas para mim indiferentes, mas que, por qualquer motivo entendiam como de

ver a visita protocolar, lá foram coçar-se nas cadeiras: o Manuel Teixeira, com sapataria na rua Larga e dono do conhecido Verdadeiro Borda d'Agua que, julgo, era herança de familia; o Domingos de Almeida, empregado aposentado dos Correios; o José Maria do Amaral, fiel dos Correios (estes dois, certamente, por atenção para com meu Pai); o Mario Gaio, funcionario numa qualquer repartição instalada no edificio do Governo Civil, nesta altura de casa e pucarinho com uma meretriz zaragateira e mais tarde preso como conspirador monarquico; o P.e Carlos Esteves, conego da Sé, filiado nos Progressistas...

Monarquicos até se atreveram a transpor a porta, sem custo: o Ernesto Miranda, da policia de emigração, que pediu quase compaixão; o José Augusto Lopes de Almeida, o da cocheira do Terreiro da Erva, Talassa e muito bruto; o Luis Mendes, bacharel em direito desocupado, que me pediu um emprego; o Manuel de Figueiredo do Nascimento Veiga, bacharel em direito, casado com uma filha duma amante (si vera est fama) do falecido bispo de Beja, Sousa Monteiro, e outros de q. não tomei nota.

A oficialidade também compareceu. Mas do regimento só lá foram aqueles que mais se dávam comigo como os tenentes Jorge Vicos Agostinho Ferreira e Manuel da Silva Piedade, boas pessoas e homens sérios; os outros eram de diferentes situações: o capitão João de Brito Pimentel de Almeida, da Manutenção Militar que se declarou republicano muito antigo; o capitão José Coelho Correia da Cruz, do Distrito de recrutamento e reserva 23; o tenente Sotero Lopes Ferreira, da Administração Militar; o coronel de Artelh.ª Décio Rocha Dantas, inspector do material de guerra na Divisão; e o tenente Joaquim Emiliano da Costa, do Distrito de recrutamento. E a respeito da tropa, disse.

Também lhe gente graúda e que me admiráram não só pela situação social como pelas ideias políticas: os professores universitários José Bruno de Calheiros e António Garcia Ribeiro de Vasconcelos. Enfim...

Fiz um cumprimento autenticamente cerimonioso e que eu, por sinal, não agradeci: o do Vicente Seiça, professor de farmácia na Universidade e que levou a sua amabilidade ao ponto de se demorar cerca de 3 quar

tos de hora, com frases de admiração para a generosidade da Revolução e para a grandesa dos seus homens.

Houve tambem uma visita curiosa: a do snr. Pimentel, chefe da estação telegrafo-postal da Alta que me foi cumprimentar movido pela curiosid.e que lhe despertou o então cabo n.º 36 da 2.ª comp.ª do 3.º batalhão de Inf.ª n.º 23, chamado Pires que lhe dizia coisas mirabolantes a meu respeito. O bom do snr. Pimentel quiz certificar-se e foi dizer, depois, que o cabo 36 não exagerára...

Tive tambem cumprimentos verdadeiramente oficiais: o do dr. Delegado da Comarca, franquista, por sinal; o medico dr. Vicente Rocha, Delegado de Saude e o colega Jacinto Mórna, Sub-delegado; e o Olimpio da Cruz, professôr de caligrafia e comandante dos... guardas noturnos.

O jornalismo tambem compareceu na pessoa do Adriano do Nascimento, um dos maiores safardanas que então escreviam em jornalecos. Boa representação.

E as meretrizes igualmente fizeram os seus cumprimentos: a Julia, a celebre Julia do Cerqueira Coimbra, bem posta, vestido á moda, grande chapeu de plumas (restos

da grandeza do 202 da rua da Ilha) entrou-me no gabinete com ar magestático e modos de actriz, sentou-se e expoz-me o contentam.to que lavrava entre as raparigas pela minha nomeação e apresentou-me cumprimentos pelo advento da Republica... E findou a discursata por dizer que estava ao meu dispôr.

Eu tomei ar sério:

— Muito bem, muito bem... Então posso comunicar ao sr. Ministro do Interior que a Julia veiu prestar a sua adesão ao regime, não é verdade?

— Exactamente, respondeu ela que era muito e muito "sabida."

Pois isto foi assim durante aqueles primeiros dias de Comissariado. Era um horrôr. Mas, acabou-se, o regozijo tinha de se manifestar por qualquer forma.

Note-se, porem, que este regozijo não se limitou á cidade; por esse país fóra os jornais leváram a Boa Nova e o correio encarregou-se de me trazer estampilhadas[1] mais manifestações desse entusiasmo...

---

[1] Uma carta veiu multada: foi a excepção.

Assim, no dia 10 de Outubro o correio deixou na caixa uma carta do bom Armando Lima, de Valença do Minho, saudando a revolução, entoando cantinos alegres á vitória; um boletineiro entregou um telegrama de Mafra, com felicitações do sargento-ajudante Marques, que morreu capitão e teve um filho, oficial de Engenharia, Joaquim Gomes Marques que foi comand.te dos Bombeiros em Lisboa e pessoa de representação.

Em 11 recebi carta dum antigo condiscipulo do Liceu, depois farmacentico em Lisboa na Calçada da Estrela, o Antonio da Gama, já falecido; dá-me um abraço e chama-me vitima. Recebi um bilhete dum maduro de Portalegre, talassa por sinal, com felicitações; e uma carta dum solicitador tambem de Portalegre que começa: « Camarada do Ideal e bom "Amigo... » Nesta carta conta que o Dr. José Sequeira, governador civil, ao tomar posse no dia 6 de Outubro, se referira a mim como um dos poucos republicanos militares.

Em 12 vieram postais: do Eleuterio Alvarrão, de Portalegre, e do tenente Ribeiro da Silva, que tinha a alcunha de "Cabo missas" de Infantaria 22, com varias lérias. E junta-

recebi uma grande carta do José M.ª Dias Ferrão em que achava a escolha acertada, etc. etc. mas com considerações varias acerca da dificuld.e do cargo.

No dia 13 recebi só um postal do Maximiano de Matos, estudante, meu condiscipulo em 1906-1907, ainda em Fafe, sua terra natal; e recebi por ordenança uma carta do capitão de Infant.ª 23, Manuel Teixeira de Morais que sempre se mostrou meu amigo apesar do rancôr do Treus.

No dia 14 recebi: uma carta do Ten.te-coronel Almeida Fragoso, do batalhão de Caçadores 3 (Valença do Minho) que se declarou, de ha muito, um dos meus admiradores; — outra do cabo de Infantaria, estudante e poeta, Humberto de Sousa Araujo que escreveu em grossa envolada canticos á Revolução gloriosa; — e bilhetes de visita com parabens do negociante Barreiros de Castro, do escrivão de Direito em Argamil J. N. Rodrigues Nogueira, do chefe da estação telegrafo-postal da Figueira, Pereira J.or, do comerciante de Miranda do Corvo Eduardo Augusto de Almeida, do Gaspar dos Santos, outro em Buarcos, e do 1.º sarg.to de Infantaria 23 José Augusto Gomes, que ter

reina os cumprimentos por das vinas á Re-
publica. E no mesmo dia, por um policia
que fôra a Valença do Minho levar as freiras de
Sta Clara, recebi um cartão do José Mo Alves de
Abreu, chefe da estação dos caminhos de ferro
e que, emquanto por lá andei, se deu muito
comigo e se mostrou amigo.

No dia 15 veiu uma carta do Pe Adelino Dias Nogueira, de Arganil, que eu conheci quando lá fiz varias diligencias, carta, por sinal, interessante; outra do capitão da Guarda-fiscal de Valença, Antonio Arnaldo Cruz e Sousa; um cartão de visita dum antigo condiscipulo Andrade Freire; e ainda uma carta dum snr. Botelho, chefe telegrafo-postal de Valença do Minho na qual afirmava que a escolha fôra commissario não podia ser melhor nem mais acertada.

Em 16, um bilhete do dr. José Carlos Pereira de Carvalho, de Miranda do Corvo; e uma carta do capitão Rodrigo Salgueiro, de Caçadores nº 3, que sempre se mostrou meu amigo emquanto andei por Valença do Minho.

Em 20 ... (já começam a rarear as manifestações) veiu uma carta amavel do Luis Lopes de Almeida, patricio de Coimbra,

naquela altura funcionario do Banco de Portugal em Portalegre, carta amavel e entusiastica.

Em 21, carta sincera e amiga do bom Augusto Campos, professor na Casa Pia.

Em 22, um bilhete do engenheiro Antonio Bivar, meu contemporaneo da Escola do Exercito e companheiro em Valença do Minho; e um telegrama do Avelino Faria, estudante em ferias na Povoa do Varzim, hoje "conceituado notario" em Lisboa.

Em 24 manifestou-se a Tempestuosa da Serra, na pessoa de dois cidadãos que por mim vinham (segundo diziam) a mais alta consideração; e, no mesmo dia, veio um bilhete do meu compadre José Ferreira, de Miranda do Corvo.

Em 28, um bilhete do capelão do Infantaria 22, o P.e Raul da Cruz, mandando um abraço por o não poder fazer pessoalmente.

Em 30, uma carta de meu tio Alvaro, de Castelo de Vide, muito curiosa; e uma saudação do governador civil de Angra do Heroismo, o Henrique Braz, um dos entusiastas da parada de 1907, com quem me dei muito naquela altura.

Em 1 de Novembro um bilhete do Inacio de Carvalho, maquinista chefe na Figueira, com felicitações; e em 2 um outro bilhete do velho carbonario Romão de quem já me vão lembro.

Em 6 de Novembro, nova carta, e interessante, do Armando Lima, de Valença a que só respondi em Janeiro[1]

A 10 de Novembro, um mês depois! um oficio da Junta de paroquia da Sé Nova de Coimbra, com afectuosas saudações.

Em 21 de Novembro (cada vêz mais raras...) uma carta dum parente meu, dizendo que ninguem melhor do que eu executará o cargo, etc. o costume. E uma carta do meu antigo companheiro de quarto da Escola do Ex.to e amigo Artur Hintze Ribeiro Nunes, tambem com felicitações.

E finalmente, quase em fins de Dezembro, estava eu a largar o cargo, ainda recebi uma carta do camarada Paulo Rego, escrita aos 15 de Novembro em Moçambique.

E acabou-se...

Segue-se que, se não foi chuva colossal de felicitações que creio guardei na minha co-

---

(1) Ver Cartas, vol. II, pag. 6.

lecção de cartas arquivadas em caixas proprias, foi o suficiente para dar trabalho a responder e agradecer amavel e modestamente.

E afinal, o Estado ganhou. Feitas bem as contas (de que encontrei uma nota na papelada guardada) entre estampilhas de 25 e de 5 reis, postais e telegramas, os cofres publicos receberam a quantia de 865 reis, nem mais nem menos. E nas respostas que dei, quase todas em sobrescritos fechados, por mais cerimonia e por consequencia com 25 reis (e não contando o valor do papel) eu tambem larguei alguns tostões.

Mas, enfim, eu estava então consagrado e gosava de celebridade de... via muito reduzida. E era justo.

×

× ×

Logo de entrada, uma coisa absorvia as atenções e quase o tempo todo: os conventos.

Não só o facto de os decretos expulsarem os habitantes dos conventos, machos e fémeas, era motivo para nos preocupar; mas a opinião publica exigia o rapido cumprimento das leis anteriores e chegava a protestar por ver que as coisas não eram feitas

com a rapidez requerida ao que imaginava possível.

O nosso povo audaz vão cégo que quase exigia se fizesse, naqueles oito primeiros dias de República, toda a obra republicana, definitivamente, com todos os FF e BB — e nessa pressa não via que um dia tinha 24 horas e os autoridades, como qualquer mortal, tinham direito a comer e a dormir alguma coisa.

Logo na noite do dia da posse, em 9 de Outubro, eu experimentei um pouco os amargos da posição que ocupava, pelos vistos, tão tenebrosamente.

O dr. Fernandes Costa mandou-me chamar, cerca das 10 h. da noite; estava no gabinete com o António dos Santos e Silva que era o seu secretário particular e disse-me que precisava de mim porque, naquela noite, poderia haver «novidades...»

Eu fiquei-me a olhar.

— Diabo!... Ainda hoje comecei e já há «novidades...» Só pelo demonio.

Mas perdi-me e ouvi: o pobrinho, cioso da revolução e receioso de traições, via inimigos em toda a parte e assim, nesta noite estavam planeados assaltos a Penitenciária de S.

Jorge onde se dizia haver padres jesuítas fugidos e ao convento de S.ta Clara onde haveria igual dúzia de padres aleijados sob a protecção das Irmãs de S. José de Cluny... Tudo estava marcado para a 1 h. da manhã e ele queria ir verificar se o serviço dos carbonários que convocára estava ou não em ordem.

Ora eu imaginei, pelas primeiras palavras do Fernandes Costa que alguma coisa de grave iria acontecer; ao ouvir, parou, o resto, deliciei-me com a ideia de que iria receber impressões inéditas, impressões que talvez me abalassem pelo imprevisto, e recostei-me mais na poltrona estofada, antegozando o espectáculo q. seria emocionante.

Na verdade, cerca das 8 h., pessa noite, recebera um convite do «comité» revolucionario para ir a S.ta Clara onde era esperado em casa do Francisco da Fonseca; ora como o convite era para casa deste concluí que o convite seria para alguma ceia e não fui. Vi agora que não se tratava de ceia, tratava-se da defesa dos conventos e da integridade de padres escondidos; e era curioso, com efeito, ver o Jo. ao que queria abolir os cofres reaccionarios, a ser o primeiro a guarda-los e defende-los

de qualquer desacato por parte dos mais impulsivos ou possivelmente dos mais perversos. Contradição era esta... etc. etc.

Estas considerações (que deixei anotadas pouco depois) fi-las eu, sonolentamente, recostado na poltrona, antegosando o espectaculo divertido. Não são, pois, fantasias arquitectadas agora com quase 50 anos passados, ao querer condensar o que então se passou.

Larguei essas considerações quando o nº 72, a ordenança particular do Fernandes Costa entrou com uma bandeja em que se viam chicaras com café fumegante. E como era já quase meia noite, confortados com a beberragem quente, lá nos metemos num carro fechado: o Fernandes Costa, o Santos Silva, eu e um rapaz ha pouco formado em Direito, Augusto de Matos Cid, falador, a querer ser engraçado e que era ou ia ser administrador do concelho de Gois.(a) Á frente, na boleia, o Manuel, o atento nº 72.

Eu ia avido de sensações e elas começáram logo no Largo da Portagem, á entrada da ponte, onde um grupo armado fez parar o carro. Como iamos no escuro, facilmente se viam os vultos lá fóra; e devo concordar que

(a): Morreu em Lx.ª aos 4 de Junho de 1960, com 87 anos.

achei interessante a mistura de gente que lá vi: estudantes, operarios, comerciantes, caixeiros, tudo de gola do casaco levantada porque estava frio e todos apalpando amendadas vêzes o bolso das calças onde tinham o revolver.

E' que, finalmente, podiam usar, ás claras, a pistola automática ou o revolver de contrabando. Era a consolação sentida por esse facto que se via bem em todas as caras, indo ao ponto de chegárem á portinhola do carro e mostrarem a arma homicida com entusiasmo e orgulho.

— Aqui não ha mêdo!...

Eu, em varias ocasiões tive de desviar, prudentemente, o cano dum revolver apontado para mim e dizer amavelmente:

— Sim senhor, boa arma... Mas tire lá isso que póde estar carregado...

Mas, como dizia, o carro parou. Alguns dos individuos meteram a cabeça e ao certificarem-se de que se tratava do Governador Civil e do Comissario, perderam o ar feróz que tomáram e travámos um pouco de conversa. Depois, o carro seguiu pela ponte fóra.

O Fernandes Costa sorria-se; eu ia deliciado com o que via.

— Este nosso povo, dizia eu, parece uma creança! Ora vejam como anda satisfeito com este serviço desnecessario e com tanto frio!

Mal terminára, o carro parou de novo; novo grupo ameaçador surgiu e meteu a cabeça pelas portinholas, cabeças que mal se divizavam no escuro, com barretes enterrados, até ás orelhas. Mexiam-se inquietos, luziam revolvers. O Fernandes Costa gritou:

— Deixem passar, que sou eu!

Ouviu-se murmurio de contentamento e algumas palavras soltas:

— Está bem... está bem... Póde passar...

Mais adeante, já na estrada, a escuridão era completa; os candieiros estavam apagados e de novo o carro estacou na curva onde ha a rampa para o rio.

— Que maçada!... dizia o Fernandes Costa já aborrecido.

E eu, cada vez mais encantado, vi vultos surgirem sinistramente por detraz dos troncos das arvores ou das sebes dos taludes; apesar do policia na boleia dizer que era o Governador Civil quem, aquela hora, se atrevia a perturbar o sossêgo da estrada, o vultos formá-

ram cerco, afagando as corônhas das pistolas. E só depois dum vulto fardado inquirir á portinhola é que tudo sossegou. O vulto fardado era o alferes medico do Ultramar, Ornelas, que naquele ponto comandava segundo pareceu.

O Fernandes Costa, maçado, não poude deixar de perguntar:

— Mas olhe lá: para que é tanta coisa?

— Então não sabe que ha tanto padre fugido e escondido? Por aqui não passam eles... Olhe: até apagámos os candieiros...

Eu lembrei-me de que era comissario de policia e disse:

— Isso é contra as posturas!...

O Fernandes Costa riu-se e o carro seguiu. Eu murmurei:

— Interessante, muito interessante, tudo isto...

— E' interessante, é, dizia o Fernandes Costa, mas maçam de mais. Enfim... isto que aqui vêmos é o povo que tenta governar-se e tornar-se senhor dos seus destinos.

Em Santa Clara, ao doluar a esquina para a estrada das Lages mandámos parar e chamámos o Francisco da Fonseca. Apareceu, porem, o Costa Ramos e querem saber

esses eu vi o Costa Ramos á luz escassa que vinha da taberna? Vinha de jardinas altas á caçadora, chapeu desabado e... caralinha a Viracôlo!

— Bravo, Costa Ramos! Isso é que é ser Vêso!...

E ele, afagando a caralina, meio ofendido:

— E' para que saiba...

Este Costa Ramos, depois, mostrou bem de que raça era. Coisas da vida.

O Fernandes Costa fez varias perguntas e seguimos estrada fóra até quase á E.ta de S. Jorge; a certa altura mandou-se parar o carro e apeámos para continuar o caminho a pé. E la fomos, em conversa amena, como em passeio, pela estrada fóra, com o carro atraz de luzes acêsas. E passámos pelo enorme casarão da Quinta de S. Jorge, mergulhado em silencio e escuridão sem que o bulir duma folha denunciasse a presença de alguem.

Confesso que achei pouco prudente o irmos para ali, sem precauções, sem um revolver, ao menos. O sitio é escurissimo, as luzes da cidade já lá não chegavam e, na verdade, se algum fanatico se lembrasse de se

divirtir com uns tiros, nós passariamos, talvez, um bocado desagradavel.

Mas a verd.e é que lá passámos, voltámos para traz e metidos de novo no carro convencidos do sossego que rodeáva o jesuitico casarão, seguimos para S.ta Clara.

Appareceram logo o Costa Ramos, o Francisco «da Amalia» e mais gente carbonaria que nos acompanhou, a pé, ladeira acima, até ao convento da Rainha Santa. E de novo eu tornei a ver fortes patrulhas de carbonarios, aos cantos, cochichando, ao frio e ao chuvisco que nessa altura começava a cair.

Em volta do convento, pela cerca, havia vigilancia enorme; as freiras, assustadas pediram para lá ir alguem e esse alguem foi o estudante Felix Horta, do 4.º ano de Direito, que se arvorou em chefe carbonario e em conquistador galante... E ao chegarmos contou-nos entusiasmado que fôra lá dentro, que as Irmãs o receberam m.to chorosas e que ele, beijando com galantaria a mão da superiora, as tranquilizára por completo e lhes disse que a Republica velaria pela vida delas e saberia impôr o respeito que era devido a mulheres...

— Um madrigal em plena revolução...

— Pois sim, respondeu ele, mas estão lá do molhado; escreve duas horas no angulo de lá, onde bate o vento e a chuva. Adeus!

Foi assim aquela primeira noite de commissário de policia. Eu nunca imaginei que visse tais coisas — mas vi-as. O Jorge queria tomar conta, a valer, da sua obra? A noite estava fria? Caía agua? Que importa! Acima de tudo, a certeza de que ficára satisfeita a sua consciencia de revolucionarios romanticos e talvez a certeza de que estava mesmo a arranjar certidões de bom comportamento para futuros pedidos e exigencias.

Foi sempre assim e, naturalmente, continuará a sê-lo.

Quando entrei em casa, até certo ponto contente embora alguma coisa murcho, eram quase 3 horas da manhã.

Mas nos outros dias é que foram elas! O trabalho que aquelas mulheres deram!

Os conventos eram dois: o de S.ta Teresa, de carmelitas e o de S.ta Clara, das Irmãs de S. José de Cluny; mas havia ainda o colegio das Ursulinas, adeante do Jardim Botanico, cujo

reaccionario, e dos bons, com a mascara da educação de raparigas. Era, pois, necessário dar cumprimento ao decreto de 8 de Outubro o mais depressa possivel — pois o povo, em 10, já murmurava por não estar tudo concluído.

Pois foi em 10 que se começou com o trabalho. Pela tarde, eu e o Fernandes Costa, fômos a S.ta Clara, de carro, debaixo de chuva meúda e constante. No pátio do convento havia multidão, de má cara, porque la dentro ainda havia freiras... Do povileu, quando passámos, vinham frases como estas:

— Tomem cuidado que ha lá padres!

— Acautelem-se com as traições!

O Fernandes Costa achava certa graça e com o seu ar pachorrento, sossegava-os: não haveria novidade, descançassem! E, aberta a portaria, entrámos acompanhádos pelo dr. Alberto Nogueira Lobo e pelo dr. Antonio Fernandes, conhecido pelo «vaca assada» não sei porquê. Ambos medicos. Uma das freiras, esqualida, encolhida, de chaves penduradas á cinta (naturalmente a porteira) curvou-se em reverencia submissa. Pedimos a comparencia da superiora e está

veiu, ligeira, alegre (pelo menos na aparencia) e atenciosa: era rapariga nova, interessante, de olhos vivos e falava desembaraçadamente.

O Fernandes Costa entrou logo no assunto: era necessario sair o mais depressa possivel do convento; e segundo as instruções, sair com trajo civil e não levárem senão roupa de uso e objectos de imediata necessidade. A superiora quiz parlamentar, quiz tentar uma demora alegando varias coisas como as 16 ou 18 creanças que tinham a educar, a falta completa de recursos, os generos que tinham armazenados e se estragariam se não fossem vendidos, etc. etc.

E a conversa foi se animando tão á vontade que quase se esqueceu a situação de uns e de outros e (por parte do dr. Antonio Fernandes) quase surgiram galanteios... E' q. a superiora tinha belos olhos e outras Irmãs que se foram juntando não deixavam de ser, algumas, dignas de atenção. E assim se percorreu o casarão imenso, sem que nada de anormal houvesse ou alguma coisa fizesse suspeitar a existencia de machos escondidos.

Uma vez, até, no parlamento superior, ao olhar para uma cela, vi um vulto de irmã, retraindo-se, sem querer mostrar a cara.

— Aí está um! murmurei eu.

Chamei o António Fernandes que também desconfiou; veio o Nogueira Lobo que igualmente ficou desconfiado; e como podia acontecer que algum faragido se servisse do disfarce, dissemo-lo ao Fernandes Costa. Nos momentos, como que nos pedissem afastados da porta, o vulto suspeito saiu e escapou-se ligeiramente ao longo do corredor e, na verdade, com passos de homem mal disfarçados.

O Fernandes Costa que não acreditava na lenda dos padres escondidos e entrados nos conventos por subterraneos misteriosos, desta vez franziu o sobrolho e disse a superiora:

— Vossa Ex.ª faz o favor de chamar aquela irmã que ali vai.

Chamou-se a Irmã e ao chegar perto de nós, todos vimos duvidas acerca do sexo daquele corpo frágil que, se era mulher, tinha cara de homem e se era homem o disfarce estava bem feito. Fizémos uns momentos de dúvida; mas afinal verificou-se que se trata-

va duma imbecil a quem uns 20 anos de missões em Africa amoleceram o cerebro e amorteceram o olhar.

As instruções, as negociações e a vistoria durávam já ha mais de 1 hora quando recebi por uma creada um recado mandado pelo policia de guarda á portaria: que fosse eu lá, imediatamente, porque a minha presença era necessaria. Fui: o povo, em grande magote, comprimia-se e gritava, queria vernos porque a demora fizera imaginar uma traição, lá dentro, no escuro dos corredores, por embuçados sombrios, com punhais e cordas grossas de quatro ramais... E na verdade, ao abrir o portão do convento e ao aparecer aos olhos da multidão, sentiu-se um grande ah! de alivio e satisfação. Como quem se livrava dum pêso tenebroso gritaram:

— Viva o nosso comissario! Viva!

E eu, solenemente, levantei o chapeu e gritei:

— Viva a Republica!

Pelos corredores ecôou a gritaria; e o povo, contente já, começou a procurar refugio por debaixo das arcadas e portais, visto

que a chuva continuava a cair, miudinha e insistente.

E daí a pouco, quando todos saímos do convento, de novo os vivas estrugiram, com grande alegria; o povinho verificou que a sua gente já repetida perdida, martirizada, feita em pedaços, aparecia restituída, finalmente, à liberdade! Bom Povo, generoso Povo! cheguei eu a pensar na boa-fé dos meus vinte anos e da minha inexperiencia. Como ele não largára a guarda da sua obra!

O Fernandes Costa falou, sorrindo os pessimistas, declarou que as freiras ir-se-iam embora; o que era necessario para ser humano, era dar-lhes tempo para arranjarem as suas coisas. E quando o carro partia, o Cruz Amante, medico,(1) veiu pedir autorização para ir dentro do convento ver as suas doentes. E eu, pela malicia, informei os companheiros quando desciamos a ladeira, que esse Cruz Amante queria autorização não para ir ver as suas doentes, mas sim, dado o seu conheci-

---

(1) Era tenente-medico reformado e influente politico do Partido Progressista. Pouco depois foi para as hostes do Paiva Couceiro, na Galiza, a arder em verdadeiro fogo monarquico.

do feitio don-juanesco, para ir ver qualquer galante manceba que lá tiverse dentro...

— Má lingua, má lingua... comentou o Fernandes Costa.

De Santa Clara seguimos para Santa Tereza onde era necessario sossegar os animos timoratos das freiras que iam largar o seu retiro de tantos anos e onde, segundo se dizia, o Ultramontanismo tinha o seu quartel-general. Eu, encantado, ao fundo do carro, recolhia tudo o melhor que podia na memoria, como quem arruma bem uma mala grande para larga viagem; queria conservar tudo bem presente para quando me resolvesse a escrever o que vi, para deixar documento autentico desses historicos dias, com fidelidade e correcção.

Ao chegar a S.ta Teresa já tinha anoitecido; a chuva, de morrinhenta, passára a torrencial, fustigava com força as vidraças da carruagem. Eu quase dormitava, apesar da violencia das bátegas de agua que continuamente caiam com ruido. Quando o carro parou o Fernandes Costa, olhando para fóra dizia:

— Como se póde sair assim, com este temporal?

— E' castigo do Céu, sr. doutor... Andamos a expulsar as freirinhas e queria encontrar o caminho de rosas?

E na verdade, era quase castigo... Saímos debaixo de um unico chapeu de chuva; o pequeno adro da igreja lançava pelos degráus a agua em catadupas a que a luz do gaz dava fosforecencias interessantes; na estrada havia imenso chapinheiro que os cavalos pisávam causando salpicos de lama. E nós subimos os degráus, por sobre agua corrente e quase a correr, entrámos no atrio do convento.

Havia, nesse atrio, um bico de gaz em leque, á antiga, na parede fronteira; ninguem naquele vestibulo da Reacção... e mal acabámos de sacudir os pés, para fazer cair a agua das botas molhadas, entraram, de salto, o Antonio Fernandes e o Nogueira Lobo tambem debaixo dum unico chapeu.

— Que noite!... que temporal!...

E todos quatro sacudiamos os pés, com ruído, que iria, de certo, ecoar lá dentro, pelos corredores conventuais.

O Antonio Fernandes, mais expedito, foi tocar a campaínha; e nós ficámos á espera, calados, talvez contrafeitos com aquela missão que

que não deixava de ser ingrata. Lá dentro parecia tudo deserto; ouvia-se água a cair no claustro, com força e o vento a zunbir lá fóra, açoitando a chuva ferozmente. E nada mais se ouvia. Eu avancei:

— Teriam elas morrido já, com medo?

Mas nisto, um guincho de ferro enferrujado fez-nos voltar a cabeça: era a roda da portaria que alguem fazia mover; e a seguir, uma voz apagada, trémula, cheia de grande pena misericordia, murmurava:

— Quem está?...

O António Fernandes, que estava mais perto, encarregou-se de responder e disse que era o Governador Civil e o Comissario de Policia. Lá dentro, novo silencio, apenas cortado pela chuva a cair no claustro. O Fernandes insistiu, tornou a dizer que eram as autoridades, que estivessem sossegadas, que podiam abrir as portas.

— Mas Vossas Excias estão sós?

E nesta pergunta vinha tanta humildade, tanta impressão de medo que eu cheguei-me á roda e disse qualquer coisa de tranquilizador lá para dentro, garanti que as autoridades velavam pela segurança da casa. Houve hora

de explicações ~~...~~ com amabilidades que iam já a descambar em sentimentalismo; o dr. Fernandes Costa, porem, mais positivo, cortou de vêr com as duvidas e chegando-se á roda disse com certa rudeza:

— Em nome do Governo da Republica, queiram abrir a porta!

Fez-se silencio outra vêr. No claustro, a agua caia com fragôr; lá fóra, os cavalos da carruagem impacientavam-se com a demora e a chuva que as leis republicanas obrigavam a apanhar; e só daí a um bocado é que se ouviu um ligeiro ruído de chaves tilitando; e depois umas trancas de ferro de caiam; a seguir uma porta que se abria lentamente e que rodáva em gonzos enferrujados; e finalmente a porta principal da entrada que nós vimos mover com vagar e apresentar aos nossos olhos um espectaculo comovente.

Em frente da porta havia um corredôr largo; um bico de gaz, tambem em leque, á antiga, dáva frouxa luz sobre um renque de vultos, ao longo da parede, enfileirados e imoveis; ao fundo, como em cenário de teatro, uma escadaria larga, dupla, dava certa nota artistica. O conjunto tinha o seu quê de empolgante

e lá dentro, sobre lages, a agua continuava a cair em catadufas.

Nós ficámos a olhar... Havia qualquer coisa de surpresa em todos; aquela fileira de vultos, entrão, ao aproximar do Fernandes Costa que primeiro se atrevêra a profanar aquele recinto de santidade, como que tocada por uma magica, fez uma curvatura submissa, humilde. Eram descalços, os vultos; descalços mulheres vestidas com o habito da ordem claristá, de olhos no chão, com as mãos metidas nas mangas do habito como sinal de humildade. No todo, revelavam certo terror; havia o que quer que fosse que as aparvoava; e quando eu entrei e atraz de mim poráram os passos do Nogueira Lobo e do Fernandes, elas estremeceram um sobresalto e como que impelidas por occulta mola, olhárão logo a interrogar o escuro do atrio, com olhos abertos em tanto ou quanto esgazeados, imaginando já ver a seguir aos nossos vultos profanos, uma turba ululante e sanguinaria, de soldão, pedindo odios acumulados.

Isto foi momentaneo; aos meus olhos, pareu, não escapou nenhum destes movimentos. Pobres mulheres, afinal!

Mas o Fernandes Costa curvou-se ligeiramente, deu as boas noites e perguntou pela superiora. A freira que estava mais proxima deu uns passos em frente e fez uma mesura respeitosa:

— Sou eu, sr. Governador, sou eu a priora da comunidade...

E havia tanta submissão naquelas simples palavras que nos iamos esquecendo de que aquela gente era joguete, embora com alguma irresponsabilidade, da politica ultramontana.

Começaram as negociações. O Fernandes Costa garantia-lhes que ninguem lhes faltaria ao respeito, que podiam ficar descançadas, etc. etc. A priora, porem, de olhos baixos, mostrava receio e dizia que o seu desejo e de todas as companheiras, era sair o mais depressa possivel.

— Mas querem sair hoje mesmo?

— Se isso fosse possivel...

— Possivel é. Mas vejam V.Ex.as que já é noite e naturalmente não teem as suas coisas arranjadas...

A priôra, com o mesmo ar humilde:

— Não importa. Se V.Ex.as consentem, saímos hoje mesmo.

Eu então lembrei-lhes que lá fóra brejava o temporal, que a chuva era torrencial...

— Não importa, sr. Comissario, não importa, nós saímos...

Olhei para o Governador Civil e fizemos ambos um gesto, como de quem diz: assim o querem, assim o tenham...

Ficou resolvido que cearam, que entregassem a roupa e nós esperariamos para levarmos as chaves da casa. E lá fóra a agua caía com mais violencia e o vento zunia com mais força.

Entrámos para a sala da grade e elas deslisáram como pombas ao longo do corredor, sem fazer barulho, suavemente, dissipando como sombras, quer pela escadaria quer pelos outros corredores. Tudo voltou ao mesmo silencio, quebrado apenas pelo temporal; e só cêrca de meia-hora depois é que se começou a ouvir movimento: algumas freiras passáram com trouxas, com malas ou pacos, mas subtilmente, com os pés calçados em pantufas de flanela; outras já vestidas mais ou menos ao seculo gunharam muletas no corredôr de mistura com lagrimas;

lá dentro, a pouco e pouco, acentuaram-se uns soluços abafados.

Aquilo impressionáva. Eu cheguei ao corredor para ver: as mulheres andávam numa róda viva, subindo e descendo a escada, trazendo trouxas, arrastando malas pesadas pelos degráus, sobraçando sacos; começava no atrio a avolumar-se um montão de varias coisas — desde as arcaicas e pitorescas arcas de pregarias amarelas até á maleta moderna com niquelados. Mas lá ao fundo, junto da escadaria, os soluços continuávam, sufocados mas persistentes.

Mulheres velhas iam largar a casa onde talvez tivessem vivido a sua vida toda; ali lhes ficaria toda a alma; e da porta para fóra só a incerteza as poderia acompanhar, por aquela noite horrivel de tréva e temporal.

Fui corredôr fóra, na direcção dos soluços; queria ver quem soluçava... Era uma freira velhinha, acócorada no ultimo degrau da escadaria; tapava a cara com um lenço e soluçava aflitivamente. Quiz ser fraternal, era necessario dar a impressão de que não éramos insensiveis á dôr e sentei-me no degráu, ao lado dela.

Toquei-lhe ao de leve no braço e disse-lhe baixinho:

— Avózinha, minha irmã, porque chóra?

Ela ergueu a cabeça e ficou de olhos abertos, fixos sobre a parede fronteira; estendeu um pouco o pescoço como quem escutava ao longe qualquer coisa; e eu, de momento, ao procurar ~~---~~ explicação para aqueles movimentos estranhos, ouvi que alguem me dizia compassivamente:

— Coitadinha... Tem noventa anos e é cega. Não tem de lhe falar alto porque não ouve bem...

Era a criada que explicava. Levantei-me logo, com atenção, e perguntei ha quanto tempo aquela irmã vivia no convento.

— Desde os sete anos...

Compreendi bem aqueles pobres de quem se encontrava aos 90 anos, cega, surda e exclusa da unica casa que tinha.

Mas dai a pouco estava tudo a gostos; no atrio encontravam-se caixas contra as paredes em lotes heterogeneos; as mulheres juntavam-se, cá em baixo, chorando, procurando-se mutuamente, como quem se despedia para sempre. A criada, com as mais varo-

nil, embora humilde, dominava a situação; tinha os olhos enxutos e dava ordens imperativas com energia a voz tinha melodia. E quando viu que tudo estava pronto, voltou-se para o Fernandes Costa e disse:

— Queira V.Ex.ª dar licença...

O Fernandes Costa falou-lhes então, com a sua voz dura mas tentando dar tom suave aos conselhos e às prevenções que lhes fez; disse coisas várias acerca da expulsão das ordens religiosas e por fim despediu-se com gentileza.

A priora voltou-se então para as freiras e com voz clara:

— Vamos, minhas irmãs! Tende coragem e resignação...

E colocando-se do outro lado fez passar a primeira freira. Lá fora o vento continuava a soprar; no claustro ouvia-se o mesmo desabar da chuva. E a seguir à primeira freira, seguiu-se a segunda e a terceira. Em voz baixa a priora ia contando:

— Uma... duas... três... quatro...

Os olhos enxutos, postos no chão, como se eram receava encarar as irmãs que passavam. Elas iam passando, faziam uma vénia para nós e beijavam a mão ou a manga do hábito da priora.

— Cinco... seis... sete...

E elas seguiam, desfilando, embrulhadas em xailes, creio mesmo que no proprio manto posto do avêsso, chorando, algumas soluçando alto. Eram caras incaracteristicas, macilentas, sem expressão, excepto duas raparigas nóvas, bonitas, ás quais questões de amor sepultaram no convento; e lá iam todas, coitadas, creaturas sem culpa, fanatizadas pela ordem, acorrentadas á solidão, quem sabe até se ao martirio. E a priora, segura de si, continuava:

— Oito... nove... dez...

Mas nisto, coube a vêz á nonagenária cega; amparada, lá seguiu, soluçando ainda; e a priora, ao querer contar a pobre velha, teve qualquer sufocação que lhe estrangulou a voz. Dos seus olhos, então, deslizaram lagrimas, brilhantes, que corriam copiosamente pelas faces secas e sem brilho; o ar sereno que mantivera perdeu-se para aparecer a mulher sensivel e fraca; e a atitude mudou para a do desalento e da humilhação:

— Doze... treze... catorze...

A voz mal se ouvia já entre soluços que francamente lhe saiam de dentro; e quando

a ultima freira passou, ela olhou em volta, quiz dominar-se e, voltando-se para nós com uma reverencia distinta, despediu-se e desapareceu. Lá fóra a chuva caia desalmadamente; e á porta as ultimas freiras, abrigando-se o mais que era possivel, cobrindo a cabeça, segurando as saias, transpunham o portal e sumiam-se no escuro da noite.

Quando o atrio ficou silencioso e nós só ouviamos, de novo, a agua que caía, houve entre os quatro, um momento de embaraço. A cêna, na verdade, fôra empolgante e nós, apesar de tudo, conservávamos o coração no mesmo lugar... O Fernandes Costa, mais positivo ou mais ceptico, quebrou o enleio pegando no chapeu e apagando o bico de gaz do corredôr:

— Bem! vamos embora...

Fechámos as portas, fiquei com as chaves, dei instruções ao policia que ficou de guarda; e debaixo da chuva torrencial que continuáva, meti-me num dos carros e vim para casa jantar.

Mas isto nada foi... Isto, afinal, foi um pretexto excelente para colher impressões iné-

ditas que logo que vine voltar escrevi e das quais aqui ficou mais ou menos o traslado. Mas nos outros dias é que foram elas!

Vine de atender a gente que ia denunciar. nue frades e jesuitas escondidos, gente que ia dizer que sabia quem vinha coisas preciosas dos conventos da terra; gente que ia pedir objectos das educandas do Colegio das Ursulinas; gente que ... eu sei lá! gente que não entrava no meu gabinete senão para me maçar. E junto com isto, o trabalho de regularizar a expulsão das freiras segundo tantos telegramas que o Dr. Afonso Costa mandava continuamente.

Era um nunca acabar.

No dia seguinte aquele em que sairam as freiras de S.ta Teresa, logo de manhã, seriam 7 horas, já eu estava á porta do convento para vigiar a saída das malas, baús, trouxas, embrulhos que na vespera ficaram amontoados no atrio. Durante duas horas, tres mulheres e dois homens, transportaram não sei para onde, tudo aquilo; o convento ficou quasi vasio, com o ar de desleixo de quem á pressa abandona uma casa: coisas caídas pelo chão, restos de objectos velhos pelos cantos, papeis a pairar de gavetas revistadas á ultima hora,

flores a murcharem em canecas baratas, pratos sujos sobre as mesas cheias de migalhas — e tudo isto sem um sinal que nos mostrasse que, naquele casarão, se faziam lavagens higiénicas, as lavagens elementares que seria lícito descobrir num ajuntamento de mulheres.

Travei então relações com o capelão do convento, o P.e António Antunes, homem dos seus 35 anos, formado em teologia pela Gregoriana de Roma e creio que professôr no Seminario. Aparencia simples e maneiras correctas. Não opôz dificuld.e de qualquer especie; e deu a impressão de que não se interessava pelos sucessos que estavam a correr.

Mais tarde foi bispo auxiliar de Coimbra e depois bispo efectivo e lembro-me bem de que, depois de tantos anos sem o ver, um dia na rua de Tomar, estava ele a bater á porta do Alvaro de Matos quando eu passava e como o não reconhecesse seguia o meu caminho naturalmente. Já ele era bispo auxiliar e certamente notando a minha indiferença, fez-me um cumprimento de certo modo afectuoso a que logo correspondi tambem afectuosamente... Desde então, quando nos encontrávamos, ele nunca esperava

o meu cumprimento; a certa distância era sempre o primeiro na saudação.

Alguma coisa aprendeu na Gregoriana...

Mas, voltando ao assunto principal: Após a tarde, fui ao Colégio das Ursulinas onde a directora francesa me deu a impressão de que víamos pela frente um inimigo hábil. Dei-lhe parte das ordens superiores e ela, abertamente, declarou que não saía sem ordem do bispo-conde. Argumentei, pacientemente, e mostrei os inconvenientes de declarada rebelião; mas ela, firmada não sei em quê, respondeu á valentona e eu vim de concluir que iria participar ao Governador Civil o que se passava.

No dia seguinte, o Fernandes Costa informado, foi lá e falou mais á bruta, conseguiu meter a recolher na ordem. Ficou então resolvido que ela e as suas companheiras, sairiam depois das educandas virarem as suas coisas e de se regularizar a situação duma senhora doente, avózita freira, que, com 90 anos, resistia ainda a uma tuberculose.

Nesta entrementes, um telegrama do ministro Afonso Costa obrigava ao levanta-

mento de uns autos, antes de expulsar o mulherio, para que se estabelecesse bem e definisse a situação dessas creaturas que se iriam espalhar pelo país. Ordenava o ministro que se interrogasse cada uma e se reduzisse a auto o seguinte: a) Ordem a que pertenciam; — b) data da profissão ou tomada de habito; — c) condições em que professaram sobretudo sendo menores ao tempo da profissão; — d) destino que queria seguir; — e) nome civil e nome religioso; — f) idade; — g) parentes proximos quando já não tenham páis e outras conexas; — e h) se eram membros da associação Fé e Patria.

E queria ainda o ministro que se lhes declarasse que eram compelidas a voltar para suas familias ou escolher outro domicilio e neste caso a avisar o ministerio da Justiça quando quizessem mudar.

Isto que aí fica escreveu o Fernandes Costa num papel e eu comecei logo a dar execução á ordem, acompanhado do escrivão do Comissariado, Francisco da Costa — gordo cavalheiro com cara de mastim, mas afinal bom homem, cumpridór, atencioso, de quem fiquei gostando.

Ainda nesse mesmo dia procurei as freiras de S.ta Teresa que se acolhêram todas em uma casita amarela na estrada, em frente quase do convento, grádio hoje desaparecido; á noite, nas Ursulinas, houve igual cêna, no grande salão novo, á luz de um simples candieiro que iluminava frouxamente a grande fiada de freiras, de negro, que se alinhávam ao longo duma parede. E no outro dia, lá subi a Santa Clara, para ouvir, uma a uma, essas pobres creaturas votadas á castidade.

Os autos lá foram pelas vias competentes, e elas começáram a sair. Cada qual teria de residir junto da familia ou em domicilio conhecido nos Governos Civis e não poderiam fazer vida em comum alem de tres. As freiras de S.ta Teresa separaram-se, cada qual para seu lado; a priôra foi para uma egreja perto de Esposende, se me não engano a Egreja do Belinho. As de S.ta Clara e as das Ursulinas declararam que iriam para o extrangeiro.

Quero crer, porem, que todas estas ordens e instrucções do ministro Affonso Costa foram muito illudidas e desrespeitadas.

Mas tudo isto corria muito bem e tudo ia sem novidade. O frio era que, ao entrar no Comissariado vinha de sofrer um verdadeiro assalto: uns que queriam coisas dos concursos que julgavam favorecer-lhes, especialmente nas Ursulinas; outros que vinham exigir (é o termo) o rigor da Lei acerca de frades escondidos e jesuitas refugiados e disfarçados ou ainda vigilancia sobre aquelas que alguns da minha benevolencia roubavam preciosidades conventuais.

E isto era continuamente.

O Simões Favas, de certo farejando negocio, disse-me varias vêzes que era necessario cautela, pois só de S.ta Clara já haviam roubado sete tapetes antigos, de valor, os unicos que lá existiam de lha muito, ate. ate. Passado algum tempo, quando se fez o arrolamento, encontraram-se dose desses tapetes antigos que o Favas como bom negociante de antiguidades tão cuidadosamente queria pôr a bom recato...

O Manuel Teixeira, com papelaria na rua Larga, queria, á fina força que eu mandasse assaltar: a Quinta de S. Jorge, uma casa na Ladeira do Chão do Bispo e o Colegio de S.ta Joa-

bel, na rua da Trindade. Perguntando-lhe pelas razões do aviso tão urgente, respondeu-me somente que «foderiam lá estão jesuítas "fugidos de Lisboa...»

Este mesmo Manuel Teixeira queria que eu mandasse a Sazes, nas faldas do Bruçaco, prender o conhecido cavego Ramalho, como precaução. E queria ainda que eu fosse fechar o convento de Serrido, no concelho de Miranda do C°. e que désse providencias para que fosse fechado o de Fraga, no concelho de Aguiar da Beira, distrito da Guarda!...

Um cidadão qualquer (que já me não lembro quem era) entregou-me o seguinte memorial um tanto ou quanto rocambolesco:

«Antonio do Carmo, tambem conhecido pelo "Ant.° do Cidral, moradôr por cima do Lupar "do Ariseiro, dizem que tem dois filhos num "convento em Lisboa. Estes dois filhos e mais "dois padres, dizem que estão em casa do Jái "ou em sitio onde eles saibam.»

O Julio Fonseca tambem lá foi dizer que na Carafinheira do Campo estavam uns padres numa casa onde se fortificáram para a hipotese duma investida á mão armada por parte da policia.

E tudo assim...

E depois, continuamente, gente a pedir para tirar coisas das Ursulinas, pertencentes ás educandas — e eu lá dava um bilhete carimbado, autorizando. Aqueles primeiros dias foram infernais, porque junto a tudo isto, que era anormal, consequencia das circunstancias, havia a vida normal do Comissariado, que era outro inferno.

E como agravante, as creaturas que iam dizer novidades ou fazer avisos, deixávam-se ficar sentadas, moendo, mastigando palavras, abusando do meu feitio incapáz de os pôr no olho da rua.

Um dia, um rapaz, caixeiro, republicano antigo, disse-me que andava na pista de uns roubos feitos nas Ursulinas.

— Bom, bom... Pois diga, diga...

O rapaz não se fez rogado e no dia seguinte mandou-me uma carta em que me indicava a casa onde principalm.te se recolhiam os roubos; a casa era duma senhora D. Isabel de Oliveira, na rua do Loureiro, e lá se amontoavam preciosidades, inclusive tapeçarias raras — coisas que nas Ursulinas não havia nem poderia haver.

Ora eu queria investigar o que ha-
veria de verd.e nestas denuncias quando me
parecia razoavel — bem tolo fui! — e nesta
ultima a judiciaria deu-me a nova de que
aquela senhora já não morava na rua indi-
cada ha cerca de seis meses e de que, na mesma
casa, ninguem dera por entrada ou saída de
moveis, embrulhos, etc. etc.

E eu a altura-los!... E assim se pas-
saram os primeiros oito dias de comissario,
sempre atarefado, maçado, aborrecido.

As freiras de S.ta Clara, daí a cinco ou
quatro dias foram embora, directamente para
Vigo; umas dezasseis ou dezoito educandas
que lá havia foram recolhidas no Collegio
Moudego por offerecimento do director, o pro-
fessor Diamantino Diniz Ferreira — e neste ca-
so as educandas ri eu bem a grande in a
abnegação das creaturas, aliás ás ordens de pi-
der mais alto.

Perguntando-se a algumas das pequenas
quem era a familia, não souberam dizer: fo-
ram tiradas em tenra idade e as freiras de
S. José de Cluny fizeram-lhes apagar, a pou-
co e pouco, da memoria, os nomes dos pais,
dos irmãos e da terra natal!

Na maior parte eram pobres, bem pobres; a mãe de duas das pequenas escreveu uma carta a uma da irmãs e que eu conservo; péde, por caridade, que lhe mandasse as filhas até Macedo de Cavaleiros porque ela, moradora numa aldeia do concelho, as iria lá receber. E acrescenta: «são umas infe-"lizes, não teem meios [...] julgando eu que "iriam ser tão felizes!...»[1]

E' claro que se lhes passou guia a todas elas e algumas foram acompanhadas por policias até ás terras. Em 18 de Outubro já todas tinham recolhido ás familias.

E finalmente, uma noite, subi lá acima ao convento e acompanhei á estação velha as mulheres todas que metti em dois char-á-bancs e lá foram, até Valença do Minho, na companhia dum policia. No convento ficáram apenas umas velhas recolhidas seculares que, por sinal, ainda algum trabalho me deram para lhes regularisar a situação.

Fiquei, assim, livre de freiras!... não direi para sempre porque elas, agora, andam por aí aos milhares.

---

(1) Copiada, no fim do vol.º, a pag. ...

A diretora das Ursulinas, porem, continuou no seu posto, resistente, guardando ainda esperança duma restauração. Varias vezes, delicadamente, tentei mandá-la embora, mas ela argumentava com a doença, que morria, etc.

Por fim, combinei com o Governador Civil substituto, o Sr. Eduardo Vieira e num bilhete, mandei um ultimatum, com curto prazo para a saída; ela viu então que não havia outro remedio a pôr, deixando-me um bilhete amavel de despedida.[1] Foi isto em 2 de Novembro; resistiu quase um mês, a creatura.

Uma feição interessante que tomou este periodo de adaptação foi a preocupação pueril de reunir familias afidalgadas e que fingia ser, de levar para casa freiras expulsas. E assim, em casa do Dr. José Bruno de Carvalho, meu visinho, foi recolhida uma, velha e doente; na Quinta do Diogo do Campo, da familia Barbosa Pimentel, foi recolhida outra, invalida; etc. etc.

---

[1] Conservo-o na colecção de cartas.

Mas... passado algum tempo, ao ver que o regime se mantinha e ao sentir o peso do encargo e os incomodos de tanta abnegação — eis que as familias que tão filantropicam.te se portaram, começáram a requerer internamento em azilos das velhotas recebidas na ocasião.

Uma senhora da familia Serpa Pimentel escreveu-me, até, uma vêr, com impaciencia, requerendo a entrada num azilo da freira que recolheram...

Boa gente, boa gente!...

Conservo daquelas mulheres, das freiras, umas cartas de agradecimento que devem estar na colecção que organizei em caixas de cartão por ordem alfabetica dos autores. La deverão estar se nalguma arrumação ou nalgum momento de máu-humôr as não resguei ou as não queimei.

Ás vêzes, durante este quase meio seculo, chegou-me vontade de destruir a ~~[illegible]~~ papelada reunida; ultimamente, até, perante a impossibilidade ou suposta impossibilid.e de completar estas memorias e de dar arrumação a tanta coisa acumulada, passa-me, de ver

eu quando, pelo espírito, essa tal ideia de uma destruição completa

Mas enfim... continuaremos conforme possa. Vamos a ver se, com paciencia e perseverança, consigo levar esta inglória tarefa até ao fim.

Coimbra:

Janeiro a Fevereiro de 1911; e
10 a 11 de Junho de 1958

II

. «... eu hei-de espiar as minhas parvoíces, confessando-as.»

Camilo Cast.º Branco: Coração, Cabeça e Estomago, pag. 63 (3ª edç.)

«Quand on parle de soi, la meilleure pensée est la franchise.»

Alfred de Vigny: Servitude et Grandeurs militaires, Liv. I, cap. I.

Ora um caso que se deu logo de entrada e fez certo barulho foi o da Falaupe Demagógica.

Esta falaupe era constituída por alguns rapazes estudantes de ideias mais ou menos avançadas — ideias que se concretizavam, também mais ou menos, nas doutrinas avançadas que andávam em voga desde os fins do século passado como creio ter contado em páginas anteriores.

Lembro-me de que o rapaz então mais saliente no grupo era o Aurelio Quintanilha, terceirense, inteligencia vivissima, estudante muito classificado e hoje homem de ciencia de renome europeu; tambem pertenciam ao grupo o Fernando Lopes, hoje advogado muito distinto em Coimbra, o José Gomes, que não sei se ainda vive, advogado perseguido e calumniado que fui encontrar em Abrantes em más condições de vida; o Eurico Nogueira, de Gois, simpatico rapaz, vitima, muito novo, da tuberculose. E mais outros de que me não recordo.

Era um grupo aguerrido, com atrevimento proprio da idade e natural naquele momento de certo abrandamento de disciplina.

Em 16 de Outubro á tarde ou á noite, fui procurado pelo estudante Felix de Medeiros Horta, com quem me dava, ~~em~~ açoreano distinto e rapaz obsequioso, que me disse que nessa noite ou na manhã do dia seguinte, a Falange iria deitar bombas na Universid.e para «acabar com aquilo...»

Eu, que ainda tinha a morder-me o caso da «gréve» de 1907 senti, francamente, cer-

ta satisfação... Leu-lhe-me isso e, de entrada, nada objectei; mas, aos poucos comecei a pensar e pedi pormenores. O Horta explicou: de noite escalámos as grades da Porta de Minerva e começámos pela Biblioteca derramando petróleo...

Nessa altura, então, saltei:

— O quê?... incendiar a Biblioteca?... Isso é que não! Vou tomar as providências necessárias...

O Horta riu-se. Não era caso para tais protestos... A ideia de incendiar a Biblioteca e a Secretaria não passava do desejo; é certo que pensámos nessa acção criminosa, mas daí a realiza-la ia grande distância. Queriam apenas meter susto aos ilustres doutores...

Fiquei na dúvida se o Félix Horta saíra a valer das intenções da Falange ou se se queria divertir com o comissário e pondo-lhe a ofirmão. Conversámos amavelmente acerca do caso e ele ficou de saber o que haveria ao certo e prometeu tentar modificar a parte «terrorista» do plano. Continuei desconfiado quanto às razões que levaram o Horta a procurar-me; e pelo sim, pelo não,

chamei o chefe da judiciaria e, confidencialmente, disse-lhe que fizesse vigiar as imediações da Porta de Minerva.

Durante a noite seguinte o sôno não foi tranquilo e na manhã de 17 certifiquei-me de que nada houvera de anormal. Na verd.ª a Biblioteca e cartorio universitário eram para mim dignos de atenção; se os rapazes queriam fazer protestos, havia muita maneira de protestar. Os livros e documentos ali guardados de mais a mais em tão belas salas, não deveria ser o alvo para as más vontades aliás justificadas á Universidade.

E pensei, naquela manhã em que me disseram nada haver de anormal, em procurar o Quintanilha ou o Fernando Lopes para os ouvir e dizer-lhes qualquer coisa. O Horta, porem, á hora do almoço, apareceu; vinha alegre e sossegou-me: ficasse eu descançado, a Falange apenas deitaria umas bombas de clorato de potassio no Pátio da Universidade ou em qualquer canto, para fazer barulho e assustar as autoridades e seguir-se-iam uns protestos pela rapaziada reunida ao som dos petardos... Eu então, devo confessa-lo, achei pouco...

Poupárem os livros, os documentos, as obras de arte, era o essencial; mas as bombas de clorato de potassio... que valor tinham?

Enfim... mais tranquilo, almocei e como até essa hora não ouvira estampidos, resolvi ir ás Ursulinas para me afastar, tanto quanto possivel, do local do crime e deixar a rapaziada á vontade para poder desprestigiar como podesse a velha casa de D. Diniz...

E assim foi.

Com o escrivão do Comissariado, o reverente Francisco da Costa, homem espadaúdo com cara de Javert de quem já falei, lá fui Jardim Botânico fóra, completar qualquer diligencia começada na antevespera. Para falar claro, o comissario de policia tornava-se cumplice dos desordeiros da Falange Demagógica...

A certa altura da diligencia, numa sala do colegio, pareceu-me sentir ao longe o ruido de morteiros. Disse para comigo:

— Lá estão as bombas a estoirar...

Não me lembro já se foi por telefone se por ordenança, quase a seguir aos estoiros, do Comissariado chamávam-me. Havia disturbios e o sr. Governador civil requeria a mi-

nha presença o mais rapidamente possivel. Deixei o escrivão a rematar o auto que se estava fazendo e meti-me ao caminho, serenamente, e rindo-me para dentro de toda esta comedia.

Na secretaria disseram-me que houvera insubordinação de estudantes e que o Governador Civil fôra para a Universidade. Para não parecer indiferente, chamei uns guardas que por ali estavam sem serviço e segui rua Larga fóra; á Porta Ferrea mandei parar os guardas e ordenei-lhes que esperassem por mim e não interviessem sem minha autorização; e convencido de que iria assistir a grandes sucessos, entrei no Pátio como qualquer outro cidadão pacifico sem arma defensiva nem... ofensiva.

E o que vejo?

Na varanda da Via Latina, do lado da Porta Ferrea, o Dr. Eduardo Vieira, Governador Civil substituto em exercicio (o Fernandes Costa fôra a Lisboa) falava para um grande grupo de estudantes que ouviam mais ou menos em silencio as suas boas palavras de calma e amizade; o resto do Patio, sem ninguem; a Torre, no mesmo lugar, intac

ta; na atomosféra não havia sinais de fumarada de incendios nem o cheiro de polvora de explosões criminosas. O Guarda-mór, Antonio Perdigão Donato, logo que me viu, veiu á pressa, com ar aflito, dizer que nos Gerais andávam a escavacar as catedras das aulas e que tinham deitado bombas nos ourinois... Eu tive, como cumpria a um comissario, um gesto de natural repulsa e sossequei-o:

— Eu vou ver... eu vou ver...

E na verdade fui ver. Ao entrar no pequeno corredor que liga a Via Latina com os Gerais, senti falar numa aula que ha á direita de quem entra, salvo erro; lá dentro havia certa poeira e no momento em que cheguei á porta vi o estudante de Direito Hernani de Magalhães (1) levantar uma móca e com gesto de rachadôr lança-la contra a cátedra; e o meu espanto foi grande ao ver a cátedra desmoronar-se como castelo de cartas. Realmente aquilo estava tudo muito pôdre...

Fingi que não vi e entrei nos Gerais:

---

(1) Hernani Rebelo Peixoto de Magalhães, de Vieira do Minho, salvo erro.

tudo silencioso; um archeiro, quase em lagrimas, disse que as cátedras das aulas foram destruídas, estava tudo em cavacos; e quando voltava á Via Latina, vi sairem da tal aula o Hernani de Magalhães com o outro estudante e correrem para o Pátio.

Ao passar pela porta olhei: lá dentro, a poeira do caruncho enchia toda a sala e começava a romper para o corredor. Puxei a porta para não asfixiar e fui ter com o pobre dr. Eduardo Vieira que ainda estava a falar aos rapazes e segredei-lhe que tudo estava em sossêgo... que o melhor seria retirarmos-nos e não excitar os animos da estudantada — que, aliás, não estavam excitados. Pareceu-me até que estavam mais dispostos á galhofa que outra coisa.

E achei curioso que, nessa altura, um estudante que me disseram chamar-se Mario Campos, lia um discurso com entusiasmo e redundancia de fraseado. Depois de uma revolta em que se ouviram bombas e tiros e se escavacou mobiliario, houve um ingénuo rapaz que quiz ler uma discursata trazida de casa com tropos inflamados e certamente apêlos á harmonia universal

ou coisa semelhante. Feliz idade aquela! E felizes, tambem, os que se dispunham a gathofar com o orador entusiasta.

Ora o dr. Eduardo Vieira, homem ordeiro, sentia-se mal disposto; achára que aquilo fôra uma insubordinação sem motivos; e ao descer a escadaria para a Porta Ferrea, quando o Guarda-mór veiu dizer que no vestiario dos «Senhores Lentes» estava tudo em desordem, ele indignou-se mais e entendia q. nós, autoridades, deveriamos intervir.

— Mas, Sm. Dr. (dizia eu) nós não podemos entrar aqui sem requisição legal do Reitor. Vm. sabe que o Fôro Academico...

Ele fez um gesto de desalento. A rapasiada, a certa distancia, esperáva qualquer coisa; mas eu convenci-o a abandonar a Universidade e fomos, pacatamente, com os guardas, que estavam fóra, á espera, pela Rua Larga para o Governo Civil.

O dr. Eduardo Vieira era boa pessoa, moderado, conciliador, burguês amante da paz e respeitador das formulas. Aquela balburdia das bombas nos ourinois e duns tiros nos quadros dos reis na sala dos capelos, era para a sua mentalidade acto inaudito, bem

digno de reprovação de todos. Eu procurei argumentar e quero crer que ele, na sua boa-fé, não viu na minha argumentação qualquer sinal de possivel cumplicidade.

E o que era feito dos falangistas?

A minha curiosid.e tentou descortinar nos estudantes reunidos no Pátio ou fóra, na rua Larga, qualquer das caras suspeitas; não vi nenhum nem mesmo o Felix Horta. Ao entrar no Comissariado confesso que me ri velhacamente...

E hoje, ao fim de meio seculo, quase velho e desiludido, ainda penso que se a minha posição naquela balburdia não seria de absoluta concordancia com o cargo que me confiáram (e não foi...) teve porem certa logica com o meu passado e com o meu modo de considerar a velha escola dionisiana que ainda cheirava ao môfo doutros tempos e capaz de continuar a deitar o mesmo cheiro.

Digo com franqueza, já que me estou a confessar a este papel em que escrevo, que me não arrependo da vaga cumplicidade com a Falange. Cumplicidade, é uma maneira de dizer; a minha posição

não chegou a ser de cumplice, vão sómente lá foi de simpatisante com as diabruras dos rapazes — e nada mais.

A imprensa de Coimbra noticiou o processo de maneira varia: por ex.º a Defesa do António Leitão e Octaviano de Sá deu os tumultos como obra reaccionária não sei por que motivos e descompunha os rapazes muito razoavelmente; os outros jornais lá deram a noticia parece que um pouco contrafeitos naturalmente para não desagradarem a Deus nem ao Diabo.

E vamos adeante.

No meu gabinete, ao retomar o trabalho interrompido da papelada, vim a saber pormenores: os «desordeiros» começaram pelas bombas incendiarias nos mictorios, ao fundo do corredor da capela por onde agora se entra para a sala de leitura da Biblioteca; depois invadiram o vestiario dos professores e desarrumaram tudo e viraram por divertimento umas boas dourais guardadas nas respectivas caixas de lata; a seguir, alguns entraram na sala dos capelos e deram tiros para o retrato de D. Manuel II e diziam-se que lhe ati-

ráram com uma faca aguçada, causadora do rasgão bem visível na tela só recentemente concertado; e outros lançáram-se então ás catedras solenes das aulas e escavacáram tudo com furia selvagem...

E o caso ficou por aqui.

A' noite, houve recita no teatro que se chamava do Principe Real e passou a ser simplesmente Avenida, a que tive de assistir. A recita era consagrada ao novo regime; já me não lembro de que constava mas correu sem novidade.

No dia seguinte, o dr. Fernandes Costa avisado de tudo, chegou no rapido da manhã e chamou-me. Compareci a uma reunião no quarto de cama do Governo Civil, na residencia particular é claro, a que tambem foram o Manuel Augusto Rodrigues da Silva, o ~~dr. Edu~~ dr. Eduardo Vieira, o Floro Henriques e não sei já quem mais. O Fernandes Costa sempre com o seu ar sêco e frases curtas, comentou os sucessos da vespera e anunciou que, perante a demissão solicitada do reitor (que era o dr.) o governo nomeára para o cargo o dr. Manuel de Arriaga e que este viria acompanhado pelo

dr. António José de Almeida. Deu as suas instruções acerca do que se deveria fazer e trocámos-se impressões varias; eu, como costumava, pouco dizia e quase me limitava a ouvir.

Ao descer á secretaria do Comissariado foi-me entregue pelo chefe da Judiciaria, o António Simões, um oficio que acompanhava uma carta doutoral de Direito e um facalhão de cosinha; o oficio guardei-o e vai coçriado adeante [1] e a carta e a faca meti-as no armario que havia na parede por detraz da cadeira da secretária. [2]

Pouco depois entrou novamente o Simões com dois estudantes presos: um era o Eurico Nogueira o outro não me lembro já quem era; foram presos porque por denuncia soube-se que tinham roubado a cortina de veludo vermelho que estava na sala dos capelos por detraz da cadeira do reitor, cortina

---

(1) No final do vol.º, a pag. ...

(2) A carta veio a saber-se que era do dr. Guimarães Pedrosa, professor de Direito e está hoje no Museu da Associação Academica ao qual a entreguei. A faca... quando abandonei o cargo trouxe-a para casa e, passados anos dei-a para a cosinha onde a pouco e pouco se foi gastando.

que me foi apresentada com solenidade. Eu fiz de conta que não conhecia os rapazes; mandei tomar-lhes a identid.e e moradas, guardei a cortina doutoral no armario juntamente com os outros despojos e depois de breve interrogatorio que fiz com aspecto o mais severo que consegui, dei-lhes liberdade, sujeita a qualquer chamada que entendesse necessaria.

E o dia passou sem mais novidade.

No imediato, no rapido da manhã, chegáram o ministro Antonio José de Almeida e o dr. Manuel de Arriaga. Juntou-se muito povo em frente da estação, houve vivório e foguetorio; mas lembro-me bem de que a manifestação, embora com certo calor, não foi o que eu imaginava e deveria ser. Havia muita gente, é certo, mas não sei porquê senti que faltava ali qualquer coisa.

Seria preocupação minha.

Os visitantes seguiram para o Governo Civil onde o dr. Fernandes Costa, na residencia dada aos Governadores, ofereceu um almoço.

O almoço foi intimo, creio que assim se chamam refeições como esta; estavam as autoridades: os dois Governadores Civis;

o presidente da Junta Geral que era o dr. Angelo da Fonseca; o Manuel Rodrigues da Silva pela Camara Municipal; o Administrador do Concelho que era o António Leitão (republicano de pressa data por obra do Fernandes Costa); eu, como Comissario; o António dos Santos Silva, secretário particular do Governador Civil; e, por razões especiais o estudante do 5º ano de Medicina Fernando Baeta Bissaia Barreto Rosa. Ao todo, dez convivas apenas.

O Eduardo Vieira apresentou-me ao dr. Manuel de Arriaga com a frase do costume naquela altura: «Foi um perseguido...» O dr. Arriaga que no momento me apertava a mão, pôz a sua esquerda sobre a minha e com o ar carinhoso e cheio de bondade que lhe era proprio disse-me:

— Foi perseguido?... Foi bom... Fica assim com mais acção á Justiça...

Nunca me esqueci desta frase dita com tanta simplicidade e tanta afabilidade. Grande figura de sonhador! Bela alma de apostolo tão acima das despreziveis realidades deste mundo!

O dr. António José de Almeida, esse, abra

çou-me com exuberancia, como era proprio do seu feitio; perguntou por meu tio Albino da Silva e por meu Pai de quem se não esqueceu desde o 31 de Janeiro.

O almoço foi interessante para mim que, pela primeira vez me via envolvido em acontecimentos tão consideraveis como diria o Zé Fernandes de A Cidade e as Serras. A' mesa o Dr. Antonio José de Almeida contou anedotas da revolução com vivacidade e graça e em termos vagos aludiu á sua politica de intransigencia com os inimigos da Republica e quanto á sua posição na politica partidaria afirmou:

— E agora, meus amigos, sempre para a esquerda!

Esta frase foi acompanhada por aplausos do Fernandes Costa e do Angelo da Fonseca, sem avaliarem bem, possivelmente, o que diziam ou por simples aquiescencia passageira ás afirmações do futuro chefe de partido — que, com tal afirmação de principios, não fez mais do que lançar, á boa paz, algumas palavras de efeito quero crer que no momento sinceras mas que o tempo se encarregou, infelizmente, de desmentir.

O dr. Arriaga, temperamento diferente, fez considerações acerca da luta armada, desgraçadamente necessaria para a conquista de ideais de Paz e Concordia; e fazia-as com a sua voz agradavel que deixava em todos uma impressão de agrado.

Eu ouvia e observava. Uma vêr por outra trocava qualquer frase banal com o Bissaia Barreto que me ficou á direita, em uma das cabeceiras da mêsa e no fim notei que a seguir a uns brindes que se fizeram o Ant.º José de Almeida disse baixo para o Angelo da Fonseca, como quem não estava para graças:

— Vamos acabar com isto...

E pouco depois levantaram-se e foram para a sala nobre, fazer horas para a posse do reitor. Mas, francamente, a frase desgostou-me, não sei bem porquê.

Eu estava ainda muito verde...

O que se passou no resto da tarde não me lembro já. Não fui com os visitantes para o palácio e desci ao Comissariado e só voltei a encontrar-me com o ministro e o novo reitor á noite, para saber se de algu-

uma coisa precisavam da autoridade poli-
cial. No dia seguinte, de manhã, o António
José de Almeida foi ao cimitério dos Olivais,
á tradicional visita ao túmulo do Dr. José Fal-
cão. Acompanhei-o mas não carruagem, é
claro; nos Olivais, ao fundo do escadório da
igreja, aproximou-se de mim, coxeando
com o impertinente reumatismo, e tornou-
me o braço para a subida vagarosa dos de-
graus.

Afavelmente louvou a minha colabo-
ração na <u>Alma Nacional</u> que, acentuou, ain-
da não estava papa; disse-me que a queria
pagar, como aliás fez a todos os colaboradores,
mas tinha dúvidas acerca da gratia que me
deveria dar. Eu tive de me mostrar mo-
desto, disse que a colaboração de pouco valia
e era melhor não pensar mais nela. Ele
insistiu e então, para encontrar razões, dis-
se-lhe que mandasse o que entendesse, que
eu não faria preço...

De certo não mais se falou do assun-
to e eu comecei a aprender a trabalhar, com
boa vontade, sem qualquer remuneração. O
assunto veio pido, mais ao menos, desde en-
tão a esta parte.

Depois do almoço é que foi a sessão de posse do dr. Manuel de Arriaga como reitor, sessão esperada, desde a véspera, com ânsias pe. Não assisti mas disseram-me que correu sem incidentes e com certa elevação; os discursos dos dois velhos propagandistas retroaram como heresias por aquelas paredes polidas da sala dos capelos e pelos quadros dos senhores reis, mas agradáram. António José de Almeida foi diplomata e o velho Arriaga encantou os ouvintes com a sua oratória florida, romantica, embelida em ilusões belas e cheia das suas velhas e utopicas «harmonias sociais.» Grande e simpatica figura a desse velho romantico!

A' noite o dr. António José de Almeida foi-se embora; compareci á despedida e ao pé me passou este episodio curioso causado pela Falange Demagogica de cómica memoria.

Não mexi mais, oficialmente, no caso que, segundo disseram os jornais ficou entregue á autorid. administrativa; mas se a memoria me não engana tudo foi executado profissionalmente e, em boa verdade, passou em julgado; a Universidade

mandou concertar os estragos causados nas aulas e não sei se indemnizaria os lentes da farrapada no vestiario.

No dia 24 de Outubro a Universidade reabriu as aulas com os professores vestidos civilmente e os estudantes em grande parte tambem á futrica. O velho estabelecimento de ensino fundado pelo bom rei Dom Diniz, deveria corar de vergonha...

E hoje, ao fim de quase meio seculo, ainda penso que o Fernandes Costa, mais perspicaz que o Eduardo Vieira, perceberia a minha vaga cumplicid.e com a rapasiada. Nunca me falou nisso, é certo; todavia tenho as minhas duvidas — que agora não teem já razão de ser nem já me preocupam a consciencia.

A monotonia do trabalho no Comissariado continuou, aborrecida e com alguns escolhos. Constantemente se levantavam incidentes em regra por culpa do excesso de zêlo dos correlegionarios. Digo excesso de zelo para não dizer, em relação a alguns, evidente velhacaria. Houve de tudo, naquele triste periodo da minha vida.

E comecei cedo a perceber que a minha presença no Comissariado ia-se tornando desagradavel; a minha falta de maleabilid.e fazia engulhos a muitos; o meu critério em certos casos incomodava outros; e em alguns agrupamentos de revolucionarios façanhudos já se dizia que eu não era «o comissario q. sonhavam...»

E na verdade não era.

Eu notava tudo isto e ia deixando notas escritas q. agora me valem muito; mas prometera ao dr. Fernandes Costa não largar o lugar sem resolver o problema dos conventos e lá me ia aguentando sem dar a perceber o que sentia para cumprir a promessa que entendia dever cumprir o mais honradamente possivel.

E assim os dias correram.

A respeito de visitas e cumprimentos já atraz deixei nota suficiente; raros foram os sinceros, a grande maioria só queria mostrar-se ou, como se diz em Africa, «pegar pé...»

Mas havia outras pragas.

Uma delas era a das recomendações por isto e por aquilo. E contarei por alto, muito

por alto, pois como escreveu o velho João de Barros: «... esta cronica nunca se acaba-"ria se as menderas dela houvessemos de re-"latar...»[1]

De tudo guardei, por ex.º, um bilhete do Julio Fonseca, velho amigo dos tempos do Liceu, que me apresentava «um alfenim "patéta» o qual, por ter medo de tudo me julgáva uma féra e por isso recorreu ao empenho dum amigo; outro do Francisco Pedro de Jesus, medico conhecido desde os tempos de estudante crónico por «Xico Pedro» que recomendava uma creatura de Cernache a quem qualquer cavalheiro do lugar lhe espancou a mulher e ficou a dever dinheiro; outro do Luis Rosette, tambem medico, a recomendar o portadôr, possivel vitima dum «talassa»; outro do Evaristo José Cerveira (a quem já me tenho referido nestas memorias) recomendando certo republicano velho e amigo; ainda outro do advogado Antonio Maria de Sousa Bastos, conhecido pela alcunha de «Antonio Maria garo-

---

(1) Cronica do Imperador Clarimundo, livro II, cap. XXXIV, pag. 297 da edᵃᵒ. Sá da Costa.

to » (porque realmente o era), velho rábula dos tribunais, a implorar a protecção do comissario para qualquer questão ligada com posturas; ainda outro do velho amigo Joaquim Lopes Cardoso, a pedir benevolencia para uma mulher qualquer que fôra presa, caso de q. já me não lembro; mais outro do António Leitão, administrador do Concelho, velho amigo desde o Liceu, recomendando questiúnculas de cá-ca-rá-cá, com indicações de caracter legal «a fim de pôr a "moralidade nos eixos» e evitar alguns desmandos...

E assim por aí fóra, coisas banais, sem importancia, que só maçávam.

Mas havia outros casos que já dão mais vivos a reparos: o João Augusto Simões Farias, velho republicano que auxiliou muito a propaganda já com dinheiro já com trabalho proprio, era, como todo o individuo que passou por Coimbra muitos tempos antes, um prestamista de nome, isto é, um prestamista a quem a rapariada recorria nas suas aflições e, alem disso, negociante de antiguidades, segundo se dizia, de poucos escrupulos. Ora a 25 de Outubro escreveu-me

um bilhete denunciando - nos dois auxiliares do Porto que andávam pelos corredores á procura de coisas boas (1) E' facil ver as razões deste virtuoso cidadão e considerado prestamista para querer meter na ordem os auxiliares portuenses que andavam a fazer o que ele, Favas, não se atreria, nos grandes dias solenes, a pôr em pratica.

Já anteriormente, como deixei dito, me aconselhou cautela contra os roubos de tapetes alheios; apara, a cautela, era contra os colegas.

Outros casos aborrecidos se deram que virão na devida altura cronologica. E assim o mês de Outubro se ia escoando, aos trambulhões, com simulómas desagradaveis de desunião, com puntos de ambições deste e daquele — e tudo isto me impressionava e me causava mal estar.

Por cá, por Coimbra, o reflexo do ambiente de Lisboa influia muito; qualquer pequeno sucesso era avolumado e deturpado como aconteceu com qualquer pequena insubordinação que houve no regimento de

---

(1) Copiado no fim do vol.º a pag. ...

Infantaria nº 23 que se elevou nos mentidéros da terra á altura de revolta premeditada e acabada.

E continuei a perceber, apesar da minha boa-fé, que havia pretensões ao lugar, já então mais claras; e ouviam-se certos zuns-zuns de que o candidato mais forte era o Floro Henriques, apoiado por grupo de revolucionarios insofridos. Houve quem me dissesse que o José Augusto Pereira de Vasconcelos, tambem aspirava ao lugar. Não sei. Nunca lhe ouvi dizer qualquer coisa nesse sentido e como quem me deu a novidᵉ foi o medico Antonio Fernandes alcunhado de «vaca assada», pode ser que o dito fosse simples laracha para ver o efeito produsido.

Quanto ao Floro, não. Com esse era até certo ponto evidente o seu desejo de passar de simples professor de ensino livre a verdadeiro sherlok-holmes. Este Floro Henriques com quem muito me dei noutros tempos, era individuo um tanto ou quanto irrigmatico; fez o curso do Seminario na altura, se não foi mesmo condiscipulo, do Tomás da Fonseca; inteligente e com certa

viveza, deu um pouco nas vistas a ponto de se dizer que o bispo Bastos Pina via nele um futuro pilar da Igreja. Não foi pilar da Igreja porque saiu a tempo mas a verdade é que ficou com mentalidade bastante arrevezada.

O Tomás da Fonseca, com espírito de ingenuo, certamente vindo das penedias do Caramulo, ainda é franco e, por vezes, inconveniente com a franqueza; o Floro não, era reservado e retraído, só dizia o q. muito bem queria, tinha argumentos bicudos como todos os diabos, tornava-se difícil em lhe perceber intentos. Era inigmatico.

Notava que ele me estimava, não o posso negar; mas de certa altura em deante e especialmente depois do movimento regeneradôr de 28 de Maio, o seu feitio e as preocupações de dirigente conspiratorio contra a situação politica creada (que o levou ás prisões e ao desterro) desagradavam-me pelos processos usados e por certa falta de escrupulos na escolha dos companheiros.

Mas isto é antecipar.

Naquela altura, o Floro queria ser comissario de policia, como foi pouco depois

UNIVERSIDADE LIVRARIA DA

se não foi logo a seguir; e para isso o seu grupo procurou estabelecer ambiente propício para que eu ir embora e deixar o campo livre a certa canalha impaciente.

Hoje, passado quase meio século, creio que a expressão «canalha impaciente» não é errónea nem mesmo consequência de alguma pinga de bilis extravasada. Hoje, sem más vontades nem sentimento de despeito (para quê a má vontade ou o despeito aos oitenta anos; no fim da vida, quando já nada quero nem me move qualquer pequenina ambição?) vejo, creio eu, com serenidade, que era assim mesmo. Os cinco décadas passadas fortaleceram-me de provar o que na altura, com a minha boa-fé e a minha boa vontade e sinceridade não era capaz de ver ou perceber.

Todavia, a vida no Comissariado lá ia correndo melhor ou pior e eu, com espírito patriótico ia alimentando como podia, à espera de oportunidade decente para me ir embora.

Um caso, parece, que não quis alimentar foi o de um dossier que me parecia existir no cofre da polícia.

Este cofre servia outrossim muito para ocorrer a varias despesas e até ás eleitorais. Encontrei, ao tomar posse, por ex.ª, um recibo assinado pelo dr. José Pereira Jardim, o ultimo governador civil da Monarquia, de despesa avultada com a rubrica — á margem: «Despesas eleitorais.» Disse a meu Pai que presumisse o dr. Jardim de q. encontrara tal documento; meu Pai deira-lhe certas finezas e atenções e pareceu-me que seria melhor não mencionar o recibo na acta. O dr. Jardim que parece me segue cara daquele rabo-leva, mandou logo o dinheiro e ficou muito grato.

Havia outros documentos já antigos que lá ficaram; e eu, pelo sim, pelo não, fiz um ofício para o Governo Civil, em 21 de Outubro, requerendo um inquerito e bem assim um estudo de reorganização da escrita do mesmo cofre. Tenho aqui uma nota de que o desfalque, feito aos poucos e de ha muito, deveria andar por uns 18 contos.(1)

Enquanto fui comissario o inquerito não se fez.

---

(1) Ver no fim do vol.º pag. ...

Uma das apoquentações que me chegávam em catadupas era a do medo dos conspiradores; havia, na verd.e, certa razão pois que, refeitos da surpresa e notando a benignidade do novo regime, os monarquicos não se resignáram á derrota e, surrateiramente, conversavam, trocávam impressões como era natural.

Conspiração organizada quero crer que se não fez logo; mas conciliabulos, desabafos em tertulias mais ou menos de acaso, isso era coisa que se não estranharia se não fosse, diga-se, o sobresalto, talvêr o medo, em que se vivia, quase vendo um gigante em cada sombra.

Por outro lado havia o desejo, em muitos malandrins, de prestar serviços e, em certos casos, de satisfazer qualquer vingançasinha particular.

Tudo isto, pois, obrigava a cautelas e causava não poucos aborrecimentos.

Nos primeiros dias ainda se compreendia o sobresalto; mas depois, a continuação daquele estado de desconfiança incomodativa já se não justificava. No Centro dr. José Falcão, á Praça Velha ou do

Comercio, havia sessão permanente onde toda a gente ia dizer coisas e discutir o que se fazia oficialmente.

Um dos mais assiduos discursadores para não dizer dirigentes, era o medico Francisco Pedro de Jesus que mostrava pouco senso; a certa altura, apareceu com grande aplauso dos parvos a filiar-se no Centro e a declarar-se ás ordens da Republica, o visconde do Anneal, João Mexia Aires de Campos; e assim com um ou outro diplomado mais bem falante, as sessões corriam acaloradas, ás vezes com certa veemencia como se convencessem que aquilo já não era o velho Centro Eleitoral mas sim uma verdadeira Convenção.

O dr. Fernandes Costa com o seu temperamento calmo e grande dóse de cepticismo, não lhes ligava importancia; mas a verdade é que incomodávam e não raro causávam aborrecimentos.

Sem quê nem para quê, por sugestões saídas dessas reuniões diarias, faziam-se assaltos á mão armada. Alguns exaltados voltaram á Quinta de S. Jorge, á Quinta das Varandas e á da Malavada, arrombaram portas e faziam buscas sem mais nem me-

nos sempre á procura de jesuitas escondidos, segundo diziam. O assalto á Quinta de S. Jorge provocou um protesto em telegrama do velho republicano do Porto, dr. José Nunes da Ponte, um dos donos da propriedade.

Tudo aborrecimentos bem escusados se não fossem esses aventureiros com poucos escrupulos, avidos de prestar serviços e de fazer asneiras.(1)

O Helder Ribeiro, nessa altura um dos «jovens turcos» que rodeávam o ministro da Guerra Correia Barreto, escrevia-me para eu mandar vigiar este e aquele; certos revolucionarios mandáram-me avisos de conspiratas e até se afirmáva que o infante D. Afonso estava, de novo, em Portugal escondido.(2)

Os avisos, porem, não tinham consistencia, eram vagas probabilidades de que se não tirava qualquer conclusão segura. Eu mandava vigiar um ou outro por descargo de consciencia e para que me não acusassem de cumplice; e encarregava disso certos rapa-

---

(1) Desses assaltos conservo uma participação curiosa que fica na colecção de documentos relativos á m.ª vida.

(2) Ver, no fim do vol.º, pag. ... até pag. ...

os considerados republicanos sérios porque não podia chamar para tal serviço os homens da Judiciaria vindos todos da Monarquia e lá colocados por influentes monarquicos.

Isto era já um caso aborrecido porque se não tinha confiança na Judiciaria (conhecida vulgarmente pela polícia da secreta) tam bem, francamente, não a tinha completa nos outros, gente que rodeava o Afonso Henriques e o Costa Ramos, arregimentada nas barracas cartonarias não sei bem com que fé e valor só com esperança e nenhuma caridade... Alguns até, como o tempo veio demonstrar, eram puro zelo moral e as suas informações eram, em regra, não direi absolutamente falsas mas bastante fantasiadas quando não eram consequencia do desejo de alguma vingançazinha.

Na maior parte era uma carga. Eu escolhia o que julgava melhor mas em boa verdade hoje lastimo a minha boa fé daquele tempo... Que hei-de eu hoje fazer senão lastimar? Alguns documentos que para aí ficaram assim o confirmam e cá os deixo como castigo para a consciencia — já que não posso agora fazer outra coisa.

Aconteceu ainda que uma carta que escrevi ao Hélder Ribeiro dando informações conforme meus pedidos e da qual, por acaso, deixei cópia [1] veio, por desleixo do Hélder, a parar às mãos do coronel de Engenharia Soeiro de Gamboa, um dos visados na carta, então no serviço de Inspecção das Movimentos e Obras Militares. O coronel deixou de me falar e só muito tarde vim a saber os motivos deste procedimento que me deixou muito aborrecido. O Soeiro era homem distinto, amigo da m.ª família e teve sempre comigo atenções o que vinha agravar o caso.

Provou-se, com isto tudo, o pouco cuidado que no ministério da Guerra a rapaziada dos «jovens turcos» tinha com a correspondencia ~~oficial~~ confidencial e soube que havia lá quem aproveitasse distrações e traisse a confiança ao ponto de surripiar correspondencia e documentos.

Nesta atmosfera de suspeição e de balburdia, deu-se uma noite um caso curioso: chamaram-me ao telefone; era o já

---

[1] Ver adeante, pag. . . .

aqui m.to falado Francisco Pedro de Jesus, o Xico Pedro, sempre zeloso pela segurança da Republica. Exigia a minha presença no Centro José Falcão onde estava preso por ele um chauffeur francês, chegado de Paris com um fidalgo qualquer e se tornara suspeito.

Lá fui eu até á Praça do Comercio, calculando asneira e na verd.e era. O chauffeur suspeito era o motorista do marquêz de Jacome Correia que com o José Bruno Tavares Carreiro regressava de Paris para embarcar no proximo paquete para a ilha de S. Miguel onde fôra chamado pelos seus negocios. Levava em sua companhia o José Bruno que fôra nomeado secretario geral do distrito de Ponta Delgada e, como velho republicano, ia tomar posse desse cargo de confiança.

Postas as coisas a claro, fiz ver ao Xico Pedro a sua precipitação e o inconveniente de se sobrepôr ás autoridades constituídas. Ia-se zangando comigo, é claro, por eu lhe não reconhecer o zelo... E tive de mandar chamar uma tipoia para ir ás Arcas de Agua (hoje rua do Dr. Pedro Monteiro) onde o marquês e o José Bruno está-

vou a jantar em casa não me lembro já de quem e explicar o que se passou para evitar reclamações.

Deu-se até o caso (de que nunca me esqueci) de, apesar de mandar dizer quem era e a explicação que ia dar, o José Bruno mein recolher-me ao patamar da escadinha de entrada sem mais qualquer atenção — o que me deu má impressão e fez também com que resumisse o assunto e me retirasse sem mais cerimonias, quase bruscamente.

Julgaria o José Bruno que o comissario era para futuro contínuo ?... ou que eu tinha obrigação de fazer o que fiz ?

Fraquezas de futuras notabilidades...

E assim eu ia passando os dias, muito por me safar, sempre á procura de oportunidade de sorte.

No dia 31 de Outubro soube-se que o Sebastião de Magalhães Lima passara para Lisboa, no Sud-express vindo de Paris onde se mantêve como Grão-mestre da Maçonaria na importante missão diplomatica profícia Varia junto dos dirigentes franceses. Na Estação-velha juntou-se muita gente que o

aclamou; eu fui não só como comissário mas como representante do Governador Civil e pude ao varandim da carruagem no momento em que o velho caudilho abria a porta para saudar o povinho.

Era ainda a mesma figura romantica, com a cabeleira já toda branca, lançada para trás em tufo em desalinho, mas aprumado, com aspecto vigoroso e distinto. Disse-lhe quem era e apresentei-lhe os cumprimentos oficiais. Da multidão alguem que estava perto, gritou:

— Oh sr. Doutor! É o nosso comissario!

Magalhães Lima que estava a ouvir atentamente os cumprimentos que lhe dirigia, ao ouvir a frase abraçou-me amigavelmente e disse para os manifestantes:

— Até que enfim!... temos comissarios nossos!...

Isto provocou nova manifestação que se prolongou até á partida do comboio. Nunca me esqueci do dito e nunca mais voltei a ver o velho propagandista cuja figura inesquecivel e distinta ainda tenho bem presente.

Nesta altura, por fins de Outubro ou nos primeiros dias de Novembro foi nomeado Governador Civil em substituição do Fernandes

Costa que logo se arrichou na Junta do Crédito Publico como director (salvo erro), o Dr. António Cerqueira Coimbra, antigo secretario da Universidade que, por ser republicano, fôra demitido pelo João Franco no tempo da sua primeira ditadura, lá por 1896 ou 1897, pouco mais ou menos.

Era boa pessoa, serio, conciliador, bem educado; porem fraco de vontade e dominado pelo Manuel Augusto Rodrigues da Silva, meu bom amigo que me valeu nos tempos seguintes á demissão e em casa do qual residia sempre que vinha a Coimbra, como se fosse pessoa de familia; e politicamente tambem dominado pelo Dr. Angelo da Fonseca que eu via constantemente metido no gabinete e me parecia o orientador — mesmo sempre bem intencionado, diga-se de passagem.

A posse deu-se no dia 5 de Novembro, bastante concorrida, é claro; fizeram-se afirmações de radicalismo e houve até quem désse uns «viva a canalha!...» no sentido, naturalmente, do povo anonimo. Quem o pol tou foi o negociante Manuel José Teles, velho republicano, é certo, mas acima de tudo, negociante. Era dono dum café-pastelaria on-

de encobertamente se jogava a batota e a roleta; e mais adeante contarei como este cidadão se portou quando viu que outros estabelecimentos semelhantes lhe faziam concorrencia.

Pois foi este cavalheiro que soltou um «viva a canalha!...» que surpreendeu até os assistentes mais jacobinos e mais tarde me haria de pedir a minha benevolencia e protecção para um miseravel falso afanhado nas mãos da policia judiciaria.

Hoje, passados tantos anos, penso que o homem daria um viva á sua propria pessoa. E' possivel.

Pois o dr. Cerqueira Coimbra tomou posse e logo eu, passada a cerimonia e saídos os assistentes, lhe apresentei a minha demissão, contei-lhe as razões que me tinham a aceitar o cargo e como essas razões cahiram, considerava o lugar vago, etc. Ele, cortez m.te, pediu para continuar e disse que iria pensar no caso.

Mas não pensou, de certo, porque eu continuei e ele nunca me falou na substituição. Foi sempre amavel, affavel comigo e não se enfadou no meu serviço.

E a minha vida continuou monotona, cortada apenas por episodios que poderei contar aqui embora reconheça que de pouco valem. Servem só para documentar a quadra agitada que se viveu então e que eu atravessei um pouco aos baldões.

Um dia...

E este episodio é curioso: um dia, pelos meados de Outubro (não tomei nota da data certa) entraram-me no gabinete o Visconde do Ameal e o Simões Farias — reconheço já de si estranha. O Ameal (João Mexia Arêas de Campos, formado pelo Curso Superior de Letras) apareceu no Centro dr. José Falcão a fazer a sua adesão solene á Republica com afirmações de certo radicalismo. Houve quem acreditasse e quem não acreditasse na sinceridade do homem que, por ter sido preso em 28 de Janeiro de 1908, descera do elevador do ~~[illegible]~~ Municipio para o Largo da Biblioteca, com chefes republicanos e dessidentes, se julgaria destinado a grandes acções no novo regime. Eu, confesso, apesar da minha boa fé, não sei porquê, fui dos que viram na adesão espectaculosa qualquer coisa que soava a falso.

Ora quando ele entrou com o Favas, trazia na mão um grande embrulho de chaves; e com ar pomposo disse-me que estranhava o abandono a que as autoridades votavam o chamado Museu dos Pratas do Bispo-Conde, sujeito a qualquer assalto e até ao desarrio, por parte das autoridades eclesiasticas, de uma ou outra preciosidade ali guardada. Perante essa indiferença oficial foi resolvido no Cantão do Dr. José Falcão, para acautelar os interesses da Arte, da cidade e do Tesouro, etc. etc. que ele e o Simões Favas, fossem exigir do guarda do Museu o velho Casimiro, antigo marinheiro da Sé, a entrega das chaves e ainda fossem selar as portas e janelas que podessem dar acésso.

Os dois comissionados pela Commemoração da Praça do Comercio assim fizeram e vinham entregar as chaves á autoridade policial para os devidos efeitos. Eu fiquei atonito, não pelo Favas entrar na diligencia, mas por ela ser dirigida pelo fidalgo riscando que naturalmente no pêlo a lacre com que fechou as portas e janelas do Museu, fêz o sinete de brazão que lhe vi

no dedo. Lembro-me de que fiquei uns momentos calado á procura de resposta conveniente; e precisamente lhes disse que ficava com as chaves e imediatamente as iria entregar ao Governador Civil.

Eles pairam um tanto ou quanto desconcertados por lhes não tomar o procedim.to como acto de grande zelo republicano e eu subi a escadaria do edificio e fui ao gabinete do dr. Fernandes Costa que estava, tambem lembro-me bem, a conferenciar com o dr. Angelo da Fonseca.

Quando contei o episodio e pus as chaves sobre a secretária os dois ficaram não só admirados como aborrecidos — e com razão. O bispo Bastos Pina parece que tivera já qualquer conversa com o dr. Fernandes Costa e, tambem depois, até, escreveria um oficio ao Presid.te do Governo Provisorio acerca do seu tesouro (1); alem de tudo, não haveria motivo para se fazer tal diligencia q. foi manifestamente um abuso e até desrespeito feito pelas autoridades constituidas — de

---

(1) ...

modo que a solução encontrada foi o Governador Civil escrever ao Bispo e dar conta do incidente, lastimando que certos cidadãos, convencidos de que o Tesouro da Sé corria perigo, usassem de meios que não estivessem em harmonia com as ordens recebidas, etc. E concluia que as chaves estavam á disposição dele, Bispo.

A seguir fui examinar os selos nas portas do Museu e notei que no lacre, realmente, o riscador imprimira o seu selo com hirazão, para dar mais autenticidade... Falei ao velho Casimiro, homem honrado, que encontrei inconsolavel e prometi mandar-lhe, durante a noite, um guarda para a porta do Museu.

O Bispo foi correcto; respondeu que não estranhava o processo, dada a natural efervescencia do ambiente; não o levava a mal e, agradecendo a carta do Fernandes Costa, pediu que as chaves continuassem na minha mão até ele regressar a Coimbra e tratar directamente do assunto.

E o assunto foi resolvido quando o Bispo voltou: o dr. Fernandes Costa e o dr. Angelo da Fonseca foram ao paço episcopal entre

gar as chaves e, como eu não fui e não perguntei, não sei o que se passou na entrevista. E aí está como a Convenção da Praça do Comercio arranjou um par de botas q. deu em resultado uma certa curvatura perante o Bispo — que melhor seria não se ter dado. Mas, enfim, a solução não deveria ser outra.

E o ilustre visconde que andou de braço dado com o Simões Favas e outros convencionais, quando, passados mêses, o Paiva Conceiro levantou em Espanha a bandeira azul e branca da revolta, foi oferecer-lhe os seus serviços e por lá andou até á primeira amnistia que a Republica, com magnanimidade concedeu.

E tinhamos de aturar tudo isto com a melhor cara possivel.

E assim se entrou no mês de Novembro e cada vez percebia mais, á minha volta, o desagrado. O dr. Cerqueira Coimbra não me dizia nada a respeito da solicitação que lhe fiz e eu andava aborrecido e quase sempre a braços com porcarias em que os ilustres correlegionarios me embaraçávam — não sei se propositadamente.

No dia 6 de Novembro fez-se uma manifestação que na verd.e teve certa grandeza para comemorar o 1.º mês do regime em Coimbra; eu compareci e acompanhei o cortejo que andou por um lado e outro, cumprimentando este e aquele, inaugurando lapides nos largos e nas ruas que mudáram de nome, tudo isto acompanhado com foguetorio, musicata e grande vivório.

A' noite, em S.ta Clara, na extinta igreja de S. Francisco da Ponte, houve banquete para que fui convidado mas a que só compareci no final e por pouco tempo. Não me prestava facilmente aquelas funçanatas de comes e bebes em que, nem sempre, a compostura se mantinha.

Os jornais ao noticiarem a manifestação do dia chamaram-lhe «empolgante», e uma verdadeira apoteóse; um deles afirmava que o cortejo foi «o mais grandioso q. "se tem feito.» E a verdade é que á frente da manifestação do dia não apareceu qualquer vulto de categoria e os discursos que se ouviram foram pronunciados por estudantes, dos quais me lembro o José Cardoso, hoje notário aposentado e doente e o Julio

Gonçalves, hoje notário na Figueira da Foz, que melhor ou pior deram conta do recado e se iam assim exercitando para maiores e mais proveitosos vôos.

Depois, a 12, á noite, chegou, vindo de Braga e Porto, o Correia Barreto, ministro da Guerra, rodeado pelos seus «jovens turcos.» Nova manifestação, desde a Estação-velha, e muito vivório e foguetario; os «jovens turcos» bastante senhores do seu papel; o ministro, o bom Correia Barreto, sempre sorumbatico, com aparencia de cançado e ás vezes abstracto. Dei um abraço a esses «jovens turcos» meus contemporâneos ou condiscipulos da Escola do Exercito (com excepção do Americo Olavo que era mais moderno) — mas de entrada desconfiado de que, do alto da sua posição, me não tratassem de igual para igual.

Acompanhei-os á ceia, conversei largamente com eles, e até me lembro dum caso, talvez sem valor, mas que vou contar.

Dos poucos ou raros oficiais republicanos que havia em Coimbra, sobresaía o entusiasta Augusto Casimiro então alferes de muito fresca data e certamente com vontade de se tornar conhecido. E' claro que apa-

recau, na balbúrdia da chegada, encostou-se ao meu fraco valimento, forçando risivelmente as apresentações aos novos visitantes. Eu compreendia isso no rapaz, poeta, por consequência sonhador, se bem que, ainda assim, ligado ás miserias do mundo e desejoso de se fazer valer.

Depois da chegada, os visitantes foram alojados no Hotel Avenida e abancáram a ceiar; eu sentei-me ao pé do Helder Ribeiro e Vitorino Guimarães e notava o Augusto Casimiro a rondar pelos cantos da sala. A certa altura da palestra procurei ensejo para o aproximar e falei mele como rapaz de merecimento, republicano seguro, e referi-me, como seria natural, á qualidade de Poeta e á sua já apreciavel cultura. O Helder ouvia sorridente com ar de quem estava farto de tais aproximações; e quando eu disse que o rapaz era Poeta, perguntou-me melhaca-mente:

— Diga cá: foi ele que escreveu o «Ai rua minha gentil que te partiste?...»

Não gostei muito, com franqueza, da la racha; não me lembro já do que lhe teria dito e não voltei a falar no Augusto Casimiro.

Naquela altura, os rapazes da «Jovem Turquia» tinham o seu quê de basofia que era desculpavel, vamos lá — e digo-o sem qualquer má vontade. E afinal de contas o autor da «Alma minha gentil» foi um dos grandes auxiliares do Helder durante a nossa intervenção na guerra de 1914-1918, nos vai-vens do C.E.P.

Lembrei-me uma vêz de perguntar ao Helder, quando regressaram da Flandres com a corôa de loiros, se o Augusto Casimiro teria escrito por lá outro qualquer soneto camoneano. Mas não o fiz; ficou apenas na boa vontade de exercer uma vingancasinha barata...

O Correia Barreto e comitiva no dia seguinte visitaram quartéis, foram á Universidade e á noite tiveram jantar de gala no salão nobre da Camara, de que ainda conservo a ementa. Discursos, é claro, e afirmações politicas — e no dia imediato, de manhã, seguiram para Lisboa.

E a vida monotona continuou.

E já agora contarei umas bagatelas que se deram, na noite de 11 de Novembro,

no teatro, ao representar-se a Viuva Alegre, muito em voga nessa altura, cuja valsa andava em todos os pianos, filarmonicas e assobios da rapaziada. Quando a orquestra deu os primeiros sinais da valsa, no meio do silencio da sala, lá da geral, no sector dos estudantes, saiu uma voz bem clara e trocista:

— Oh sr. comissario!... Lá vai a valsa!...

Houve certo sussurro, parte de sorrisos, parte de censura dos burgueses pacatos que não gostavam de interrupções. Eu fiquei-me na mesma, como se nada ouvisse; mas a verdᵉ. é que achei graça á laracha que, afinal, não ofendeu ninguem.

Nessa noite ainda se deu outro caso: na plateia, por baixo, quase, da minha frisa, estava um grupo de estudantes entre os quais o Rui da Câmara já conhecido como cavaleiro tauromatico e como escolar um tanto ou quanto estroina; em frente deste estava sentada uma senhora com seu marido. Ora a certa altura eu notei que o Rui arregaçou a manga do braço direito e começou a fazer festas no pescoço da senhora. O mari-

do levantou-se, protestou, houve borborinho; um guarda do teatro com um polícia intervieram e o Rui com os companheiros saíram.

Eu julgo que não foi pelo caso e o espectáculo continuou. Daí a pouco bateram discretamente á porta da frisa: era o polícia que trazia preso o Rui da Camara. Estava manifestamente bêbedo. Os outros rapazes que o acompanhavam disseram delicadamente que, na verdade, o Rui fôra inconveniente, que jantaram fóra e vinham alegres, etc. e com amaveis palavras desculpáram o companheiro. Eu disse-lhes que, realmente, o acto não fôra de grande correcção mas pedi-lhe que o levassem para casa e no dia seguinte, a qualquer hora, aparecessem no Commissariado. E despedi-os atenciosamente.

De facto, no dia seguinte, os rapazes lá appareceram um pouco acanhados; eu tratei-os afavelmente e aconselhei-os a não voltarem ao teatro depois de jantarada alegre; os rapazes que esperavam naturalmente rudeza e qualquer complicação, despediram-se com muitos agradecimentos

— e a verdade é que, enquanto fui comissario, não voltaram a fazer cócegas nos pescoços das espectadoras.

Rapasiadas.

No dia 13, porem, o jornaleco O Povo de Santa Clara de que era verdadeiro inspirador o velhaco do Octaviano de Sá, dizia na secção «Rosna-se...» que foi muito notada a minha prudencia nos desmandos dos academicos no Teatro-circo.[1] Este jornaleco notabilizou-se pelo genero insidioso e pelas porcarias. A sua redacção e os seus inspiradores eram do mais reles que havia em gente engravatada; mas tinha grande tiragem porque em Coimbra sempre se gostou deste genero de mexericos desde que não nos batam pela porta; se batem pela porta, então o caso é diferente.

Mas vamos lá continuar neste terrivel rosario de recordações que não quero deixar de mencionar. Já agora, isto tem que ir até ao fim...

---

[1] Fica o recorte no fim do vol.º a pag. ... — Este nome da secção era imitado do «Diz-se...» do jornal O Mundo, que se afirmava ser da autoria do general Dantas Baracho.

Houve tambem um caso que não teve importancia mas que mostra como então andava o ambiente.

Uma mulher qualquer tivera um filho ilegitimo que o pai não perfilhou mas ela legitimára; a creança estava em poder dum sujeito qualquer que me não lembra quem era; a mulher veiu ao Comissariado requerer-me a entrega do filho, em meados de Novembro, com um bilhete ou carta do advogado Joaquim Gaspar de Matos cujos termos me irritáram e me leváram a responder-lhe talvez desabridamente, consequencia, afinal, do meu estado permanente de irritação.

Não me recordo já, com precisão do que se passou; o que sei é que o advogado me respondeu com uma carta que não vale a pena transcrever, em que explica a sua intervenção e, na verdade, correctamente afirma não querer melindrar-me. O caso parecia, pois, liquidado.

Mas não estava.

Passados dias apareceu-me no Comissariado um rapaz Pedro Ferrão, estudante de Direito e correspondente em Coimbra do jornal O Mundo, a mostrar uma carta que

a tal mulher escrevera ao França Borges queixando-se de mim e pedindo a sua publicação a-proposito da noticia que corria da minha exoneração.

O França Borges (vá lá! os diabos por muito ruins q. sejam sempre teem uma hora boa...) mandou a carta ao Ferrão para este m'a mostrar; e o Ferrão foi amavelmente ao Comissariado e sugeriu a verificação das letras da carta e de qualquer outro documento referente ao assunto.

A carta da mulher, como diz mal de mim, fica copiada no fim do volume[1]; e confrontando as letras da papelada respondi em 4 de Dezembro ao Ferrão com o seguinte bilhete revelador do meu estado de espirito:

« Ex.mo Sr. Ferrão: — As letras não se parecem. Se o homem tem responsabilidade, é indirecta. — Quanto a explicações peço q. as não dê. O caso passou-se no Comissariado e eu não quero revelar factos de caracter particular, embora verdadeiros, sem que os interessados autorizem. — Faça favor de

---

[1] A pag. ...

dizer ao França Borges que lhe estou grato pela atenção, mas ele que faça o que entender. Se julgar que deve publicar a carta que a publique, se não que a rasgue. Já tudo me é indiferente. — O que lá se diz não sei se acredita ser uma infâmia; no entanto ele, como responsavel pelo jornal, que faça o q. entender. — Sem mais, agradeço a sua atenção e creia-me, etc. etc. »

E desta vêz o caso ficou arrumado. O França Borges (vá lá!... etc. etc.) não publicou a carta e eu não voltei a saber da creança.

Ora por essa altura resolvera pedir a minha exoneração. O dr. Cerqueira Coimbra não atava nem desatava e eu queria ir-me embora. Em 25 de Novembro o jornal Defesa do Antonio Leitão noticiava: «Parece "que vai pedir a demissão...» mas no dia imediato o Noticias de Coimbra era mais categorico: «O sr. tenente B.P. pediu a exo"neração de comissario de policia» e insinuava que se indigitava para sucessor o major José Miguel de Carvalho que eu substituira em 9 de Outubro anterior...

Já nem não lembro de quem era o jornaleco para poder comentar a insinuação.[1]

Não quis contudo sair para me ir embora sem ter uma atenção com o Fernandes Costa. Escrevi-lhe a carta seguinte que vai transcrita na integra:

«17 de Novembro de 1910 — Ex.mo Sr. dr. Fernandes Costa — Tenha paciencia por lhe roubar alguns minutos... Como soube foi ao Sr. dr. F... C... que eu devi a m.ª nomeação de Comissario de Policia, julgo do meu dever dar-lhe conhecimento de que dou por finda a minha missão... policial. — Como sabe, no dia 6 de Outubro corria de boca em boca que eu seria o comissário nomeado: era a vox populi que nem sempre é a voz da razão. — Lembra-se, certamente, do que eu lhe disse quando me convidou para o lugar; e na verdade eu sempre tencionei estar mais o menos tempo possivel. — Ora acontece que, necessariamente, tenho desgostado a população comimbricense o que, aliás, nem

---

(1) O recorte desta noticia fica no final do vol.º a pag. ...

provar que eu tinha razão quando disse q. não servia para o cargo; e por isso vejo-me obrigado a ir embora antes que a tal vox populi me ponha fóra. E com motivos!...
— Eu não encontrei conspirações alguma mas buscas realizadas que forneceram-lhe-lassas para a cadeia ou até, quem sabe, para a forca; eu não mandei prender todo e qualquer individuo que coerentemente manifestasse desagrado á Republica; eu não assaltei casas de jogo onde... se não jogava; eu lançava baldes de agua fria sobre a chama ardente do enthusiasmo jacobino; eu... —
Que mais? O sr. dr. F... C... calcula tudo muito bem se me conhece o feitio; no entanto julgo do meu dever ir embora. — Não o fazia, porem, sem lho dizer porque pensava do sr. dr. recebi atenções e amizade que não merecia. Por isso aqui vai o protesto da m.ª estima e do meu reconhecimento; se alguma coisa lhe posso pessoalmente fazer favor de mandar, mas eu voltarei á obscuridade de onde não devia ter saído. — O sr. dr. Cerqueira Coimbra de quem só tenho recebido atenções não está muito disposto a deixar-me sair; mas logo que esteja pa

nada a questão da sucessão, eu vou-me embora e, com franqueza, com a melhor boa vontade. — E' um lugar sobre o qual caíam as mais violentas e desencontradas ofensões de forma que é dum equilíbrio quási impossível, pelo menos difícil como todos os diabos. — Pois sr. dr. desculpe o tempo que lhe tomei e mande sempre o que é, etc. etc. »

E a 21 do mesmo mês, quatro dias depois, oficiei ao Governador civil por dois motivos, como se vai ver e ao presidente da Comissão Municipal Republicana, representante verdadeira (como eles diziam) da Soberania Popular.

Estava farto e, para dizer a verdade, eu não tinha geito para comissario de policia de mais a mais com a Soberania Popular á perna...

Seguem os documentos:

« Ex.mo Snr. Governador civil do Distrito de Coimbra — Tomo a liberd.e de pedir a V. Ex.a a demissão do lugar que ocupo e para que fui nomeado por alvará de 9 de De-

tubro p.p. Esta minha resolução funda-se no desgosto que eu sei estar causando á população republicana a forma de eu proceder no meu cargo e não porque V.Ex.ª désse motivos para isso. — De V.Ex.ª só recebi provas de atenção e consideração que não esqueço e somente os meus principios democraticos de que não abdico me levam a sair deste lugar — pois que teria de os falsear se mais um dia me conservasse em oposição áqueles que, a bem dizer, me elegeram quando no dia 6 se proclamou a Republica em Coimbra. — Saude e Fraternidade. — 21 de Novembro de 1910. »

« Ex.mo Sm. Governador Civil do Distrito de Coimbra — Ao pedir a minha demissão, rogo a V.Ex.ª me consinta em insistir pela resolução do meu pedido feito em oficio n.º 850 de 28 de Outubro acerca dum inquerito ao cofre deste Comissariado. — Como não assinei a acta de entrega nem aquele que me suceder certamente assina sem o inquerito ter resolvido certas dificuldades, eu tomo a liberdade de lembrar a V.Ex.ª a urgencia deste caso para que não cáia sobre nós uma culposa indulgencia. —

Saude e Fraternidade — 21 de Novembro de 1910.»

A proposito... Conservo duas notas de receita e despesa do Comissariado que já não parecto bem e que não deixo copiadas porque as não saberia explicar. Apenas serviriam para confrontar orçamentos que eram então de 180$000 reis mensais com os de hoje e para mostrar que eu, quando quiz andar em carro, o paguei sempre do meu bolso.

Hoje o comandante da Policia em Coimbra tem, creio, uns tres automoveis, fóra o resto.

Segue o terceiro oficio:

«Ex.mo Sr. Presidente da Comissão Municipal Republicana: — Torno a liberd.e de participar a V..., pedindo ao mesmo tempo que o participe ás comissões paroquiais, que hoje requeri ao Sr. Governador Civil a minha demissão do cargo para que fui nomeado a bem dizer por eleição popular. — Assim, muito simplesmente, não só acêdo aos desejos da população republicana de Coimbra como tambem liquido duvidas havidas ácerca do meu

procedimento oficial que é já assunto de conversas por vezes malevolas e injustas. — Sm. Presidente: sabe V... como creio todos o sabem que eu não pedi o lugar de que hoje me demito; se a ele subi foi porque a ele me leváram e porque os correlegionarios me foram tirar ao sossêgo da minha vida e dos meus estudos. — Se incorri no desagrado do povo republicano foi unicamente porque o mesmo povo não viu logo que eu não tinha competencia para o cargo e agora não teve a lealdade de me prevenir para que eu saiese imediatamente. — Não contava que a minha pessoa (que nunca procurou sair da obscuridade) fosse objecto de discussão nas reuniões das comissões republicanas, pois sempre contei que os meus correlegionarios me prevenissem a tempo de eu não chegar a ser censurado. — Saude e Fraternidade — 21 de Novembro de 1810. »

O certo é, porem, que, apesar destes oficios e solicitações pessoais, o dr. Cerqueira Coimbra me não deixava ir embora e me ia entretendo com boas palavras quero crer que motivadas pela dificuld.e da sucessão.

E eu lá ia aguentando a tarefa que me escangalhava os nervos e os intestinos. Lembro-me bem do desespero que me atacava ao ir de casa para o Comissariado; e cheguei a pensar em um dia, sem dar cavaco ao Governador Civil, me despedir do pessoal e não voltar, abandonar definitivamente aquele terrível catrineiro.

Fiquei, porem, ainda a consideração pelo momento político e lembrei-me do pretexto que iria dar aos adversarios para cochicharem, e com razão, acerca das divergencias dos vencedores. E fui ficando, aguentando aborrecimentos como um cão a que deu azo o P.e dr. Joaquim Mendes.

Caiu rapidamente.

Um dia apareceu-me no Comissariado um individuo de certa idade que disse ser pai do P.e Joaquim Mendes e se queixou do filho que o maltratava, etc. Não me recordo já do que lhe disse mas naturalmente dei-lhe o conselho de não meter a Policia no assunto e de regular em familia a desinteligencia. E o caso não deixou rasto no arquivo da secretaria. Daí a pouco, nesse mesmo dia, foram ao Comissariado por qualquer motivo

os o Costa Ramos e o Simões Farias e eu, inopinadamente, confesso! contei aos dois o que se passára com o velhote, confiado, como recomendei, em que esses dois cavalheiros não iriam divulgar a conversa particular.

Pois divulgáram. Daí a dias, um correspondencia de Coimbra para O Mundo (que facilmente acolhia todas as porcarias) veiu a notícia de que o pai se queixára do filho, que este lhe batia, até. Isto levantou escandalo na terra e o Padre requereu no Comissariado certidão da queixa do pai, certidão que lhe foi passada negativa como de facto tinha de ser. E com esta certidão e um atestado de dois medicos que garantiam o velhote não apresentar sinais de qualquer violencia, o padre publicou nos jornais o seu protesto bem como dos irmãos e cunhados e ainda uma declaração do pai, possivelmente arrancada ou falsificada, em que desmentia a notícia e louva o filho como sacerdote digníssimo e cidadão honrado, etc.[1]

---

[1] Os recortes de jornais que trataram do caso ficaram colados em uma folha de papel guardada com outra documentação a que já tenho feito referencia, relativa á m.ª vida.

Até aqui está tudo muito bem e podia o caso passar em julgado e não merecia referencia nestas m.as memorias. Mas o pior foi que o Simões Farias e o Costa Ramos, autores da notícia no Mundo vieram com uma declaração para os jornais, reconhecida pelo notário, na qual se diziam autores da correspondencia e que tinham conhecimento do facto por mim, comissario. E isto tudo sem uma tipoia atenção para comigo.

O respeitavel publico, é claro, esperou que eu dissesse qualquer ; entendi, porem, que seria melhor não responder e deixar correr. Ainda estou a ver meu Tio Alfino da Silva que me procurou em casa por causa disto, impressionado com a reacção dos dois democratas da Soberania Nacional e desejoso de saber o que eu faria. Disse-lhe francamente que o melhor era não mexer mais na porcaria ; se mexesse dava em dize-lhe, direi-em ainda mais porco ; e como todos os dias havia casos novos para entreter a curiosidade do publico, no dia seguinte já ninguem se lembraria do estupôr do P.e Mendes.

Meu Tio pareceu-me não gostar da solução, íntegro e pessimal como era em pontos de honra; mas eu é que não estava para mexer mais em tanta trampa.

E pronto.

Agora mesmo, ao relembrar o episódio, parece que ainda pinto a mesma tristeza que pensei. Os mariolas!

Outros aborrecimentos surgiram que não vale a pena mencionar com pormenores. Um deles era o do jogo de azar que se fazia um pouco à solta, protejido pela tenencia resultante da natural anormalidade a seguir á mudança de regime.

Vinham na correspondencia queixas e mais queixas anonimas e era procurado por honrados comerciantes que protestavam contra o jogo desenfreado. Cheguei a receber um oficio do "Centro Republicano Dr. José Falcão, assinado pelo José Correia Arnado que presidira á sessão das comissões republicanas municipal e paroquiais em que ~~foi abordado~~ o problema da jogatina.

E' claro que era dificil a repressão e, com franqueza, não liguei uma grande importancia ao caso; tive sempre a opinião de que

quem não quisesse perder ao jogo o que devia fazer era... não jogar — como eu sempre fiz e faço. Mas o melhor, para não estar a encher muito papel, é transcrever um ofício que em 16 de Dezembro mandei ao Governador Civil acerca do caso; por ele se verá como eu reagi e como as coisas, mais ou menos, se passaram.

Quanto ás cartas anónimas, guardei algumas que ficam na série de documentos anexa que consegui e conservarei.

Vamos, agora, ao ofício:

«Ex.mo Sr. Governador Civil do Distrito de Coimbra. — Tenho sido ameaçado em cartas anónimas e (alguns amigos me preveniram de que um grupo de comerciantes da cidade intentam levar perante V.Ex.ª um protesto contra o meu desleixo ou até possível cumplicidade em não reprimir o «jogo desafarado» que actualmente há em Coimbra. — Ora como eles são muito capazes disso eu levo já ao conhecimento de V.Ex.ª a minha defesa muito simples. — Cerca de quinze dias depois de tomar posse do cargo fui prevenido de que, em algumas casas se jogava a lá

Kota; encarreguei o chefe da Judiciaria de averiguar o que de verdade havia e antes deste me dar conta do que soubera, veiu a este Commissariado o cidadão Manuel José Teles (dono duma pastelaria na rua Ferreira Borges e do Café Central na Praça do Comercio) dizer-me que em duas ou tres casas similares se jogava com descáro; e para justificar esta denuncia alegava o prejuizo que isso causava nos seus estabelecimentos. — Assim, a Academia, principalmente cerca das 9 horas da noite abandonava-lhe o Café e ia para o jogo, deixando prejuizo consideravel. Era pois em nome dos seus interesses lesados q. o cidadão Manuel Teles vinha reclamar. — Cuidei então do caso por outro sistema; e pondo de parte a Judiciaria para que me não viessem dizer que poderia estar comprada, pedi a correligionarios de confiança que verificassem bem quais as casas onde havia jogo ilicito. — Passáram-se alguns dias sem eu deixar de receber, de quando em quando, cartas anonimas de caligrafia duvidosa e grammatica rudimentar; e não só a Judiciaria como aquelles que eu encarregára de averiguar, deram conta do resultado e com certo espan

to meu, disseram que entre as quatro casas onde se jogava se contava o Café Central do cidadão Manuel José Teles! (1) — Fui vim para comparecerem no Comissariado os donos das quatro casas e aqui lhes expus muito claramente o que havia e o que eu estava disposto a fazer, prometendo eles cumprir, como aliás cumpriram durante alguns dias. — Do entretanto as reclamações continuaram em nome da moralidade do sapateiro de Braga e neste entretanto pedi a demissão do cargo que por sinal, mas sem culpa minha, me não foi dada ainda. — De então para cá, sempre á espera de, no dia seguinte, deixar o cargo, nada resolvi a tal respeito. Primeiro porque, dia a dia, assinando simplesmente o expediente, esperava com alvoroço o dia seguinte julgando que ele me traria o novo comissario. Segundo porque é muito difícil surpreender jogadores de profissão quando estão prevenidos e eu sempre temi o ridiculo que pode cair sobre a policia quando dá um assalto e nada

---

(1) Quando o Teles pessoalmente se me queixava de haver jogo ilicito, justificava a queixa com os seus principios democraticos... (Nota encontrada no borrão do oficio).

encontra. Terceiro porque as comissões paroquiais juntamente com um ofício que me mandáram em 11 de Novembro, ofereceram os seus serviços, desejando mesmo entrar nos assaltos que se realizassem, o que eu não quiz consentir porque a entrada dos membros das comissões num caso destes não era legal e de certo, por muitos motivos, daria mau resultado. — Eis pois as razões porque nada fiz de positivo acerca do jogo, limitando-me apenas a prevenir e ameaçar. — Eu, em minha consciencia, estou acima desses processos infames de acusar que estão em uso; no entretanto aqui fica esta minha justificação da qual V... fará o uso que entender. — Saude e Fraternid.e — 16 de Dezembro de 1910.»

Eram assim, como esse Manuel José Teles acima referido, muitos dos ilustres cidadãos. Tenho aqui uma nota que me diz este mesmo Teles me ter pedido benevolencia para o caso duns passadores de moeda falsa contra os quais a policia judiciária (então integrada no Comissariado) estava organizan nessa altura um processo para remeter aos tribunais.

É ainda para se ver como as coisas corriam naquele período, sempre referirei que nos primeiros tempos do novo regime os foguetários não tinham mãos a medir. Por isto e por aquilo, por tudo e por nada, o foguetório estoirava abundantemente e o rebentar de morteiros ensurdecedores de dinamite começou a entrar nos hábitos.

Mandei avisar os foguetes pirotécnicos de que fossem mais comedidos, que era necessário entrar nos eixos com tais manifestações barulhentas, que as posturas exigiam formalidades que se não cumpriam e se deveriam passar a cumprir, etc. etc. Não se fez caso das advertências e da benevolência havida; e eu então resolvi começar a fazer respeitar não só as posturas como o direito de os ouvidos dos cidadãos não serem incomodados como o estavam a ser.

Deu-se então um episódio que poderia ser cantado em verso heroi-comico: em 8 de dezembro foram a Coimbra convidados pelas comissões republicanas e pelo Coimbra-Club, o Machado Santos e o Alexandre Braga; por intermédio do José Ernesto Marques Donato pediram-me para eu autorizar o lançamento de

girandolas; eu autorizei desde que não largassem dinamite.

Os homens fizeram o contrario e como eu andava irritado e enervado, mandei prender e multar o pobre pirotécnico que, num assômo de republicanismo queimou umas duzias dos morteiros, do tais de fazer tremer as paredes. Este meu acto foi um escandalo! A imprensa rosnou, nos centros de cavaco houve protestos; e o proprio governadôr civil me escreveu solicitando a soltura do homem se as razões da prisão fossem só as de «deitar foguetes...»

E eu, por desabafo, mandei um oficio ao Coimbra-Club que acho curioso deixar transcrito:

«Ex.mo Sm. Presid.te da Direcção do Coimbra-Club: — No dia 7 do corrente o socio do club da sua digna presidencia, o sr. Ernesto Donato telefonou-me acerca da autorização necessaria p.a o lançamento de foguetes á chegada, ontem, dos cidadãos Machado Santos e Alexandre Braga. — Eu respondi que dava essa autorização e gratis mas objetei que não autorizava se lançassem foguetes

de dinamite — coisas estas de q. certamente aquele periodico daria conhecimento á digna direcção desse club. — Ora acontece q. não só não vieram procurar a licença que eu fizera, mas tambem sem a menor consideração pelo que se combinara pelo telefone, se mandou lançar girandolas de foguetes proibidos por um edital do Governo Civil desta cidade. — Devo estranhar a V.... este procedimento tanto mais que ela parte duma direcção em que a maioria julgo ser composta por correligionarios meus, obrigando-me estes factos a tratar para futuro somente por escrito qualquer assunto por insignificante que seja, para atender a que trato com amigos. — Saude e Fraternidade. — Coimbra, 9 de Dezembro de 1910. »

Porcarias que irritavam e que, agora, ao fim de mais periodo, tomam certo aspecto comico, talvez, mas servem para documentar o mau ambiente resultante de certa relaxação de disciplina.

Tudo se queria explicar com o entusiasmo politico; e o dizer-se qualquer coisa. Mesmo «bom republicano» era o atestado

suficiente para transgredir fosse o que fos se. E assim se ia vivendo.

Ora no dia 16 de dezembro estava em casa, tipoiramente constipado e fugido ao tempo inverniso que fazia quando recebi um bilhete amavel do dr. Cerqueira Coimbra para lhe ir falar a casa do Rodrigues da Silva, á Portagem, onde estava hospedado como velho e intimo amigo. La fui de bem que contrariado e receoso do agravamento do mal estar.

O dr. Coimbra tambem estava recolhido, um pouco endoflixado; disse-me com certo acanhamento e delicadamente que em Monte-mór-o Velho havia tumultos desde a vespera, que o Joaninho estava revoltado e desejava que eu fosse ver o que havia, q. já tinha requisitado força de Cavalaria para acudir, etc. etc. Eu, amavelmente, lembrei-lhe que estava tambem encatarroado e o tempo muito agreste; ele, boa pessoa como era estava p.a ceder e dispensar-me de diligencia, mas a presença do Rodrigues da Silva que era duro e que intremeio outra com amabilidades, fez com que insistisse e me predisse «mais este sacrificio...»

Eu despedi-me abarracido, fui a casa tardar-me e no Comissariado escolhi dois guardas de confiança, homens fortes e resolutos que iam armados como eu também; e lá fomos em automovel aberto, por tarde brumosa e fria a caminho de Montemór-o-Velho. Lembro-me de que levava um cache-col grosso sobre a farda, a embrulhar o pescoço sem respeito pela indumentaria militar. Mas havia muita humidade e caiam, de quando em quando uns chuviscos.

A ponte grande cheia no Mondego; a estrada em dois ou quatro pontos mais baixos estava cortada pela agua e o carro passou com as cautelas necessarias.

Entrados em Montemór, na rua central, antes de chegar á praça onde está o edificio camarario, notei grande aglomeração de povo, homens e mulheres, que tomava a rua toda. Aproximei-me, o carro parou e vi á frente da multidão uma forte mulher que empunhava uma grande bandeira verde e vermelha presa a uma haste afeiçada a bandoleira larga, á laia da Maria da Fonte... A rapariga era exemplar perfeito de mulher e foi a ela que me dirigi, atencio-

parente, e perguntei pelo sr. Melo Braudão, nome que o Governador Civil me dera como o do dirigente da insurreição.

Ora estavamos mesmo em frente de uma farmacia onde funcionava o quartel-general dos insurrectos; e se me não engano nesse Melo Braudão era o dono da farmacia. E' claro que o policia ao ver-me e aos dois policias, aproximou-se com ares pouco tranquilizadores; e como me dissessem que era ali que estava o homem, entrei na farmacia e da porta, com ar de troça, disse á multidão:

— Descansem que não venho prender ninguem!

Entrei e encontrei-me em frente dum individuo com cara desconfiada e receiosa; perguntei pelo sr. Melo Braudão; notei certas hesitações que me levaram a dizer com ar familiar mas decidido:

— Oh senhores! eu não venho prender ninguem! O sr. Governador Civil recebeu um telegrama do sr. Braudão e mandou-me aqui para saber, de perto, o que ha, etc. etc.

Então lá de dentro, como nos teatros, apareceu um sujeito alto, boa figura, com ar

desembaraçado, que me disse ser o decano Vado Abel Braudão. Pedi conversa particular; deixei á porta os dois guardas com ordem de não deixarem entrar ninguem que fosse e entrámos para uma saleta, naturalmente o laboratorio, já que não tem livro m.to bem.

Do que me lembro é que os honrei ao ver as minhas intenções pacificas e o meu ar familiar, desabafáram. É claro que a conversa não sou capaz de reproduzir; mas o que me ficou bem na memoria é que a insurreição (se assim se lhe pode chamar) vinha de antigas questões politicas entre os progressistas e regeneradores, que Vós que naquele momento de transição se acentuaram com o evidente predominio do influente José de Napoles, da Granja do Ulmeiro. Este dizia-se afrontado (e é natural que assim fosse) pelo dr. Antonio José de Almeida de quem ficou amigo dos Vossos em que ambos viveram na Ilha de São Tomé, este como medico, aquele como negociante de coisa que o valha.

Não sei já se o José de Napoles era progressista se regenerador; o que me parecem

certo é que os contrarios promoveram a manifestação a que deram fóros de afirmação republicana como protesto contra o pre dominio que o outro pretendia afirmar; e como este, o Napoles, não se declarou republicano, o protesto era como repudio da politica monarquica de caciquismo. Era pois uma questão de familia a que eu achei certa graça e que tive aceitar como afirmação republicana para não excitar os animos e para compreender melhor o que se passava na velha terreola de Fernão Mendes Pinto e de Jorge de Montemór.

Quando entendi que estava suficientemente esclarecido, levantei-me e dispuz-me a regressar; porem, cá fóra havia alguma excitação e o povinho parecia duvidar das minhas intenções. Saí da farmacia e dirigi-me para a Camara Municipal onde deveriam estar as autoridades. Não encontrei nenhuma delas; o administrador do concelho e o presidente da Câmara, gente do José de Napoles, desapareceram com medo... E eu então fui a uma das janelas que deitavam para a praça e falei á multidão que enchia a enchia.

O meu discurso foi rapido; disse o suficiente p.ª os aquietar e que ia instruído acerca das aspirações do povo de Montemór; que exporia tudo ao sr. Governador Civil e estava certo de que este senhor com o seu bom criterio encaminharia tudo no bom sentido, etc. etc. Dei quase a entender que simpatisava com as razões daquele movimento — e nisso era sincero porque tinha má impressão do José de Napoles, tipo de cacique eleiçoeiro de poucos escrupulos.

Enfim, amancei as féras e deixei-as na convicção de que não haveria novidade; fui aplaudido, a filarmonica tocou a Portuguesa e a insurreição ficou assim, praticamente, dissolvida. Despedi-me afavelmente dos dirigentes, prometi-lhes informar o Governador Civil com a melhor vontade e larguei, estrada fóra, para casa, um pouco mais encatarroado do que fôra.

No caminho, pelas alturas de Tentugal, encontrei uma força de Cavalaria comandada por sargento. Mandei alto e dei ao rapaz instruções correspondentes ás minhas palavras e afirmações; recomendei que entrasse em Montemór como amigo, que tra

Fosse bem toda a gente, que não tomasse decisões para lá aparecer novo administrador, até. até.

A chegar a Coimbra, fui ao Governo Civil; o dr. Barqueira Coimbra estava no seu gabinete com uma comissão de individuos de Verride, adversarios dos revoltosos que ia expôr as suas opiniões; estava tambem o dr. Angelo da Fonseca que era nesté caso (como eu m.tos outros) um pouco agulha ferruginosa. Expuz o que se passou, livremente; lembro-me até de que lancei sobre os presentes um pouco de ironia, á minha maneira, o que ia ofendendo os commissionados de Verride e o proprio dr. Angelo que, amigo como era do José de Napoles, deu parte com o meu desembaraço fascista.

Enfim, aconselhei o Governador Civil a mandar um administrador de fóra da terra, que poderia ser militar, para apaziguar os animos e fazer politica republicana. Pedi licença para me retirar e recolher a casa; o dr. Barqueira agradeceu-me e acompanhando-me ao corredôr, dizia-me em segredo, como concordando com o que eu expozera:

— Tomára eu que se esmurrassem uns aos outros... Em republicanos é que de certo não batem. Naturalmente não ha lá nenhum...

E era mesmo assim.

Prometi ao dr. Cerqueira apresentar-lhe um oficial capaz de ir para Montemór e regressei a casa curar ou procurar curar a catarreira. Ao entrar em casa ia satisfeito com a aventura. Fôra uma novidade e sempre era sucesso que dava azo a ser contado depois com boa disposição.

E a verdade é que sempre que passo em Montemór-o-Velho, lá olho para a farmacia que ainda está como ha 48 anos e para a janela da Casa da Camara de onde arenguei ás turbas. E o episodio lembra-me como recordação picaresca.

No dia seguinte procurei o José Maria de Sousa Napoles, já tenente se me não engano no regimento 23 e propuz-lhe a ida como administrador; ele achou graça á proposta, tanto mais que sendo parente do cacique da Granja do Ulmeiro, não gostava dele. Como tinha automovel seu, não lhe custava a missão; aceitou, o dr. Cerqueira

gostou dela e em 23 de Dezembro foi confirmada pelos jornais a nomeação.

É claro que o primeiro cacique deu por paus e por pedras; mas o rapaz lá se manteve uns meses e, com alguma habilidade, fez perder àquele certa parte da sua influência política.

E acabou-se a história da revolução de Monte-mór-o-velho. Guardei recortes de jornais e uma proclamação do grupo revolucionário que ficou arquivados com outra documentação em caixa em pasta especial.

E que mais tenho para contar acerca da minha aventura como Comissário Judicial? Quase nada.

Em 19 de Dezembro, três dias depois do episódio que acima contei, despedi-me da corporação e na Ordem de serviço desse dia, deixei dois artigos que aqui ficam transcritos:

«§... — Tendo recebido em 16 do corrente um ofício da Agência do Banco de Portugal nesta cidade que me transmitia os agradecimentos da Direcção do mesmo Banco

pelos serviços prestados para a descoberta do crime de passagem de notas falsas de 20$000 reis; e como estes agradecimentos não devem ser para mim mas para o cabo nº. 8, Simões, chefe da secção da Judiciaria e para o guarda nº. 58, Diogo, da mesma secção, pois foram estes que tudo fizeram e a quem se deve a boa execução do serviço — eu dou conhecimento á corporação destes agradecimentos para que elles não a quem de facto pertencem. *

«§... — Deixando hoje este logar de Commissário de Policia que occupo desde o momento difficil da proclamação da Republica, em despeço-me de toda a corporação por este meio dizendo ao mesmo tempo que sempre me foi grato ver a fórma como todos procuraram fazer o serviço quer por iniciativa propria quer interpretando ordens ou indicações minhas; a todos, pois, dou testemunho da m.ª satisfação por poder dizer que saí do logar sem ser obrigado a applicar um castigo, tendo, antes pelo contrario, alguma vez occasião de louvar.»

E assim terminou a aventura... Os jornais mal deram conta da minha saída mas deram conta da substituição pelo Flo ro Henriques que era o verdadeiro aspiran te ao cargo.

Era, pode dizer-se, «o desejado.» (1)

E fui para casa, tranquilamente, gozar a minha anterior situação de inatividade temporária.

Lembro-me bem de que um dia o Dr. Nogueira Lobo, então nosso médico assistente, indo a minha casa por qualquer motivo, no tempo em que ainda era comissário, me perguntou qual era a minha situação militar quando largasse o Comissariado e se eu não tinha tratado de futura colocação

Perante a minha resposta que o informava da situação e de que não tratara e não trataria de nada, o Nogueira Lobo abriu os olhos com certa admiração: então eu ia deixar correr assim as coisas, ao Deus dará? Eu encolhi os ombros e disse que não era a mim que isso competia.

---

(1) Ver no fim do vol. a pag. . . . uma notícia de qualquer jornal que recortei.

No dia seguinte a esta conversa, o dr. Cerqueira Coimbra pediu-me para ir ao seu gabinete; perguntou-me o que é que eu queria quando largasse o Comissariado. Vi logo que fôra o Nogueira Leite que lhe dis. para qualquer coisa e respondi talvez um pouco secamente «que não queria nada...»

O dr. Cerqueira, amavel, conciliador, fez-me ver que eu estava a ser injusto com ele e até comigo; que certamente quando terminasse o periodo da inatividade, no ministerio da Guerra poderiam colocar-me em qualquer regimento afastado, etc. etc. Foi correcto, claudicou, mostrou-se amigo, afirmou que trataria do meu caso com a melhor vontade e que o Correia Barreto atenderia os meus desejos. Mas... lembro-me de que não correspondeu á boa intenção dele e mantive-me na minha intransigencia: não queria nada!...

Hoje, quase 50 anos depois, ao recordar isto, não reprovo a minha intransigencia q. cheirava a casmurrice. Eu andava irritado com tudo aquilo, o meu feitio não se dava com o ambiente, o fígado começava a dar sinais; o meu desejo era isolar-me e

se não estivesse casado e com uma filha, optaria por qualquer guarnição afastada onde me esquecessem e me deixassem sossegado.

O então capitão José Coelho Correia da Cruz oportunista para valer ou antes arranjista consciente, dizia-me nessa altura:

— Trata de te governares aqui... Se não aproveitas a ocasião, perdes, mais ver...

Ele tinha, de facto, razão. Mas eu não tenho vai arranjar-me como aliás o não fiz em qualquer outra ocasião.

O certo é que o dr. Cerqueira Coimbra falou em mim ao Correia Barreto ou aos jovens Turcos, não me lembro o que o Nogueira Lobo depois me contou, e foi resolvido colocarem-me no regimento de Infantaria nº. 23 para não ser obrigado a sair da terra.

E numa ordem do exército ainda dos fins de Dezembro lá fui colocado ou, antes... arrumado. E um jornal dos sargentos que então começaram a ser gente, deu a notícia anual que adiante fica guardada.[1]

---

(1) A pag. ... no fim do volume. A Dir. do Ex.to

E, salvo erro ou omissão, creio que foi tudo... E chegou.

Ora voltando ao Comissariado e para acabar:

A conclusão que ainda hoje tiro daqueles 70 dias de autoridade policial é que fiquei a ignorando alguma coisa que não conhecia e que os homens apareceram-me debaixo de aspectos que também não conhecia nem imaginava. Devo contudo confessar hoje, ao fim de quase meio século, que, mesmo assim, a lição não me aproveitou muito... Não fiquei suficientemente instruído, para meu proveito, pela vida fóra. É bem que magoado com certos procedimentos de meus e de outros, tive sempre depois a generosidade de esquecer.

Mas adeante. Já não tem remédio. No fim da vida que fazer senão lastimar? E eu então que tenho tanto que lastimar!

Conheci durante aquele tempo muita miseria social e também - me de que, ás escondidas dos guardas, paguei algumas multas que me pareciam injustas, impostas a desgraçados que não tinham com que pagar;

lembro-me de que passei por cima de muita transgressão cuja participação me parecia ou por má vontade dos guardas ou por excesso de posturas. E se aqui entrasse na apreciação do que se me revelou a respeito das toleradas, teria muito que dizer.

Os rapazes que descuidadamente passam pelas casas de tolerancia e se divertem muito bem, não sabem o que há nos bastidores daquele verdadeiro inferno. Vim a sabe-lo eu mesmo autoridade e bem me recordo de quanto me custaram algumas interferencias na vida daquelas desgraçadas.

Enfim... que direi mais?

Direi ainda, como curiosidade, de que ao periodo de 70 dias me fez construir dois sonetos, dois soberbos sonetos de desacato e de capricismo em que comparava os entusiasmos dos primeiros dias com a triste realidade do cargo e a mais triste realidade da qual nader dos haveres.(1)

Uma nota que encontrei entre as muitas tomadas á pressa nesse epoca para que

---

(1) Talvez os deixe transcritos no final do volume se a isso me dispuser...

mais tarde me não esquecessem e me podesse guiar para reconstituir os sucessos, diz o seguinte:

«Para mim, unir dois pontos, não déve ser sempre por meio duma regua e zas! uma linha recta. Ha sempre maneira de os ligar, com arte, com belera, com amôr.

«Assim tambem uma curva fechada: não devemos só pegar num compasso e traçar uma circunferencia. Ha curvas fechadas elegantes, lançadas com arte... etc.»

Tenho presente as razões que me levaram a escrever esta nota num bocado de papel; não quer ela dizer que se use processo tortuoso ou se fuja á rectidão de procedimento ou se encare a verdade... ás avéssas; não é tambem o caso de dizer como o ditadôr Sila, segundo conta o seu panegirista Leon Daudet, que desconfiava sempre dos caminhos muito planos.[1] Quiz apenas acentuar que ha muita maneira de resolver problemas dentro de todas as regras do

---

[1] Sylla et son destin, pag. 40, no cap. II.

Dever e da Honorabilidade. Em 1919, no Por. to, durante a ocupação da cidade a seguir á Monarquia, o Pereira Bastos, comandante da Divisão, quando se discutiam os proble. mas preliminares da guerra e se afreso. vavam decisões, dizia e com razão:

— Meus senhores, olhem que ha muita maneira de matar gulgas...

Este modo pitoresco de dizer continua afi. nal toda a sabedoria que eu quiz exprimir naquela nota que ficou acima transcrita.

A moralidade dos homens, a má-fé, as am. bições, andaram um pouco á volta naquele periodo que, á vista desarmada só parecia de entusiasmo. E a linha recta a que aci. ma aludo era traçada, receitas veres, com qualquer tinta venenosa.

E pronto...

Naquele dia 19 de Dezembro, ao largar o edificio do Governo Civil ia com alma no. va se bem que acobardado.

Pelo meu espirito passava a duvida: de que servira aquele sacrificio de setenta dias, tanto a mim como ao regime nascen. te? Queiro crer, hoje mesmo e sinceram.te, que mau a um mau a outro o sacrificio dos

qualquer proveito. O erro veiu do começo, da minha chamada para cargo para q. nunca devia ser chamado.

Mas enfim... Acabou-se.

Coimbra e Paz (Mafra)
11 de Junho a 13 de Agosto
1958.

III

. «... e vou deitar ao papel as reminiscencias que me vieram vindo.»

Machado de Assis: Dom Casmurro, cap. II.

«As lembranças não morrem; adormecem e acordam ao menor ruido.»

Teixeira de Pascoais: Livro de memorias, pag. 28.

Disse atraz, no final do capitulo anterior, que uma Ordem do Ex.mo dos fins de Dezembro de 1910 me colocou em Infantaria nº 23 com regosijo dum jornaleco de pargantos.

Estava terminada a minha aventura policial e, posso dizer, bem tristemente.

Com o mês de Janeiro de 1911 começava nova vida para mim; pensava-me um menino e lembro-me bem de que toda a minha tendencia, nessa altura, era para o iso

lamento. Um ano antes dera-se o caso de recusar ir ao beija-mão episcopal; e durante esse ano quantas coisas passáram por mim e me abateram em parte sem contudo (vá lá, e sem basófia...) me tirarem a firmeza nas ideias ou nos principios embóra, confesso, um pouco fóra das realidades.

Lembro-me de que namorava uma frase de Eça de Queiroz com ressáibos horacianos, que me ficára na memoria: «Antes "possuir apenas um quintalejo com uma va"ca para o leite e dois pés de alface para as "merendas de verão...»[1] Isto é, o isolam.to os «portos quietos» de que falava o quinhentista António Ferreira[2], o afastamento de tudo que me viesse lembrar o desastre dos setenta dias de comissario.

É natural que houvesse algum exagero; hoje, ao fim de quase 50 anos a visão é um pouco diferente. Compreendo muito bem o meu estado de espirito de então, entregue a mim proprio, sem qualquer conchego moral. A familia não o dava porque não sen

---

(1) Cartas de Inglaterra, pag. 5 da 1ª edição.
(2) Poemas Lusitanos, v. II, Liv. II, carta 4ª.

via o que se passava em mim; e os amigos... Ai lá! Eu veria amigos? Hoje tenho algumas dúvidas.

E assim, compreendo bem: eu vinha ferido na minha boa-fé, na sinceridade com que me lancei ao trabalho e daí o desânimo que se apoderou do meu espírito e que levou a grande tristeza e desalento.

Ora o dia 1º de janeiro, um Domingo por sinal, era dia de «boas-festas»; como já estava colocado no regimento, entendi que devia ir ao quartel cumprimentar o coronel Rego Chagas, juntamente com a corporação segundo as velhas praxes. E lá fui.

Que diferença entre o dia de 1911 e o do ano anterior! E os cumprimentos ao bispo?... Ninguém se lembrou de que existia o bispo-conde de Coimbra. Como tudo esquece! E quem sabe se o velho prelado ainda na ilusão de que a República lhe não tiraria aquela honra da visita dos empenachados oficiais, esperaria os cumprimentos!

Mas aquela canalha agaloada... Como era toda festas para mim! O primeiro até a dar-me um abraço de felicitações pela mi-

nha volta ao regimento « de onde nunca "deveria sair..." » foi o Luis Guilherme Nunes de Carvalho. Abraço falso, certamente; não esperava outra coisa dele.

E os outros...

A' excepção do capitão Clemenegildo Pes. Faria que parece não gostou de me ver (não sei porquê) os outros foram de estranha gentileza. O coronel Gonçalo Pimenta de Castro num livro de memorias conta casos de alta não rapida, instantanea, e diz muito justamente: « ... esses eram rejeitados. » (1)

Deixa-los lá.

Depois fui visitar o Dr. Cerqueira Coimbra que estava em casa com uma furiosa constipação. Conversámos bastante; e disse-me que, embora eu saisse do Comissariado, « me não considerava despedido » sinal de que, em alguma ocasião futura, me chamaria — o que não chegou a realizar-se. No tempo da conversa queixou-se-me do Dr. Fernandes Costa que estava fazendo uma politica imoral no distrito e que não lhe ligado importancia a ele, Cerqueira Coimbra;

---

(1) As minhas memorias, vol. 3º, pag. 177-178

e contou até certos factos que não depõem muito a favor daquele. Iam pelos mesmos processos da Monarquia; ficou tudo na mesma se não ficou muito piór. Depois mostrou-se desgostoso com a politica local e disse-me que apenas ficaria até ás eleições; e em breves palavras interrompidas pela tosse mostrou certa nostalgia da sua Amarante, da sua terreola em frente do Marão, quieta e acolhedora. E eu deixei-o entregue ás recordações.

No dia seguinte, 2 de Janeiro, 2ª feira, para compensar dos aborrecimentos e ter alguma esperança de vida util e mais agradavel, meu tio Albino da Silva propôz-me o seguinte: o governo vai nomear uma comissão para arrolar os objectos de arte do distrito e reuni-los em museus; pois para essa comissão, como auxiliar do Antonio Augusto Gonçalves que a ela presidirá, lembrou-se ele de mim.

E' claro que aceitei. Mas tudo dependia da organização dos serviços artisticos que veiu mais tarde e creou os Conselhos de Arte e Arqueologia de que adeante m.to se falará nestes cadernos cheios de bagatelas.

Dez volvidos nove meses, dia por dia, apresentei-me eu 10 de Janeiro, era uma 3ª feira, no regimento de Infant.ª nº 23 onde caí pela terceira vez como um derrotado.

Nove meses volvidos!... O tempo passa depressa... ou de vagar... Sei lá!... O que sei é que de novo entrei no casarão do velho colegio da Graça onde o P.e José Agostinho de Macedo deu que fazer aos diligentes da ordem.

No fim do volume (1) fica transcrita, por curiosid.e a guia de marcha com que me apresentei e que ainda era do regimento de Portalegre. E', ao menos, a recordação dum papel que me acompanhou muitos seguidos na vida variada que tenho e que continuaria a levar se não houvesse a mudança de regime.

Fiz a apresentação sem novidade de maior — além da curiosidade de uns e de certo afastamento de outros. Mas o regimento já era diferente e deu-me a impressão de que a vida não seria tão má naquele casarão carunchoso como foi anteriormente.

O coronel Rego Chapas dava ao comando uma feição democratica; não havia na

---

(1) A pag. . . .

secretaria o ar de mistério e desconfiança que se notava noutros tempos; conversava-se livremente, a atmosfera era outra.

— Dada a maneira por que saí do Comissariado, que me magoou, mais a reacção natural em quem sempre procedeu de boa-fé e com boas intenções. Dominou-me a vontade de renunciar a tudo o que fosse evidência, a desaparecer e isolar-me. Deixei de ir á Baixa onde só ia por recreio de forças maiores; deixei de aparecer no comité revolucionário ao qual, aliás, não fazia falta; larguei toda e qualquer interferência política e pensei mesmo em renunciar ao malhete de venerando da Loja Portugal.

Para que ficar eu de andar metido em coisas e loisas onde não encontrava sinceridade? Matei-me, pois, eu Vale-de-Lobos como o meu querido Herculano; e desse recanto de Vale-de-Lobos (ou seja da rua de Veríssimo Rodrigues) escrevi em 6 de Janeiro uma carta ao Faro Municipal nas vésperas das eleições da minha Loja por me dizerem que eu seria re-eleito venerando. A carta aqui fica como documento curioso do meu estado de espírito

nessa altura em que ainda estava debaixo das impressões variadas e, para mim, tristes desde o dia 5 de Outubro.

« Vale de Lobos, 6 de Janeiro de 1911 — Meu caro Floro — Razões fortes me levam a recusar a re-eleição para veneravel da Loja Portugal, mas de ordem tão abstracta que receio dize-las a todos. — Sabe que não tenho ambições e que fujo á evidencia. Sabe como o meu feitio não é para dirigir coisas como a nossa Loja que tem responsabilidades. Sabe que não tenho qualidades de combate ou energia necessarias para o novo caminho que a Loja deve e tem a necessid.e de encetar. — Conhece-me bem para ver que eu nunca devo passar de ser aquilo que tenho sido: um homem dedicado ás coisas antigas da Historia e que por distracção escreve ás vêzes em estilo semi-ironista prosas desconexas; e que me seria terrivelmente amargo ver aqueles que agora me julgam como nenhum outro competente e necessario no lugar, arrependerem-se de me terem escolhido e verem-se na dura obrigação de pensar noutro — Pense nisto e faça propaganda a favor de outro. É um favor e um

acto de boa politica. — Sinto-me bem, tranquilo, mesmo, em Vale de Lobos. — Sem mais, etc. — (a) B.P. »

Fiquei depois com a impressão de que o Pero se riu e os outros o teriam acompanhado nessa alegre manifestação.

E, afinal, fui reeleito.

E no quartel a vida seguia monotona; cá fóra continuavam as desconfianças, não sei, até, se algum medo. E esse estado de espirito publico dava desinquietações como a da noite de 13 de Janeiro de que encontro aqui uma nota escrita no dia seguinte a que me vou referir — mais a memoria já não reproduzia o processo com fidelidade devida.

Nessa noite estava de prevenção no quartel e conversava placidamente com o capitão Manuel Caixeira de Morais, de inspecção ao meu sitio se chamavam os serviços diarios. A certa altura começámos a ouvir-se, ao longe, vivas e percebeu-se que era uma manifestação que se aproximava.

Fui á janela: escutei... olhei... Pela rua da Sofia fóra vinha uma onda de gente e dos da onda saía incessante vivório, revolucioná-

rio, naturalmente vermelho, a avaliar pelos vivas aos traidores e á reacção, pelos vivas á Liberdade, á autonomia da Patria e á Republica. Confesso que não desgostei...

Era a manifestação que andava na mente de todos os liberais e que ocultamente se provocava contra a «infame talassaria.»

O assalto aos jornais monarquicos em Lisboa, se teve que acto de intolerancia reprovavel, foi um exemplo; e como em Coimbra havia centros de carácter onde reaccionarios se juntavam para inventar boatos e muitas vêzes infâmias e um jornal monarquico de estudantes no estilo do Povo de Aveiro tinha tido guapeza desbragada, pensou-se ocultamente num assaltósinho a esses lupanares de infecção, conforme dito do Vampiro.

A ocasião faz o ladrão, diz o ditado; nessa noite de 13 uma discussão azêda de mais na Flavienense, na Calçada, fez reunir gente ao começo por curiosidade; depois começaram os protestos, insultos, e a multidão, como por encanto, cresceu.

E prontos... ao primeiro grito de «abaixo os traidores!» desencadeou-se a tempestade. Era ver, então, os talassas a fugirem

e os donos dos estabelecimentos onde eles se reuniam a pô-los fóra e a fechar as portas. Foi uma limpeza...

Dentro em pouco a manifestação moveu-se rua abaixo e foi ao quartel dar vivas ao exercito revolucionario — como se houvesse exercito revolucionario...

Foi então que eu os vi aproximar, pela rua da Sofia fóra, em conjunto ameaçadôr; em frente do quartel paráram e a berraria continuou. O capitão, comigo, desceu á porta das armas ver o que havia; e eu, ao avistar o Francisco da Fonseca, o Francisco de Sta Clara, no meio da multidão, desci á rua e perguntei o que acontecera.

Fomos, então, informados do que se passára e para acabar com aquilo resolvi dizer umas coisas amaveis, em voz baixa, para não parecer discurso e afirmei-lhes que ali, do quartel, não havia que receiar, que o exercito cumpriria, etc. etc. — lérias que sempre se diziam para acalmar. E a manifestação la desandou, rua acima, menos barulhenta; e eu olhei para o capitão Morais e encolhi os ombros, com ar de enfadado, como de quem diz: «que quer que lhe faça?...»

.Naquela altura tinha que ser assim. E na verdade era assim que se vivia, sempre com suspeições dum e doutro por dá cá aquela palha, não sei se fundamentadas ou se produzidas pelo medo duma volta á monarquia depois de tanto exagero republicano e tanta precipitação em mostrar dedicação e serviços... escusados.

Poderia ser tudo junto.

O tempo mostrou que certas posições tomadas por creaturas para carreiras eram puramente intencionais, com muitos interesseiros. Depois de 28 de Maio de 1926 uma multidão se descoloriu ás claras e mostrou bem a sua miseria moral.

Mas adeante.

Dessas desconfianças e suspeições nasceu uma Liga Militar que bem intencionada, quero crer, talvez désse resultado até certo ponto contraproducente. De começo tudo correu bem porque se limitou a acção a pouca gente; depois, como sempre acontece, começáram a alargar os limites impostos e daí a dificuldade em manter o sigilo necessario e disto tudo nuvia a desconfiança naturalmente e da desconfian-

N.1

23-dez.º 910

Confidencial

Cidadão

No actual momento historico, em que republicanos da ultima hora podem trazer perturbações para o nosso paiz e talvez a absorpção dos antigos liberaes, torna-se necessario, que estes velhos elementos não descansem antes continuem n'uma propaganda activa e efficaz.

N'estas condições foi resolvido organisar-se no Norte um nucleo de velhos republicanos militares, que pelas suas ideas desejem continuar a luctar até final a definitiva consolidação do actual regimen.

Sendo vós conhecido n'~~uma~~ essa localidade, como um dos mais valiosos elementos liberaes, rogamos-vos o favor de nos informar se desejaes fazer parte d'esta liga na qualidade de delegado da mesma.

Se assim o desejardes, ser-vos-hão enviadas as respectivas instrucções pelas quaes podereis regular a vossa propaganda.

Podeis dirigir a vossa resposta que pedimos seja rapida, para Manuel Gonçalves Correia, rua das Flôres n.º 90.- Porto.

A resposta deve vir em 2 envelopes, trazendo o interior a designação. "Commissão".

Cidade

ça grande mal estar nos ambientes regimentais.

Vou contar, com minucia porque guardei elementos suficientes para reconstituir rasoavelmente o episódio; e o melhor é, apenas com lixeiros comentarios para elucidação e lixação dos documentos, transcrever toda a papelada que conservei.

E ver-se-ha que o episodio é curioso e mostra como naqueles começos de regime andava tudo ~~ás~~ um pouco ás aranhas. A intenção seria boa, não nego; mas como os republicanos chamados historicos no exercito eram poucos e mesmo nesses poucos nem todos tinham alma lavada, deu o resultado que, por amisade duns e leviandades doutros, se intrometeram maus elementos que deram consequencias desagradaveis.

Mas, enfim, vamos lá á historia.

Em 23 de Dezembro de 1910 recebi uma circular impressa com a nota de confidencial e sem assinatura e apenas indicação de pessoa a quem se deveria responder. Fica junta, neste volume p.ª evitar transcrição.

No dia 25, por sinal que dia solene para a cristandade, respondi do seguinte módo:

«Cidadão: Só hoje respondo porque tenho andado doente. Agradeço as palavras amaveis que me dirigem, mas devo dizer que como não tenho o gosto de conhecer o signatario da circular, desejava que me provassem por qualquer meio, a verdade dos projectos para que se péde a minha coadjuvação. — No entanto, podem ter a certeza de que em coisas que tenham por fim combater a reacção ou auxiliar a consolidação da Republica, eu trabalharei sempre com a melhor boa vontade. — Conto receber as instruções de que me falam para assim ir avaliando os trabalhos futuros. — Saude e Fraternidade. — (a) B.P.»

Cautelosa mas amavel, como se vê. Em 29 veiu a resposta assinada pelo capitão de Artelharia José Tristão Pais de Figueiredo, na verdade republicano antigo e homem serio. A carta vai copiada embora a guarde na colecção q. tenho em caixas:

«Porto, 28 de Dezembro de 1910 — Confidencial — Cidadão e Camarada — Um grupo de oficiais, velhos republicanos, reconhecendo a necessidade de republicanizar o Norte

do país e de estudar com atenção o valor das adesões de camaradas, resolveram estender pelo Norte, àquem Mondego, uma vasta organização. O que pretendêmos é fazer uma activa propaganda e estabelecer um solido apoio à Republica, contribuindo assim para a sua consolidação; o que constitue as bases da nossa organização é isto, como vereis pelo impresso que brevemente vos será enviado.
— Este trabalho, como bem comprendeis, para ser proficuo precisa de ser conduzido secretamente; por isso nos dirigimos só a oficiais velhos republicanos e por isso na carta-circular figura, não assinou, o nome de um honesto negociante e devotado republicano que se promtificou a servir de intermediario no recebimento da correspondencia. Este negociante só um de nós conhece e não sabe do que se trata. — Posto isto, nenhuma duvida tenho agora de, em nome dos nossos camaradas, vos escrever esta carta devidamente assinada para desfazer os vossos receios. O signatario estive comvosco em Coimbra por occasião da estada do Ex.mo Ministro da Guerra, aí, de cujo sequito fazia parte.
— Saude e Fraternidade. — (a) José Tristão

Pais de Figueiredo — cap.ão de Artelh.ª 5.»

Como se vê os propositos eram largos e... romanticos: republicanizar o Norte do país, nem mais nem menos! Bons rapazes, esses, em que se acreditava na possibilidade da republicanização do país.

Ora eu respondi logo, em 31 do mesmo mês, com a seguinte carta:

«Meu Capitão: — Recordo-me muito bem de Vós. e á vista da sua carta em estou ao dispôr dos meus camaradas e correligionarios. — E' realmente necessario o trabalho que querem empreender, pois que o facto de a maioria dos oficiais ter aceitado o regime não quiz dizer que o passou a servir com amor. — Estou, pois, ao vosso dispôr e espero instruções. — Sou mais, creia-me, etc. etc. — (a) B.P.»

O capitão Pais de Figueiredo respondeu em 7 de Janeiro seguinte e mandou um impresso com as bases da organização da Liga. Ainda estou a ver este oficial artelheiro, forte, espadaúdo, expressão energica com certa du-

LIGA MILITAR REPUBLICANA

Bases da sua organisação

1.ª O grupo dos officiaes conhecidos como antigos republicanos e pertencentes á guarnição do Porto, constituir-se-ha em associação que se denominará — *Liga militar republicana* —.

2.ª Nesta liga poder-se-hão filiar outros officiaes, que, apezar de não serem conhecidos como republicanos, antes de 5 d'Outubro, deem provas de que podem vir a ser fieis servidores da Republica.

§ unico. A sua admissão far-se-ha segundo um formulario que será opportunamente estabelecido.

3.ª Pela assembleia geral da Liga, será eleita uma commissão executiva de 9 socios, na qual entrará, sendo possivel, um representante de cada unidade e serviço.

4.ª A Liga estabelecerá relações com todos as unidades d'aquem Mondego por intermedio de um official residente na localidade, o qual será considerado delegado da commissão executiva.

5.ª Este delegado terá poderes para organisar uma associação de officiaes republicanos analoga á associação central do Porto.

§ unico. Havendo na localidade mais de uma unidade e em cada unidade um delegado, os delegados resolverão entre si sobre a conveniencia da formação de um unico grupo nessa localidade.

6.ª A commissão executiva procurará directamente, ou por intermedio dos seus delegados, pôr-se em contacto com as organisações civis ou militares existentes, ou que venham a formar-se, prestando-se mutuo auxilio e harmonisando os processos de propaganda e combate.

§ unico. Quando em qualquer localidade não haja organisação civil, devem empregar-se todos os esforços para a promover.

7.ª A Liga, procurará, pela commissão executiva, ser ouvida nas estações superiores, prestando sempre com toda a lealdade as informações que por ellas lhe forem pedidas.

§ unico. Estas informações sahirão do archivo secreto da Liga, ao qual serão fornecidas pelos seus delegados em face de um questionario que lhes será proposto.

8.ª A Liga pôr-se-ha em relações com o Directorio do partido republicano, quando veja nisso conveniencia.

9.ª O fim da Liga é: defender as instituições republicanas, e com este intento, procurará:

a) Dirigir uma propaganda activa e energica a favor da Republica.

b) Promover a collocação de officiaes de confiança em logares de responsabilidade, e adoptar todas as medidas tendentes a evitar deslocações injustificadas.

c) Combater todas as vaidades e ambições que sejam prejudiciaes á Patria e ás instituições militares.

d) Desenvolver a instrucção civica e militar.

e) Contribuir para o aperfeiçoamento das instituições militares.

10.ª Para obviar ás despezas inherentes á sustentação da Liga, haverá uma caixa cujo fundo será formado pelas quotas e joias pagas pelos socios residentes no Porto.

§ 1.º Estas quotas serão pagas adeantadamente, mediante recibo.

§ 2.º As quotas são mensaes e não poderão ser superiores a 500 reis, e a joia não poderá ser superior a 1$000 reis.

Instrucções aos delegados da **Liga Militar Republicana**

I — E' interdicto ao delegado propôr alguem para filiado na Liga *sem previamente* ter enviado o seu nome para o presidente da secção de propaganda, acompanhado de um succinto relatorio em que se fundamentem as razões que levaram o proponente a suppôr que o official proposto possa prestar bons serviços á Liga.

II — E' interdicto revelar aos candidatos:

a) — Os nomes dos individuos que compõem a Liga.

b) — O local das suas reuniões.

c) — A maneira como a Liga está organisada.

III — Só poderão fazer parte da Liga:

a) — Os officiaes conhecidos como republicanos antes da implantação do novo regimen.

b) — Os officiaes que, não tendo feito nunca profissão de fé republicana antes de 5 d'Outubro, deem provas de virem a ser fieis servidores da Republica.

c) — Os officiaes cuja integridade moral não possa ser posta em duvida.

IV — Do relatorio do delegado deverá constar, a respeito de cada candidato:

a) — Qual a sua politica antes de 5 d'Outubro.

b) — Quaesquer provas da sua fé republicana.

c) — Factos que projectem alguma luz sobre a sua individualidade moral.

d) — Indicações sobre as suas condições de vida, de modo a poder concluir-se se o mesmo estará em circumstancias de arcar com as responsabilidades e consequencias inherentes á sua filiação na Liga.

e) — Tudo o mais que o delegado entenda dever dizer para completa illucidação do assumpto.

V — Depois de approvado o novo socio pela commissão executiva, e communicada a approvação ao delegado, começará este a sua alliciação, a qual terminará pela apresentação ao candidato da norma da declaração, que *será escripta pelo proprio punho do candidato* e assignada com letra bem legivel.

VI — Esta declaração será enviada *immediatamente e com todas as seguranças* ao presidente da secção de propaganda.

VII — Depois de accusada a recepção d'esta declaração, fica o candidato considerado como socio da Liga e portanto com todas as obrigações que são inherentes a esta qualidade.

VIII — Sendo um dos objectos desta Liga a defeza da Republica contra quaesquer tentativas de perturbação, sejam de que natureza forem, e convindo que a Liga possa *sem hesitação* lançar mão dos seus meios de defeza num momento opportuno, recommenda-se aos delegados a maior cautella no recrutamento dos candidatos, por isso que a Liga só deseja adhesões *absolutamente sinceras e desinteressadas*.

IX — A correspondencia será toda escripta na cifra que a Liga adoptar, e *sobre todos os assumptos relativos á Liga se guardará rigoroso sigilo*.

X — A correspondencia será toda dirigida ao presidente da commissão de propaganda.

Norma da declaração a que se refere o n.º V.

Eu, F... (posto), abaixo assignado, declaro que desejo ardentemente fazer parte da *Liga militar republicana*, para o que me comprometto pela minha honra a cumprir o que está preceituado nos estatutos da mesma, pondo neste cumprimento toda a minha vontade e dedicação, e sacrificando para isso os meus maiores interesses.

Prometto egualmente dedicar ao bem da Republica todo o meu enthusiasmo e trabalhar sempre para o engrandecimento da Patria, consubstanciada com ella.

..... de ..... de 191...

F.
(posto)

FOR MILITARY REPORT

resa até, dando a entender que era homem de
bão-bão, queijo-queijo e, como tal, de poucas
falas. Parecia-me bom observador e criterio
so e dizia-se que era bom oficial da sua arma.

O impresso fica aqui, junto a estas pagi-
nas e a carta dele é a seguinte:

«Porto — 7 - 1.º - 911 — N.º 1 — Camarada.
— Em vista do impresso que junto vos envia-
mos, convidámos-vos a fazer quaisquer
propostas relativas ao modo como a Liga po-
derá exercer a sua acção e faculdades ao seu
desenvolvimento. — As comissões paroquiais
e municipal do Porto projectam uma excur-
são a Lisboa de todo o povo republicano ao
Norte do Mondego, para cumprimentar o Go-
verno Provisorio da Republica — Convindo
que todas as unidades se façam representar
por uma delegação, tão numerosa quanto pos-
sivel, rogámos-vos que façais propaganda
desta ideia entre todos os camaradas e nos en-
vieis com brevidade uma nota do numero
aproximado de oficiais que tomarão parte na
excursão. — Ao snr. Ministro da Guerra va-
mos solicitar que autorize os comandantes
das divisões a conceder a necessaria licença.

— Oportunamente vos serão dadas mais amplas informações. — Saude e Fraternidade — O presidente da comissão — (a) José Cristão Pais de Figueiredo, cap. de art. 5. »

Como se vê eu era o único oficial que em Coimbra conhecia o caso; naturalmente dirigiram-se a mim por ser o comissario e como tal, de confiança — e assim fiquei o delegado da Liga na terra.

Nunca gostei muito destes encargos e só por honra da firma o aceitei. Naquela altura tinha que ser. Contudo quiz descarregar logo radicalmente a consciencia e como me aprouve no regimento 23 em 10 de Janeiro, entendi que antes de começar a propôr um e outro, seria melhor reunir os meios republicanos e expor-lhes o caso.

Assim fiz. E dessa reunião ficou assente a concordancia de todos e a resolução de trabalhar no sentido proposto. E com a certeza de que a delegação se organizaria e, vamos lá! mãos mal, escrevi nova carta em 16 de Janeiro p.º o Pais de Figueiredo e com ela iam seis propostas de oficiais.

«Meu Capitão: — Não respondi ainda á sua carta porque tive muitas duvidas quanto á organização da Liga. Pareceu-me, porem, resolvidas; e envio para aí as propostas conforme as instruções recebidas. Temos, agora, em Infantaria 23, felizmente, um bom nucleo de oficiais com tradições e alguns com ideas definidam.te republicanas; não é, pois, dificil a Liga ter aqui um excelente apoio. Estou convencido de que aceitarão todos de bom grado quando eu, segundo o preceituado no n.º V das Instruções lhes propuser a entrada na Liga. — Quanto aos grupos civis estão eles em Coimbra dependentes de um comité a que pertencem tres oficiais republicanos; por consequencia temos facilima comunicação. No entretanto pensei em organizar um outro nucleo de individuos sinceros e desinteressadamente republicanos mas com certa posição social, para efeitos, principalmente, de propaganda. — Quanto a oficiais não republicanos antes de 5 de Outubro, julgo melhor que a delegação, depois de instalada, os escolha. Eu, com franqueza, não quero, para mim, responsabilidades. Os que proponho são republicanos velhos. — Não sei se as m.as propostas irão coadunar os vossos

desejos, mas não sinceramente escritas e me parece que com verdade. — A respeito da excursão parece-me que não vi grande entusiasmo; no entanto continuarei a ver. — Creia-me, c/toda a consideração, et. etc. »

Propostas:

A) Major José da Silva Bandeira, de Infantaria 23. Republicano desde 1884, perseguido varias vezes como tal. Era major de Infantaria 15 quando este regimento recebeu ordem a 4 de Outubro para marchar para Lisboa; a ele se deve a ordem e firmeza da unidade até á sua entrada na capital, segundo depoimento de oficiais. E' excelente chefe de familia mas nunca colocou os interesses pessoais e as comodidades acima das suas ideias.

B) Capitão Alfredo Eduardo da Cruz, de Infantaria 23. Republicano desde a Escola do Exercito, actualmente Veneravel duma Loja Maçonica depois de uma eleição (ha um ano) vencida pelos elementos avançados que a constituiam. E' um caracter nobre, tolerante, generoso. Inteligente, muito instruido. Foi transferido, assim como eu, em Abril de 1910, de Inf.ª n.º 23 por que se colocou irredutivel com o coronel Inens

desde que nos recusámos a ir ao beija-mão ao Paço do Bispo em o dia 1º de Janeiro do presente ano. Creio que Vaz pertencido a vários comités revolucionarios em outras localidades.

C) Tenente Jorge Correia de Almeida, de Infantaria 23. Entrou no comité revolucionário de Coimbra desde Janeiro de 1910 quando este entrou em actividade de trabalhos. Rapaz sincero, bom caracter, cheio de fé e entusiasmo. Nunca receiou ir a reuniões. Foi este oficial que em Dezembro de 1908, numa jantar no Paço das Necessidades, falou com clareza ao ex-rei D. Manuel acerca do jesuitismo em Portugal, facto que lhe valeu a transferencia para Infant.ª nº. 23.

D e E) Tenente José Maria de Sousa Napoles e alferes Carlos de Mascarenhas Gomes, de Infantaria 23. Vieram para este regimento depois da revolta de Infantaria 15 onde eram republicanos decididos, pertencentes ao comité revolucionario de Tomar. O primeiro, ao tempo do 28 de Janeiro, pertencia ao regim.to 23 e fez parte do comité da cidade; é um caracter firme, resoluto, que lhe valeu então ser transferido sob hipocrito pretexto de disciplina pelo Jesuitismo — e que agora lhe valeu ser escolhido para admi

ministrador do concelho de Montemór-o-Velho por causa de uns tumultos políticos de caciques monarquicos.

F) Alferes Augusto Casimiro dos Santos de Infantaria 23. Ideias avançadas desde muito novo, embora bastante metafísicas. Rapaz de talento. Poeta. Ao tempo da revolução fez no 23 propaganda energica que lhe valeu adquirir prestigio entre os soldados e lhe valeria a desgraça de a monarquia renascer.

Surge agora o nome de Alexandre Martins Mourão, capitão do Guarda Fiscal no Porto que respondeu á minha carta e ás propostas. Não o conhecia e mais tarde, quando vim para Coimbra, viria a ser um mau elemento politico. Nunca gostei dele e ainda hoje faço dele a ideia dum sujeito sem principios e apenas arranjista. Teve contudo, aqui, grande influencia e foi aceite pela grande maioria dos republicanos como coisa boa, com aquela facilidade com que todos os ja jalvos admiram os audaciosos e intrujões q. conseguem levar a agua ao seu moinho — como acontece com os deputados de feira em dias de mercado concorrido.

Mas eis a história.

O capitão Maurão escreveu-me a carta que se segue:

«Guarda Fiscal. Comando da Circunscrição do norte. Porto, 27-1-911 — Meu caro Camarada — Rogo a especial fineza de enviar-nos as propostas para os nossos consócios em folhas separadas para poderem ser arquivadas depois de, em cada uma, ser lançada a informação da respectiva secção de inquérito da Liga como determinam as bases orgânicas. — É-me grato informar que as propostas já foram votados socios da Liga em assembleia geral, atentas as belas referencias que deles fez e o conhecimento proprio que membros da Liga deles possuem. — Mais me cumpre informar que a Liga possue já os elementos precisos para poder realizar os beneficios a favor dos seus socios a que aludem as nossas bases pois tem no ministerio da guerra bons auxiliares que devotadamente nos são dedicados.[1] Sobre este assunto ser-nos-ha en-

---

(1) Referencia á alinea b) da base 9ª da organização da Liga. Ver o impresso anterior.

viada circular que está a confeccionar-se. Proseguir, pois, nos vossos trabalhos de propaganda em favor da Republica. — Saude e Fraternidade — Somos com estima — Cam.da Corr.o — Pela comissão — (a) Alexandre Martins Mourão — cap.ão da Guarda Fiscal.»

Dias depois chegou nova carta do Mourão, confidencial, ou antes circular confidencial como se segue:

«Confidencial — Circular — Sendo urgente organizar o arquivo da Liga e faltando ainda algumas das declarações que tem de ser prestadas para cumprimento do n.º V das Instruções que vos foram dirigidas, rogo-vos a fineza de, sem perda de tempo, enviardes a vossa declaração bem como qualquer outra que tenhais em vosso poder — Saude e Fraternidade — Porto 4 de Fev.º de 1911 — Pela Liga — (a) Alexandre Martins Mourão, cap. inf.e»

Estava, pois, na altura de dar começo oficial á delegação e de facto, em 9 do mês de Fevereiro deu-se a primeira reunião legal q. consta da acta seguinte:

«Aos nove dias do mês de Fevereiro de mil novecentos e onze reunidos, a meu pedido na sala de armas do regimento de Infantaria nº 23 os seguintes oficiais: major José da Silva Bandeira, tenentes José Maria de Sousa Napoles e Jorge da Silveira Correia de Almeida e alferes Carlos Mascarenhas Gomes e Augusto Casimiro — foi-lhes por mim relatado tudo quanto a respeito da Liga se tem passado comigo, como consta das folhas um a doze do volume da correspondencia.(1) Todos estes oficiais aceitaram o convite para fazerem parte da delegação em Coimbra da mesma Liga ficando desde logo a mesma delegação constituída, tomando-se apenas as seguintes resoluções: que não houvesse dia certo de reunião; que eu continuasse a ser o delegado tal como foi escolhido pelo «comité» do Porto; que se pagasse a quota mensal de cem reis (100 rs.); e que se propusesse imediatamente para socios os seguintes oficiais: coronel Antonio Fernando do Rego Chagas, capitão Domingos da Ponte e Sousa e alferes Orlando Guaresma de Paiva, todos do 23, propostas que estão a folhas 13 da cor-

---

(1) E' a correspondencia que atraz ficou transcrita. O volume desapareceu.

respondencia.[1] Resolveu-se tambem que, quando fosse necessario, se estabelecesse ligação com o «comité» revolucionario de Coimbra, do qual fazem parte tres membros desta delegação. E nada mais havendo, encerrou-se a sessão. — O delegado — (a) B.P. Ten.te de Infant.a 23.»

Propostas mandadas no mesmo dia:

G) Coronel Antonio Fernando do Rego Chagas, de Infantaria 23. Antigo republicano e maçon. O «comité» militar de Coimbra tinha nele a maior confiança e nestes termos propôz que com ele se entendesse o falecido almirante Candido dos Reis quando em Junho passado andou pelo norte do país; e realmente comprometeu-se (então comand.te do D.R.R. 23) a tomar o comando do regimento na hipotese de revolução. E' um caracter muito sério que, naquele comando, se evidenciou constantemente, alem de o evidenciar em qualquer outro campo.

H) Capitão Domingos da Ponte e Souza de Infantaria 23. Informações colhidas dão-no

---

(1) São as propostas G-J que se seguem.

como republicano antigo e maçon. Pertence ao regim.to 23 há pouco mais de meio ano mas tempo suficiente para que se tenha avaliado as suas qualidades de caracter e brio profissional.

3) Alferes Orlando Guaresma de Paiva, de Infantaria 23. Pertenceu ao 15 de onde veio para o 23 depois da revolução. Aquele regim.to era rapaz de confiança do «comité» revolucionario — e aqui não tem desmerecido o conceito formado.»

Passáram-se dias sem q.a documentação acuse qualquer trabalho. A 22, porem, do mesmo Fevereiro, fez-se segunda reunião de que vai a seguir a acta:

«Aos vinte e dois dias de Fevereiro de mil novecentos e onze reunidos os socios seguintes: Bandeira, Napoles, Pimenta, Mascarenhas Gomes e Correia de Almeida, tomou-se conhecimento de uma denuncia feita ao aspirante a oficial do regimento Germano Roque dos ~~Santos~~ Santos, acerca duma conspiração contra a Republica — o que logo se participou para o Porto como consta das folhas 14 da correspondencia; resolveu-se por isso exercer rigorosa vi-

gilancia sobre o regimento e dar de tudo co-
nhecimento ao «comité» revolucionario fª
se tomarem as necessarias providencias. Fo-
ram aprovadas as propostas para socios dos
major Joaquim Maria Ferreira e aspirante
Prague dos Santos acima referido o que tambem
se participou para o Porto como consta de fls.
15 da correspondencia. E nada mais havendo
fª tratar encerrou-se a sessão. Etc.» (1)

No mesmo dia escrevi ao capitão Mar-
tins Mourão esta outra carta:

«Exmo Capitão: Envio hoje mais duas pro-
postas que foram aprovadas pela delegação as-
sim como mais duas declarações. Falta a do
capitão Alfredo Cruz que foi transferido para
Caçadores 5 — transferencia que, para nós, foi
motivo de pesar, atendendo ao excelente carac-
ter e valor deste nosso camarada. — A delega-
ção resolveu comunicar o seguinte á direc-
ção da Liga e que julgo muito importante:
as organizações secretas trabalham no desco

---

(1) As referencias a fls. 14 e 15 correspondem
á carta e ás propostas que se não seguir.

berta duma conspiração que parece ter a séde em Coimbra, cujo fim é promover levantamentos no norte do país; o que de positivo ha sobre o caso é pouco; no entanto julgamos dever nosso prevenir que um membro dessa conspiração afiança haver entendimentos com as guarnições de Bragança, Figueira da Foz, Leiria, Vizeu, Chaves e Penafiel. As nossas investigações são sérias e só farêmos obra com provas positivas. Contudo aí fica o aviso para que o tomem na devida conta. — Alguns dos nossos confrades desejam possuir o impresso com as bases da organização da Liga. Seria possivel enviar alguns? — Mais participo que alguns membros da delegação teem tomado parte em comicios de propaganda republicana, havendo tenções de continuar na obra de educação encetada. — Sem mais, creia-me V... etc. — (a) BR. »

Propostas:

J) Major Joaquim Maria Ferreira, de Infantaria 23. Foi sempre conhecido como professando ideias liberais embora nunca se manifestasse republicano. E' um bom caracter apesar de ser tido por timido — talvez porque

lutava com dificuldades para sustentar a familia numerosa. E' inteligente; como militar é considerado sabedor e ultimamente tem orientado a politica nas freguesias de Eiras e S. Paulo de Frades (conc.º de Coimbra) onde tem parentes, num sentido abertamente republicano.

K) aspirante a oficial Germano Roque dos Santos, de Infantaria 23. E' rapaz entusiasta, cheio de fé, valente e decidido. Na Escola do Exercito pertencia á organização secreta e em Coimbra tambem pertence a outra identica. E' tido entre os condiscipulos por sério e honesto e afirmou qualidades de trabalho enquanto estudante poisque, sendo recolhido do Colegio dos Orfãos, conseguiu fazer o curso de Infantaria quasi que por si.»

Poucos dias depois o capitão Pais de Figueiredo escreveu-me e mandou o numero com que deveriamos usar a cifra cujo codigo ou modo de usar não mandou. A carta segue:

« 28 - 2.º - 1911 — Ex.mo Camarada — E' da maxima conveniencia o descobrimento dos trabalhos que se andam efectuando contra a Re-

publica; informações até nós chegadas e de absoluta confiança dizem-nos que um tal Menezes Barreira, empregado da empresa de automoveis Oliveira & Cª de Coimbra (1) tem procurado aliciar alguns oficiais e anda fazendo propaganda pela provincia. — Consta-nos tambem que outro tanto faz o dono ou socio de uma empresa de automoveis daqui do Porto. — Ficamos aguardando as vossas comunicações, na certeza de que nos encontrarão sempre prontos a prestar-vos todo o auxilio. — O numero da cifra que em breve vos será remettida é 1843. — Enviam-se 6 exemplares das bases da nossa organização e dos seus estatutos. Para facilidade do serviço e maior rapidez de communicação, a correspondencia deverá ser dirigida para o signatario desta e para a rua Luis de Camões, 289, Vila Nova de Gaia. — Saude e Fraternidade — (a) José Cristão Pais de Figueiredo.»

A 3 de Março fez-se nova reunião da delegação. Consta da seguinte acta:

---

(1) Bacharel em Direito Pedro de Menezes Barreira, socio e não empregado da empresa.

«Aos tres dias do mês de Março de mil novecentos e onze, reunidos os socios: Bandeira, Correia de Almeida, Nafoles, Pimenta, Mascarenhas Gomes e Augusto Carimiro foi resolvido fazer-se uma larga exposição para o «comité» central do Porto, de algumas coisas anormais que se passam no Quartel-General da 5ª Divisão e mandar impressões acerca do pessoal do mesmo; tomou-se conhecimento duma carta do Porto que está a fls. 16 e 17 da correspondencia [1]; e resolveu-se dirigir o mesmo Quartel-General e sobre ele, se necessario fôr, tomar medidas energicas. E nada mais havendo, etc.»

Na verdade, notava-se um começo de reacção contra o regime; passado o momento do assalto, os reaccionarios começaram-se de que a Republica lhes não faria mal e começaram no trabalho conspiratório. No mesmo dia da reunião foi para o Porto a seguinte carta dirigida ao Pais de Figueiredo:

«Ex.mo Capitão: As informações que dá a

---

[1] É a carta copiada anteriormente.

respeito do Meneses Parreira foram comunicadas á Carbonaria para que possa ser vigiado e a sua vida investigada. — Esta associação secreta tem trabalhado bastante e sem descanço e está directam.te ligada connosco, pois que 3 membros da Liga pertencem á direcção central daquela agremiação e dois outros estão nela ajuramentados. — Um caso diferente, porem, julgamos dever relatar aos nossos camaradas da Liga para que dele tenham conhecimento. E' o caso de o Quartel-General da 5ª Divisão estar ainda constituído pela mesma gente que tinha antes de 5 de Outubro, gente que não inspira a menor confiança, antes, pelo contrario, nos tem provocado suspeitas. — O general Silva Monteiro é um espirito maleavel, indo ao sabor dos acontecimentos e das conveniencias, afirmando até em publico (como aconteceu uma vez com o actual Governador civil de Coimbra que ao signatario desta o contou) que a sua politica era o soldo, somente o soldo, que no fim do mês estava certo! Esta afirmação, partida de quem partiu e feita perante as pessoas que o ouviam e que eram de categoria social, causou desagradavel e justificada impressão. Foi essa politica que o levou a sancionar todas ou quasi to-

das as preferências do coronel Jaime e a não ouvir as reclamações que havia contra ele. E é ainda essa política dubia que o leva a conservar os mesmos ajudantes, dos quais um é reaccionario confesso e sobre o qual caíram suspeitas fundamentadas quando ainda o signatario desta era Comissario de Policia. Este ajudante é o capitão de Cavalª Alvaro Pimenta da Gama. — Ha dias ainda, querendo os oficiais da Liga proceder contra um cadete por causa dum facto ainda não desligado mas que talvez se desligasse pela prisão desse cadete, e levando essas oficiais o comandante do regimº a consentir, este ultimo participou-o ao general particularmente para se assentar no caminho que se deveria seguir; mais o general respondeu que se não procedesse e perante nova insistencia do coronel declarou que no caso de procedimento, ele abriria fogo no Quartel-general. E queriam saber do que se tratava? Da quasi certeza de q. o cadete, com o pretexto de acompanhar a Tuna Academica, fôra em missão a Badajoz e a mais alguma parte.(1) Por isso nos indi-

---

(1) Badajoz era então o centro de reacção e

grau tal resposta a tal atitude e principalmente por ser uma falta de respeito para com um homem que nos merece a nossa maior confiança, o coronel Rego Chapas. — Estes factos e outros que não enumero, pequenos uns, maiores outros, trazem desgostosos os oficiais republicanos de Coimbra — pois que embora tá no Quartel-general nos façam todos muita festa e mostrem o melhor sorriso, é certo também que o seu procedimento quer no serviço quer fóra dele, tem feito com que já algumas vêzes republicanos civis nos tenham perguntado: teem a certeza de que no Q.G. não se conspira? — Factos graves não se apuraram, é certo; mas também é certo que nos dias de incerteza cruel que foram os dias 4 e 5 de Outubro, os oficiais do Quartel-gen.al, exaltados e acêsos em lealismo monarquico, planearam já com alegria a chacina redentora em que todos nós seriamos sacrificados — o que talvez fosse exagero do momento mas seria sintoma de propositos. — Em resumo: nós não temos confiança de especie alguma no Quartel-General;

---

conspiração monarquicas e donde partiam todas as noticias falsas acerca do regime.

e Virante o ten.te de Infantaria José Joaquim Guedes de Melo que a tudo anda alheio e o alferes do Secretariado Militar José de Oliveira Miranda que ha dias lá foi colocado, todos os oficiais que o constituem são p.a nós suspeitos, já pelo seu procedimento antigo e ideias reaccionarias, já pelo seu actual porte. — Mas, enfim, a delegação da Liga quer apenas dar impressões, sinceras, é verdade, mas sem de forma alguma querer que elas possam ser tomadas como resultado de questões ou más vontades pessoais. Tudo é consequencia de factos acumulados a que a resposta incorreta do general, ha pouco, ao cor.el Chagas, veiu pôr certo remate impressivo. — Queiram os nossos camaradas da Liga tomar conhecimento disto e disto fazer o uso que entenderem — ficando com a certeza de q. esta delegação não tira os olhos de cima destes asuntos q. são importantes e continuará a informar com lealdade. — Saude e Fraternid.e — (a) B.P. »

Lembro-me bem destes episodios. É possivel que nós exagerássemos alguma coisa com a preocupação da defesa do regime nascente; mas tambem a verd.e é que sucessos posteriores vieram justificar os nossos receios.

Havia nervosismo como era natural e em alguns republicanos, como o major José da Silva Bandeira esse nervosismo ia ao ponto de ver conspiradores em toda a parte. Era necessario ter certo cuidado com as suas informações, muitas vezes fantasiosas.

Logo no dia seguinte ao da ultª comunicação, fez-se reunião dos delegados:

«Aos quatro dias do mês de Março de mil novecentos e onze, reunidos os socios Bandeira, Pimenta, Nazoles, Correia de Almeida e Marcelino Gomes, foi resolvido acrescentar á comunicação de ontem umas coisas referentes ao major da Administração Militar Anibal da Natividade Monteiro Pinto e ao capitão de Infantaria José Augusto Ferreira Lopes, como consta das fls. 20 da correspondª.[1] E nada mais havendo, encerrou-se a sessão, etc.»

O que havia para dizer destes dois oficiais consta da carta que se segue. Do primeiro não me recordo já; mas do segundo lembro-me muito bem e creio que ainda é vivo e de avan-

---

[1] É a carta que se segue.

çada idade. Pouco inteligente, teimoso, espírito estreito e reaccionario, nada realizou por consequencia, mostrou sempre má vontade aos republicanos; e como era já, nessa altura, rico, tinha a impressão de que o novo regime lhe cerceava a fortuna. Dai-me sempre bem com ele, mas era necessario cuidado nas relações porque era bastante rude.

Ora segue a carta, dirigida ao capitão José Tristão Paes de Figueiredo:

«Coimbra: 4 - Março - 1911 — Ex.mo Capitão — Já a carta de ontem estava escrita quando recebemos informações que cumpre participar. — Uma é a respeito da ida a Arganil do major da Administração Militar Annibal da Natividade Monteiro Pinto que ha pouco passou á inactividade. Esta ida á terra onde se acoita o Padre Matos tornou-se sobremodo suspeita, tendo-se afirmado que lá fizera propaganda anti-republicana. — Outra é respeitante ao capitão de Infantaria José Augusto Ferreira Lopes a quem a Monarquia concedeu uma situação de favor (na Comissão de empregos dos sargentos) para poder tratar dos negocios da Companhia Vinicola de que é um dos directores. Este capitão tem

feito em toda a parte. propaganda irritante contra nós e em Coimbra (onde vieram muitas vêzes no serviço da Companhia) é isso publico e notorio, tendo Vido já o arrojo de o fazer no proprio quartel do 23. — Pede o socio major Bandeira para indicar como oficial de confiança no regimento de Infant.ª 9, Lamego, o major Alberto Xavier Salvino para a hipotese de lá não haver oficial em que tenham confiança para a organização da Liga. — Saude e Fraternidade — Pela Delegação — (a) B.P. »

Lembro-me de que, numa das reuniões feitas na sala da biblioteca ou na chamada sala de visitas do regimento, com a porta para o corredôr fechada, esta abriu-se e apareceu ou naturalmente ou com intenção (quem sabe?) qualquer oficial que, se a memoria me não está a atraiçoar, foi o Luis Guilherme Nunes de Carvalho. Este deu comnôsco sentados á volta da mesa e eu a tomar notas para a acta e correspondencia — pois era eu que aguentava com todo o trabalho.

Viu-se bem na expressão dele que compreendeu o que, possivelmente, nós estariamos a fazer e é natural que fosse comentar lá fora

a reunião e suscitar-se a suspeita de que alguma coisa se tramava entre os chamados históricos. Isto deu azo a comentários nossos e não nos recordo se deixámos de fazer as reuniões no quartel — e ajuda a confirmar o que acima disse acerca do mal-estar que tais factos poderiam causar no ambiente. É possível, até, que estes pequenos incidentes produzissem reacções que levaram depois muitos a unirem-se aos conspiradores que, mais ou menos por essa altura se começaram a organizar.

Continuando... Em 16 de Março o capitão Cristão de Figueiredo escreveu e mandou o codigo da cifra para correspondencia entre os nucleos da Liga e uma circular confidencial. A carta e a circular vão copiadas adeante; o codigo da cifra fica apenso a esta pagina:

«Vila Nova de Gaia, 16-3º-1911 — R. Luis de Camões, 289. — Presado Camarada. — Recebi as vossas duas ultimas cartas quando estava em viagem para Lisboa. Não ha duvida de que a reacção trabalha activamente para pôr a Republica em embaraços. — A. L. M. R. conta hoje com o apoio decidido do Gire

1843

Sonio nº 91

Cifra 1640, ou qualquer outro numero

Exemplo para cifrar a phrase: «**Viva a republica**»

1 a	**Viva a republica**			
2 b	1640 1 640164016			
3 c				
4 d	v = 22 (no alphabeto)	+ 1 = 23	23 = x (no alphabeto)	
5 e	i = 9 »	+ 6 = 15	15 = o »	
6 f	v = 22 »	+ 4 = 26	25 + 1 = a »	
7 g	a = 1 »	+ 0 = 1	1 = a »	
8 h	a = 1 »	+ 1 = 2	2 = b »	
9 i	r = 18 »	+ 6 = 24	24 = y »	
10 j	e = 5 »	+ 4 = 9	9 = i »	
11 k		etc.		
12 l				
13 m				
14 n				
15 o				
16 p	e assim ficaria a phrase x o a a b y i p v h p i d g.			
17 q				
18 r				
19 s	Exemplo de traducção:			
20 t				
21 u				
22 v	x o a a b y i p v h p i d g			
23 x	1640 1 640164016			
24 y				
25 z				
1 a	x = 23 — 1	= 22	22 = v	
2 b	o = 15 — 6	= 9	9 = i	
3 c	a = 1 — 4	= 22	22 = v	*(a)*
4 d	a = 1 — 0	= 1	1 = a	
5 e	b = 2 — 1	= 1	1 = a	
6 f		etc.		
etc.				

(a) Em casos identicos retrocede-se o numero de letras representado pelo algarismo da cifra.

tario do partido republicano e acaba de estabelecer um acordo com a A. M. de Lisboa,(1) associação cujos fins são idênticos aos nossos. — Conseguido isto, para o que empregamos bastantes esforços, cremos que trabalhando agora com energia e tenacidade, teremos dentro em breve uma força importante que muito poderá influir no renascimento da Patria e na consolidação da Republica. — Em vista do nosso acordo com a A. M. de Lisboa, convinha que predisseis a declaração ao nosso camarada A. E. da Cruz, a fim de nela se poder incorporar, auxiliando-nos assim nos nossos trabalhos. — Cumpre-vos ainda circular a um impresso que se refére ao modo de cifrar a correspondencia. O numero da cifra é o que foi inscrito a lapis num dos exemplares dos estatutos que ha dias vos enviámos. — Saude e Fraternidade. — (a) José Tristão Pais de Figueiredo — P.S. Esqueci-me dizer-vos que vós sois o socio nº. 31 da L. M. R. »

« Circular confidencial. — Camarada — Tendo constado á L. M. R. de toute a segura que

---

(1) Associação Militar? Não me lembro.

elementos [redacted] reaccionarios preparam para breve uma insurreição no norte do país, rogamos que, com a urgencia possivel, nos envieis relatório circunstanciado do que succede na area da vossa delegação e, reservadamente, do que se passa no vosso regimento. — Esperamos da vossa discreção (sic) e patriotismo que as vossas diligencias serão conduzidas com o maior escrupulo, sendo conveniente que para fundamentar a vossa comunicação, acumuleis o maior numero possivel de factos. — Saude e Fraternidade. — Porto, 14 de Março de 1911 — Cam.ª e am.º — (a) José Tristão Pais de Figueiredo.»

Andava, realmente, coisa no ar... As suspeitas avolumáram-se e o futuro nos viria que havia razões para isso. Uns dias depois de se receber esta circular, fez-se nova reunião cuja acta segue:

«Aos vinte e dois dias do mês de Março de mil novecentos e onze estando presentes os socios: Nafoles, Carraia de Almeida, Mascarenhas Gomes, Augusto Casimiro e Figueira, resolveu-se responder á circular confidencial

de 14 de Março, dando notícias tranquilizadoras a respeito das conspirações em Coimbra, dos trabalhos das associações carbonárias e do estado do regimento 23 que actualmente não inspira receios quanto a tendencias reaccionárias, antes pelo contrário. Aprovou uma moção que vem a fls. 25 da correspond.ª (1) Aprovou que, pela Liga se pedisse ao ministro da Guerra para, quando se fizesse em execução a nova lei do recrutamento na parte respeitante aos Distritos de Recrutam.to e Reserva, se não prejudicasse o tenente do R.I.B. nº. 23 Joaquim Emiliano da Costa que nos merece confiança e a quem faz diferença sair de Coimbra. Resolveu se que se lembrasse para o Porto a necessidade da urgencia na aprovação das propostas já feitas por esta delegação. E nada mais havendo encerrou-se a sessão, etc.»

Desta reunião saiu a seguinte carta para o capitão Reis de Figueiredo:

«Coimbra, 23-Março-1911 — Ex.mo Camarada — Com respeito á circular confidencial de

---

(1) É a que vai copiada adeante.

14 de Março, Vamos que informar do seguinte: Quanto ás supostas conspirações, as associações carbonarias têm tido uma rigorosa vigilancia sobre a cidade e arredores de modo que tudo tem sido vigiado convenientemente. Até agora não ha mais nada de positivo alem do q. se poderão dizer em 22 de Fever.º ultimo; mas estamos plenam.te confiados naqueles grupos civis que têm verdadeira dedicação. — Quanto ao regimento, com satisfação podemos dizer que o julgamos actualmente limpo de suspeição. Não é que não possa haver um ou outro elemento máu, mas estamos convencidos de que não poderão fazer a minima coisa, atten. dendo não só ao espirito do regimento que lhe tem dado os oficiais republicanos, como pela rede carbonaria que nele ha estendida, rede que abrange já uma grande maioria de sargentos e muitos cabos e soldados. — Continuarêmos a dar só informações positivas, tais como as temos dado e que em parte têm sido confirmadas. — Com respeito ao nosso camarada capitão Alfredo Eduardo da Cruz, por carta de hoje recebida, podemos informar de que a convite do capitão Afonso Pala, já entrou para a A. M. de Lisboa. — Em reunião de ontem

esta delegação aprovou uma moção que remeto juntamente; e como as propostas já feitas — umas em 9, outras em 22 de Fever.º — para a entrada de oficiais do regimento ainda não tiveram resposta, ouso lembrar a conveniência de apressar a resolução das questões para podermos reunir o maior número de elementos. — Saude e Fraternid.e — (a) T.P.»

Moção a que se refere a carta:

«Considerando que a Republica está definitivamente implantada em Portugal mas q. precisa de tranquilid.e para a sua consolidação e desenvolvimento; — Considerando que é á classe militar que compete, mais que a nenhuma outra, manter essa tranquilidade necessaria; — Considerando que o exercito tem elementos bastantes para assegurar essa nossa tranquilid.e; — Mas atendendo a que a nossa classe tem elementos que apoiam as provações reaccionarias como se tem visto pelas conspirações descobertas ultimamente; — E atendendo ainda a que, embora não possam traduzir-se essas pretenções em resultados concretos, trazem a incerteza a creaturas indi-

ferentes ou de espirito timido, prejudicando assim a marcha normal da Republica; — A delegação de Coimbra da L.M.P. por unanimidade, propõe que se faça saber ao Governo da Republica que é necessario um exemplo severissimo a bem dos interesses superiores da Nação e que a mesma delegação dá todo o apoio moral e material a qualquer medida de força nesse sentido que o mesmo Governo haja por bem fazer. — Em Coimbra, aos 22 de Março de 1911 — Pela Delegação — (a) B.P. »

O capitão Reis de Figueiredo confirmou a isto com duas cartas escritas no mesmo dia e na mesma folha de papel:

« Porto, 28 de Março de 1911 — Camarada — Devendo realizar-se uma assembleia geral da L.M.P. nos termos do art.º 28 dos Estatutos, convido-vos a eleger o vosso delegado nos termos do art.º 24 e seu §1º — O fim é a apreciação do relatorio elaborado pela secção central nos termos da alinea e) do art.º 19º — A reunião terá lugar ás 8 horas da tarde do dia 31 de Março em uma das salas da redacção de «A Patria.» — S. F. — (a) José Tristão

Pais de Figueiredo.» = «28 - 3º - 911. — Camarada — Informo-vos que foi votada e aprovada a vossa proposta que se refére á admissão do coronel Chapas, pedindo-vos, pois, nos enviais a sua declaração. — A respeito das outras propostas ainda elas não foram votadas por não ter podido funcionar a secção de inquérito. — A moção por vós enviada foi apresentada á comissão executiva na sua ultima reunião que a tomou na devida consideração, concordando inteiramente com ela e resolveu tratar o assunto em assembleia geral. — S.F. — (a) José Cristóvão Pais de Figueiredo.»

Perante o convite para ir alguem ao Porto, á assembleia geral da Liga, fez-se reunião em 30 de Março cuja acta vai a seguir:

«Aos trinta dias do mês de Março de mil novecentos e onze, estando presentes os socios Bandeira, Napoles, Correia de Almeida, Mascarenhas Gomes, Pimenta, tomou-se conhecimento das comunicações outrem recebidas em virtude de uma das quais se convidou o Exmo Coronel Rego Chapas a fazer a sua declaração e a tomar parte na sessão. Em vista do con-

vité para a sessão de 31 (amanhã) resolveu-se que fosse o socio Pimenta representar esta delegação na assembleia geral da Liga e ao mesmo tempo fosse encarregado de expôr ao «comité» central o estado da politica em Coimbra que tende, ou parece tender, a aproveitar elementos monarquicos para lugares e missões de confiança, mostrando pôr de parte elementos de certo valor e reconhecidos como velhos republicanos, para esquecer o Quartel-General da 5ª Divisão que continua na mesma, merecendo pelo seu proceder a censura dos bons republicanos. — . . . . . »

Esta acta ficou incompleta não me lembro já por qual razão. Na papelada que guardei não encontro sinal explicativo. E assim fica. Nesse mesmo dia escrevi ao capitão Reis de Figueiredo informando-o de que era eu o representante da delegação á assembleia-geral e lá estaria á hora indicada.

E na verdade, no dia seguinte, 31 de Março, lá fui á tarde, numa carruagem atrelada ao Sud-express até á Pampilhosa e daí ao Porto puxada por qualquer maquina. E devo dizer que fui inteiramente á minha custa...

Deu-se, até, na viagem um episódio que nada teve com os trabalhos da Liga mas a que achei certa graça. Por isso o vou contar e estas minhas memorias nada perdem em o deixar arquivado.

Na Estação-velha entrou comigo para a carruagem o inspector primario Carvalho Mourão, velho republicano, um tanto ou quanto revolucionario que eu conhecia ha muito das reuniões na Drogaria Rodrigues da Silva, na Calçada, que ele frequentava com assiduidade quando vinha a Coimbra. Era um homem franco, com certa rudeza que não excluia boa educação; bom conversadôr, era inteligente e com alguma cultura, especialm.te em assuntos pedagógicos, segundo ouvia dizer. Foi pouco depois deputado ás Constituintes onde creio não fez má figura.

O compartimento para onde entrámos estava sem ninguem mas havia um sobretudo e uma maleta, sinal de que havia passageiro; esse passageiro apareceu daí a pouco: era o conselh.º Antonio Eduardo Vilaça, antigo ministro, que eu tambem conhecia pessoalmente do Luso, de outros tempos, quando ele, modestamente se instalava com a fa-

milia no Hotel Lusitano ou «da Carolina» como era mais conhecido. Cumprimentou-me afavelmente, perguntou por meu Pai, seu antigo companheiro de jôgo no hotel, e pelo resto da familia.

Não o apresentei ao Maurão porque não sabia se teria gosto em ser apresentado a um republicano velho e rêlho; mas a verd.ª é que a conversa em breve se generalizou entre os três em tom de afabilidade que eu achei engraçado porque percebi muito bem que eles se não conheciam nem de vista.

A certa altura o Vilaça foi ao corredôr da carruagem e o Maurão aproveitou logo para me perguntar em voz baixa quem era o companheiro tão agradavel; confessou que o não conhecia e não o sabia pessoa tão simpatica e correcta; e quando aquele voltou, a palestra seguiu até um ponto qualquer em que o Vilaça, ao falar de um caso que se dera com ele e necessitando confrontá-lo, voltou-se para o Maurão e disse-lhe:

— V.ª Ex.ª, é claro, não me conhece...

O Maurão atalhou logo com vago gesto de cortesia que o seu temperamento causador lhe e o melhor dos sorrisos:

— Ora essa... Então não conheço o Snr. Conselh.º Vilaça muito bem...

Eu ri-me para dentro e a conversa continuou, afavel, interessante, como entre velhos amigos. Mais adeante o Mourão necessitou ir á retrete; levantou-se e saiu ao corredôr. O velho conselheiro aproveitou a ausencia e perguntou-me quem era aquele individuo tão bom conversador e tão ilustrado. Eu expliquei-lhe quem era o homem sem omitir que era velho republicano que se ia propôr ás Constituintes. O Vilaça, sempre sereno e correcto não mostrou qualquer sinal de desagrado pelo retrato que fiz e a conversa continuou no mesmo tom amigavel quando o Mourão voltou ao seu lugar.

Coube, então, em certo passo do caminho, novo episodio identico: o Mourão falou de qualquer coisa da sua vida e, com certo ar de respeito, disse ao Vilaça:

— Vêcê. não sabe quem eu sou...

O conselheiro, logo, gentilmente, atalhou com sorriso fino de cortesão:

— Oh snr. Inspector!... então não conheço Vêcê. muito bem...

O Mourão, apesar do seu velho republi-

camisma, pareceu-me lisongeado e o cava-
co seguiu já com mais liberd.e de parte a
parte a ponto, lembro-me bem, de discu-
rem reformas do ensino.

E assim se chegou ao Porto quase sem se
dar por isso. Eu achei curioso o encontro dos
dois políticos e a maneira como se trataram;
na despedida, em S. Bento, houve abraços de
mútuo afecto, como de velhos amigos. O
Carvalho Mourão que ainda me acompanhou
mais adeante, ia entusiasmado com o conse-
lheiro Vilacinha...

E eu perguntava aos meus botões que
ideia iria a fazer do futuro constituinte, o ve-
lho ministro e cortesão monárquico, ao
mesmo tempo que concluia, de mim para
mim, com esta sentença:

— Ora aqui está para que serve a boa
educação...

E passado o episódio que não deixou de
ser curioso, continuemos com a história de
Lipa Militar.

Chegado ao Porto, fui jantar e a seguir
á redacção do jornal A Patria de que era dire-
tor, salvo erro, o Dr. Duarte Leite. A' porta
estava á minha espera um alferes ou tenente

Azevedo, cujo nome completo já me não lembra, meu conhecido, que me informou de q. a reunião teria de ser em outro local para onde me levou, local que já não sei dizer onde era. Encontrei-me com bastantes oficiais, uns conhecidos, outros não; e recordo-me do ar, não direi funebre, mas de certo modo pensativo com que todos estavam, de maneira a dar a impressão duma conspiração com riscos de liberdade ou de vida, em vez de reunião alegre para tratar de assuntos que se ligavam com a segurança do regime que todos queriam ver triunfar.

Fui bem recebido; e como a memoria já não é capaz de reproduzir com fidelid.e os trabalhos, o melhor é deixar á transcrição da acta que se fez no meu regresso, a narração do que se passou.

«Aos dois dias do mês de Abril de mil novecentos e onze, estando presentes os socios Napoles, Correia de Almeida, Mascarenhas Gomes, Augusto Casimiro e Pimenta, Vive de expôr a minha missão ao Porto cujo relato se pode resumir por este modo: Na reunião da assembleia geral da L.M.R. em 31 de Março,

esta delegação foi, desde o começo, notavelmente honrada porque, por proposta do capitão José Cristão Pais de Figueiredo, fui eu eleito presidente da mesma assembleia — honra q. foi concedida á delegação e que eu agradeci. Entrando nos trabalhos, foi lido o relatório da comissão de inquerito que é, afinal, o relatorio dos trabalhos de instalação da Liga e conjuntamente o acordo feito entre a Liga e a Liga Militar de Lisboa. Pelo relatório vi que os membros da comissão executiva foram duma escrupulosa boa vontade em conseguir resultados praticos de valor e entre eles devo notar a ligação oficial com o Directorio do Partido Republicano e o reconhecimento pelo Governo Provisorio; vi tambem que esses resultados não se conseguiram sem trabalho persistente dos seus membros, de modo que, julgando interpretar o sentir da assembleia, propús um voto de louvôr á referida comissão que foi aprovado e prejudicou assim o pedido de demissão que a mesma tinha feito. Em seguida e por proposta dum socio e para que a representação nas assembleias gerais fosse mais democratica, ficou resolvido que o art.º 24 dos Estatutos se alterasse do seguinte modo: « Artigo

"24: A assembleia geral da Liga será formada
"por todos os socios residentes no Porto, podendo
"aquelles que se acharem impossibilitados de compa
"recer, delegar as suas atribuições em qualquer
"socio da sua amizade.» Foi depois submetido
á aprovação o relatorio que deve ser enviado ao
Directorio acerca do estado do exercito na area da
Liga; é um bem feito relatorio, devido, creio eu,
ao capitão Osorio (1) e pelo qual se vê que nas ter-
ras onde a Liga tem delegações se póde contar
com as guarnições respectivas e em geral se nos
tra que não deve haver receio de que o exercito ve
nha a ser elemento perturbador; termina o re
latorio com a afirmação (tambem honrosa pa
ra a nossa delegação) de que se deve pôr de parte
qualquer ideia de perseguição ou suspeitas in-
fundadas, mas sim pedir castigo severo para to
dos aquelles que tentarem contra a segurança das
instituições seguindo muito a doutrina da nos-
sa moção, doutrina sobre a qual fundam a
sua maneira de ver pelo criterio e firmeza q.
ela representa. Liquidados estes assuntos da or
dem da noite, trocaram-se impressões sobre
varias coisas tais como: a pouca confiança

(1) Manuel José Pinto Osorio, de Espozende.

que merece a Guarda Republicana do Porto e o Quartel-General da 5ª Divisão do Ex.ro — cuja desorigão eu fiz em termos claros que creio calaram no animo de todos; ficando resolvido que esta delegação requisitasse uma exposição concreta sobre o caso para lá ser devidamente ponderada. Devo dizer que sobre a politica de Coimbra só falei em termos vagos, não concretizando nada porque logo á leitura do relatorio vi que a nossa Liga tinha o proposito de não intervir em coisa alguma da politica e por mais frases de alguns oficiais o vi confirmado. Quanto ao acordo com a A.N. de Lisboa, devo dizer que assenta em bases logicas — como é o mutuo auxilio, a informação mutua das propostas quer numa Liga quer noutra, etc. etc. E a sessão terminou deixando-me impressão de seriedade e de resolução para trabalhar que eu aqui transmito sem esquecer de afirmar que pelas provas de consideração que lá recebi me parece que a nossa delegação é vista como alguma coisa mais que um simples factor para encher. E nada mais havendo, etc. etc.»

E aqui cumpre explicar que é a ultima acta que encontro no conjunto de papeis rela-

tivos á Liga. Não se teriam realizado mais algumas reuniões da delegação? Não me lembro já, confesso.

Aproximávam-se as eleições, as conspirações monárquicas traziam-nos alertados ao que poderia vir e os dias iam passando nervosamente. Assim, a continuação desta história tem de ser feita pelos papeis guardados pois a memoria começa a falhar em certos pontos e é bom não deixar aqui incertezas ou erros.

Em 11 de Abril, mandou-me ao capitão Pais de Figueiredo a seguinte comunicação em cifra, á cautela:

«Confidencial. — Absoluta certeza Paiva Couceiro enviou proclamação manuscrita chefe estado-maior que reproduzia exemplares maquina escrever e distribuiu carta fechada. Veja se no Porto aconteceria mesmo. Por ora segredo completo. — (a) D.P.»

E no dia imediato nova carta para o mesmo destinatario. Vê-se que havia nervosismo e desse nervosismo me lembro bem. O ambiente era pesado e como dizia o celebre bispo de Vizeu, havia coisa no ar...

E uma das coisas que andava no ar era o proxº decreto da separação da Igreja e do Estado que já preocupava mtº boa gente.

Ora a carta era a seguinte:

« 12-Abril-1911 — Exmº Capitão — Além do que mandei dizer ontem, em cifra, nada mais se conseguiu averiguar. — Continuâmos no trabalho. O Governador Civil conhece tudo e já informou o Governo. O que houver direi. Com muita estima, etc. — (a) B.P. »

A 17, com mais calma, pelo menos aparente, seguiu também para o Paço de Figueiredo, outra comunicação:

« Exmº Capitão: — Acerca do que mandá nos dizer nada mais se apurou. Como o nosso ministro aqui passou há dias, fizemo-lo ciente de tudo e ele foi no propósito de substituir o chefe do Estado-maior e mandar uma sindicancia á Divisão. — Nestes ultimos dias, em resultado duma denuncia que tem visos de verdade, embora nós não possamos acreditar completamente nela, tem redobrado a vigilancia sobre elementos suspeitos, pois que dizem

estar marcado um dia proximo para levantamentos perturbadores no norte do País. — Ha razões para acreditar na vontade de o conseguir; mas nós, conhecidos da nossa força, temos razões para julgar da sua execução. No entanto, como medida preventiva e de combinação com o proprio comand.te do regimento, teem permittido no quartel tres ou quatro officiaes cuja nomeação teem sido feita de modo que sempre tenha um ou dois de confiança, conforme os officiaes de serviço. — Julgâmos o 23, como temos dito, livre de suspeitas; mas temos a certeza de que ha quem saiba e quer cumprir o seu dever se por acaso o nosso julgamento não fôr rigorosamente verdadeiro. — Ultimamente teem recaído bastantes suspeitas sobre o capitão de Cavallaria Antonio Dias Urbano, adjunto da Inspecção de Cavallaria da Divisão. Foi deputado franquista, influente em Santa Comba e ainda não conformado com a nova ordem de coisas — do que houver de importancia continuaremos a informar V.ª mas que conseguimos meter nas associações da conspirata um rapaz de confiança. — Saude e Fraternid.e — Com toda a consideração, etc. — (a) J.P. »

Esta foi seguida de outra, em cifra, certamente resultante de denuncia aparecida á ultima hora; era, como de costume, dirigida ao capitão Reis de Figueiredo:

« Coimbra, 18-Abril-1911 — Confidencial — Urgente fiscalizar com ripar guarnições Viana, Braga, Guimarães. Garanto seriedade informação. Conveniente talvez medidas preventivas secretas. — (a) SP. »

Hoje, passado quase meio seculo e depois de ter visto tanta coisa, posso dizer que muitas vêzes desconfiava das informações e com certa má vontade deixava que elas fossem levadas superiormente. A minha boa-fé, apesar das lições do Comissariado, não acreditava em tudo quanto me diziam mormente se o que ouvia vinha de exaltados e imprudentes. Infelizmente o tempo veio justificar, em parte, toda aquela cataduja de suspeitas.

Passado o susto dos primeiros tempos do novo regime, não ha duvida de que os monarquicos formaram barreira para o desacreditar e enfraquecer; e a verdade tem que se dizer: quasi ou menos 80% do exercito

não gostou da mudança e nos 20% que aparecia como defensor, havia muito safardana que aparentando de republicano só prejudicava a República. E, amargamente o disse: foram esses safardanas, em regra, os mais acarinhados pelos altos poderes.

Os governantes dos primeiros tempos não se podem queixar muito do que aconteceu depois. As afirmações feitas na assembleia geral da Loja em 2 de Abril, exaradas na acta que atrás ficou copiada, eram afirmações ditadas pela boa-fé dos republicanos e pela hipocrisia velhaca da maior parte dos outros (dos tais 80% de 9 de Fevereiro) que não queriam ser incomodados e deixavam correr o barco á espera do que viria.

E eu, ai de mim! também fui enganado...

Mas continuando...

O País de Figueiredo, cerca de mês depois, participou que foram aprovados alguns socios e nada diz acerca dos assuntos expostos nos documentos acima copiados. As eleições estavam á porta e é possivel que isso fizesse esquecer, algum tanto, as boas intenções da Loja.

"Porto, 13-5º-911 — Camarada — Informo-vos que foram aprovados numa das ultimas

sessões da comissão executiva, para socios da L.M.P. os seguintes oficiais cuja proposta fizeotes: Alferes Orlando Guaresma de Paiva — Sarg.to Germano Roque dos Santos — Major Joag.m Maria Ferreira — Cap.ão Domingos da Ponte e Sousa. — Peço-vos que envieis as suas declarações — Previno-vos de que a correspondencia, de ora em deante, deve ser dirijida ao cap.ão de Engenharia Manuel José Pinto Osorio, Rua Pinto Bessa, 569, Porto — Saude e Fraternidade — (a) José Cristão Pais de Figueiredo.»

O Pais de Figueiredo propôz-se a defender ás Constituintes; as eleições estavam proximas, precisava mexer-se para triunfar como, de facto, triunfou por um circulo do norte do País. Por isso passou o encargo ao capitão Pinto Osorio — que poucos dias depois nos mandou o seguinte aviso em cifra:

«L.M.P. — Porto, 19-5-911 — Cam.da — Informam que o ministerio Guerra está prevenido de que entre vinte e eleições rebentará revolução norte Mondego. — O ponto de concentração é Carminha. Informes de outra origem dão como provavel ataque a Valença por ele-

muitos vindos fronteira espanhola (1) — Queira tomar precauções e informar urgentemente. — O secretario — (a) Manuel Osorio — cap. de eng.ª na Inspecção.»

Nós respondemos logo em 22 como esta comunicação:

«Ex.mo Cam.da — Agradecemos as informações. Algumas coisas paliamos e por elas tomámos as necessarias precauções no regimento no qual confiâmos completamente. — Na cidade, os carbonários vigiam incessantemente; e com as prisões feitas ha dias parece ter-se ameripuado alguma coisa. — O caso das baterias da Figueira é caso liquidado. A intervenção no movimento das nossas residia apenas na fantasia do capitão Luis Augusto Ferreira que a esta hora deve estar a pagaro. — O que houver, contarêmos. — Saude e Fraternidade. — (a) BB.»

O caso das baterias da Figueira a que a

---

(1) As palavras que estão sublinhadas não as que vinham em cifra no documento.

carta se refére, resume-se numa tentativa que me pareceu platonica por parte do citado capitão Luis Augusto Ferreira — pessoa interessante, culta, a quem o coronel Rego Chagas foi sindicar levando-me como secretario.

O Chagas entregou um relatorio da sindicancia deixando em meu poder os depoimentos, dizia ele, para salvaguarda futura. Eu guardei o processo até ha poucos anos e entreguei-o no Arquivo Historico Militar para a secção dos reservados. Não posso, por isso, mencionar pormenores da tentativa; a memoria já me não diz nada a esse respeito.

Quanto ás prisões a que a carta se refére, vou deixar aqui um telegrama que não sei por que carga de agua me veiu parar ás mãos, Cá fica já que na correspondencia houve referencia ao caso e até para esclarecimento do periodo que se atravessava:

« Coimbra. Nº 1238. Palavras 91. Em 18 [1] ás 9 e 25 m. — Slavas Lisboa — Auxiliados pela policia carbonarios prenderam esta madrugada como conspirantes dr. Fortunato Al-

---

[1] Do mês de Maio.

reida, professor liceu, Pompeu Moreira farmaceutico, José Adelino Costa Pinto comerciante, Antonio Maria cabo policia nº 7, José Paixoto, policia nº 13, José Ramos estudante, Anibal Costa Alemão seu profissão (1) e alguns estudantes militares, D.ºs Bettencourt e Vaz Serra. Reclusos, estão incomunicáveis na Penitenciária. Carbonario audáz - lhes já ha dias no encalço e ha mais de oito dias que Penitenciaria estava preparada para os receber. Continuam-se a efectuar as prisões. Parece haver alguns padres envolvidos conspirata. Foram aprehendidos documentos. — (a) Matos. »

Não sei quem é o signatário Matos; como o telegrama era dirigido para a Havas é de crer que fosse dos tais com noticias tendenciosas que iam para o estrangeiro por conta do fundo organizado pelos monarquicos para despesas da campanha de descredito. Lá que se fizeram prisões, tambem é que se

---

(1) Filho do Conselh.º Dr. Manuel da Costa Alemão, professôr da Faculd.e de Medicina. Era estudante e completou a format.ª em Medicina; fez carga clinica, depois, na Figueira da Foz.

fizeram e muitas escusadamente; mas as que o telegrama menciona é que já não sei se se realizaram. É possível que, consultando os jornais do tempo se esclareça o assunto mas, verdadeiramente, não valerá o trabalho.

E, continuando: fez-se de novo silencio acerca das conspiratas. A 4 de Junho, o capitão Pinto Osorio mandou exemplares dos Estatutos da Liga, em folheto in-8º, impresso em 8 paginas, para indicação de tipografia, para serem distribuídos pelos socios.

O meu exº. ar fica arquivado na pasta da documentação geral a que já me tenho referido. A carta que o ramalde é simples, apenas dois periodos, não vale a pena transcrevê-la aqui.

Dois dias depois, contudo, veiu outra que já contem materia que faz parte mais importante da historia da Liga:

«Reservado. — Camarada — Enviamos uma relação de oficiais propostos para socios da L.M. de Lisboa e que, nos termos do convénio que fizemos com esta associação deve ser submetida á nossa aprovação. —

Como a maior parte deles é desconhecida para nós, resolvemos fazer circular esta lista pelas nossas delegações, pedindo aos nossos delegados o favor de informar acerca (?) das qualidades morais e políticas dos candidatos que conhecerem para nos habilitar-mos a dar uma resposta com conhecimento de causa. — Rogo que devolvais a lista com a maior brevidade que puderdes. — Espero dever-vos a fineza de me dizerdes qual é o espirito da guarnição militar dessa cidade em face da organização do exercito ultimamente decretada. — S. e F. — Camarada d.do — Porto, 6-VI-911 — (a) M.Osorio. »

Segue a lista referida :

« Inf.a 22 - cap. Joaquim Felizardo Velez Caroço — G.Fiscal - Tenente Jorge Frederico Velez Caroço — Inf. 16 - José Joaquim de Oliveira Simões — Caçad.s 5 - cap. Antonio Gomes Pinto Barreiro Osorio. - cap. Luis Augusto de Sousa Trindade - cap. José dos Santos Pinto — Inf. 15 - Tenente Augusto Bivar Xavier de Azevedo Salgado - Tenente Julio Cesar Ferreira. — Cav. 10 - alferes, Antonio Elias Garcia — Inf. 5 — Major João Pedro

so de Lima — Companhia de Saude - alferes José Maria da Costa Monteiro — Companhia - Tenente Francisco Maria Henriques — Caçadores 2. Tenente Coronel Joaquim Julio Borges e asp. Ernesto Cardoso Cabral de Guadros — Adm.ão Militar - cap. Raul de Macedo — Colegio Militar - Ten.te de Inf.a - Ciriaco José da Cunha J.or — Inf. 1. Alf. Arthur Pais de Vasconcelos e Oscar da Silva Mota — Inf. 2 - cap. José Vicente de Freitas, cap. Paulo de Serpa Afonso e cap. Candido Sarmento e tenente Diniz Pedro Sales (sic)[1] de Sá e Melo — Cav. 4 : cap. Eduardo Augusto Lopes Valadas, cap. João Rodrigues Ascenção, ten.te José Maria da Cunha e alf. José de Sá Nogueira. — Guarda Republicana, ten.te do Cav. José Lucio de Sousa Dias. »

A esta carta respondêmos quase na volta do correio. Que trabalho perdido, afinal! Quantos nomes mencionados atraz são de creaturas que depois trairam!

E muitas vezes penso: onde parará o archivo da Liga? Quem se terá divertido a comentar toda a papelada remida?

---

[1] Aliás Sêbes.

Segue a resposta, datada aos 8 de Junho e dirigida ao capitão Pinto Soares:

«Ex.mo Camarada: Acuso a recepção dos Estatutos e a carta de 6 do corrente. Não envio ainda as declarações porque não tenho todas em meu poder. — A respeito da tarefa porque a guarnição da cidade encara a reorganização do exército, devo dizer que é de protesto, na sua grande maioria; pois que tendo a maior parte dos oficiais de Coimbra pertencentes á Infantaria, disseram, e com razão, que a arma com vinha a ser, como na Monarquia, a ultima em todas as vantagens e, sensivelmente prejudicada. Os sargentos pensam de identica forma, lamentando em todos o maior desgosto. — Quanto aos oficiais propostos posso dar informações de que são excelentes elementos os seguintes: — Inf.a 22, cap. Velez Caroço — G. Fiscal, Ten.te Velez Caroço — Inf.a 15, Ten.te Bivar Salgado (optimo elemento, até) e Julio Cesar Ferreira — G. Republicana, Ten.te J. L. de Sousa Dias. — E de que são maus elementos os seguintes: — Colegio Mil.ar, Ten.te Ciriaco José da Cunha J.or — Inf.a 1, alf. Artur Pais de Vasconcelos — Espero informar dos outros com a maior brevidade. —

Aproveito a ocasião para prevenir a Liga de que o Directório Republicano não tem sido leal e correcto com o nosso companheiro e nosso presado correligionário major José da Silva Bandeira e com o signatário desta — pois que intrigas se moveram entre políticos da terra que fizeram chegar ao nosso ministro afirmações absolutamente falsas. Tudo foi causado pelo facto de eu me propôr candidato ás Constituintes e o major Bandeira auxiliar a candidatura com o prestígio e simpatia que tem na população de Coimbra. Moveram-se influencias a fim de eu, tendo sido o mais votado pelas comissões do círculo, não ter a candidatura auctorizada pelo Directório ... por conveniencias políticas! — Os socios desta delegação ficáram, com todas estas coisas, profundamente desgostosos e na sua maioria não abster-se de toda e qualquer acção ou intervenção política, visto que se falta assim por cima dos principios, em beneficio deste ou daquele, tal como nos nossos tempos. — Saude e Fraternid.e — Pela delegação — (a) B.P.» (1)

---

(1) Este caso das Constituintes é contado adeante em capitulo áparte.

Uns dias depois seguiu nova carta para o capitão Osorio com novas lamurias e mais informações relativas a oficiais:

« 18 - VI - 911 — Ex.mo Camarada — Tem sido difícil averiguar, com rigor, as qualidades dos oficiais propostos pela L. M. de Lisboa. No entretanto conseguimos afirmar que: — São bons elementos — Inf. 16, José Joaquim de Oliveira Aires — Caçad. 5, asp. José dos Santos Pinto — Caval.a 10, alf. Antonio Elias Garcia — Caçad. 2, Ten.te cor.el Joaquim Julio Borges e asp. Ernesto Cardoso Cabral de Quadros. — Temos duvidas sobre: — Cav.a 4, cap. Eduardo Augusto Lopes Valadas e Ten.te José Maria da Cunha. — Os outros não são conhecidos por nenhum dos oficiais desta delegação da Lixa. — Tem sido reparado ultimamente entre os oficiais republicanos de Coimbra que seja quase certo que o novo comandante da Divisão general Sampaio, fique com um dos ajudantes do gen.al Silva Monteiro, o ten.te Martins de Carvalho e se afirme que o outro será o ten.te Antonio Soriano Mendes Lage: — Ora isto é, até certo ponto grave porque não só por questão de moralidade, nenhum dos oficiais do Quartel-General lá devia continuar, mas tambem por

se saber com precisão que o ten.te Martins de Carvalho era um dos nossos maiores inimigos, tendo até afirmado jubilosamente em 5 de Outubro quando em Coimbra constou que a revolução fôra vencida, que os candieiros da cidade seriam poucos para os republicanos; e q. o ten.te Mendes Lage, filho do medico jesuita Dr. Mendes Lage, expulso de Portugal logo após a revolução, é um autentico jesuita que nenhuma, absolutamente nenhuma, confiança merece. — Os oficiais republicanos continuam desgostosos por ver que tudo continua na mesma e vêem claram.te que estas branduras e transigencias é que nos tem trazido a este estado de receio e inquietação causado pelos acontecimentos do Norte que se teriam evitado se houvesse firmesa e menos transigencia. — Devo afirmar, em nome dos oficiais subalternos da Liga que nenhum deles aceita o lugar de ajudante do general se acaso fosse oferecido; mas tambem afirmo que é uma afronta ao nosso passado e á nossa dignidade se qualquer daqueles oficiais fica no lugar indicado. A Liga fará como lhe aprouver, mas pedimos para nisto pensárem a sério. — Contudo, Ex.mo Camarada, devo afiançar que todos nós conti-

mêmos absolutamente decididos a sacrificios e muito agradavel seria a todos nós se o Governo depositasse na 23 confiança (que pode ter) que o fizesse marchar para o Norte para a defesa da Patria. O desgosto ~~fez~~ certas coisas não faz obliterar os nossos deveres e oxalá tenhamos ocasião de assim o mostrar. — Viva a Republica! — Pela Delegação — (a) BB.»

Esta carta cruzou-se no correio com uma do capitão Pinto Osorio, escrita na mesma data e, como hoje se diz, em tempo ou quanto diferenciada com a nossa:

«Camarada: — Recebi a vossa grata carta de 8 e agradeço as informações que me dais acerca dos candidatos a socios da L. M. S. Aguardo as informações que me prometeu para breve acerca dos restantes nomes da lista que vos enviei. — Quanto ao estado de descontentamento que, na guarnição dessa cidade, provocou a reorganização ultimamente decretada, é muito parecido ao que em toda a parte existe. Somente a applaudem aqueles que a fizeram e alguns, nem todos, cuja situação melhorou. — Sendo tão geral o desgos

to causado pela forma como o exercito foi tratado — á antiga! — tudo leva a crer que a reforma sofrerá profundas alterações nas Constituintes. — Este caso, porem, não só de justificar de qualquer modo, o esfriamento da nossa fé republicana. Cologuemos os principios, que são tudo, acima dos homens, pequeninas creaturas que a Revolução trouxe á superficie e que ainda se aguentam porque de alguma maneira encarnam em si o espirito revolucionario. Hão de desaparecer com todos os seus erros, quando entrarmos definitivamente na nossa vida normal.(1) — Lamentamos profundamente as dissenções que aí houve com o Directorio por motivo da nossa candidatura que desejavamos muito ver coroada de bom exito; mas nesse facto, se explica o tom de magoado desânimo que transparece da vossa carta, não justifica a atitude da maioria dos membros da vossa Delegação que entenderam dever alestar-se de toda a acção e intervenção politica. E' necessario evitardes que assim succeda. A Refor-

---

(1) O prognostico feito com a melhor das intenções saiu completamente errado.

blica não está ainda suficientemente forte e vigorosa que possa dispensar as energias que a ampararam. Também por cá temos sofrido vários desgostos, mas isso não invalida que progridamos na nossa marcha, até julgarmos que, nem perto para o nosso ideal, possamos arrumar as armas e descansar — S. e F. — Camarada ag.º — Porto, 18-VI-911 — (a) Manuel Osorio.»

Começa aqui a manifestar-se, se não a aumentar, certo descontentamento e alguem desânimo. As eleições para as Constituintes deixáram sulcos de desgostos que mais adeante, em outro capitulo, serão falados; a organização do exercito acarretou desarranjos para muita gente e nessa gente entrou eu ou outro republicano historico, dos que andaram na propaganda e, possivelmente, na acção revolucionaria.

De tudo isto começou a crescer certo mal estar. O paraiso previsto nos tempos da Monarquia quando ao nosso espirito a República era uma maravilhosa ressurreição, uma nova Idade de Ouro para bem de todos, não foi mais do que uma reminiscença de go-

vernantes com costumes quase idênticos, q. não conseguiram dominar as agitações de uns e de outros.

Envolvidos como andávamos na barafunda, não víamos o trabalho reformador do Governo Provisório, as suas leis de renovação político-social, a ânsia de arejamento que havia em tudo; naturalmente só notávamos o que nos dizia respeito e daqui um grave erro de visão. É certo que a política de captação feita pela maior parte dos dirigentes era má e na verd.e o tempo provou que deu mau resultado e molestava os velhos republicanos que queriam política mais sã; mas também é verd.e que nem todos tiveram a grandeza de alma de calar para consigo o desgosto ou contrariedade e não mostrar o que lá ia dentro.

E o pior é que os monárquicos aproveitaram habilmente esse arrefecimento de entusiasmo ou de fé política e aumentaram por meios subtis a confusão que infelizmente se esboçára.

Os indiferentes, aqueles que poderiam constituir apoio do novo regime, começáram a duvidar da sua segurança perante a confusão estabelecida e as tentativas monárquicas

Camarada

Transcrevo, abaixo, uma moção que foi apresentada na ultima sessão da Commissão executiva da L. M. R., e que deve ser discutida na proxima assembleia geral, que se realisa em 2 de Outubro.

Moção approvada em sessão da Commissão executiva, de 18 de Setembro de 1911.

Considerando que a Liga M. Rep., não obstante ter sido fundada com os nobres e desinteressados intuitos de defeza da Republica, nunca encontrou nas estações officiaes, nem no alto corpo dirigente do partido republicano, o acolhimento e o appoio necessarios para o facil desempenho da sua patriotica missão;

Considerando que, ao contrario do que seria de esperar, as indicações da Liga, sempre tendentes a valorisar aquellas unidades onde a falta de bons elementos republicanos mais se fazia sentir, eram systhematicamente postas de parte, quando não manifestamente contrariadas;

Considerando que, nunca á Liga foi reconhecida importancia por quem tinha pleno conhecimento da sua existencia, por isso que, durante o periodo de agitação que tem lavrado no Norte do paiz, nunca os seus serviços foram reclamados, nem para cargos de confiança, nem para missões de propaganda;

Considerando ainda que, um anno depois da proclamação da Republica, a existencia de uma instituição d'esta natureza é pelo menos inutil, como orgão de propaganda republicana, dentro do exercito, porque esta, já deve estar feita pela analyse das medidas governativas que a Republica produziu neste anno de administração;

Considerando, finalmente, que a Liga dando por terminados os seus trabalhos, não pratica um acto de deserção, porquanto, votada a constituição politica do paiz, eleito o presidente da Republica, reconhecida esta por todas as nações do mundo, deveremos entrar num periodo de normalidade, no qual podem ser funestos organismos de excepção, como este.

A assembleia geral da Liga M. R., affirmando mais uma vez os seus sentimentos de fidelidade á Republica, resolve considerar d'hoje em diante dissolvida esta aggremiação, confiando que a acção individual dos officiaes que a compõem continuará exercendo-se como até aqui na alevantada tarefa de consolidação da Republica.

L. F.

Motoni

A reunião effectua-se na sala da "União Peninsular" no primeiro andar da casa onde está o café Suisso - ás 8 1/2 da noite.

Vou apparelhar
Bandeira

GL 44

de restauração e insensivelmente iam-se afastando ou esperando a ultima moda...

E o que tem de ser tem muita força.

Em Setembro, a Liga deu por terminados os seus trabalhos; aprovou em sessão da Comissão Executiva uma moção em que resolvia dissolver a instituição depois de considerandos curiosos; a moção que fica apensa nestas paginas vale a pena ler e considerar e mostra bem o estado de espirito dos componentes.

Entre nós, os de Coimbra, a solução era mais ou menos esperada; no entretanto causou certo desânimo nuns e protestos noutros como no major Silva Bandeira que deixou, a lapis, um «Não aprovado» que eu não apaguei e ainda se lê bem no papel da moção.

A 2 de Outubro respondêmos com a carta seguinte para o Pinto Osorio:

«Ex.mo Camarada: — Conhecida a circular ha dias recebida, é opinião dos camaradas que constituem a delegação em Coimb.e da L.M.R. de que, em vista do que nela se diz, realm.te, nós não fazemos nada já, tornando-se, por isso logico o fim dos trabalhos que ha mêses en-

estámos com vontade. — Se camaradas que não aprovam a resolução mas se submetem a ela á vista das circunstancias. — E' escusado talvez afirmar de novo que os oficiais que constituem a delegação não esquecerão por um momento os seus compromissos de honra e estarão sempre no mesmo firme propósito de defender, custe o que custar, a Republica Portuguesa. — Pela delegação — (a) B.P. »

E fez-se silencio...

Silencio que uns vinte dias depois se quebrou com esta outra carta para o capitão Pinto Osorio:

« Coimbra, 21 de Outubro de 1911. — Ex.mo Camarada — Alguns oficiais que constituiam a delegação em Coimbra da L.M.R. teem mostrado desejo de saber qual o resultado da ultima assembleia geral. Poderia o Ex.mo Camarada dizer-nos qualquer coisa? — Sem mais, etc. etc. — (a) B.P. »

O Pinto Osorio, amavelmente, respondeu na volta do correio:

«Ex.mo Camarada — Não deixaria de cumprir o dever de participar-lhe qual a resolução tomada em Assembleia Geral da Liga, se porventura esta se tivesse realizado. No dia marcado para ela estiveram os regimentos de prevenção, por motivo do sabido complot do Porto. Os acontecimentos que se seguiram obrigaram-nos a considerar inoportuna qualquer discussão sobre a moção apresentada pela Comissão Executiva. Em serenando isto convocarêmos nova reunião. — E' possivel que a marcha tortuosa que vai seguindo a politica portuguesa, que constitue um perigo para a tranquilid.e da Republica e talvez para a sua segurança, obrigue a comissão executiva a modificar os termos da moção apresentada. — De Vlec. Cam.da at.o e obrig.o — Porto, 22-10-911 — (a) Manuel Osorio.»

Naquela altura já Paiva Couceiro entrára em som de guerra pela fronteira norte de Traz-os-Montes, ocupára Vinhais e fôra obrigado a recuar para a Galiza; no governo, o Pimenta de Castro fôra demitido de ministro da Guerra; o Dr. Antonio José de Almeida, velho idolo popular, fôra apupado no Rossio

pela população... Tudo isto era grave e a Liga esperou ensejo para novas resoluções.

O certo, porem, é que na minha documentação nada mais ha que tenha relação com este assunto. Deixo aqui um quadro, por simples curiosid.e dos componentes da delegação de Coimbra:

Nº	Nomes	Data da aprovação
1	José da Silva Bandeira	27-1-11
2	Belisário Pimenta	"
3	José M.a de Sousa Napoles	"
4	Carlos A. de Mascarenhas Gomes	"
5	Jorge Correia de Almeida	"
6	Augusto Casimiro dos Santos	"
7	Ant.º Fernando do Rego Chagas	29-3-11
8	Orlando Quaresma de Paiva	13-5-"
9	Germano Roque dos Santos	"
10	Joaquim Maria Ferreira	"
11	Domingos da Ponte e Sousa	"

A Liga acabou os seus dias não sei bem dizer se com proveito para o novo regime ou se lhe faria falta. De facto, a politica, como escreveu o Pinto Osorio seguia caminho um tanto

ou quanto tortuoso e a agitação monarquica era de importancia e movida por gente de muito pêso.

Recordo-me bem do ambiente de incertéza em que se vivia e das desconfianças que a todo o passo nasciam por isto e por aquilo ás veres sem fundamento mas sempre prejudiciais. Encontro na papelada o borrão de uma carta escrita em Março deste mesmo ano de 1911 que condiz bem com o que fica dito embora não diga respeito directamente aos assuntos da Liga. Era para o Helder Ribeiro, meu condiscipulo e um dos Jovens Turcos do Ministerio da Guerra; aqui a deixo transcrita para acabar com o capitulo.

« Coimbra, 2 de Março — Meu caro Helder — Ha dias, quando o Bandeira te escreveu acerca duma conspirata cá na terra, eu, sabendo bem quem ele é, estive para te escrever lançando sobre a narração que certamente te fez, um balde de agua fria. — Como compreendes tudo isso me tem passado sob as vistas e devo confessar (sem optimismos) que me parece haver 90% de fantasia. — E' certo que é bom ter sempre vigilancia rigorosa e isso se tem

mandado pela Carbonaria, lá fóra e dentro do regimento — mas o que tambem é certo é que os elementos que essa vigilancia nos dá são insuficientes, alguns futeis e outros, queres crê-lo? ridiculos até. — Comtudo, estou convencido de que alguma coisa se trama e vejo-me obrigado a colocar o caso neste dilêma: ou o que elles tramam é aquilo que nós sabemos por pessoas que são de cotação inferior e, por consequencia coisa sem importancia, ou então vem uma conspiração organizada admiravelmente e que não deixa vestigios aos nossos olhos — o que ao meu espirito repugna. — Isto é, francamente o que me parece e que te quiz dizer, ha dias, quando o Bandeira escreveu; mas não o fiz porque não queria que pensáras que eu não ligava importancia a um caso tão sério. Agora que vejo como encáras o feitio do Bandeira, digo-to sem relutancia. — O caso é, em duas palavras, este: Tudo é mal firmado, não ha uma base solida; ha no comité carbonario cabeças excellentes mas algo lunaticas e que, em qualquer embuçado, fóra de horas, que se resguarde do frio, vêem um conspirador. E o Bandeira sofre um pouco d'isso. — Estou até convencido de que uma parte dos boatos espa-

thados veem da propria fantasia ciosa dos republicanos. Eu fiquei escaldado com muitas coisas quando estive no Comissariado e por isso, agora, vejo tudo friamente. — Já, por exemplo, a respeito do Quartel-General não digo o mesmo; aquilo por lá anda muito atalassado, alem de haver um pouco de desleixo no serviço — e o general tem se tornado muito pouco simpatico principalmente pela forma como ultimamente tratou o Chagas que o não merecia. Creio que o Bandeira te escreveu a esse respeito e, pondo de parte o que haveria de verdade no caso do cadete, a resposta dele ao Chagas e dum efeito desastroso.[1] — Enfim, não te quero tomar mais tempo. Agradeço-te a atenção de me quereres ouvir e mais diria se o tempo não fosse precioso.[2] E quanto ás conspiratas, cá por Coimbra está tudo prevenido quer quanto a vigilancia quer quanto a meios eficazes de lhes provar que o sebastianismo é... fumo e nada mais. — E agora o Brito e Silva... Coitado dele!... E' um embecil, estupido e vaidoso. Quem sabe! Tal-

---

(1) Ver atrás, pag. 196.

(2) O Helder Ribeiro, em bilhete de 2 de Março pedia a m.ª opinião sobre o que se passava e acerca do alferes Brito e Silva. [V. colecção de cartas].

ver que lhe passasse pelo espirito a possibilidade duma restauração monarquica ... em Benavente! [1] Sei-o suficientemente burro para se convencer de tal asneira. A sua moral é inferior; usa de varios processos exquisitos e ha entre os rapazes republicanos do 23 quem o conheceu souteneur. Como profissional foi sempre um calino. Contudo, apesar destas qualidades o poderem levar á categoria de inofensivo, é certo que pode ser mau elemento no exercito e acredito que seja homem para se meter em aventuras dessas. Teve um sonho dourado em tempos: ser ajudante do Rei. É possivel que sejam ainda os cordões a chamalo... — Sem mais, etc. etc. »

A respeito destes assuntos ainda terei mais que contar. Fiquêmos, porem, agora, por aqui.

E já não foi mau o q. aqui ficou.

Coimbra e Paz:
27 de Agosto de 1958 a 20
de Fevereiro de 1959.

---

[1] Terra natal do Brito e Silva.

IV

«Não é mau que isto se deixe,
Escrito como passou...»
Dum fado popular.

«Ele tomado la mano de mi mocedad como la de un amigo fiel [...] Ele empujado su espalda hacia el pretérito, y he dicho: "Adiós, puedes ir-te tranquila".»
J. Ortega y Gasset: Mocedades

Neste ano de 1911 houve muita coisa para arquivar. Quero ver, pois, se levo a tarefa com mais ou menos metodo se bem que a memoria já não acode como seria necessario. Sirvo-me da papelada guardada e é com essa que agora vou fazer figura.

Entremeados com o caso da Liga do ultimo capitulo, aparecem as eleições para as Constituintes em que eu, no distrito, tive certo papel. E' agora o assunto que se segue, tanto mais que, logo a seguir ao acto eleitoral, tive

a boa ideia de escrever com certa minucia o que se passou em volume limpo, de oitenta e Val paginas, como estão em que agora escrevo.

Vai pois o proprio volume intercalado nes Ve, apesar do papel não ser da mesma qualidade e a mancha ser tambem um pouco diferente. Emendarei a numeração e rasparei certas cotas marginais que já não teem razão de ser e assim evitarei copiar as 86 paginas da Historia. Os possiveis futuros leitores de certo desculparão...

Intitulei o volume A minha candidatura ás Constituintes de 1911 pelo circulo de Coimbra e era oferecido aos 2008 cidadãos que nos votaram em mim.

Desabafo, apenas, para não dizer creancice...

Coimbra
21-Fever.º-1959.

Aos

2008 Cidadãos que votaram no meu nome em 28 de maio de 1911,

of.es

o autor.

As cousas começáram assim...

Vagamente, um ou outro amigo, em conversa amena perguntava se eu não ia ás Constituintes. Como é natural, tinha sempre um gesto de modestia e respondia discretamente:

— Eu?... Oh!...

Mas tantas vezes ouvi fazer a pergunta que me habituei a ella, e por fim perguntava a mim mesmo se eu, realmente, não ia ás Constituintes...

Um dia, porem, o Calixto Mendes, recebedor na villa de Miranda do Corvo, conversando no quartel comigo sobre politica, lembrou-me á queima-roupa a minha candidatura por Miranda do Corvo...

— Eu?... Oh!...

— Qual! você mesmo, porque não?

Escusei-me, com modestia, mas immediatamente ante-vi a facilidade da cousa. Em Miranda

o meu nome sendo sympatico aos republicanos, não assusta a talassaria que ha ainda, abundantemente, por lá; sou creatura neutral naquelle meio pequeno onde se guerreiam valentemente uns aos outros.

O Calixto insistia:

— Não esteja com acanhamentos, meu amigo; é ir para a frente. Eu logo converso com o Batalhão a esse respeito.

Isto foi em meiados de abril, quando as arvores começam a florir alegres, e os campos a reverdecer fecundamente...

×

Dois ou tres dias depois, uma carta do Calixto, veio dar-me a certeza da victoria em toda a linha, no concelho de Miranda.

Eu pensei então a serio no caso.

— E porque não?

Já nos primeiros dias d'abril, o Alvaro de Castro, em larga conversa, mostrou-me a necessidade da ida ás Constituintes de um certo numero de elementos militares que defendessem a politica do ministerio da guerra e mantivessem a linha avançada que é necessario dar-lhe. Disse-me mesmo que me lançasse na empresa.

E eu... confesso, comecei a sério a olhar.

Não era impossivel o facto. Até certo ponto, ti-

nha direito a ir lá; probabilidades, havia algumas; e quanto a mim ... não desgostava de ir.

No entanto, pensava no assumpto porque não me queria abalançar ao acaso, quando, no dia 20, vi-jo no Diario Popular de 19 d'abril, uma correspondencia de Miranda que dizia:

«Dá-se como certa a proposta do snr. Belizario Pimenta a deputado por este circulo. A escolha não podia ser mais acertada; porquanto sua ex.ª, filho desta terra, descendente duma importante familia e intelligente como é, saberá cumprir com dedicação o mandato que lhe confiem.

Estamos certos que o povo deste concelho, admirador do snr. Pimenta, receberá com jubilo o seu nome e gerante a urna provar-lhe-ha quanto o estima.

Consta-nos que logo que esteja definitiva essa proposta, o sr. Belizário Pimenta percorrerá todo o concelho, fazendo conferencias. Bemvindo seja.»

Em 22 d'abril no Diario de Noticias:

«Miranda do Corvo, 20. — Segundo nos consta, dá-se como certa a proposta do sr. Belizário Pimenta, distinto official do regimento d'infanteria nº 23, para deputado por este circulo.

Oxalá que sua ex.ª seja o escolhido porque estamos certos que o povo deste concelho o receberá como sincero e antigo democrata, e provar-lhe-ha quanto o estima gerante a urna.

Diz-se que o sr. Pimenta virá fazer conferencias a este concelho, logo que essa proposta esteja assente.

Vivamente aplaudimos a escolha do brioso e incan-

savel republicano que conta aqui geraes sympathias.»

E no Seculo de 23:

«Miranda do Corvo. — Consta que o sr. Elizario Pimenta, official do regimento d'infanteria nº 23 será proposto a deputado por este circulo. Diz-se que o sr. Pimenta virá fazer conferencias a este concelho logo que essa proposta seja definitiva.»

Vê-se que as tres noticias tiveram o mesmo autôr... Mas eu então, na presença da publicidade da candidatura, lancei-me...

E no dia 24 d'abril escrevi uma carta ao Manuel Ferreira Batalhão, de Miranda do Corvo, velho republicano e amigo e ao José Cardoso, administrador da Louzã, sondando-os...

Coimbra = 24 - abril - 911

Meu presado amigo:

Tenho querido escrever-lhe mas tenho tido um certo melindre em o fazer. Conhece o meu feitio e sabe como eu sou incapáz de vaidades e incapáz de procurar situações p. me coloquem em destaque, porque me conheço sem cathegoria para isso.

Pois bem: umas noticias p. os jornaes deram acerca da minha candidatura por Miranda do Corvo, encheram-me de satisfação por ver como foi bem aceite essa ideia, se é verdade o p. disem os jornaes.

No entanto, como comprehende, eu nada faria sem ter conhecimento do p. pensam os meus amigos de

comissão municipal — pois q. em tudo quero concordancia.

Peço pois que me responda sobre o caso com a maior franqueza para eu me decidir — visto q. estou resolvido a aceitar e disposto a trabalhar pelo concelho se, da vontade de todos, fôr a minha candidatura.

Com muita estima, etc, etc.

Coimbra: 24-abril-911

Meu caro José Cardoso:

Os grelos generam já... A minha humilde pessôa anda em bolandas na imprensa...

E' o caso q. deve saber da minha candidatura proposta por Miranda do Corvo — terra da minha gente e onde eu sou estimado por todos.

Ora o concelho pertence ao circulo de Coimbra a q. pertence a Louzã.

Já está a ver...

Eu disfiz-me a aceitar, dado o caso q. em Miranda levem a efeito a proposta; e dispus-me por coisas q. lhe contarei com vagar.

Vaidade das vaidades!...

Mas q. quer? eu atiro-me... e depois falarei.

Agora o q. desejava saber era a sua opinião, bal como eu espero, para regular a vida.

Alea jacta est!

Um abraço, etc, etc.

Neste mesmo dia, o alferes-poeta Augusto Casimiro, um dos q. me empurrava a decidir-me, escreveu ao João Pessoa, medico em Cantanhede e presidente da comissão municipal politica, uma carta carinhosa...

Coimbra = 24 - IV - 911

Meu valente João:

Escrevo-te e — compõe as lunetas primeiro, resfira fundo e segura-te — é para tratar de cousas politicas q. te escrevo.

Temos á porta as eleições, dentro de casa a reunião das comissões q. ham de propor os candidatos. Quer dizer: é licito a individuos como eu, galofinar para fazer justiça e honrarmos a Republica.

Tu conheces e admiras como eu o Belizário Pimenta. Do passado delle falam as perseguições q. sofreu dignamente e os serviços q. ficam ocultos porque são de toupeira e ... secretos.

E' um caracter q. eu me preso de estimar entre os q. vivem pertinho da minha devoção. Espirito e caracter, inteligencia e tesura, vá o termo, ahi está o homem para nossa alegria e para bem da Republica se os Belizários abundassem.

Pois o Belizário é proposto, carinhosamente proposto pelo concelho de Miranda do Corvo; com Cantanhede e Coimbra, Mira e Lourã forma o circulo eleitoral aquelle concelho.

João amigo: — E' preciso q. para honra de Cantanhede, vocês o proponham tambem.

Elle não é do Affonso, descança. E' um candidato q. se não lembrou de desejar ser eleito, de quem nos lembrámos, nós q. o admiramos.

Para honra de Cantanhede é preciso q. o Belizário seja proposto. Nós correremos o circulo fazendo democratica, sinceramente, a propaganda da sua candidatura. E eu q. sou o q. sabes, irei a esses comicios, irei á urna rasoavelmente contente com o acto, rijamente satisfeito com a Justiça praticada.

O Belizário não é um politico. Será um trabalhador sincéro e necessário.

Ninguem terá de arrepender-se. Tu responde-me.

Eu creio q. temos a coisa certa. Coimbra se não fôr nossa officialmente, ha-de o ser bastantemente na urna. Responde bréve e aufére um abraço, etc, etc

(a) Augusto Casimiro.

A cousa, como se vê, estava começada. Agora era necessário lançar-me abertamente na luta — embora me não sentisse muito politico...

Mas enfim...

No dia seguinte, ao passar na rua Larga, vejo o José Cardoso que nessa altura não recebera ainda a minha carta.

Falámos no caso. Eu disse-lhe abertamente o q. havia e refarei q. elle ficou pensativo.

O José Cardoso tem o seu quê de conselheiro: e em que pensaria elle? Si naquelle tom pensativo a linha do bom politico...

Não gostei. O José Cardoso teve, pela primeira vez para mim, um ar grave que me deu na vista. Era o politico, era já o politico, tomando atitudes e modificando a fisionomia...

No entanto, afirmou boa vontade e que lá falaria ás comissões.

E eu voltei para casa, pensativo tambem, não percebendo a razão porque é que um rapaz alegre e desempenado como o José Cardoso, ao falar-lhe de

politica e mostrando-lhe a minha vontade de ir ás constituintes, se fez de regente pensativo e tomou um ar grave de velho esperimentado...

E a pensar nisso, no dia seguinte, 27, uma carta do Alvaro de Castro chegou e na qual me dizia, entre outras cousas, o seguinte:

« Com respeito á questão politica, dir-te-hei novamente o q. tiveste ocasião de me ouvir — é preciso q. defendas a tua candidatura. Não é uma questão de vaidade (não te iludas) é uma questão de interesse politico nacional. A abdicação, nesta altura, ou a renuncia, é um crime. »

Isto fez-me pensar mais a sério no caso. Que diabo! Um homem não é de ferro e eu comecei a ver q. realmente as Constituintes, sem mim, seriam uma cousa banal, uma cousa quasi morta...

E depois do almoço, antes de ir para o quartel, procurei o Augusto da Costa Pereira na repartição porque o julgava da comissão municipal politica. Afinal não era mas animou-me, achou excelente a minha decisão e prometeu trabalhar.

No outro dia, como andava receioso da forma como seria recebida esta cousa, entre os oficiaes do regimento, sondei-os a pouco e pouco, começando até, se me não engano, pelo Napoles e pe-

lo Mascarenhas q. contra a espectativa, aplaudiram a ideia; depois o major Bandeira, lealmente disse que trabalharia por mim e um ou outro oficial q. ouvia a conversa agoiava tambem.

A pouco e pouco eu vi firmar-se em volta de mim uma certa corrente de sympatia; o q. era necessário era fazer correr a ideia e ver se ella encontrava em todos a mesma adesão atenciosa.

Eu contava com o meu passado e com o meu afastamento presente ás questiunculas da terra; o meu nome deveria ser bem aceite por todos, pois que a minha situação assim o deveria indicar. Era questão de trabalho e de habilidade.

Escrevi de novo ao Batalhão, para Miranda, para saber uma resposta:

Coimbª = 28-abril-911

Meu caro amigo:

Desculpe o ir importunal-o outra vez... Sei q. é muito bréve a convocação das comissões para a escolha dos candidatos ás Constituintes. Como considéra ahi essa comissão, a minha candidatura? Votarão em mim?

Creio q. na Louzã e Cantanhede as cousas não estão mal.

Peço resposta, se isso o não massa — para tratar da propaganda ahi e nos outros concelhos.

Sem mais, etc, etc.

Decidi pois, ir correr as comissões, uma a uma, consultal-as, sondal-as...

E no dia 29, antigo dia da "Carta constitucional", antes de ir ao quartel fui falar ao Candido Nazareth, mestre de oficinas na imprensa da Universidade e q. é Irmão da minha Loj.·.

Achou bem q. eu me proposésse, não só por ser filho de Coimbra mas por ser imparcial na politica, etc., etc., mas sem mostrar um ar decidido q. me desse a ideia do sim ou do não. Não percebi bem, é claro, os motivos; agora vejo-os claramente porque foi um dos q. guerreou a minha lista — como adeante se verá...

Cousas do mundo.

Á tarde, jantado e bem disposto, fui a Santa-Clara falar ao Francisco da Fonseca, o grande Francisco da Amalia, velho revolucionario e amigo.

— Amigo e sr. Francisco: vou propôr-me deputado!

— Pois valeu, vamos a isso!

E espregando as mãos, corridente:

— Oh q. grande ideia!

E ali se pactuou q. elle falaria á comissão e q. a comissão diria q. sim, q. aprovaria o meu nome. E afontando-me o punho fechado, dizia-me convencido:

— Tenho-a na mão!... aqui!...

— Pois vamos a trabalhar, amigo Francisco!

— O sr. ha de ser sempre o nosso homem! Eu bem sei o q. o sr. fazia no regimento...

Eu, modestamente, despedi-me e voltei á cidade, disposto, contra o meu feitio e habito, a mecher-me alguma cousa.

Fui á Praça do Commercio falar ao Carlos Gomes Lobo, filho do Jayme Lopes Lobo. Contei-lhe o caso singelamente:

— Bem vê... Em Miranda talvez me propunham e eu queria saber se seria bem aceite aqui... De resto, o meu amigo sabe... eu não tenho ambições nem categoria...

E o Carlos Lobo disse q. trabalhava por mim.

Na rua encontrei um rapaz tipographo cujo nome não sei, a quem contei identicamente o caso e q. identicamente prometeu trabalhar. Este pertence á comissão parochial de Santa Cruz, assim como o Lobo pertence á de S. Bartolomeu.

Já tinha tres comissões faladas...

E eu via-me a caminhar de vento em pôpa! A politica, afinal, era uma cousa bem facil...

Tudo amabilidades, reverencias, promettimentos; tudo côr de rosa, como uma manhã alegre e doce do maio alegre e florido!...

Ao outro dia houve comicio em Souzellas organisado pelo major Bandeira.

Era um domingo, 30 d'abril. O José Maria de Sousa Nagoles levou-nos no seu automovel até lá; eramos quatro: o Bandeira, o Nagoles, o alferes Carlos Mascarenhas e eu.

Choviscava. Na aldeia o povo, depois da missa, esperava no largo fronteiro á egreja. O Alberto Dias Pereira, bello rapaz de 18 a 20 annos, filho do antigo cacique de Souzellas, manobrava de um para o outro lado, recomendando cousas. E ahi cerca do meio-dia, sob a ameaça de borrasca, nós lá trepámos a um pequeno estrado construido á ultima hora sobre dois bancos de carpinteiro e deu-se começo ao comicio.

Duzentas pessoas, não mais, com mulheres e creanças; o major abriu o comicio e apresentou as contas dos adeantamentos á familia real; depois foi o Nagoles q. desatou a descascar nos padres com anedotas alegres e picantes de tal forma q. conservou constante hilaridade; depois o Mascarenhas q. fez a sua estreia e q. se apresentou bem; a seguir ... eu!

Tomei uma atitude digna, sem emphase, é certo, mas com linha ... Começava o meu discurso quando na estrada passou um automovel com

republicanos de Coimbra q. otháram esfantados... Dir-se-hia que eu, naquelle estrado improvisado, em frente de camponios embasbacados, aconselhava elixires ou jornadas miraculosas...

Elles seguiram a rir e eu comecei por me apresentar como candidato ás Constituintes. Procurei tirar efeitos, não os massei muito e recebi fartos aplausos no fim...

Falou ainda o Alberto Dias Pereira e o por fim o major encerrou o comicio entre vivorio e palmas e o toque da Portugueza executada por uma tuna, obrigada a pandeireta...

E, emquanto se fazia horas para o jantar, tivemos de conferenciar com as comissões politicas da terra, do Botão, de Brasfemes e não sei se mais alguma, traçando planos, conversando sobre as necessidades da região...

E eu, tomando ares, ouvia-os, ás vezes distraido e a tudo lhes ia dizendo amavelmente:

— Sem duvida... Isso é negocio para se ver depois, bem vê...

— Sem duvida, meu senhor.

E cerca das 3 da tarde, começou o jantar, um suculento jantar em casa do Dias Pereira, entre a conversa alegre e a discussão com o padre da freguezia q. dera sorte com o Nagoles.

Do lusco fusco, voltamos no comboio, alegremente, como de quem vinha de um fic-nic alegre...

Em casa, olhando os jornaes do dia, vi a seguinte noticia no "Sargento": [nº 23, de 29-IV]

Uma bella noticia

Vae ser proposto defutado ás Constituintes, por este circulo, o nosso ex.mo amigo e inclito cidadão Belizário Pimenta, mui digno tenente do regimento d'infanteria nº 23.

Rejubilamos com a grata noticia, tanto mais q., com certeza, será um advogado extremo q. nelle terão todos os sargentos do exercito.

Segundo a lei eleitoral, não se póde pedir votos, mas francamente, faremos um comiciosinho com os nossos amigos a fim de lhe conseguirmos alguns.

Os nossos sinceros parabens não só ao paiz, como a todos os sargentos.

Começáva o reclame na imprensa. Era a celebridade a buscar-me, a fazer-me subir, para q. a queda fosse maior...

Vanitas vanitatum...

×

Veio o dia 1º de maio.

Eu desci cedo á cidade e fui á estação do caminho de ferro falar ao Alvaro de Castro q. ia no rapido para Lisboa.

Poucas palavras houve. Só ~~me~~ me animou a não desistir da propaganda da minha candidatura, tal como na carta q. ahi ficou atraz — e deu-me a nova extranha de q. no ministério do interior se tramava a eleição por Coimbra do dr. Alves dos Santos e do José Cid.

— Isso póde ser?

— Verás...

— Posso fazer uso d'isso?

— Podes... Não fales no meu nome; de resto, deixa correr a nova...

— Extraordinario!

— Mas certo.

O comboio lá foi; e eu, como um foguete, vou á Calçada, encontro o typographo Cunha Rocha e abiro-lhe a novidade; passa o alferes Mascarenhas e digo o mesmo; a este e áquelle a mesma cousa; em pouco vi germinar a noticia e vi esgalhar-se ligeiramente, causando gestos indignados, essa irritante novidade.

Como, ás vezes, na melhor das intenções, se vae causar uma alteração d'ordem!

E, como vi assegurada a publicidade do caso, dispuz-me a subir ao Quartel-general, onde me ia apresentar por estar de ronda — quando me apareceu o Jayme Cortezão.

Maldito encontro!... Antes não o visse — a esse poeta-anarchista-maçonico-candidato a deputado, que nessa altura me apareceu como os diabos de magica, promptos a seduzir os incautos...

Pois senhores: foi a minha maior tolice... o elle ter aparecido!...

Viera a Coimbra para me falar, para entrar comigo em combinações... politicas.

— Oh seu malandro!... Você fala-me em politica, assim, sem mais nem menos?

— Venha d'ahi, homem, q. eu acompanho-o ao quartel-general.

E fomos. Quer no caminho quer á entrada do quartel-general, elle expôz as cousas: era necessário reagir contra o conservantismo, trabalhar pelo radicalismo e elle estava disposto a ir ás Constituintes; o Pires de Carvalho tinha desejo q. elle lá fosse e propunha-se apoial-o no circulo da Figueira, onde elle, Cortezão, poderia arranjar votação razoavel; o mesmo Pires de Carvalho queria formar um grupo de homens de caracter, decididos a irem independentes á lucta e a não se deixar eivar de conservantismo; e, finalmente, contavam comigo.

Eu confesso q. não percebi bem e confesso agora q. melhor seria ter percebido.

Eu observei-lhe q. o meu nome não era um

nome de peso e muito menos de prestigio; eu não melhorava o grupo...

— Mán... não esteja você com cousas...

— E' isto, homem, já lhe disse. No entanto, estou ás ordens se houver nisso vantagem.

— Então não ha? Você é um homem de caracter e depois... póde auxiliar-nos em Miranda do Corvo...

Ora aqui está o fraco da questão: a minha influencia em Miranda do Corvo!

Eu então não o percebi, confesso; percebo-o agora, depois de ter sido comido...

Mas enfim, lá subimos á Penitenciaria para falar ao Pires de Carvalho q. não estava, felizmente; de lá segui para o quartel com o Jayme, assentando na união leal e forte de alguns bons republicanos radicaes decididos á lucta pela pureza da Republica e pela superioridade dos principios.

E eu, apesar dos meus 31 annos, lá fui, como qualquer moço de vinte annos, arrastado na musica bella q. o poeta-anarchista me ia tocando, e com a qual me sensibilisava o pobre coração entusiasta...

Ai dos bons!

Ha sempre ao lado d'elles, como nos teatros, um alçapão mysterioso de onde surge um diabo de

magica, amavel e risonho, captivante, como sereia da fabula, grompto a enganar meio-mundo...

E depois este, com a linda figura de macho-goeta, louro, barba ligeiramente arruivada, cabeleira coredia e setinosa, elegante e empolgante... Ah! pobre do q. é bom e credulo!...

E depois, no caminho, desfiamos um longo plano maçonico: o Pires de Carvalho é Veneravel da Loj.·. Redempção; elle, Jayme, fôra já proposto para esta Loj.·. e assim a Maç.·. trabalharia tambem por nós, solidariamente, como cumpria a Irmãos...

Ai dos bons!

No quartel fômos combinar com o Napoles o elle levar-nos no dia seguinte a Cantanhede: era necessario começar intensamente a campanha.

O Napoles disse q. sim, mas desejava q. eu fosse com elle a Taveiro, procurar o Julio da Fonseca por causa do Ramada Curto.

Fomos. No automovel ia tambem o Orlando Paiva e o Mascarenhas q. iam troçando comigo á conta da candidatura.

Passava um grupo de operarios q. me cumprimentava e elles logo:

— Fóra o cacique!

Eu, ás vezes, contando-os, dizia-lhes:

— São seis votos! São quatro votos!

E elles:

— Fóra o caciquismo!

Mas o Julio estava e por signal q. dormia.

— Que malandro!... a dormir a esta hora!

— Nalguma cousa ha-de a gente passar o tempo numa terra divertida...

Mas nós entrámos na questão: era necessário trabalhar por uma lista radical: Ramada Curto, Pires de Carvalho e eu, em oposição a uma lista provavel em q. entrasse o Angelo.

O Julio estava prompto a trabalhar; não se profunha porque não tinha meios para se sustentar em Lisboa durante o periodo legislativo; mas ia á lucta decidido e contassemos com elle.

Comemos e bebemos, como é custume em casa desse bello rapáz, e voltamos de novo, a 40 á hora, para Coimbra.

A campanha não começáva mál de todo, que diabo! Passeios de automovel, bolos e vinhos em casa dos amigos...

Isto não era tão máu como se dizia...

Em casa tinha uma carta do Batalhão, de Miranda, em resposta ás duas q. eu lhe escrevi. A carta não é bem clara, não é uma cousa cathegorica, diz mesmo: "creio q. aqui tambem ha de ter amigos..." e eu fiquei sem perceber bem se aquillo era

uma forma de fugir com o rabo á seringa... Que demonio! menos palavras mas mais claras, era o q. eu queria.

D'noite voltei á baixa, e falei com o Alvaro Machado, de Murtede, quartanista de medicina q. me prometeu, como membro da comissão parochial da sua freguesia, votar em mim e falar em mim aos seus colegas. Falei com o Floro q. me animou tambem, q. metesse, sem esitações, hombros á empreza, q. me deixasse de acanhamentos...

O Candido Nazareth de quem já falei atraz, encontrando-me, disse q. encontrou em todos a quem falou, a melhor vontade a meu respeito.

E eu... levado em tudo isto, não via q. caminhava pelo mar traidor da politica...

×

No dia seguinte, ás 7½ da manhã, com nevoa fina a cobrir o campo, abalámos eu e o Napoles, no automovel deste, estrada fóra, á doida, dando largas ao motor, na ancia de velocidade q. chega a ser vertigem. Fomos a S. João do Campo buscar o Jayme Cortezão na casa do qual o pae, o erudito Antonio Augusto Cortezão, abrindo a porta me recebeu vernaculamente:

— Com q. então... fervet opus?

— É verdade, sr. dr.. Isto são tolices de rapazes...

E dentro em pouco seguimos estrada fora, de novo, por Ançã, Portunhos, direitos a Cantanhede, á vista da qual, cerca de 400 metros, uma pane veio demorar meia-hora certa a nossa marcha triumfal. Mas, passado o mal entrámos na vila e dentro em pouco, abancados á mesa do João Pessoa, medico, presidente da comissão municipal — nós entabolamos uma conversa politica, como se fossemos velhos politicos experimentados...

Para encurtar razões: o Pessoa tinha já reunido as comissões parochiaes para troca de impressões e resolveram votar nos seguintes, pela ordem q. se segue:

Ramada Curto,

José Cardoso,

Belizário Pimenta.

O João Pessoa prevenio-nos q. no concelho todos são dedicados ao Antonio José d'Almeida e q. as comissões são disciplinados ás indicações do Directorio; nós ali pouco fariamos se nos apresentassemos como amigos do Afonso Costa ou formassemos uma lista sem a aprovação do Directorio...

Inteirados e bem almoçados, demos uma volta pela vila e voltamos para Coimbra, mas dando a volta por Arazede — bella volta por signal, com

largos e verdes panoramas sobre o mar, ao longe, como um grosso traço negro; com um extenso panorama sobre o vale do Mondego, na descida para Tentugal; e depois, com a exuberancia das terras no vale, atravez das quaes a estrada segue, em largas curvas.

Que beleza, uma campanha eleitoral!...

A' noite, na baixa, dei conta ao Alvaro Machado da minha viagem... politica; e o Guilherme d'Albuquerque, amavel e risonho, veio dar-me parte q. a comissão parochial de Santa Clara iria votar em mim, no Ramada, no Quim Martins e no Julio da Fonseca...

— No Julio?

— E' verdade... Resolvemol-o hoje. Tanta cousa lhe fizemos ver q. elle disse-nos q. sim.

— Bom, bom... Gosto da companhia.

Mas afinal esta lista foi modificada, porque, no dia seguinte, a comissão votava os seguintes:

Amilcar de Sousa Ramada Curto

Antonio Pires de Carvalho

Belizário Pimenta

Julio Vieira de Figueiredo Fonseca.

Como se vê, o meu trabalho começava a dar alguns resultados praticos...

Já uma comissão dissera de sua justiça, caram

ba! e tudo iria de vento em fouga, alegremente, no melhor dos mundos...

Ai dos q. crêem!

×

No dia 4, com o coronel Chagas, fui para a Figueira, para fazermos uma sindicancia a um caso de conspiratas q. por signal deu em resultado a demissão do capitão Luis Augusto Ferreira.

A minha vida militar - I - ...

Em quanto lá estive, com o trabalho estofante da sindicancia, nem pensei nas eleições; só no dia 6 é que o Mascarenhas q. lá foi em serviço me deu novas e... e q. novas!

No dia 5 de maio, o Angelo da Fonseca q. viera de Lisboa, reuniu em sua casa os presidentes das comissões municipaes dos concelhos q. constituem o circulo, os administradores dos mesmos concelhos e o governador civil; houve troca de impressões — segundo se dizia — e dessa tróca sahiu a seguinte lista, mirabolante lista:

Angelo Rodrigues da Fonseca
Antonio Candido d'Almeida Leitão
Belisário Pimenta
Jayme Zuzarte Cortezão

Quando o Mascarenhas me disse isto, cahi das nuvens! Eu, aprovado pelos srs. conselheiros!...

— Essa é boa, oh Mascarenhas! E lá, o q. se diz?

— Refonta-se... Chamam-lhe lista de conselheiros e não a querem...

— É bôa... como eu escolhi...

Mas d'ahi a pouco referei eu: como é q. o Jayme Cortezão aparece numa lista por Coimbra? Não tinha elle dito q. se groforia pela Figueira? Ali andava tramoia e a ideia foi tola...

E depois, comecei a pensar: o governo recomendou aos governadores civis e administradores dos concelhos q. não interviessem no acto eleitoral; e o Angelo convida-os para uma reunião em sua casa, para a escolha de candidatos... A lei eleitoral determina q. as comissões parochiaes reunam primeiro e levem os seus votos ás comissões distritaes; e aqui era a comissão distrital a escolher ouvindo apenas os presidentes das comissões municipaes.

Que diabo de trafalhada! Calcava-se assim as leis, as circulares, os bons costumes, o bom senso e os principios?

Eu resolvi não aceitar a inclusão do meu nome numa lista assim formada; e na primeira occasião diria publicamente q. não tive, naquelle facto, a menor interferencia. Tudo serei, menos conselheiro...

Cheguei mesmo, d'ahi a Gouco, a sentir-me escamado com o caso...

Ahi está como eu me via envolvido numa cousa bem desagradavel — sem ter a menor culpa!

Voltámos á noite da Figueira e eu, na Calçada, á chegada, conversando com este e com aquelle, tive ocasião de ver a má vontade q. causou em todos essa tal lista, e até uma certa má vontade contra a minha pessoa pela inclusão do meu nome.

E esta?

Em casa, lendo jornaes, deparei com um numero da Tribuna em q. vinha um artigo de fundo do Augusto Casimiro, sob o pseudonimo de Castro Affonso, e com o titulo de "Um homem" — em q. eu sou elogiado excessivamente. O Casimiro é um bello rapaz, mas tem umas admirações exageradas; e esse artigo é uma prova.

Neste mesmo numero da Tribuna vem na 1ª pagina, em letras grandes, o aviso ao publico de q. vão ser propostos candidatos ás Constituintes os drs. Alves dos Santos e José Cid...

Era ainda o meu aviso do dia 1 de maio, a correr, a germinar...

Mas, na Defeza, de 5 de maio, havia duas noticias q. eu não liguei muito bem.

Uma, com o nome de "A' ultima hora", dizia-se

4-35

q. na reunião da Comissão distrital com os repre-
sentantes das comissões municipaes, foram esco-
lhidos os candidatos.

Diz q. foram escolhidos.

Mas, mais adeante diz sob o titulo de Reu-
nião politica q. em casa do Angelo da Fonseca se reu-
niram os presidentes das comissões municipaes ja
ra... trocaram impressões acerca do proximo acto
eleitoral.

Alguma troca de impressões...

×

Ora, para não embrulhar, vamos contar como
as cousas succederam até eu ser acitá pelo Ange-
lo meio famigerado listá.

O José Cardoso, depois daquelle conversa comigo
em 25 d'abril, teve q. ir a Lisboa e lá falando com o
Angelo da Fonseca, lembrou-lhe o meu nome, visto q.
eu tencionava votar-me.

O Angelo, não me conhecendo muito ligeiramen-
te, pediu logo explicações:

— Que politica tem elle?

O José Cardoso elucidou logo sobre a minha in-
clinação ao Antonio José e deu em resposta infor-
mações mais precisas acerca da minha pessoa —
e de tal forma q. o homem disse q. eu convinha

a politica delle e q. seria util entrar na lista q. se viesse a combinar...

Mas, ainda mais: o Nogueira Lobo contou-me q. no dia da tal reunião, de manhã, encontrando o Angelo e conversando acerca dos provaveis deputados, lhe disse:

— Ha ahi um rafaz, bem aceite por todos e q. parece ter sua vontade de se profôr...

— Quem é?

— E' o Belizário...

— E a politica?... para q. lado vae elle?

O Nogueira Lobo elucidou o Angelo acerca da minha politica claramente almeidista...

E o Angelo levou a tenção de me aceitar de braços abertos...

E aqui está como eu entrei na lista.

×

Mas, continuando...

No dia 7, domingo, logo pela manhã, mandei perguntar ao Casimiro se havia ou não comicio em Eiras e se houvesse a q. horas ia elle com os oradores.

A resposta veio logo, a lapis:

Admiravel amigo: Hurrah! pelas nossas coisas. Ás 9½ parte o automovel do Napoles, para Eiras da

Porta do Quartel. Venha rapido! Belissimo... Seu do C. (a) Augusto Casimiro.

E na verdade, cerca das 8 1/2 lá fomos no automovel do Napoles: o Napoles, o aspirante Germano dos Santos, o Casimiro e eu.

O comicio era promovido pela comissão parochial da Sé Velha; e na estrada lá iam, em char-á-banes, amontoados, quando de certo, esses bravos patriotas q. faziam a festa e q. largávam o dinheiro...

Em Eiras, uma filarmónica rompe com a Portugueza q. nos fez estar protocolarmente com a cabeça ao sol um bom bocado; houve foguetório e nós lá fomos, num cortejo improvisado, ruas fóra, ao largo da egreja onde se fez o comicio.

No adro da egreja, no proprio adro, cousa de tres degráos sobre o largo, um rapaz da comissão da Sé Velha, abre o comicio e propõe-me para presidir. Eu, aceitando, abri a serie dos discursos apresentando-me como candidato ás Constituintes, disse duas lérias sobre eleições e dei a palavra seguidamente aos oradores inscritos...

E aqui recomendo a resenha dos discursos q. veio num numero do Povo de Santa Clara q. á parte a piada, vem mais ou menos exata e com certa graça.

Eu, por fim, querendo encerrar o comicio e co-

mo o gôvo se acumulava em volta da meza, tive de saltar para cima dela e de lá encerrar o comicio lembrando aos eleitores de Eiras o dever de ir á urna e quasi faltou para lhes dizer q. votassem em mim....

Passe a graça, e vamos agora a um caso de maior importancia.

×

No dia seguinte o Jayme Cortezão entra no quartel e ex-abrupto mostra-me uma carta do João Pessoa em q. vinha um telegrama do Angelo.

Nesse telegrama q. devia ser de 6 ou 7, isto é, do dia seguinte ou dois dias passados sobre a reunião não falada em casa do mesmo, dizia-se o seguinte:

« E' indispensavel alterar lista Coimbra, ficando Angelo, Francisco Vilaça, dr. Leão Azedo, Antonio Leitão.... .. conveniencias politicas exigem esta modificação. Escrevo. Director geral — Angelo Fonseca. »

Este telegrama foi enviado a todos os presidentes das comissões municipaes politicas e administradores dos concelhos, á excepção do Floro Henriques q. tambem já não fôra convidado para a reunião citada acima.

Nesse mesmo telegrama dizia-se tambem q. o meu nome ficava incluido na lista do circulo

d'Arganil... Um telegrama circular do director geral de instrução superior e secundaria, tratando de eleições oficialmente!

Eu fiquei a olhar...

Mas de repente lembrei-me:

— É verdade! Como é q. você agora aparece progosto por Coimbra?... Não foi essa a combinação...

— Não foi, realmente... Mas o Pires de Carvalho é q. me metem lá, garante-me a eleição... e você comprehende... eu não sou uma figura apagada...

— Foi uma grande asneira, meu caro: você, por aqui, perde-a! Você em Coimbra não leva um voto!... Isto é a verdade núa e crúa...

Ora eu com isto fui ferir o orgulho do poeta... Este Jayme tem um orgulho intoleravel — e nesta minha irreverencia pelo seu talento e pela sua importancia é q. eu cifro a guerra q. elle depois me fez e q. talvez me fizesse perder a eleição.

Discutimos, berrámos e eu fui talvez um pouco agressivo; mas enfim disse a verdade e o q. julguei dever dizer-lhe.

Não me arrependo.

O diabo foi o orgulho ferido e a vaidade abatida por um Zé-ninguem como eu.

Nisto entrou o Antonio Nazoles o grande amigo do Ramada Curto...

E aqui entra o Mamada Curto em scena...

O Mamada viu as cousas mal paradas por Coimbra, quanto á sua eleição — e decidiu-se pela Covilhã, abandonando os seus amigos de Coimbra e as comissões q. por causa delle tiveram largas questões com o Directorio e se colocáram em hostilidade com o Angelo.

E' humano deixar o duvidoso pelo q. é certo e humano tambem foi os amigos q. por elle trabalháram largáram-no lógo como valor liquidado.

Pois bem: o Nazoles vinha ver se metia o Mamada outra vez em Coimbra...

Eu fiz-lhe ver q. talvez se não fizesse nada, mas elle disse-me q. era um engano, q. o Mamada havia sempre de ser bem aceite e q. até lhe mandára um telegrama para elle vir no rapido da tarde. E demais, á noite, em Santa Clara, havia uma reunião para se discutir a prepotencia do Angelo...

Vinha tudo a calhar!...

— E você, oh Pimenta: você vae-nos fazer um favor: você vae a Cantanhede, ainda hoje...

— Eu?... a Cantanhede?... Como?...

— Vae no automovel do Paiva, e vae falar ao João Pessoa para ver se é possivel ainda aguentar o Mamada na votação das comissões.

Eu quiz argumentar com a inutilidade destes

esforços; mas o Nagoles colocou esta cousa como um favor pessoal e eu não tive remedio senão dizer q. estava ás ordens.

E lá fui, seriam 4 horas da tarde, sem jantar, no automovel excelente do Orlando Paiva, entregue a uma razoavel velocidade, atravez dos campos belos, sob uma tarde alegre e tépida.

O Paiva larga o carro numa doida corrida; tem um pouco a vertigem da velocidade; e realmente, antes de Ançã, um cão atrevido foi imolado á nossa furia... eleitoral e ao passar em Ançã, uma galinha nédia estoirou cávamente sob uma das rodas do carro — pobre victima, coitada, da nossa vertigem... politica.

Mas o Pessoa, em Cantanhede, manteve as afirmações anteriores; e como o José Cardoso ia pelo circulo de Arganil, ficava em campo o Ramada, depois eu e por fim o Jayme, como cunhado e amigo, etc, etc. Tornou a fazer-me a prevenção da disciplina ao Diretorio e...

E pela tarde fresca e amavel, nós largámos da vila, estrada fóra, para Murtede, com o fim de evitar o pessimo estado da estrada por Ançã.

Assim passou Murtede, Lemede, Casal-Comba, Mealhada, numa corrida doida q. mal deixava ver a serenidade do horisonte largo, com o fundo da

serra do Bussaco, meia envolvida em nevoa; assim passou a estrada do Porto até que, ao lusco-fusco, nós entrámos em Coimbra, e eu fui, finalmente, jantar!

Jantei á pressa, tirei a farda de cotim com q. fôra aganhado, vesti-me "á paizana" e desci á pressa a Santa Clara.

Ai dos q. crêem!... ai dos bons!...

×

A noite estava escura; ao longo do muro mal caiado havia vultos quiétos; a mole do convento de S. Francisco, enorme, tinha o seu quê de lugubre; ao longe, da cidade, vinha um leve ruido abafado...

Pela porta da ladeira, gente sahia e entrava, como q. esgreitando; um grupo estacionava caládo a meio da subida, numa inquietadora imobilidade.

Qualquer cousa de gráve se ia passar...

O Francisco da Fonseca, interrogadôr, avança, olhos vivos inquietos, prescutando:

— Já estão todos?

Eu não sabia se estavam todos, mas respondi:

— Devem estar...

Da porta continuavam a surgir cabeças investigadoras e eu então avancei...

Mas nada de mysterios, leitores amigos: nada

de mysterios porq. tudo aquilo foi a maior chuchadeira deste mundo!

O scenario e as atitudes prestavam-se a cousas de capa e espada; mas não quero romantisar as cousas veridicas, as cousas extraordinariamente veridicas...

Seja-se.

A' porta estavam, com ar grave e circumspecto de "cousa no ar" os seguintes cidadãos: major Bandeira, Pires de Carvalho, Floro Henriques, Costa Ramos, Julio da Fonseca, Guilherme d'Albuquerque, Jayme Cortezão, Soares Neves, Joaquim Gandarez e talvez um ou outro mais, mas de q. me não lembro.

Falámos-nos mysteriosamente; e depois de um pouco de espera porq. o gaz do centro republicano de Santa-Clara estava aos lampejos, a sessão começou soturnamente por uma explicação do Floro acerca da causa q. ali nos reunia.

A causa era a lista q. se devia apresentar e o protesto gerante as imposições do Angelo.

A discussão começou, houve insultos ao Angelo, prometeu-se aniquilal-o e varias cousas no genero; eu tomei a palavra e a proposito tentei defender o Jayme no meio dum silencio embaraçoso — para mim e para o Jayme...

E o Pires de Carvalho, trombudo, ao lado, ouvia

sem dar um ligeiro signal de aprovação. Elle, q. me-
teu o Jayme na dança, ouvia e calava; e eu, q. re-
provei a candidatura delle é q. o defendia...

Tive até uma questão, dias depois, com o Au-
gusto Casimiro porq. este entendia — na sua cega ad-
miração pelo Jayme — q. eu devia arriscar a mi-
nha eleição mas devia impôr o Jayme ao povo repu-
blicano de Coimbra... Altercámos até e eu disse-lhe
q. sacrificaria a eleição mas não sacrificava a ami-
zade q. o povo parecia ter por mim, impondo-lhe um
individuo q. lhe era antipatico. Eu disse-lhe q. em
Santa-Clara, nessa noite, só eu o defendi, apesar de
tudo e q. o Pires esteve mudo...

— O Jayme não precisa q. o defendam!...

E eu tive de encerrar a questão com um gesto e
uma palavra pórcos...

Mas não interrompâmos.

O caso é q. ia a vingar uma lista com os tres no-
mes seguintes: Julio, Pires e eu, ficando o Jayme
de fóra apesar de tudo, quando, da porta sôa um vi-
va estridulo:

— Viva o dr. Damada Curto!

Olhámos: como em sceva, o Damada entrou,
largou um rico sobretudo forrado de peles claras,
lançou-o sobre o bilhar e, emquanto soava na
sala o unico "viva!" q. acompanhou o primeiro,

o Mamada, solene, esfatáculoso, entoou um cantico a Coimbra, á sua terra querida, á terra onde o seu coração desabrochára, onde se fizera homem á custa dos seus amigos, onde...

E olhou em volta: a maior parte dos q. estavam tinham-se safado á sucafa; e de todo o grupo só estava eu, o Pires de Carvalho, o Bandeira e ao fundo, encolhido nas suas barbas loiras, o Jayme... E o Mamada, sem perder a linha, largando o ar pomposo de orador em caso gráve, vae direito ao Jayme e afagando-lhe as barbas, diz-lhe:

— Adeus oh Buiça! estás cada vez mais barbado...

Que dizem a isto?...

Era uma farça, aquillo... E emquanto todos esgarávam uma hypotética carta q. o Mamada escrevera e entregára não sei a quem, eu procurei rasgar-me tambem á sucafa e cá fóra, ao fresco da noite, á vista do Mondego, eu tive vontade de rir...

O Mamada é um átor, é um excelente átôr; e com o seu belo pórte e a sua eloquencia, arrasta, sem duvida, quem não tem a preparação suficiente ou alguns conhecimentos de... arte cénica para se não deixar embair.

A mim não me comeu elle...

No largo da Portagem (Miguel Bombarda) tive

a má sorte de encontrar o Jayme e o Pires de Carvalho, á minha esfera. Má sorte!... Andávam como os abutres em volta de presa, os malvados...

Mas vamos seguindo a via dolorosa...

O Jayme queria, assim como o Pires, encetar rapidamente a campanha; o Damada era homem liquidado, como se viu; era pois urgente começar a campanha eleitoral, de comum acordo, com lealdade, com habilidade...

Ai dos q. crêem!...

Eu disse-lhes q. sim, mas q. deviamos começar por procurar o Julio da Fonseca q. devia estar então (seriam 11 h. da noite) a cear ruidosamente no "restaurant dos caçadores". E fomos.

O Julio largou a ceia e veio á rua; e á pergunta do Jayme a respeito da nossa atitude, respondeu animadamente:

— Isto agora... é ir para a frente!

E ali, naquele silencio do Arco do Bispo, sob a protecção do colosso da Sé Nova, entrámos em combinações: na quarta-feira seguinte, 10, iriamos a Miranda e á Lousã; o Jayme, no dia imediato iria a Cantanhede e na quinta-feira iriamos todos, se necessário fosse, a Cantanhede e Mira. A campanha seria unida, todos como um só homem e como nós, por sermos quatro, teriamos de fazer des-

dobramento, logo ali se combinou q. depois, ao enviar as listas se mandaria numero perfeitamente egual para toda a parte, para haver lealdade...

Ai dos q. crêem!...

Ficou assente tambem q. na quarta-feira seguinte, o Jayme faria uma conferencia no centro Fernandes Costa.

E aqui está outro motivo da guerra q. o Jayme me moveu depois. Queria q. eu o apresentasse e eu disse-lhe q. não, q. não estava nas condições; e como isto lhe foi ferir o orgulho disse-me:

— Mas q. diabo... eu tenho confiança em mim... você comprehende q. eu não sou um desconhecido...

— Você tem confiança em si, mas eu é q. a não tenho no publico...

— Porquê?

— Porque o não assobiar, talvez...

Elle calou-se, mas agora eu comprehendo bem o silencio. Mais uma picada no orgulho q. eu lhe dava e q. elle não tolerou.

Deu meia-noite e despedimos-nos. A combinação fôra de pedra e cal, caramba!...

Mas, quem sabe? ali, á sombra do antigo colegio dos jesuitas, é possivel q. todos afirmassem a sua lealdade inalteravel e profunda mas... com alguma reserva mental...

287

Ora pois... Continuemos a história, q. ella está a complicar-se...

×

No dia 10 de maio, por uma manhã explendida, ahi vamos nós, no automovel do Paiva, estrada fóra, para Miranda e Lousã.

Ia eu, o Pires de Carvalho e Julio da Fonseca.

No caminho pouca conversa houve; só eu animava a "sociedade"; agora vejo eu bem q. parecia q. iamos desconfiados uns com os outros...

Mas só agora é q. vejo...

Em Miranda falámos apenas com o José d'Almeida e com o Batalhão. Muita festa para a festa e entrámos no assumpto: as comissões votariam no Pires de Carvalho, no Julio e em mim — apesar de o Angelo querer outra cousa, á ultima hora...

— Já sabemos...

— Mas isto chegou hoje, dizia o José d'Almeida mostrando um sobrescrito da "Direcção da Instrucção secundária, superior e especial."

— Obra do Angelo, gritou o Julio. Vejam...

Era uma meia-folha de papel de oficio, no sobrescrito sem estampilha (como cousa oficial) e dizia o seguinte:

Circulo de Coimbra

Doutor Angelo Rodrigues da Fonseca
Director geral de instrucção
secundaria, superior e artistica.

Dr. Leão Magno Azedo
Director geral da instrucção
primaria

Marso V-
36-F

Dr. Antonio Candido d'Almeida Leitão
Director da Escola Normal
de Coimbra

Dr. Ricardo Paes Gomes
Actual governador civil
do districto de Vizeu e
futuro Director geral
do Ministerio do Interior.

Parece-me que
esta lista satis-
fará a todos.

(a) Angelo Fonseca

Ficámos a olhar... Nova modificação teve a desgraçada lista aprovada em casa do Angelo!

Extraordinário, tudo isto! Como se faz isto em plena e florescente republica, contradizendo sem vergonha os principios proclamados, mentindo impudentemente ás afirmações d'outros tempos!

Que vergonha!

Uma especie de circular dum diretor geral ás comissões politicas, sobre eleições!

Conversou-se um pouco em casa do Batalhão; eu ainda fui á farmacia do José Cunha ouvir os talassas da terra darem tareia nas comissões "da canalha" e d'ahi a pouco seguiamos para a Lousã onde soubemos tambem q. as comissões votariam no Ramada, Pires de Carvalho, em mim e não me recordo se no Angelo se no Julio.

E para encurtar razões, o automovel largou da Lousã para Coimbra em 40 minutos, dando tempo ainda assim para o Julio ruminar cousas varias para a Tribuna q. continuava furibunda...

×

No dia seguinte escrevi ao José Cardoso q. eu procurára na vespera e no proprio dia da ida á Lousã, a carta seguinte:

Coimb.ª 11-maio-911

Meu caro José Cardoso:

Não houve meio de o encontrar ante-hontem; e hontem quiz procural-o de manhã, em casa, mas o meu amigo dormia o somno dos justos.

Fui hontem a Miranda e Lousã. Queria dizer ao meu amigo muita cousa q. direi noutra ocasião, mas principalmente q. por forma alguma aceito imposições do Angelo.

Se não fôr proposto pelo circulo de Coimbra, não que

no sel-o por mais parte alguma, como comprehende.

Ando extenuado e aborrecido com tanto processo é antiga. E' o demonio.

Commissando lhe direi cousas e lhe agradecerei a parte q. tomou na minha eleição.

E com um abraço, etc, etc.

Mas nesse dia, 11 de maio, as ~~[illegible]~~ comissões reuniram-se para votarem os candidatos. Deram apenas conhecimento ao publico da votação das comissões da cidade, mas eu aqui ponho as votações todas, pela ordem do maior numero de votos:

		Cidade:		Freguez.ª ruraes:
Belizario Pimenta	: 57	= 21	+	36
Julio da Fonseca	: 53	= 25	+	28
Antonio Leitão	: 44	= 13	+	23
Pires de Carvalho	: 31	= 13	+	18
Angelo da Fonseca	: 34	= 11	+	23
Jayme Cortezão	: 14	=		14

Isto foi só no concelho de Coimbra. No circulo todo nunca cheguei a saber ao certo o numero de votos mas creio q. tive cousa de 130 e tal.

O q. é certo é q. no aguramento geral do circulo os quatro mais votados foram, pela ordem q. se segue, os seguintes — bem contra vontade dos conselheiros:

Belizário Pimenta
Antonio Pires de Carvalho
Jayme Zuzarte Cortezão
Julio Vieira de Figueiredo Fonseca.

Estava eu pois eleito, com a maior votação, apesar de certas cousas como esta q. em carta do João Pessoa se vê claramente:

Cantanhede - 15-5-911

Am.º Belizario.

Deve estar impaciente. Ahi vae o resultado d'aqui.

Jayme	—	63 votos	Coll. Cartas.
Pires de Carv.º	—	50 "	II - ..
Belizário	—	46 "	
Ramada	—	20 "	

. . . . . .

Parabens, pois. Abraça-o, o

(c) João Pessoa J.º

E aqui está como as comissões de Cantanhede mantiveram as suas afirmações: 1º: Ramada, 2º: eu, 3º Jayme...

Oh a coherencia!

Mas não antecipemos...

×

Como era de prever, o resultado da votação da cidade exasperou os amigos do Angelo q. viram o seu ido-

lo assim posto fóra do combate pelas comissões rebeldes á lei dos conselheiros...

O q. é certo é q. venceram os principios e nisso está a minha victoria — q. foi grande.

Indiscutivelmente grande, e disso me orgulho; o q. depois se seguio foi um desastre para a ideia democratica mas eu fiquei limpo de tudo.

Ora no dia 12, os amigos do Angelo começáram a mexer-se, a andar dum lado para o outro, como quem quer qualquer cousa.

Disseram-me até q. elles iam ver se calavam os demagogos (começou então a ser empregada esta palavra) apresentando uma lista com o Angelo, o Leitão, o Leão Azedo e... e eu!

É claro q. se riram e todos fizeram a justiça de calcular q. eu não aceitava a solução.

Mas elles não desistiram e convocáram para o dia seguinte, sabado, 13 de maio, uma reunião de comissões parochiaes.

Os elles eram: Nogueira Lobo, João Simões da Fonseca Barata, Cassiano Martins Ribeiro, Manuel (a) Villaça da Fonseca e outros de menor importancia

A reunião foi uma cousa interessante q. vem relatada mutatis mutandi na Defesa e na Tribuna mas q. terminou pela desautoração dos conselheiros q. a convocáram.

(a) Francisco

Elles queriam conciliar as cousas e apresentávam o alvitre seguinte: a lista seria formada pelo Angelo, Leitão, por mim — q. tinha sido bem aceite pelos dois lados — e por um outro á vontade das comissões. A generosidade não era por ahi alem, de modo q. palavra puxa palavra, desatam em invectivas, em vivas e dentro em pouco ninguem se entendia.

O Nogueira Lobo foi desacatado, os outros fugiram, foi um sarilho...

Eu passava neste momento no Calçada quando ouvi vivório no centro José Falcão; gente corria pelas escadas acima e dizia

— Vae lá castanha de meia-noite!

Mas d'ahi a pouco vi gente na rua e ouvi distintamente:

— Abaixo os conselheiros!

— Viva a Republica!

— Viva Julio da Fonseca!

— Viva Belizário Pimenta!

Então safei-me e escondi-me na loja de retroseiro do João Pessoa; e ajuntamente aproximou-se e deante da drogaria do Rodrigues da Silva a manifestação ia sendo agressiva para com os conselheiros; depois rodou Calçada fóra até não sei onde e eu então sahi á porta, a tomar ar...

Nesta altura apareceu o Julio, radiante com a

derrota dos conselheiros e já começávamos a gosar o triumfo, quando de novo a multidão — então já era multidão — voltou aos vivas, ameaçadoramente.

Nós então escondemos-nos num cubículo estreito, ao fundo da loja; o Julio, gesticulando, tanto quanto consentiam as exiguas proporções do cacifo, dizia-me alegre:

— Já podemos perder as eleições! A nossa vitoria está nisto...

E lá fóra, a turba, rugidôra, clamava:

— Viva Julio da Fonseca!

— Viva Belizário Pimenta!

E nós, encolhidos, no cubículo exiguo, suando com o calôr abafado do esconderijo, gosávamos inefavelmente essa alegria amarga do triumfo...

E o Julio, romantico:

— Ora ouve... Nisto é q. está a nossa vitoria, rapaz!... E agora, o resto, já nada vale... Já vencemos, homem, já vencemos!...

— Já... isso já... Eu já venci uma constipação formidavel: não vês q. estou aqui a suar como um cavallo?...

E lá fora a turba rugidôra clamava com ancia e sinceridade:

— Viva Julio da Fonseca!

— Viva Belizário Pimenta!

×

No dia seguinte uma ordem imperiosa fez com q. de novo o coronel Chagas voltasse para a Figueira levantar um auto ao ainda capitão Ferreira e com elle lá foi eu, q. durante quatro dias escrevi, escrevi, escrevi...

Mas, antes disso, vejamos uns factos isolados anteriores.

Na noite de 12, sempre houve a anunciada conferencia do Jayme Cortezão, no centro Fernandes Costa. Eu, como tinha tido varias altercações com o Augusto Casimiro e como elle, do alto do seu orgulho — porq. tambem o tem — disse q. o Jayme não precisava de apresentação, fugi do grupo delles e conservei-me afastado, discretamente.

Como me mantive assim, continuei a picar-lhe o orgulho. Mas... triste orgulho: a conferencia tão anunciada foi um desastre, um desastre enorme, um fiasco colossal. E ahi está a q. se reduz o orgulho e a tal confiança na sua pessoa q. o mesmo é q. dizer no seu talento! Adeante...

Uma cousa q. não quero passar sem reparo e a atitude da Defesa para comigo.

O Agapito Pedroso Rodrigues é um dos q. agora quasi faz o jornal e já me tem pedido artigos para elle;

pois a sua atitude têm sido extranha, pois q. nem uma vez ao meu nome se referiu e por vezes me jogou piadas certas.

Num artigo de fundo, em 12 de maio, com o título de Os que furam, o Agapito permitia-se chamar sobre si a attenção, dando por tabela ficadas mais ou menos fortes, a mim e aos meus companheiros de oposição. Patéta...

Mas no numero seguinte, então, vinha cousa superior, nos "echos":

Engraçado:

Certos candidatos têem andado numa dobadoira — automovel para o norte, automovel para o sul, numa propaganda do seu nome q. não fica a dever nada aos velhos processos da galopinagem monarquica.

Depois dizem q. com todo o socego q. os outros é q. cacicam.

Ora os maganões!

Ora quem sempre andou de automovel fui eu e mais ninguem. A cousa é transparente.

Bem fiz eu q. no começo de junho devolvi a jornal. Pagar a quem me trata assim...

Mas ainda no dia 13 de maio, o Noticias de Coimbra, tomava a liberdade de nos dar concelhos, a proposito da divisão da eleição das comissões.

Dizia:

Sejam quaes forem, bom será q. se comprometam a defender os interesses do seu circulo.

. . . . . .

Quem se não sentir com forças de assumir a grande responsabilidade em q. incorre aceitando a candidatura por Coimbra, q. recuse essa honra.

Etc. etc.

Até parece q. estamos a ler versiculos da Biblia... E' muito interessante este jornaleco reacionário.

×

De 14 a 17 de maio, curvado sobre o auto, no quartel d'artilharia na Figueira, quasi nem dei por o q. passava pelo mundo.

Em 16 recebi um telegrama do alferes Mascarenhas a quem eu tinha encarregado de me organisar os documentos q. são necessarios para se apresentar a candidatura. Dizia elle: « Mande procuração ou venha. »

E' claro q. tive de pedir ao Chagas e nesse mesmo dia 16 vim a Coimbra onde arranjei a papelada necessária; e no dia 18 lá fui entregar tudo, na Camara, solenemente, e lá cobrei o recibo da lei e q. conservo... para memoria. Coll. Cartas

De volta da Figueira, em 17 á noite, li em casa uma carta do Calixto Mendes, de Miranda q. me dá a entender q. irei ter oposição oculta na propria Coll. Cartas

vila e diz q. talvez o proprio José d'Almeida seja o q. se ofará...

Nada é para admirar em politica.

Lendo o Mundo desse mesmo dia, surpreendeu-me uma correspondencia de Arganil q. ataca a resolução do Angelo em me pôr na lista do ~~[illegible]~~ circulo de Arganil, chamando-me candidato imposto pelo dr. Angelo e acrescenta q. eu sou certamente um bom rapaz mas não tenho eleitores nem meritos reconhecidos para representar Arganil...

Aqui está o q. fez a manigancia conselheiral... Andei sujeito áquelas piadas sem eu ter culpa de qualquer qualidade.

No dia seguinte, o Calixto volta á carga; e como a eleição se aproxima pede-me para q. eu o transfira para Condeixa, já q. os de Miranda o não querem lá. Em vespera de eleições é assim...

Coll. Cartas. ...

Eu porem é q. não sou assim e fiz a carta de lado. Foi para o archivo.

Manda a verdade q. se diga q. já andava aborrecido com estas cousas. Não via lealdade, não via franqueza, não via senão o interesse.

Eleições!... Que foram elas sempre senão o mais furioso embate de interesses e paixões pessoaes, o mais ignobil dos motivos para desabafar odios e causar mal aos outros?

Nesta altura tive vontade de desistir; o Bandeira e o Chagas é q. me não deixáram...

Estão perdoados...

Em 19 escrevi ao João Pessoa:

Meu prezado amigo:

Na Figueira, onde fui num serviço de sindicancia a conspiratas, por signal q. autenticas, recebi a sua cartinha q. muito lhe agradeço.

Desculpará só hoje responder porq. só hontem voltei mas devo confessar q. a anciedade q. julgou em mim, não é bem de saber se fui um dos 4 mais votados, mas sim... — o q. é o mundo! — de saber q. perdi a eleição...

Eu, decididamente, não tenho geito para politico... Eu agradeço ao meu amigo a boa vontade a meu respeito sem a qual, indubitavelmente, eu não teria os votos q. tive no seu concelho; mas sinto-me sem forças para combater contra gente q. emprega armas com as quaes eu não sou capaz de entrar na liça

Não sei se me desinteresse se não... Isto de politica... E depois, não sei q. interpretação levou seu cunhado a zangar-se comigo, de modo q. eu vejo as amizades á prova por causa da maldita politica.

Enfim, estou quasi a desanimar.

Tenha paciencia com estes desabafos q. são talvez impertinentes mas q. são sinceros.

Os meus respeitos, etc, etc.

E no dia seguinte, 20, ao José Cardoso:

Meu caro José Cardoso:

Deve estar bem zangado comigo, por causa do folhetim...

Mas calcula como agora ando preocupado, não é verdade?

O Angelo e companhia refudiam o meu nome tão estimado e considerado até ha pouco e vão guerreial-o; o diretorio não me reconhece como republicano; e eu... sabe bem o José Cardoso q. sou incapaz de usar de processos de politico... monarquico.

E ainda bem! Talvez perca a eleição e isso é para mim um alivio

Eu, politico!... O q. me passou pela cabeça! Vençam os Angelos, os Leitões e eu volto para os meus livros. Desistir não desisto; mas peço em orações ao S.·. A.·. do U.·. q. me faça perder a eleição...

Que diz a isto, José Cardoso?

Vá lá um abraço, etc, etc.

E no mesmo dia, ouvre ao Calixto:

Meu caro Calixto:

Pouco tempo tenho tido para responder ás suas cartas. Hontem quiz falar ao Pires de Carvalho mas elle andava tão embaraçado na Penitenciaria por causa dos presos politicos q. lá estão (cerca de 3 duzias) q. não consegui q. elle tivesse um momento livre e socegado.

Hoje estou de inspeção, mas amanhã vou tentar falar lhe novamente no seu caso.

Quanto a eleições vejo a cousa fusca. O meu nome (visto q. foi votado pelas comissões) vae ser guerreado e creio q. á valentona. Eu, como sabe, não tenho geito para estas cousas e se não fosse o mais votado, tinha já desistido. Mas vamos lá...

O meu amigo fica prevenido, pois, como deseja. A luta vae ser grande e é natural q. elles se agarrem aos indiferentes de Miranda. Será assim?

Oxalá q. perca a eleição e um abraço, etc, etc.

Ora eu andava assim, meio zangado, meio inclinado a desistir quando surge na frente, o Diretorio do partido!

×

O Diretorio do partido republicano não sancionou a minha candidatura...

Eu não era republicano para aquele corpo superior do partido. Embatuquei.

Cheguei a embezerrar...

Não me sancionáram o nome q. foi o mais votado; passáram por de cima do Jayme e do Julio, sancionando o Pires de Carvalho, o Angelo da Fonseca e Antonio Leitão!...

Que é dos principios? Onde estão as afirmações do tempo da monarchia?

As ilusões...

No dia 19 de maio, dia seguinte ao q. se soube do caso, reunimos-nos na Penitenciaria: Julio, Jayme, Pires e eu. Assistiu o Soares Neves.

A discussão foi acalorada; eu não gostei de ver o ar delles todos; até o Julio me pareceu esquivo. No entanto resolveu-se:

a) combinar com as comissões para fazerem um convite ao povo de Coimbra para um comicio em 21 e a todos os candidatos para dizerem de sua justiça;

b) comparecermos todos quatro ao comicio para a hypotese de os outros lá irem;

c) fazermos uma ativa propaganda nos concelhos de combinação uns com os outros, com toda a lealdade;

d) como tinha de haver desdobramento na lista, enviar-se depois para toda a parte, egual numero de listas sem um dos nomes.

Etc, etc.

Combinou-se tudo com liberdade, egualdade, fraternidade e mais cousas congeneres — mas eu, á cautela, senti os primeiros rebates...

Os homens parece q. olhávam para mim desconfiados, a ponto de eu uma vez ter de me escamar com elles a sério, tendo o Soares Neves de intervir. Mas enfim, lá nos aguentámos e de lá sahimos decididos á luta...

A' luta!... Que ironia!

O q. é certo é q. sahimos de lá resolvidos á luta de uns contra os outros...

Esta resolução é q. foi a mais firme.

Liberdade, egualdade, fraternidade!...

Que ironia...

×

Mas o silencio do Diretório a meu respeito fez

-me dar parte e fez-me escrever duas cartas: uma ao Eusebio Leão; outra ao Antonio José d'Almeida. Do primeiro foi o seguinte:

19-V-911

Ex.mo Snr.

Dirijo-me a V. como secretario do Diotario.

Uns amigos lembraram-me a propor-me candidato ás Constituintes pelo circulo de Coimbra; a cidade acei-tou o meu nome e pelos votos das comissões parochiaes fui o mais votado; em todo o circulo algarve tambem o meu nome com mais votos q. qualquer outro.

Pois bem: o Diotario não parecia-me a minha candi-datura, porque os jornaes d'hontem diziam e os d'hoje não desmentem.

Porq. seria? estão me reconhecem como republica-no antigo, ou veem na minha vida motivos q. me de-vem afastar da Assembleia constituinte?

E lastimavel alguem, ex.mo Eusebio Leão q. as ra-zões q. levaram o Diotario a rejeitar o meu nome não levassem tambem o mesmo Diotario a afastar-me, durante a monarquia, dos trabalhos revolucionã-rios por causa dos quaes duas vezes fui transferido e sofri diasabores; é lastimavel q. se calcue assim a votação q. tive na minha terra, a qual, com verdade o digo, eu não pedi um voto; mas acima de tudo, o q. me magôa, é o não reconhecimento como republicano, contra o qual eu protesto sinceramente perante V. como homem de bem e caracter q. dizem ser.

Estou protesto publicamente porq. creio sufficiente-mente a Republica para não trazer para fóra o q. me deve trazer em familia — mas creio V. q. lastimo sinceramente estes factos q. quero crer, não naturalmente

equivocos e não propositos. E sem mais, disponha V. etc, etc.

B. Pimenta.

Agora, a do Antonio José:

Coimb.ª = 21-V-911

Ex.mo Sr. Dr. Antonio José d'Almeida:

Consinta V. q. lhe escreva, com a franqueza a q. a sua estima dá direito.

Amigos leváram-me á aventura extranha, na vida obscura e socegada q. levo, de me propôr candidato as Constituintes pelo circulo de Coimbra.

O concelho de Coimbra, pelas suas comissões, aceitou-me de tão bom grado q. fui eu o mais votado; e o circulo todo, imerecidamente, votou tambem em mim mais q. em qualquer outro.

Enganou-se o circulo de Coimbra?

De certo! De mais sei eu q. não é para mim tão alto papel e conheço bem a quanto chega o meu pouco prestimo; mas é certo tambem q. os republicanos de Coimbra sabiam seguramente q. eu, nos tempos da monarquia, era para elles a creatura de confiança no 23 d'infanteria; q. eu trabalhava com sinceridade e desinteresse; q. eu sofri duas transferencias de terra por me não ocultar convenientemente e comodamente na propaganda sem valor q. fazia; e sabia tambem q. eu, já em tempos da Republica comprometi a minha saude no trabalho violento do Comissariado de policia, acedendo aos desejos do mesmo povo republicano q. me estimava.

Desculpe V. estas palavras mas ellas não representam um memorial: são apenas para encarreirar o assunto.

E assim, chego ao ponto de dizer q. embora fosse o

mais votado no circulo (sem ter pedido um voto), embora ainda esteja a sofrer, na saude, os estragos de modesta dedicação, o Diretorio do partido, sr. Ministro do Interior: não aprovou a minha candidatura!

Não imagina V. a magua q. isto me faz!

Magua de não ir ás Constituintes? Mágua de não não ver o nome nos jornaes? Mágua de...

Não, simplesmente a magua de mais uma injustiça — e por pensar q. as razões q. o Diretorio teve para me afastar agora, não o tivessem levado, durante a monarquia, a afastar-me dos trabalhos revolucionarios onde fui um valor nulo, mas pelos quaes me comprometi e pelos quaes...

Mas isto não é um memorial...

Isto é talvez um desabafo para quem, noutros tempos me acolheu sempre com amizade e para quem tem um nome q. eu gostaria de ver livre e limpo dum certo numero de cousas q. por cá vejo.

Dê-me V. as suas ordens porq. pode crer q. muito o estima e admira, o

[illegible]
Ten.te d'Infr.as

A resposta a estas cartas foi uma nota oficiosa nos jornaes q. dizia o seguinte:

«Na sanção dos candidatos a deputados, o Diretorio e Junta consultiva, obedeceram, como sempre, unica e exclusivamente, ás conveniencias politicas do Partido.»

Isto em 23 de maio; e no dia 25 recebi uma carta do Eusebio Leão, atenciosa, amavel, compri-

da, extensa, resumindo tudo nas mesmas razões da nota do Diretório: "as conveniencias partidarias..."

Coll. Cartas.

As conveniencias partidarias... Como se neste momento houvesse outras conveniencias q. não sejam as do país!...

×

No dia 21, domingo; realmente, lá se realisou o comicio, anunciado por um pagelinho q. pelas ruas se distribuio.

Mas... como o sol inundava o Patéo da Inquisição e o calor era grande, o comicio cá a desandar num fiasco porq. ninguem queria estar ao sol e os proprios oradores não tinham coragem para o suportar com resignação... Por fim, lembráram-se do salão do Centro Fernandes Costa e nós lá fomos, para esse enorme celeiro onde a retórica iria limpar um pouco as téias d'aranha do teto enegrecido.

Enfim: candidatos agareceram: o Jayme, o Julio e eu... O Pires de Carvalho, foi para Miranda do Corvo... O Leitão e o Roseta foram para Cantanhede galopinar.

Presidiu o velho republicano Manuel Antonio da Costa; a sala encheu-se; o entusiasmo... é q. já não é o dos tempos de oposição em q. a vibração do

auditório era uma causa interessante de surpresa e de delírio.

Não vale a pena descrever o comício; os discursos foram uma série de loucuras no Angelo, no Diretório, no Antonio José, etc, etc. E eu G. quis dar a nota da independencia, quando me chegou a vez, e quando modestamente agradecia a ovação G. me fizeram, quis começar por uma ironia:

— Meus senhores... Eu não sei se devo estar aqui, neste comício republicano... Não sei se a minha presença dará tranquilidade ao bom povo republicano de Coimbra... Como talvez saibam, o Diretório do partido não me reconheceu como republicano e uma causa há G. devemos acatar — é a disciplina partidária. O Diretório se assim o entender e' partg. o entender bem e eu talvez aqui não possa estar...

— Não apoiado! não apoiado!

O major Bandeira disse com toda a força:

— Não apoiado! O Diretório pode mande!

E como houvesse pressuro inquietador, eu ri-me de sorrir e dizer calmamente:

— Perdão, meus senhores: eu estou mudando a ironia...

Explicado assim o incidente continuei dizendo G. na verdade se o Diretório me não reconhecia es-

mo republicano, o povo presente bem sabia quem eu era e se nos tempos da monarquia contava ou não comigo...

— Apoiado! apoiado!

E eu entrei então, propriamente no assunto:

— De resto, meus senhores, poucas palavras tenho para dizer: o q. tenho para dizer resume-se em pouco. Não faço discurso nem apresento programa pela simples rasão de q. não sou orador nem tenho meritos para definir, desde já, um programa, q. o mesmo é q. tomar compromissos. Nada prometo para a nada faltar; não me comprometo na minima cousa para em nada trair a vossa confiança.

« Só lhes posso afirmar q., se porventura eu fôr á futura Constituinte — o q. vejo pouco provavel — trabalharei acima de tudo pelos interesses da Republica; trabalharei com dedicação pelos interesses do meu circulo e especialmente pela minha terra q. me deu uma prova de amisade e confiança q. eu não merecia. Votarei sempre com a minha consciencia em todas as cousas em q. tenha de votar; e se um dia vir q. esse voto segundo a minha consciencia, póde vir ferir os interesses da minha terra, eu, q. sou incapaz de votar doutra maneira, assim como de contribuir para os prejuizos de Coimbra, — eu, dizia, largarei o meu logar e vi-

rei dizer ao povo republicano de Coimbra q. assim como não faltei á minha consciencia tambem não quiz trair a confiança q. em mim depositára-ram e voltarei á minha obscuridade, onde, na verdade, deveria minha pequena personalidade permanecer.

— Não apoiado! não apoiado!...

— Coimbra, em mim, não terá um reformador tão brilhante, capaz de fazer discursos q. encham, ou capaz de procurar arranjar-se, voltando com empregos chorudos, creando clientela, tentando fraudulentamente crear importancia á custa dos velhos processos. Não, em mim, Coimbra, não terá um reformador assim; mas terá, posso afir-mal-o, um reformador modesto, sem duvida, obscuro mesmo, mas acima de tudo, honesto.

«Meus senhores: faltam 8 dias... Ha tempo para reconsiderar. Se eu lhes não servir assim não voltem mais q. ficamos amigos como d'antes.

E terminei...

Uma forte salva de palmas (estilo reporter...) coroou a minha oratoria...

Fui abraçado, até, até.

Mas q. aborrecimento! E eu morto por chegar o dia da eleição, para... a perder!

×

No dia seguinte encontrei o Elias Rosado Gordi-
tho, administrador em Mira.

Contou cousas esfantosas, ameaças do Angelo por
elle, Gorditho, não querer patrocinar-lhe a lista; cen-
suras do Eduardo Vieira pelo mesmo motivo, etc,
etc, terminando por dizer q. eu devia ir a Mira, á
propaganda, porque o meu nome era bem aceite
lá, teria a vantagem de ser conhecido, etc, etc.

Ficou resolvido com o Gorditho ir lá, a um comi-
cio, a uma conferencia, enfim, falar aquela gente,
ainda antes da eleição; mas á noite...

Ai dos q. crêem!...

A' noite, em casa do Braz Simões, os quatro de-
putados do Povo (q. ironia!) reunidos em fraternal
convivio, discutiram a propaganda necessaria du-
rante a semana q. faltava; e dividiu-se a causa
de modo q. eu ia para Lousã e Miranda e o Pires de
Carvalho e Jayme para Cantanhede e Mira.

Eu olhei-os desconfiado. Observei-lhes q. não pre-
cisava de ir á Lousã nem a Miranda; eu queria ir
a Mira e a Cantanhede. O Pires respondia:

— Quem vae a Cantanhede e Mira sou eu e o
Jayme; em Cantanhede ha disciplina ao Diretorio e
eu, como sabe fui sancionado...

— Mais uma razão: os outros é q. necessitam fa-
zer propaganda...

Elles não queriam concordar; eu quiz explicar-lhes q. não ia fazer nada a Miranda e á Louzã; palavra puxa palavra, e eu, como vi naquilo tudo egoismo e malandrice, terminei por diser:

— Pois muito bem: á Louzã e Miranda não vou... Quero-lhes confessar q. me não sinto disgosto á disciplina garbidaria... Eu sou um rebelde, meus senhores, e por isso, passem muito bem...

E ia a retirar-me. Não sei quem lá me segurou e assisti ao final da cena q. foi o resolver-se pedra e cal q. ninguem iria a Mira ou a Cantanhede.

Isto foi em 22, 2ª feira, ás 10 h. da noite.

No dia 25, 5ª feira, ás 8½ da manhã, ia para o quartel, quando vi passar num automovel... quem?

O Jayme Cortezão, o Braz Simões e o Julio da Fonseca q. eles agarráram á ultima hora!...

O carro parou; o Jayme, deslavado, diz:

— Vamos para Mira!

— Então boa-viagem...

— Eu lá faço o seu elogio historico...

E seguiram. O Braz Simões ainda disse:

— Quér vir?...

E eu então refarei q. o automovel era uma voiturete e ia com os logares cheios...

×

Ora aqui devo eu entrar em cena com os outros...

Ah! os outros!... Os outros tiveram reuniões, conciliabulos, com o Nogueira Lobo á frente e resolveram apresentar a lista com os nomes:

Angelo da Fonseca,
Antonio Leitão e
Luis Rosete.

Este ultimo nome tem uma historia interessante q. eu contaria, se tivesse vagar, mas não tenho. Foi o nome q. melhor lhes serviria em Coimbra e em Cantanhede para os fins q. tinham em vista — mas com o q. eles não contavam é q. fosse ele um dos eleitos.

Ironias da sorte.

O q. é facto é q. eles serviram-se dos antigos processos de corrupção e q. não vale a pena mencionar; foi uma vergonha. O Malva do Valle veio para Coimbra para trabalhar pela lista e lá andou em todo o circulo, realmente, promettendo, pedindo, oferecendo.

Em Miranda prometeu ao José Camilo, simples amanuense de fazenda, uma promoção a escrivão de fazenda; a um taberneiro da Geria (estrada da Figueira) prometeu nomeal-o nem mais nem menos q. ... governador de Moçambique! Não houve cacique de quem eles se não servissem: em Miranda afagáram os mais retintos talassas; em Cantanhede a mesma cousa... Uma vergonha.

Cidadão

O primeiro acto eleitoral da Republica, a realisar no proximo domingo, deve ser uma manifestação inilludivel da vitalidade do Povo português.

Delle vão saír os deputados á Assembleia Nacional, destinada a dar, por uma constituição, forma legal ao acto revolucionario de 5 de Outubro, e a estabelecer, por meio de novas leis, o mecanismo administrativo, economico, financeiro e juridico, das novas instituições.

Mais que em qualquer outro momento politico, impõe-se agora a todos os cidadãos a necessidade moral de cumprirem o seu dever civico, votando, escolhendo para fazerem parte d'aquella Assembleia os que fôrem competentes pelo seu saber, pelo seu caracter e pelo seu patriotismo.

Os abaixo assignados, em nome de um grupo de republicanos de Coimbra, tendo em consideração os interesses geraes do Pais, e não esquecendo tambem os desta terra, que devem encontrar nos altos poderes do Estado quem dedicadamente os defenda, teem a honra de vos apresentar a lista inclusa, constituida pelos cidadãos: Angelo Rodrigues da Fonseca, director geral de instrucção secundaria e superior; Antonio Candido d'Almeida Leitão, professor e advogado; Luiz Maria Rosette, medico.

Os abaixo assinados, assim como o grupo de republicanos que representam, julgam que esta lista satisfaz ás conveniencias do actual momento politico. Sujeitam-na, por isso, á vossa consideração, confiados em que cumprem tambem o seu dever concorrendo quanto lhes é possivel para que a representação parlamentar seja a expressão consciente e livre da vontade collectiva.

Saude e Fraternidade

Coimbra, 25 de Maio de 1911.

∴ *Cassiano A. Martins Ribeiro* ∴
Jayme Lopes Lobo
Manoel Augusto da Silva
∴ *Francisco Villaça da Fonseca* ∴
∴ *João Simões da Fonseca Barata* ∴
∴ *Candido Augusto Nazareth* ∴
João Corrêa Ayres de Campos
Domingos Miranda
Alberto dos Santos Nogueira Lobo
Virgilio Paiva Santos
Ricardo Pereira da Silva
∴ *José Corrêa Amado* ∴
Augusto Luiz Martha (filho).

Uma vergonha e uma tristeza. Triste amostra deram os homens da Republica nascente, cá por estes sitios.

A respeito do Angelo, então... Serviram-se de tudo, tambem e fizeram crer ahi na cidade q. se elle não vencesse a eleição, Coimbra é q. o pagaria... Fizeram distribuir um papel avulso transcrevendo um artigo do Magalhães Lima, algo encomiastico; e mandaram imprimir uma circular...

Ai, a circular! Essa é tão notavel q. fica afensa a esta veridica historia, como documento imorredoiro. Essa até foi distribuida aos domicilios, com uma lista, amavelmente, atenciosamente...

Merece até um pequeno comentario:

Nos signatarios dela, ha cinco Ir.·. da minha Loj.·. q. assim faltáram á solidariedade maçonica para com o seu Ven.·., agravada ainda essa falta com o facto de o Angelo da Fonseca ter sido irradiado do quadro por... falta de pagamento. Era ele o C.·. e D.·. Ir.·. Tolstoï e como não pagava ha muito, foi irradiado ha cerca de dois meses. Por este motivo o alferes Mascarenhas, na sessão da Loj.·. em 26, pediu a palavra e propôz um voto de pesar pelo facto de 5 obr.·. da Loj.·. terem assinado uma circular propondo deputado um Ir.·. q. fôra irradiado como caloteiro...

Causou um certo escandalo, mas foi aprovado por todos menos um q. foi o Adriano Lucas.

Curioso é tambem lembrar q. um dos signatarios é o Candido Nazareth com quem eu falei, como aqui ficou narrado.

Cousas...

Seguindo, lembrarei q. em Cantanhede distribuiram um papelucho amarelo, exaltando os tres deputados "angelicos" mas exaltando principalmente o Rosette.

Enfim, isto foi uma barathada de tal ordem q. de certo eu não sou capáz de reproduzir — nem talvez valha a pena.

Só convem q. fique para a historia que: se serviram dos processos usados pela monarquia, nas eleições reunidas; — q. como o meu nome e o do Julio lhes metem medo (e com razão, sem vaidade) se agarráram aos antigos caciques "talassas" autenticos; — q. o governador civil se metem abertamente protejendo o ato eleitoral, contra a natural moralidade e as recomendações do governo; q. não recuáram perante qualquer meio para conseguir ... muitos votos.

E adeante, q. ainda ha mais q. contar.

×

No dia 26, 6ª feira, tirando-me de cuidados fui no comboio da madrugada á Louzã, escrevendo previamente ao Calixto para ir á estação e ao José Cardoso para ir tambem á estação; queria saber a ultima palavra sobre eleições...

E alguma cousa fiz. Em Miranda, o Calixto entrou no comboio e foi comigo até á Louzã e voltou outra vez; por ele soube q. o Malva já andára a manobrar no concelho, q. fizera promessas, que oferecera cousas, mas q. tinha a certeza q. os antigos monarquicos (os caciques...) se abstinham.

— Mas isso é certo?

— Pois não é? Ja lhe disse e pode ter a certeza. Livre-se o meu amigo mas é dos correligionarios...

Com a conversa, fiquei aturdido. Até em Miranda! até em Miranda eu ia ser derrotado!

E na Louzã?... Ai! na Louzã...

Na Louzã, o José Cardoso não estava porq. fôra a Arganil, na propaganda; mas falei ao Padilha, creio q. Presidente da comissão municipal politica e com esse me elucidei...

Ai, q. elucidação!... Ora ouçam:

— V. Exª, como sabe, não é votado cá...

— Eu?... não sou votado?...

— Então... é boa!... ora esta... Então isso não é combinado?

— Combinado o q. sr. Padilha?

— E' boa... Pois o Pires de Carvalho é q. o mandou dizer...

— Mas dizer o quê?

— Ora está... Mandou dizer q. V. Exª tinha a votação certa nos outros concelhos e q. não era preciso votal-o aqui...

— Foi o Pires de Carvalho?

— Foi, foi ele...

Nisto deu o Sinal e o comboio partiu, e eu vim a pensar na ~~...~~ fragilidade das cousas humanas...

Muito fragil é o homem!

Ao chegar a Coimbra encontrei o Alvaro Machado de quem já falei aqui, e q. seguia no comboio para Murtede. Diçam:

— Então vae até á sua aldeia?

— E' verdade, vou lá ver aquilo... Ouça cá: o sr. mandou dizer alguma cousa para lá?

— Eu não...

— E' q. me disseram de lá q. o sr. não era votado no concelho...

— E' boa!...

— Eu vou lá ver isso. Disseram-me q. tinham mandado ordem para o não votar porq. tinha a votação certa nos outros concelhos...

— Interessante...

— Deve ser cousa do Jayme, não lhe parece?... Eu vou a Murtede ver o q. ha...

E o comboio partiu. Como tudo é fragil neste mundo!...

×

No dia seguinte, o Diario de Noticias noticiava a minha passagem por Miranda do Corvo «para tratar da sua candidatura.»

A ironia dos correspondentes...

E o correio trouxe-me, enviado não sei por quem, um belo papel impresso com o retrato do Pires de Carvalho, com prosa, á volta, interessantemente estupida... Era um reclamo, como outro qualquer, com a diferença de ser estupido.

Ironia de aduladores...

×

Nisto chegou a vespera do grande dia.

Eu já então andava morto por perder a eleição, cançado de tanta porcaria, e um pouco abatido fisicamente.

Mas na vespera chegou o aperto das listas. Mandou-se fazer listas, creio q. 12.000, ao Porto; e como houve desdobramento, é claro q. cada 3:000 listas não

tinha um dos nomes — a maior, a mais tremenda asneira do caso!

No quartel, claramente, todos iam votar em mim e uma grande parte dos militares levou uma lista só com o meu nome. Mandei até fazer 500 listas em branco para eles preencherem á vontade.

E aqui vae uma nota interessante: os outros, os da circular, mandáram a cada soldado e a cada sargento e a cada oficial, um subscripto, uma circular e uma lista. Nalgumas companhias inutilisaram-nas todas...

A liberdade do voto!...

Mas, cerca da 1 hora, recebo um telegrama do Batalhão, de Miranda do Corvo, dizendo: «Mande hoje 500 listas comboio.» E' claro q. as fui procurar a casa do Braz Simões, e achei graça q. ao querer juntar listas com todos os nomes para mandar, reparei q. todas elas tinham o meu. Isto é: as 3:000 listas q. não tinham o meu nome sairam lógo... Milhares delas ali estavam, com o meu nome bem claro, como desnecessário...

Lá embacotei 500 listas e lá fui ao comboio debaixo duma grande carga de chuva e lá as dei a pessoa conhecida. Mal empregáda mótha...

A' noite, seriam 10 h. e meia, estava eu no quartel, de prevenção, com um grupo de oficiaes — na

esfeitativa até, duma incursão de monarquistas pela fronteira do Minho — recebi novo telegrama de Miranda do Corvo: «Mais listas. Bastos.»

Sahi, fui juntar mais 200 listas, e de madrugada lá fui ao comboio entregal-as ao carteiro q. por sinal as entregou ao farmacentico José Cunha, inimigo do farmacentico Antonio Bastos.

Acasos...

E aqui cabe lembrar o numero de listas que eu distribui, a pedido dos proprios:

Ao José de Campos, Souzelas	50
Ao Felix Horta, freg.ª de S.ta Ant.ª dos Olivaes	80
Ao Batalhão, Miranda	500
A' policia civil	110
Ao ten.te Baptista, do 23.	50
Ao D.R.M. n.º 23	10
No Quartel	350
Aos empregados telegrafo-postaes	50
Ao Bastos, Miranda (em 28, manhã)	200

Tudo isto forma um total de 1:400 listas q. eu distribui, porq. me foram pedidas.

Mas o interessante foi a azafama... Vinha um e queria uma lista; vinha outro ao telefone e dizia:

— Mande já 20 listas!

Outros, zangados, chegávam e ex-abrupto:

— Então não ha listas, homem?!

E eu, como agente ou gerente de grande casa comercial, ouvia, refletia e... providenciava...

E perdi a eleição!

×

A' noite, no sabado, os socialistas que apresentáram candidato — por signal q. muito mal escolhido — lançáram o seu manifesto, correto, discreto e honesto.

E o jornal "O Sargento", no num.º q. sahiu nessa mesma noite, incitava os camaradas a votar por mim, como cidadão capaz de juguar pelos interesses da classe...

E eu passei a noite de sabado para domingo no quartel, numa cama de campanha, vestido, na espectativa pouco amavel da incursão monarquista pelas fronteiras do norte.

E dormi tranquilamente...

×

No grande dia, 28 de maio, lógo de manhã, quando do quartel sonolentamente recolhia a casa, depois dessa noite ao léo, ao passar na esquadra de policia, o cabo n.º 12, melifluo, abordou-me:

— Meu tenente... eu posso desde já dar os parabens a sua excelencia...

E depois, com um tom mais intimo:

— A policia vota toda com sua excelencia. Não ha nenhum q. risque o nome do meu tenente.

— Obrigado... Vejo ao menos q. não ficáram mal comigo...

— Não faremos nada de mais.

— Obrigado, cabo 12, até logo...

E a chuva miudinha caía, insistente, dando ás ruas o lamaçal chafinhento dos dias de invernia teimosa.

Fui a casa; sahi ás 8 horas, fiz a barba, fui para o quartel porq. o regimento estava de prevenção, almocei e... fui votar.

Não andei a mostrar-me: fui á assembleia da Sé Nova, esferei a minha vez, votei, desci pela Sé Velha, onde ia havendo conflito e... voltei para o quartel. A' tarde ~~[illegible]~~ sai, e...

Tinha perdido a eleição.

×

Vamos por partes. Eu desejava perder a eleição, é certo, mas tinha grande magua se na cidade a perdesse; queria q. o circulo m'a não desse, mas Coimbra... E depois, dizia toda a gente q. eu levá-va a cidade em fezo, q. o Angelo ia ter uma derrota enorme... Etc, etc.

Veja-se a votação, notando q. as freguezias ruraes q. vieram votar ás assembleias da cidade, deram um contingente insignificante:

Nomes:	S. Bartolomeu	Sta Cruz	Sé Velha	Sé Nova	Total
Antonio Leitão	303	414	205	205	1127.
Luis Rosetta	325	452	134	191	1102
Belizário Pimenta	282	387	109	134	912
Angelo da Fonseca	263	295	129	182	869
Julio da Fonseca	300	300	101	125	826
Pires de Carvalho	109	237	101	100	538
Jayme Cortezão	126	183	41	49	399
Ernesto Donato	14	32	16	20	82

Tive a terceira votação, eu q. levaria a cidade em peso... O Angelo q. levaria uma apontosa derrota ficou em quarto logar... E o Julio da Fonseca, heroe da vespera, ficou de fóra!...

Como se compreende isto?

A este respeito, ainda ha pouco, o Alvaro Costa, sobrinho do Afonso Costa, me dizia:

— Fóra Julhas!

Eu não vou tão longe; porque enfim... na cidade, apesar do trabalho deles, tive a maioria e isso me consola.

Agora, vamos ás freguezias ruraes, do concelho de Coimbra e veja-se o quadro elucidativo:

Nomes:	S. Martinho do Bispo	Taveiro	Castello Viegas	Cernache	S. João do Campo	Sourelas	Total (1)
Ant.º Leitão	241	81	272	398	299	21	2358
Luis Rosette	193	80	272	255	284	21	2.207
Angelo da Fonseca	190	81	273	385	286	19	2103
Julio da Fonseca	163	123	1	204	94	99	1347
Belizário Pimentel	160	34	—	66	5	93	1207
Pires de Carvalh.º	43	116	2	4	102	81	895
Jayme Cortezão	69	87	1	54	109	20	596

(1) Este total refere-se ao concelho todo.

No concelho fiquei já em quinto logar... Mas o quadro elucida:

Em Castello-Viegas foi uma autentica chafelada para eles, com 273 listas, devidas de certo ao Augusto Gonçalves e Silva, meu ilustre amigo e autentico patife. Mas, regarem: houve uma lista com Julio, Pires de Carv.º e Jayme, e outra com Angelo e Pires de Carvalho; se não foi assim, foi pouco mais ou menos e quem as deitou foi o Manuel José Telles q. presidia á mesa e o vice-presidente q. eu não conheço. O Telles q., quando eu estava comissario, tanto me afoquentou com pedidos, não teve uma lista

com o meu nome para deitar... Mas respeitemos a liberdade do voto.

Em Souselas tive 93 votos; julguei eu q. eram devidos ao Alberto Dias Pereira em casa de quem comi um jantar, como aqui ficou dito; afinal, este menino nem se mexeu... Cousas. Os 93 votos foram devidos a outros.

Mas refarem em S. João do Canigo! Tive nessa assembleia... 5 votos! A vingança do Jayme Cortezão, ainda a trabalhar, infamemente. Cinco votos! Numa terra onde o Jayme me fôz a presidir a um comicio, com solene elogio e cofiosas adulações! O q. são os homens...

Enfim... fez-se o q. eu queria: tinha a eleição perdida. E agora vamos ver o resto do circulo, porq. ainda ha mais surprezas.

Ahi é q. eles mais se vingaram. Vejam a Louzã e Cantanhede. Vejam especialmente neste ultimo concelho onde a disciplina partidária era um facto, segundo o Pessôa me dizia; vejam como ele proprio trabalhou pelo cunhado q. o diretorio não reconheceu, e por consequencia estava fóra das normas seguidas... Vejam bem.

E' um excelente quadro elucidativo, e duma flagrante moralidade...

E' vér:

Nomes:	Miranda do Corvo.	Lousã	Cantanhede.	Mira	Total geral:
Antonio Leitão	534	8	1.580	636	5180 (?)
Angelo da Fonseca	372	9	1317	677	4478
Luis Rosetta	510	4	803	687	4211
Pires de Carvalho	395	512	989	196	2887
Julio da Fonseca	189	501	4	216	2419
Jayme Cortezão	117	483	745	305	2246
Belizário Pimenta	431	20	49	239	2009

Aqui está o final de tudo...

Na Lousã e em Cantanhede, como tinha a votação certa nos outros concelhos... não fui votado. Aqueles poucos votos q. tive foram isolados, creio q. até nenhum foi na assembleia de Cantanhede onde o meu ilustre amigo Pessoa devia ter votado... E na Lousã...

Ora pois...

Em Miranda mesmo, para o q. se dizia, a cousa foi fraca, bem fraca. Entráram 592 listas na urna e eu tive só 431 votos, menos 161 do q. todos diziam... Vá a gente lá fiar-se...

Dias depois, o José Cunha, falando comigo no quartel diz-me descaradamente q. não sabia q. eu me profunha defutado, só na vespera o Calixto th'o

dissera, pois se o soubesse ... sim, se o soubesse ...

— Ia tudo raso, não é verdade?

— Raso não ia, mas o meu amigo havia de vencer. Seria.

Eu quiz então disputal-o e conversei largamente:

— Está você enganado, eu perdia na mesma...

— Já lhe disse q. não.

— Ora havia de ver...

— Bastava o meu amigo dizer uma palavra...

— Palavra magica, ein?

— Magica não, mas era a suficiente.

— Então qual era?

Ele fez-se rogado mas por fim lá foi:

— Era o meu amigo fazer soltar o Guimarães da Boiça e tinha 2:000 votos em Miranda...

Este Guimarães da Boiça, era o ex-conselheiro Adolfo Guimarães, talassa ao quinto grão, cacique d'alto lá com ele e nessa ocasião preso como conspirador. A moral daquela gente é esta.

Ah Cambrone, Cambrone! Eras muito delicado, meu valente! Para gente desta, a tua frase é uma fina amabilidade!...

×

O q. é facto é q. eu perdi a eleição e foi bem feito.

Ninguem me mandou meter onde não era chamado.

Mas agora uma ligeira observação: se na Lousã me não roubam cerca de 500 votos e em Cantanhede já quero só uns 700, quem ganhava a minoria era eu, seguramente. E se não ha o desdobramento, calculo q. iria até pela maioria.

Mas adeante, meus leitores.

×

No dia seguinte de manhã recebi telegramas atrasados, de Miranda, expedidos quasi á meia-noite. Eram telegramas de... felicitações...

Um até dizia sómente: «Um afectuoso abraço. Bastos.»

Mal empregado dinheiro...

Recebi depois um telegrama de Mira, dum sr. Levy Louro, q. gressuroso enviava o resultado da votação ao sr. deputado...

Elles todos a contar...

A' noite recebi uma carta do Calixto q. começa sentenciosamente: «Não conheço ainda o resultado final da sua eleição no circulo; mas pela boa-fé como tratou desse assunto, é facil de sugôr q. tenha sido traido...» Coll. Cartas.

Que novidade, amigo Calixto!

E depois dá-me a entender q. houve uma traição a q. eu julgo ter sido do dr. Costa e Silva.

Seria? O tempo o dirá.

No dia 30 recebi uma carta do Armando Lima, felicitando-me — carta carinhosa e amiga, de uma boa alma e um excelente coração. Respondi-lhe até com uma carta felicidade... literaria, d'ahi a uns dias.

Coll. Cartas. II -

Cartas - II -

No domingo seguinte, o José de Ribeira, bom velhote dos Bujos (Miranda) e creio q. ainda meu parente, veio a Coimbra abraçar-me por ter ficado deputado e... trazer-me 5 litros d'azeite.

Bom velho!... Bons cinco litros de azeite, valeram bem os dois mil e tantos reis!...

E o mais curioso é q. meu Tio Alvaro, em 11 de junho, escreve-me uma carta, acompanhando me no desgosto q. deveria ter sofrido...

Coll Cartas. II -

Eram os ciumes.

Era só o q. faltava...

×

Mas o peior de tudo é q. no dia 30 de maio, foi uma carta de minha irmã para meu pae, vi q. alguma coisa houve contra mim no ministerio da guerra, q. meu cunhado me aconselhava cuidado, cautela, q. me não metesse em coisas, tal

como nos bons tempos da monarquia, os conselhos de meu Tio José.

Fui aos ares; as traições dos amigos tinham-me irritado; andava maluco de todo; a ocasião foi azada e sem perder tempo escrevi a seguinte carta ao Helder Ribeiro:

30-maio-911

Meu caro Helder:

Acabo de receber em carta do Costa-Ferreira, a grata noticia de q. o nosso ministro está zangado comigo porq. eu, num comicio, declarei não obedecer ao general da divisão e mais cousas neste genero.

Estranha cousa na Verdade!

Os processos pelo q. vejo são os mesmos. Como chegou essa infamia ahi? Quem a insinuou?

E ha no gabinete do ministro rapazes q. se dizem meus amigos e, ou não desfazem a infamia (se me conhecem) ou não me previnem para eu me defender!

E' extraordinario!

Vocês teem-se mostrado amigos, para quê? Para agora deixarem correr uma calunia ignobil como essa? Para não defenderem uma creatura q. sempre lhes foi dedicada e q. durante a monarquia vocês sempre procuráram para os trabalhos revolucionários?

E' assombroso!

Em Coimbra fui somente a um comicio apresentar a minha candidatura e em 2 ou 3 minutos disse q. não ia tomar compromissos senão o de trabalhar para o bem da Republica, se chegasse a ser eleito. E ahi chega a nova q. eu me revoltei contra o general! E vocês deixam correr a infamia, calam-se, consentem q. o nosso ministro fique com a impressão má q.

realmente um facto desses não póde deixar de causar!

E' espantoso!

Quem o disse ahi? Não m'o disem? Naturalmente não o disem q. é para os processos continuárem a ser os mesmos.

Eu não merecia isto. Fui um perseguido e vejo q. continuo a sel-o. E' logico.

Façam o q. quizerem q. eu tudo supportarei serenamente, sem me baixar. Descancem q. lhes não farei um unico pedido.

E quanto ao general...

E' melhor calar-me para lhes não dar razão...

Sem mais. Teu antigo condiscipulo

— Blizário.

Era pois uma carta agressiva, talvez forte de mais. Mostrei-a no quartel aos oficiaes republicanos. O major Bandeira escreveu no mesmo sentido ao Sá Cardoso, e o caso fez uma certa sensação.

Eu fui talvez violento, mas paciencia. Fui sincero e é o principal.

Uns dias depois veio resposta: o Helder mega ou-se, «por eu o supor capaz de deixar sobre mim uma acusação;» diz q. nada ha a meu respeito no gabinete e atira as culpas para o Bandeira.

Coll. Cartas.

Fiquei parvo... Não percebi. Cheguei á conclusão de q. andamos todos doidos.

Será verdade?

No dia 6 de junho lá respondi ao Helder, mais manso, é claro, e talvez um pouco arrependido:

6-junho-911

Meu caro Helder:

Depois da tua carta quiz ver se meu cunhado me dizia quem o informára de taes cousas a meu respeito. Elle não disse quem foi; apenas fala vagamente em perigos para mim, no diretorio, em q. tome cuidados.

O q. foi não sei ainda, mas é certamente intriga, como intriga é o dizer-se isso do major Bandeira. Enfim...

Só te digo, meu caro Helder, q. desculpes a forma talvez agressiva com q. te escrevi, mas estes ultimos tempos teem-me causado uma grande irritação desde o diretorio me não reconhecer republicano para candidato ás Constituintes, até a companheiros de trabalhos q. me guerréaram a eleição com tal deslealdade e tal gana q. a perdi ingloriamente.

Compreendes q. a ocasião era azada para acreditar em qualquer cousa q. me dissessem.

Meu caro: tive a veleidade de supôr q. poderia ser util trabalhando; mas não: volto á minha vida antiga, obscura e simples, com a qual andarei mais socegado.

Desculpa, pois, os desabafos e a minha irritação. Deves comprehender o meu estado de espirito e manda o teu velho amigo, etc, etc.

E ficou encerrado o incidente, e concluindo q. houve em tudo manobra do diretorio por causa da eleição.

Eu na verdade, fiz sombra...

×

E agora, q. mais?

Agora, só o resto nos póde interessar. Isto é quasi o arrumar de feira.

Em 2 de junho, o José Cardoso, da Louzã escrevia-me: « Não percebo nada nem já agora quero "perceber. Não comprehendo a razão porq. o não vo-"taram aqui ... » etc.

Coll. Cartas.

Em 3 de junho, o jornal "O Sargento" consolá-va-me, num artigo, dizendo q. eu tive uma « honrosissima votação » no circulo...

E em 9 de junho, a "Defeza", largava mais outra piada ás sanções das candidaturas. Imbecis e marotos.

Que mais ha?...

Em 31 de maio, tristemente, o Gordilho, administrador exfulso de Mira, procurou-me, lembrando-me a sua situação, lembrando q. por nossa causa elle perdeu o logar... etc, etc. Eu emfurrei-o para o Pires de Carvalho, está claro. (E o q. é interessante é q. ele tem razão.)

Neste mesmo dia 31 comecei com os agradecimentos: e assim escrevi para Miranda ao Calixto, ao José Camilo, ao Batalhão, ao José Bastos e ao Manuel Correia Dias.

Escrevi ao José de Campos, para Sanselas. Escrevi ao Levy Louro q. nunca vi mais gordo.

Não sei se a mais alguem; mas mesmo assim, foram 175 reis em estampilhas...

E o Pires de Carvalho lá foi para Lisboa, solenemente, feito deputado... á custa dos outros, e dalguma cousa mais.

Na Louzã, nos ultimos dias, lá andou ele, apresentando-se como homem do Antonio José d'Almeida; e uns dias depois da eleição, encontrando-me á noite com o Julio da Fonseca, disse para este:

— Viu a sua votação na Louzã?

— Vi... respondeu o Julio.

E eu, encostado á parede, estive nae não nae para dizer:

— E eu tambem vi a minha...

×

E aqui está como tudo se passou... Nem mais nem menos, meus caros.

Hei-de rir? hei-de chorar?

Ah! q. a minha vontade não foi rir ou chorar; a minha vontade foi poder esfaucar esses dois cavalheiros de industria q. são o Pires de Carvalho e o Jayme Cortezão...

Sim, esfaucal-os!

Eu tinha a eleição certa se aqueles dois cavalheiros não veem com a sedução da politica radical e independente...

Ai dos q. creem!...

E eu q. acreditei!... Parece q. não tenho já os meus 30 annos e mais um, e ainda estou nas minhas desoito e generosas primaveras...

Paciencia.

30 de maio a 24 de junho
1911

Aqui ficam, pois, tal como a escrevi ainda debaixo das impressões do momento, a descrição mais ou menos pormenorizada, do que foi a minha eleição para as Constituintes de 1911 — a que aspirei, diga-se a verdade, com certo desejo.

Como disse na pag. 248, vai assim intercalada tal como então a escrevi. Custou-me a copiar e alterar mais ou menos fonte; mas, francam.te, isso seria tirar-lhe o sabor do tempo e possivelmente falseá-la. Assim fica verídica, saída como foi do meu desalento no que não exclue bastante azedume.

Hoje, passado quase meio século, vejo aquele período com certa frieza se bem que ao reler as papinas q. aí ficam ainda sentí por vêres vislumbres da indignação que ao tempo me invadiu. Na verdade, o que conto e o que fica junto em caixa especial como complemento destas memórias, quer em recortes de jornais, folhas soltas, telegramas, etc. é o suficiente para se compreender como me senti ferido e indignado.

336
16
352

Aí fica, pois, toda essa lenga-lenga pa-
ra o futuro... se alguem um dia lançar so-
bre estas linhas olhar complacente.

Nas margens duma ou outra pagina ha si-
nais de raspadeira. De facto raspei estas que
na ocasião lancei para indicar o local de cer-
ta documentação que mencionava; essa docu-
mentação, como disse acima, está agora em
caixa especial onde reino, por ordem crono-
logica, tudo quanto me diz respeito.

E agora, dadas estas explicações... vamos
seguir com as memorias.

Já é tempo de me não esquecer de que ha
ainda muito que contar.

Coimbra:
4-Abril-1959.

BIBLIOTECA DA UNIVERSIDADE

Apendice :

(De pag. 71)

Carta dirigida a Olília Miranda, irmã hospitaleira de S. José de Cluny, no recolhimento de S.ta Clara de Coimbra:

«Il.mas Ex.mas Snr.as: — Lagôa, 14-10-910 — Peço por caridade a Vex.as e o favôr de as mandar até Macedo de Cavaleiros; pois elas são umas infelizes não teem meios; para irem para aí foi a poder de esmolas e sabe Deus como se viram julgando eu que iam a ser tão felizes!... Farei os maiores sacrificios; se não poderem até Macedo, ao menos até ao Porto. — Deus lho recompensará — De Vex.as at.a vene.r ser.ra obrig.da — (a) Anna Miranda.»

×

(De pag. 87)

«Policia civica de Coimbra. — Repartição de Judiciaria. — Il.mo e Ex.mo Snr. — Incluso envio a V. Ex.ª uma carta da faculdade de direito e uma fa. ca grande que foram apreendidas no café do Sr. Francisco José Costa, sito no arco de Almedina, que ali foram dadas a guardar por Armando de Oliveira Bernardes, estudante, morador na rua dos Sapateiros e por um filho de um tal Fonseca das arrufadas, tambem estudante, morador na rua dos Gatos e por Mario Paixão, morador na rua do Correio n.º 2, declarando este Paixão q. os estudantes ainda levaram uma outra carta

...

branca, da faculdade de Teologia, onde já mandei em guarda afim de lhe ser entregue os quais se recusáram a entrega-la, dizendo não a terem mem pedirem dela. O filho do Fonseca chama-se António dos Santos Fonseca. — E' o quanto tenho a informar Vêe. para os fins que julgar convenientes. — Coimbra, 18 de Outubro de 1910. — O cabo nº. 8 — (a) António Simões J.or »

×

(De pag. 98)

« João Augusto Simões Farias — comunica a Vêe. que em Coimbra estão dois antiquarios do Porto hospedados no Hotel Bragança que hoje teem corrido as casas religiosas á procura de antiguidades; se Vêe. entender que os deve mandar vigiar ou pelo menos vigiar os despachos que fizerem, pode mandar uma pessoa autorizada que eu lhe indicarei os sujeitos. — De Vêe. creado ven.or — Coimbra — 25/10/1910 — (a) João Augusto Simões Farias. »

×

(De pag. 102)

« Ex.mo Sr. Governador Civil do Distrito de Coimbra — Tendo tomado posse deste logar de Comissário de Policia em 9 do corrente, na ausencia do sr. Comissario anterior, recebi a cha-

. . .

ve do cofre da corporação e conferi juntam.te com os demais membros do conselho adminis trativo o dinheiro existente no mesmo cofre. — Tive duvidas, porem, a respeito de algumas quantias mencionadas na acta da entrega em 30 de Junho de 1910, como a de 138:500 rs. representativa de quantias abonadas ás praças do corpo a titulo de emprestimo e a de 13:970 rs. de despesa feita para o commissariado pelo fallecido commissario Krusse Gomes. — Alem disto, vendo, embora ligeiramente, o estado do chamado cofre das pensões (aposentações) pareceu-me ne cessario que ele não correspondesse ao que devia ser, bastando para isso reparar que existindo o cofre desde 1878, tem somente dinheiro sufficiente para pagar a aposentação de um cabo e dois guardas. — Por isto e por mais coisas cuja ave riguação me é difícil, não mandei lavrar ain da a acta da entrega, para pedir a V.Ex.ª para auto risar um inquerito ao estado do cofre, á escri turação e bem assim p.º V.Ex.ª determinar que se estude o meio de não serem prejudicados al guns guardas já velhos e quase invalidos q. por saberem que não ha dinheiro no cofre se não aposentam; e se estude tambem uma reorga nização na escrituração destes serviços todos. — Saude e Fraternidade. — Coimbra, 21 de Outu bro de 1910. — O commissario — (a) B.P.

×

. . .

(De pag. 405)

« Lx.ª : 25 de Outubro — Meu caro Belisário. — Escrevo-te rapidamente para te pedir informes e vigilancia sobre o que vou narrar. — Constou-me aqui que um tal José Gama, de Coimbra [1] conspirára por aí, tendo até havido reuniões no antigo centro franquista sito, suponho que, na rua do Visconde da Luz. — Vai para aí, no comboio de hoje, o "cavalo de pán", tenente de Infant.ª de nome Brito e Silva que teve conferencias amendadas com o Alvaro Pinheiro Chagas. [2] — E' necessario, pois, que vigies tal e me informes do que ha de verdade em tudo isto. — Dizem-me até que eles se correspondem por meio de cifra cuja chave está já em meu poder. — O Chagas vai hoje comandar o 23 e para lá vai tambem o Bandeira. [3] — Vigia o Cunha [4] e os talassas daí. — Um grande abraço e dispõe sempre do teu amigo — (a) Helder Ribeiro. »

×

---

(1) Nunca se soube quem era este José Gama que conspirava.

(2) Era o António Sergio de Brito e Silva, pobre diabo com manias de grandesa.

(3) Eram o cor.l António Fernando do Rego Chagas e o major José da Silva Bandeira

(4) O coronel António Ernesto da Cunha comand.te, por engano (!!) de Infantaria 23.

...

(De pag. 105.)

« Meu Ex.mo Tenente: — 28-10-910 — . . . .

. . . . . .

Ontem vi o nosso tenente Brito e Silva, esteve na farmacia Donato, falando com o alferes Ferreira [1], tendo dado uma volta pela Avenida, indo novamente para a farmacia onde se encontrou com o sr. ten.te Correia de Almeida [2] — O comandante está no Hotel Mondego. — Qualquer coisa que se dê, comunico. — De V.Ex.ª sub.º e obrig.do — (a) Augusto dos Santos da Conceição. »

×

(De pag. 105.)

« O Manuel Ratha diz que lhe contaram que D. Afonso está em Portugal. — O Alcantara, oleiro, diz que Adriano Augusto de Sousa seu patrão, oleiro da rua de João Cabreira lhe contara que os republicanos ainda haviam de ir, por seu castigo, ; o D. Manuel que ha de voltar aqui a Portugal e que ha já 37:000 assinaturas e ele, patrão, já assinara tambem. Isto não é grave? — Conta o mesmo Alcantara que o cidadão Ezequiel Donato gerente da casa do seu patrão, de quem é genro, se fechára com um operario no escritorio e lhe dissera que Gas

---

(1) Herculano Jorge Ferreira.

(2) Adriano Jorge da Silveira Correia de Almeida

...

par Lobo (?) tinha um processo pendente por causa do antigo apedrejamento no comboio, mas Alcantara desconfia que isso é meio de aliciar tal empregado Manuel Ferreira. Seria bom chamar o Alcantara? — Dizem que ~~ontem~~ houve reunião na Quinta das Sete Fontes. Prometeram-me nomes por escrito. — 31-X-910 — (a) F. J. C. Ramos.»[1]

×

(De pag. 105 a 107)

«Coimbra, 31-Outubro-1910 — Meu caro Helder — Pelo que tenho mandado dizer, como vês, nada era positivo. Hoje, porem, tenho dados mais certos e que teem importancia, segundo me parece: 1º: O Ivens não se tira da Inspecção de Engenharia de que é inspector o coronel Soeiro de Gamboa (que pediu a demissão e é retinto monarquico) e de que é sub-inspector o capitão Urbano[2], talassa conhecido. Quase todos os dias la passa o tempo, tendo até, algumas vezes, ido para lá á noite. — 2º: No dia 28, sexta-feira, o Ivens foi á inspecção, com um estudante que se não conheceu, ás 11½ h. da noite; como não visse luz, desceu á cidade e foi para casa do coronel Soeiro. Desta casa, depois da meia-noite, sairam: o Ivens, o

---

[1] Francisco José da Costa Ramos. Averiguei que este doc.º era fantasia como m.tas outras saidas do cerebro esquentado deste policia amadôr.

[2] Abel Dias Urbano, cap.ão de Engenh.ª

...

estudante, os capitães Hermenegildo dos Santos Pestana e António Gaspar Marques David e o tenente Luís José da Mota, do nosso curso, que á hora a que o Ivens entrou já lá deviam estar.(1) — 3º: No dia 29, o Ivens esteve de dia na Inspecção e á tarde, indo para a Baixa e encontrando o Soeiro, voltou para casa deste onde ficou á noite. — 4º: Ontem, 30, o Ivens, como de costume, esteve na Inspecção de dia. — Como vês são dados mais claros. Não haveria ligação com a agitação dos soldados de 23 ?... — O Soeiro não se dá nem com o Ivens e muito menos com a tropa de Infantaria; o Soeiro, mesmo, é intransigente com os republicanos. — Teu amigo, etc. — (a) B. P. »

x

(De pag. 124)

— Que foi muito notada a prudencia do sr. commissario de policia nos desmandos dos academicos, hontem, no theatro circo.

— Que, systhematicamente, um grupo de malcreados procura aquelle logar para dar margem á sua falta de educação.

— Que quem vae para ali com o criterio que deve presidir áquellas reuniões, nem póde nem deve estar á mercê de taes mariolões.

— Que será bom tapar o suspiro a estes meninos da *briosa*.

Do jornal O Povo de Santa Clara, de 13 de Novembº de 1910, nº 71.

(1) Soube-se depois que os três oficiais mencionados nunca estiveram em casa do coronel Soeiro. Eram as vizinhanças a trabalhar.

...

De pag. 126:

«Ex.mo Snr. Redactor do Mundo. — Surpreendeu-me bastante a noticia que o Mundo publicou no nº 3:620 de 26 do corrente, no Diario de Coimbra que fazia referencia á saída do snr. Tenente Belisario Pimenta do cargo de comissário de policia, dizendo que «enquanto esteve á frente do "comissariado soube cumprir o seu dever, captando as simpatias de todos.» Esta noticia não é verdadeira, snr. Redactor, e, ou o correspondente foi mal informado ou então houve da sua parte mais amizade pessoal do que a imparcialidade que deve ter um correspond.te especialm.te dum jornal como o Mundo tão lido e apreciado por todo o país. Eis uma prova do que afirmo: — Tendo-me dirigido ao snr. Tenente Belisario Pimenta pedindo-lhe para me fazer entregar um filho meu de 3 anos que daqui foi mandado ou feito sair sem minha autorização por um tal senhor Antonio Mota Carneiro, logo aquele senhor se prontificou a fazê-lo aqui apresentar, dizendo que eu tinha toda a razão porque era sua mãe e que mais ninguem tinha poder sobre ele. Pois, snr. Redactor, como o tal senhor Mota Carneiro instou com o snr. Comissário para não fazer caso do meu pedido, antes que impedisse o regresso da creança, logo este senhor mudou de opinião dizendo-me daí a dois dias tão prontamente que não, como me tinha dito que sim, alegando coisas que nada de importancia tinham para o caso e indo assim contra a opinião do advogado snr. Dr. Gaspar de Matos e ou

...

tros fazendo só justiça ao pedido do snr. Mota Carneiro. — Bom era, snr. Redactor, que fizesse ver no seu apreciado jornal que a justiça tambem se fez para os pobres e que as autoridades não devem ter paixões por pedidos. — Especialmente nesta terra estão-se precisando autoridades com energia porque se assim não fôr tarde ou nunca veremos chegar aqui um raio dessa luz brilhante que desde 5 de Outubro iluminou a capital. — De Vm.ce, Snr. Redactor, fizer inserir no Mundo estas palavras rudes mas verdadeiras, muito grata lhe ficará a sua muito obrigada — (a) Felicidade de Carvalho Veloso — Coimbra, 28 de Novembro de 1910. — Rua do Borralho, nº 10.

*

De pag. 128.

Commissario de policia

O sr. tenente Belisario Pimenta pediu a exoneração de commissario de policia.

Para o referido cargo indigita se o sr. major José Miguel de Carvalho, que já exerceu o mesmo cargo.

No jornal Noticias de Coimbra, de 26 de Novembro de 1910.

...

De pag. 157

Pela ultima ordem do exercito foi collocado em infanteria 23, o nosso presado amigo, Sr. tenente Belizario Pimenta, que durante alguns mezes exerceu o cargo de commissario de policia de Coimbra, de maneira a conquistar não só a estima dos seus subordinadss, como a consideração publica.

Ao caracter lidimo do brioso militar, nada ha a dizer mais do que, todos assim deviam ser, deixar e espalhar por onde passam, a consideração, respeito e estima dos seus subordinados, e a saudade de o deixarem partir.

Ao regimento d'infanteria 23, os nossos sinceros parabens.

O Bargantão, de Coimbra, nº 6, de 31 de Dezembro de 1910

x

De pag. 155:

Administrador do concelho

COIMBRA, 19.—Tomou hoje posse o novo administrador do concelho, Floro Henriques, secretario da comissão municipal demissionaria e vereador da camara municipal. A nomeação foi de toda a justiça porque Floro Henriques foi sempre um trabalhador incançavel, sempre na brecha para a defesa do ideal republicano. O dr. Nogueira Lobo, no pouco tempo que esteve á frente da administração, desempenhou com zelo e inteligencia o seu logar. Floro Henriques desempenha tambem o logar de comissario de policia, pela saida do tenente Belisario Pimenta que ha tempos já tinha pedido a sua exoneração e que se encontra bastante incomodado de saude.

Em 22 de Dezembro de 1910.

...

De pag. 168 :-

« Regimento de Infantaria nº 22. — Por autorização da Secretaria da Guerra. — Marcha desta cidade de Portalegre para Lisboa, seguindo o itinerario á margem indicado, afim de ser presente á Junta Hospitalar de Inspecção que deve reunir no Hospital Militar daquela cidade no dia 29 do corrente, o tenente B. P. da 1ª companhia do 1º batalhão. — {...} — Quartel em Portalegre, 28 de Agosto de 1910 — O comandante — (a) Jacinto Eduardo Pacheco, coronel.

« Itinerario : Via ordinaria : Dias : 28 — Kilometros a percorrer : 11, estação de Portalegre — Via ferrea : Dias : 28 (tarde) : Entrada na estação de Portalegre. Saida na estação de Lisboa em 29. — Quartel General em Portalegre, 28 de Agosto de 1910 — O major interº de brigada — (a) J. Costa, capitão ajudante de campo.

« 3580 — Apresentado e vai apresentar-se hoje pelas 11 h. da manhã ao presidente da Junta Hospitalar de Inspecção. — Quartel-general da 1ª Divisão Militar, 29 de Agosto de 1910 — Pelo chefe do Estado-maior — (a) Fernão de M. C. Fernandes Tomás, ten. de artelhª 1.

« Apresentado e foi julgado incapaz do serviço temporariamente. — Hospital Militar de Lisboa, 29 de Agosto de 1910. — O Presidente da Junta — (a) J. Barbosa Leão, ten. corel

...

«3589 — Apresentado e em conformidade com a nota da 1ª Direcção da Secretaria da Guerra nº 1611 de hoje, segue para Coimbra onde vai fixar residencia enquanto estiver na inatividade. — Quartel-general da 1ª Divisão militar, 29 de Agosto de 1910. — O chefe do estado maior — (a) José Joaquim de Castro, cor.el

«404 — Apresentado. — Quartel-general em Coimbra, 3 de Setembro de 1910. — Pelo chefe do estado-maior — (a) José Joaquim Guedes de Melo, ten.te

«470 — Em virtude do determinado pelo Ministerio da Guerra em seu telegrama de ontem, vai apresentar-se no Governo Civil de Coimbra afim de desempenhar as funções de Comissario de Policia. — Quartel-general em Coimbra, 12 de Outubro de 1910. — Pelo chefe do estado-maior — (a) Antonio Julio Belo de Almeida, ten.te

«Vai ser presente á Junta da 5ª Divisão Militar que se ha-de reunir no dia 5 do corrente mês, conforme lhe foi concedido pelo Exmo Comandante da Divisão Militar — Governo Civil de Coimbra, 3 de Dezembro de 1910 — O Governador Civil — (a) Antonio de Cerqueira Coimbra.

«566 — Apresentado e vai ser presente á Junta Hospitalar. — Quartel-general em Coimbra, 5 de Dezembro de 1910 — O chefe do estado maior — (a) Alvaro Pereira de Gouveia, major.

«Foi presente á Junta que o julgou prompto para todo o serviço. Quartel-general em Coim

...

tera, 5 de Dezembro de 1910. — (a) Guilherme Augusto Gomes Pereira, ten. c.el de Infant.ª 23.

«567 — Apresentado e regressa á sua anterior situação. — Quartel-general em Coimbra, 5 de Dezembro de 1910 — O chefe do estado-maior — (a) Alvaro Pereira de Gouveia, major.

«Tendo deixado de exercer o cargo de Comissario de Policia Civil deste distrito, vai apresentar-se no Quartel-general da 5ª Divisão Militar. — Governo Civil de Coimbra, 30 de Dezembro de 1910 — O Governador Civil — (a) Antonio A. Cerqueira Coimbra.

«610 — Apresentado e por concessão do Ex.mo Sr. o General Comandante da Divisão foram-lhe concedidos dez dias de licença nos termos do regulamento dos quarteis-generais e comandos militares com principio hoje, por ter sido colocado no regimento de Infantaria nº. 23 pela O. E. nº. 12 de 28 do corrente. — Quartel-general em Coimbra, 31 de Dezembro de 1910 — O chefe do estado-maior — (a) Alvaro Pereira de Gouveia, major. »

×

Indices:

I - Anos
II - Nomes proprios
III - Varia

III. –
II. –
I. –

...

I

Anos:

1910 - - - - - De Pag. 1 a ...
1911 - - - - - De Pag. ... a 336

II

Nomes proprios

Alarcão {José Maria Alves de) : 32
Afonso {Infante Dom) : 105.
" {Paulo de Serpa) cap.ão de Infant.e : 230
Aires {José Joaq.m de Oliveira) : 229 e 233
Albuquerque {Guilherme de) : estud.te : 270 e 282
Alcantara {José Nunes), oleiro : 24.
Alemão {Aníbal da Costa), estud.te : 227.
" {Dr. Manuel da Costa) : 227.
Almeida {Dr. Ant.o José de) : 87, 88, 89-93, 148, 241, 259, 274, 303-305, 307 e 333.
" {Domingos de) : func.o dos correios : 26
" {Eduardo Augusto de) : 31
" {Dr. Fortunato de) : 226-227.
" {João de Brito Pimenta de), cap.tão : 27.
" {Jorge da Silveira Correia de), ten.te inf.a : 183, 187, 188, 194, 199, 204, 209, 215 e 242
" {Dr. José de Almeida), medico : 287 e 298
" {José Augusto Lopes de) : 26
" {Lourenço Chaves de) : 11
" {Luis Lopes) : 32-33
Amado {José Correia) : 24 e 157
Amante {Dr. Cruz) : 49-50
Amaral {José M.a do) : func.o dos correios : 26

Aureal (Visconde do): João Mexia Aires de Campos: 104, 113-117.
Antunes (P.e Antônio): 63-64.
Araujo (Humberto de Sousa): 31.
Arriaga (Dr. Manuel de): 86-87, 88, 89, 91 e 93
Ascenção (João Rodrigues), cap.ão do Cavalr: 230
Assis (Machado de): 163.
Arêdo (Dr. Leão): 277, 288 e 292.
Arenêdo (.....), tenente: 215.
Bandeira (José da Silva), major: 182, 187, 188, 194, 199, 201, 209, 232, 239, 242, 243-245, 257, 260-261, 282, 284, 299, 307, 330 e 331.
Baptista (João Rodrig.o), ten.te: 319
Barachô (Sebastião Dantas): general: 124.
Barata (João Simões da Fonseca): 24 e 292.
Barreto (Ant.o Correia), cor.el: 105, 119-121, 156, 157 e 220.
" (Fernando Bissaia), estud.te: 89 e 91.
Barros (João de), sec.o XVI: 96
Basto (Ant.o), farmaceutico, Min.o: 319, 327 e 332
" (José Camilo da Silva): 312 e 332
Bastos (Dr. Ant.o Maria de Sousa): 96-97.
" (José), fotografo: 22-23.
Batalhão (Manuel Pereira): 250, 252-253, 257, 267-268, 287, 289, 318, 319 e 332.
Bettencourt (Dr.): 227.
Birne (Antônio), engenh.o: 33.
Borges (França), jornalistas: 126-127.
" (Joaquim Julio), ten. cor.el: 230 e 233.
Botelho (.....) chefe estação correio de Valença do Minho: 32
Braga (Dr. Alexandre): 142 e 143.

Brandão (Abel de Melo) : 147
Braz (Henrique), estud.te : 33
Caldêdo (Dr. José Bruno de) : 27 e 72
Câmara (D. Rui da) : 122-124
Campos (Augusto da Silva) : 33.
" (Dr. João Maria Dias de) : vide Ameal
" (José de) : alfaiate, Bruxelas : 319 e 333.
" (Mario), estud.te : 82.
Cardoso (Alfredo Ernesto de Sá) : 320.
" (José Maria), estud.te : 118, 252, 253, 255, 269, 274, 280, 289, 299-300, 315 e 332.
Carneiro (Antonio) : operario : 24.
Carôço (Joaquim Felizardo Veloso) : capitão de infantaria : 229 e 231.
" (Jorge Frederico Veloso), ten.te : 229 e 331.
Carreiro (José Bruno Tavares) : 108-109.
Carvalho (Dr. Ant.º Dias de) : 264-267, 270, 278, 282, 283, 284, 285, 287, 289, 290, 291, 300, 301, 306, 310, 316, 317, 322, 323, 325, 332 e 333.
" (Cesar Diniz de) : 24
" (Franc.º Miranda Martins de), tenente, 233 e 234.
" (Inácio de), maquinista : 34.
" (Dr. Joaq.m Martins Feix.a de) : 270.
" (José Miguel de), major : 15-18 e 127
" (Dr. José Carlos Ber.ra de) : 32
" (Luis Guilherme Nunes de) : 166 e 201
Casimiro, guarda do Museu das Bolas : 114 e 116
" (Augusto), alferes : 119-121, 184, 187, 194, 204, 215, 242, 253-255, 273, 275, 283 e 295.
Castelo-Branco (Camilo) : 1 e 75
Castro (Alvaro de) : 250, 256, 262-263.

Castro (Dr. Augusto Mendes Simões de): 22
" (Gonçalo Picarreta de) Cor.el: 166
" (Joaquim Ber.no Picarreta de), Gen.al: 241
Carneiro (Evaristo José): 96
Chagas (Ant.o Fernando do Rego), ten. cor.el: 22, 165, 168, 187, 188, 196-197, 209, 226, 242, 245, 271, 295, 297 e 299.
Cid (Dr. Augusto de Matos): 38.
" (Dr. José Soliral): 264 a 273.
Coimbra (Dr. Ant.o Carneiro): 110-112, 117, 127, 129, 133, 145, 151-153, 156, 157 e 166-147.
Correia (Marquês de Jácome): 108-109.
Cortezão (Dr. Ant.o Augusto): 268
" (Dr. Jaime): 263-267, 268-269, 271, 272, 277-280, 282-286, 290, 291, 295, 299, 301, 306, 310, 311, 317, 322, 323, 324, 325 a 333.
Costa (Dr. Afonso): 62, 64-66, 254, 267 e 322.
" (Alvaro), estudante: 322
" (Ant.o José da): piculor: 24
" (Carlos), tipografo: 24
" (Francisco da): escrivão da Policia: 65 e 79
" (Dr. Franc.o José Fernandes): 11, 12-14, 36-61, 64, 65, 80, 86-87, 88, 89, 90, 94, 95, 104, 110-111, 115-117, 128-130 e 166
" (Joaquim Emiliano da): 27 e 205.
" (Manuel Ant.o da): 23 e 306
Coutinho (Antonio), 1.º oficial do Gov.º Civil: 15
Cruz (Alfredo Eduardo da), cap.am de Inf.a: 182, 190, 203 e 206
" (José Coelho Carneiro da Cruz), idem: 27 e 157.
" (Olimpio da), Caligrafo: 28.

Cruz (P.e Saul da), capelão m.ar : 33
Cunha J.or (Ciriaco José da) : Ten.te Inf.a : 230, 231
" (José Firmino Rib.ro da) : 289, 319, 325-326
" (José M.a da), Ten. caval.a : 230 e 233
Curto (Amilcar Ramada) : 266-267, 269, 270, 278-280, 283-285, 289 e 291
Dantas (Décio da Rocha), Cor.el : 27.
Daudet (Leon) : 160
Dias (Carlos Ballino) : 22
" (José Lucio de Sousa), Ten.te : 230 e 231.
" (Dr. Manuel), medico : 22
" (Manuel Correia), Min.ro do Corvo : 232
Dickens (Charles) : 2
Donato (Ant.o Serdigão), Guarda-mór : 81
" (José Ernesto Marques) : 142-144 e 322
Falcão (Dr. José) : 92
Faria (Aurelino), estud.te : 33.
Farias (João Asp.to Simões) : 23, 67, 97-98, 113-115, 117 e 135-137.
Fernandes (Dr. Antonio), medico, o "Vaca-assada" : 45, 46, 47, 51, 53 e 64.
" (Zé) da «Cidade e as Serras» — 90
Ferrão (Dr. José M.a Dias) : 31.
" (Padre) : estud.te : 125-127.
Ferreira (Dr. Antonio), pec.a XVI : 164
" (Ant.o Aurelio da Costa) : 329.
" (Diamantino Diniz), Professor : 70
" (Joaquim M.a), major : 190-192, 224 e 242
" (José), Min.ro do Corvo : 33.
" (Julio Cesar), Ten.te Inf.a 15 : 229 e 331.
" (Luis Asp.to) : cap. Artlh.a : 225, 226, 271 e 295.

Ferreira (Manuel), relojoeiro : 24.
" (Sotero Lopes), Ten.te da A.M. : 27
Figueiredo (José Cristão Pais de), cap.ão Artell.a : 176-182, 192-194, 200, 202-204, 205-209, 210, 216 e 219-224.
Filipe (José Amado) : comerciante : 10
Fonseca (Dr. Angelo da) : 89, 90, 91, 111, 115-117, 151, 267, 271, 274, 277, 279, 282, 287, 288-289, 290, 291-292, 293, 298, 300, 301, 307, 310, 312, 313, 321, 322, 323 e 325.
" (Francisco da) «o da Amalia» : 23, 37, 41, 43, 173, 268-269 e 281
" (Francisco Vilaça da) : ver Vilaça.
" (José) : secret.º da Administração do Concelho : 25
" (Dr. Julio de Figueiredo) : 23, 68, 96, 266-267, 270, 282, 283, 285-286, 287, 289, 290, 291, 293, 294, 301, 306, 311, 322, 323, 325 e 333
" (Justiniano da) : 24.
" (Nicolau da) : 25
" (Tomás da) : 99-100.
Fragoso (José Franc.º de Almeida), Ten. Cor.el : 31.
Franco (Carvalh.º João) : 111.
Freitas (José Vicente de) : cap. de Infª : 230
Gaio (Mario) : 26
Gama (Alvaro Pimenta da) : cap. Cavalª : 196.
" (Antonio da) : 30
Gaudarez (Joaquim Lopes) : 24, 97 e 282.
Garcia (Ant.º Elias) : alferes Cavalª : 229 e 233
Gasset (José Ortega y) : 247
Gois (Teofilo da Costa) : engenh.º : Director das Obras Publicas : 22

Gomes {Carlos Mascarenhas}: 183, 187, 188, 194, 199, 204, 209, 215, 242, 267, 260, 264, 271-272, 297 a 313.
" {José}: 76
" { " Augusto), 1º parg.ro : 31-32
" {Dr. Ricardo Pais}: 288.
Gonçalves {Antº Augusto}: 22 e 167.
" {Julio), estud.te : 118-119.
Gordilho {Elias Rosado}: 310 a 332.
Gouveia {Alvaro Perª de}, major do E. M.: 219, 220
Graça {Frederico}: 22
Guimarães {Carvalhº Adolfo}: 326
" {Vitorino}: 120
Henriques {Antonio}: 25.
" {Flaro}: 14, 25, 86, 99-101, 106, 169, 170-171, 268, 277 a 282.
" {Francº Maria), ten. Engenhª : 230
Herculano {Alexandre}: 169.
Horta {Felix de Medeiros}: 43-44, 76-78, 84 a 319.
Huret {Marie de Zaller Leotte}: 64 a 72
Ivens {Duarte}: 182-183 e 183
Jardim {Dr. José Pereira}: 102
Jesus {Francº Pedro de}: 96, 104 a 108.
Julia, hetaira: 28-29.
Lage {Antº Mariano Mendes), Venª : 233 a 234
" {Dr. Mendes), medico : 234.
Leão {Dr. Eusebio}: 303-304.
Leitão {Dr. Antonio}: 12, 14, 19, 85, 89, 97, 127, 271, 288, 290, 292, 293, 300, 301, 306, 312, 322, 323, 325.
Leite {Dr. Duarte}: 214
Lima {Ana Maria de Sousa}: 5
" {Armando}: 30, 34 a 328

Lima (João Pedroso de), Major Inf.ª : 229-230
" (Sebastião de Magalhães) : 109-110 e 313.
Lobo (Dr. Alberto Nogueira) : 45, 47, 51, 54, 155-156, 157, 275, 292, 293 e 312
" (Carlos Gomes) : 258.
" (Jaime Lopes) : 23 e 258.
Lopes (Fernando) : 76 e 78.
" (José d'Sup.to Ferreira) : 199 e 200
Louro (Levy) : de Mira : 327 e 333.
Lucas (Adriano Viegas da Cunha) : 314
" (José Ant.º) : 23
Macedo (José Agostinho de) : 168
" (Raul de) : cap.m da A.M. : 230
Machado (Alvaro) : estud.te medicina : 268, 270 e 316
Magalhães (Hermani Rebelo Peixoto de) : 81 e 82
Manuel II (Dom) : 85 e 183
" Guarda da Policia, nº 72 : 38
Maria (Antonio) : cdro da Policia : 227
Marques, Sarg.to ajud.te : 30
" (Joaquim Gomes) : 30
Martins (D. Ant.º Alves), bispo de Vizeu : 219.
" (Ant.º da Costa) : 22
" (Augusto da Costa) : 22
" (Emilio), estud.te : 23
" (Francisco), comerciante : 24.
Matos (Padre), jornalista : 200
" (Dr. Joaquim Gaspar de) : 125-127.
" (Maximino de) : estud.te : 31.
Maurois (André) : 2
Melo (Ant.º Borges de) : 23
" (Diniz Pedro Telles Sá e) : 230
" (José Joaq.m Guedes de), ten.te : 198

Mendes (Calisto): 10, 249, 297, 298, 300, 315, 325-326, 327 e 332
" (P.e Joaquim): 134-137.
" (Dr. Luis): 26.
Miranda (Ernesto): 26.
" (José de Oliv.a), alferes: 198.
Monteiro (D. Ant.o de Sousa), bispo de Beja: 26
" (José M.a da Costa), alferes do Corpo auxiliar de Saude: 230
" (Silva), General: 195-198, 233 e 245.
Morais (M.el Teixeira de): capitão: 31, 171-173.
Moreira (Pompeu): 227.
Moreira (Dr. Jacinto), medico: 28.
Mota (Oscar da Silva), alferes: 230
Mouras (Alexandre Martins), caf.ão: 184-186 e 190
" (Prof.or Carvalho): 211-214.
Napoles (Antonio) estud.te: 278-280
" (José de), politico: 148-153.
" (José M.a de Sousa): 152-153, 183, 187, 188, 194, 199, 204, 209, 215, 242, 256, 260, 261, 266, 268-270, 275 e 276.
Nascimento (Adriano do): 28.
Nazaré (Candido): 24, 258, 268 e 314.
" (Gonçalo), farmaceutico: 23.
Neves (José Soares das): 282, 301 e 302.
Nobre (Antonio): 3
Nogueira (P.e Adelino Dias): 32.
" (Henrico), estud.te: 76 e 87-88.
" (José de Sá [illegible]), alf. Cavalaria: 230
" " Neves Rodrigues): 31.
Nunes (Artur Heintze Ribeiro): 34
Olaio (Americo): alferes: 339.

Ornelas {. . . . .) alferes medico : 41.
Osorio {Ant.º Gomes Pinto Sarmento), cap.ão : 227
" {Manuel José Pinto), cap.ão da Empreit.ª : 217, 224-226, 228-237, 239-241 e 242.
Padilha { . . . .] da Louzã : 315.
Paiva {Orlando Quaresma de) : 187, 189, 224, 242, 266, 279-281 e 287.
Pala {Afonso), cap.ão Artilh.ª : 206.
Parreira {Pedro de Menezes] : 193 e 195
Pascoais {Feix.ª de] : 163.
Pedro {Chico] : ver Jesus.
Pedrosa {Dr. Guimarães] : 87.
Peixoto {José), policia : 227.
Pereira Junior {), chefe estação dos Correios da Figueira : 31.
" {Agostinho), ten.te : 27.
" {Dr. Alberto Dias] : 260, 261 e 324.
" {Dr. Augusto da Costa] : 22 e 256.
Pessoa {Dr. João), medico, Cantanhede : 253-255, 269, 277, 279, 280, 291, 299, 324 e 325.
" {Joaquim) comerciante : 24, 293.
Pestana {Hermenegildo A. dos Santos), cor.el : 166.
Piedade {M.el da Silva), ten.te : 27.
Pimenta {Alvaro) : 33 e 328
" {José Augusto] : 329.
" {Ant.º Maria] : 90
Pimentel {. . . . .) chefe da Estação dos Correios da Alta : 28
" {Familia Barba] : 72 e 73.
Pina {D. Manuel Correia de Bastos), bispo de Coimb.: 100, 114-117 e 165.
Pinto {Anibal da Nativ.de Monteiro] major : 199, 200

Pinto [José Adelino da Costa], comerciante : 227
" [" dos Santos], cap. Caçad.res 5 : 229 e 233
Pires [José dos St.os], cabo de Inf.a 23 : 28
Ponte [Dr. José Nunes da] : 105
Quadros [Ernesto Cardoso Cabral de] : 230 e 233
Queiroz [Eça de] : 164.
Quintanilha [Aurelio] : 76, 78.
Ralha [Manuel] : comerciante : 24.
Ramos [Franc.o José da Costa] : 23, 41-42, 43, 106, 135-137 e 282.
Rego [Paulo da Costa] : Ten.te : 34.
Reis [Candido dos] : 188.
Ribeira [José Caet.o da] : 328.
Ribeiro [Cassiano Miz.] : 23 e 292.
" [Helder Arm.do dos Santos] : 105, 107, 120-121, 243 e 329-331.
Rocha [Dr. Vicente] : 28.
Rodrigues [Agapito Pedroso] : 295-296
" [Valentim José] : 22.
Romão [. - - - .), carbonario : 34.
Rosette [Dr. Luis] : 96, 306, 312, 313, 322, 323 e 325.
Sá [Octaviano de] : 12, 14, 85 e 124.
Salino [Alliano Xavier], major : 201.
Salgado [Sup.to Bivar Xavier de Azevedo] : 229 e 231.
Salgueiro [Rodrigo F. Affonso], cap.am : 32
Sampaio [. - - - - - .) General : 233
Santos [Dr. Augusto Joaq.m Alves dos] : 264 e 273.
" [Calisto Mendes dos] : vide Mendes
" [Franc.o Borja dos] : 22.
" [Gaspar Bastos dos] : 24 e 31.
" [Germano Roque dos] : 189, 190, 192, 224, 242 e 276.

Santos (Hermenerico Borja dos) : 22.
" (José Ant.º dos) : 24.
" (Machado dos) : 142 e 148.
Sarmento (Candido), cap.ão Inf.ª : 230
Seiça (Vicente) : prof.ar : 27.
Sequeira (Dr. José de Andrade) : 30
Serra (Dr. José Vaz) : 227.
Sila (Lucio) : 160
Silva (Albino Caet.º da) : 90, 136-137 e 167.
" (Dr. Ant.º da Costa e) Padre : 328
" (Ant.º dos Santos), medico : 11, 36, 38 e 89.
" (" Sergio de Brito e Silva), alf. : 245-246
" (M.el Augusto Roiz. da) : 86, 89, 111 e 145.
" (Ten.te Ribeiro da) o "missas" : 30
Simões (Ant.º), chefe da Judiciaria : 87 e 154.
" (Braz), comerciante : 310, 311 e 318.
Sobral (José Colaço Alves) : 22.
Soeiro de Gambôa (Ant.º Candido Cordeiro de Almeida) : cor.el : 107.
Sousa (Ant.º Arnaldo Cruz), cap.ão : 32
" (" da Ponte e Sousa, cap.ão : 187, 188-189, 224 e 242
Soveral (O cabo) do R. I. 23 : 24.
Teixeira (Manuel), sapateiro : 26, 67-68.
Teles (Manuel José), comerciante : 23, 111-112, 139-141 e 323.
Tiago, Guarda n.º 58 da Judiciaria : 154
Triboulet (Luis Aug.to de Sousa), cap.ão : 229
Urbano (Ant.º Dias) cap. Engenh.ª : 221
Valadas (Eduardo Aug.to Lopes), cap. Caval.º, 230 e 238
Vale (Dr. Malva do), medico : 312 e 315.

Vasconcelos {Dr. Ant.º G. Ribeiro de} : 27
" {Artur Pais de}, alferes : 230, 231
" {José Aug.º Pereira de} : 99.
Veiga {M.el do Nascim.to} : 26
Vieira {Dr. Eduardo da S.a} : 23, 72, 80-84, 86, 89, 94 e 310
Vigny {Alfred de} : 75.
Vilaça {Ant.º Eduardo} Carvalho 211-214.
" da Fonseca {Graça} : 277 e 292.
Voltaire : 18.

III

Varia

Agencias monarquicas no estrangeiro p.a mobi-
lias contra a Republica : 227
Alma Nacional, em 1910 : 92
Amaral : 167.
Archivo Historico Militar : 226.
Arrolamento artistico do Paço : 167.
Associação Militar de Lx.a : 203, 204, 206, 216, 218, 233 e 235.
Badajoz : centro da reação contra a Republica : 196-197.
Barbacena : 246.
Barca d'Alva (O Verdad.ro) : 26
Barrinha : 224.
Candidatura (A minha) ás Constituintes : 247
Cantanhede : 268, 269-270.
Carbonária : 23, 106, 195, 226, 244-245.

Liége do Campo (Quinta da) : 72
Coimbra : Agencia do Banco de Portugal : 153-154
" : Biblioteca da Universidade : 77 e 78
" : Centro do Dr. Fernandes Costa : 306.
" : " " " José Falcão : 103-105, 108, 114- e 137
" : Colegio das Ursulinas : 44-45, 64, 66, 67, 69, 72 e 79-80.
" : Colegio de Santa-Isabel : 67-68.
" : " Moudego : 70
" : Conventos (Os) : 35-73 e 95
" : Convento de S.ta Clara : 43-50, 66, 67, 70-71.
" : " de S.ta Teresa : 44, 50-61 e 66.
" : Fogueteiro : 142-145.
" : Fôro academico : 68.
" : Imprensa (A) : 85.
" : Jogo (O) de azar : 137-141.
" : Manifestação de 6-Nov.º-1910 : 118.
" : Museu da Associação Academica : 87.
" : " das Pratas : 114-117.
" : Quinta da Machada : 104-105.
" : " das Varandas : 104-105.
" : " de S. Jorge : 36-37, 42-43, 67 e 104-105.
" : Teatro Avenida : 86, 121-124.
Coimbra-Club : 142-145.
Comissão Municipal Republic.ª de C.bra : 130-133
Commissariado de Policia : cap.os I e II ; pag.s 163-165 e 169.
Comissões parochiais republicanas : 137 e 141.
Conselhos de Arte e Archeologia : 167
Conspirações monarquicas : 103, 105, 117, 189 e re-

guintes; 241, 233-246.
Constituintes (As) de 1911: 232, 236, 247-334.
Corpo Expedicionario Português: 121.
Crónica do Imperador Clarimundo: 96
Defesa, jornal de Coimbra: 19, 85, 127, 273, 292, 295 e 332.
Diario de Noticias: 251 e 317.
" Popular: 251.
Directorio do Partido Republicano: 202-203, 216, 218, 232, 236, 301, 305 e 307.
Drogaria de Rodrigues da Silva, Coimbra: 211.
Eiras (Comicio em), em 1911: 275-277.
Eleição (A minha) ás Constituintes: 247-334.
Esteves (Conego Carlos): 26.
Estrella d'Alva, Loja maçonica: 25.
Fado Popular: 247.
Falange Demagogica: 75-94.
Fraga (Convento da), Aguiar da Br.ª: 68.
Governo Provisorio: 238.
Guarda Republicana do Porto: 218
Hotel Lusitano, em Luso: 212.
Incursões monarquicas: 224 e 241.
Jovens (Os) Turcos: 119-121, 157 e 243.
Junta de Parochia da Sé Nova, Coimbra: 34.
Liga Militar, de Lx.ª: ver Associação
" " Republicana: 174-246.
Manifestações Populares: 171-174.
Memorias (Estas m.as): 1-3 e 73-74.
Montemór-o-Velho (Revolta em): 145-153 e 183-84.
Mundo (O), jornal: 124, 125-127, 135-136 e 298.
Noticias de Coimbra, jornal: 127-128 e 296.
Oliveira & C.ª, automoveis: 193.

Organização do Exercito, 1911 : 231, 235 e 237.
" dos Serviços artísticos : 167.
Passagens de notas falsas : 153-154.
Patria (A), jornal do Porto : 208, 214
Portugal, Loja maçonica : 24, 169, 170-171.
Povo (O) de Aveiro : 172
" " " Santa Clara, jornal : 124 e 270.
Pro-Veritate, Loja maçonica : 25.
Proclamação da Repub.ca em Coimbra : 6 e seg.tes
Quartel-General da 5ª. Div. Militar : 194, 195-199, 210, 218, 220, 233 e 245.
Reacção ultramontana : 50.
Redenção, Loja maçonica : 266
Regimento de Inf.ª 23 : 98-99, 165-169 e 235.
Revolta : Loja maçonica : 24.
Revolta de 28 de Jan.ro de 1908 : 113.
Sargento (O), jornal de Coimb.ª : 320 e 332.
Século (O), jornal : 252
Samide (Convento de) : 68
Separação da Igreja e do Estado : 220
Sourelas : 260
Soldadas (As) : 20-21.
Tribuna (A), jornal : 273, 289 e 292
Vale de Lobos : 169, 170-171.
Valença do Minho : 224.
Vinhais : 241.
Viuva Alegre, opereta : 122.

UNIVERSIDADE LIVRARIA DA